

J.R. WARD

Autora best-seller no The New York Times



FALLEN ANGELS

DESEJO

UNIVERSO DOS LIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Prólogo

O deserto, longe de Caldwell, NY¹, ou Boston, MA², ou... sanidade.

Cerca de dois anos após o acontecimento, quando Jim Heron já não fazia mais parte da *Ops*³, ele teria que refletir que Isaac Rothe, Matthias o “Fodedor”, e ele mesmo, tinham mudado completamente suas vidas na noite em que aquela bomba explodiu na areia.

É claro que, naquele momento, nenhum deles sabia o que aquilo significava ou onde isso tudo levaria. Mas essa era a vida: Ninguém tinha uma excursão supervisionada para o seu próprio parque temático. Você tinha que saltar sobre o trajeto enquanto ele se apresentava, sem nunca

¹ **NY** – Nova York.

² **MA** – Massachusetts.

³ **Ops** – operações especiais.

saber se gostaria de quem estivesse na sua frente na fila... ou se o desgraçado o faria lançar seu *Corn Dog*⁴ e seu algodão doce por toda parte.

Talvez fosse uma boa coisa, no entanto. Quando, naquela época, teria acreditado que acabaria lutando com um demônio, tentando salvar o mundo da condenação?

Caramba.

Mas, naquela noite, no frio seco que, em um segundo, levou o sol que caiu sobre as dunas, ele e seu chefe andaram em um campo minado... e apenas um saíra.

O outro? Nem tanto...



—É isto. — disse Matthias enquanto eles chegavam até uma aldeia abandonada da cor do sundae de caramelo do Friendly.

Eles estavam vinte e quatro quilômetros a noroeste de onde estiveram hospedados, em um quartel cheio de garotos do exército. Sendo que ele e seu chefe eram *Ops*, estando fora do fluxo de corpos definidos, o que trabalhava a favor deles: Soldados como eles carregavam *Ids*⁵ de todos os ramos do serviço e as usavam sempre que necessário.

A “aldeia” era mais como quatro estruturas de pedra em ruínas e um punhado de barracos de madeira e lona. Enquanto eles se aproximavam, as bolas de Jim se apertaram quando seus óculos verdes de visão noturna captaram movimento em todo o lugar. Ele odiava aquelas fodidas lonas – elas se agitavam ao vento, lançando sua sombra como pessoas ligeiras que tinham armas. E granadas. E todos os tipos de coisas afiadas e brilhantes.

Ou neste caso, sujas e ásperas.

Ele odiava missões no deserto; melhor matar na civilização. Embora uma missão urbana, ou mesmo suburbana adequada, acarretasse mais exposição, ao menos você tinha a chance de saber o que estava vindo para você. Aqui fora, as pessoas tinham recursos com os quais ele estava familiarizado, e que sempre o deixavam numa agitação fodida.

Além disso, ele não confiava no homem com quem estava. Sim, Matthias era o chefe da organização com uma linha direta com Deus. Sim, Jim treinara com o sujeito até então. Sim, ele estivera com ele na última década.

Mas tudo isso só fez com que ele tivesse mais certeza de que não queria ficar a sós com o Grande Homem – e ainda assim estava lá, em uma “aldeia” no encantador município de “vilalugar-nenhum-onde-ninguém-pode-encontrar-um-corpo”.

Uma rajada de vento cruzou a paisagem plana, correndo sobre a areia, pegando todas aquelas partículas pequenas e carregando todas diretamente para uma beijoca no colarinho de suas fardas. Debaixo de suas botas pretas de cadarço, o chão mudava constantemente, como se

⁴ *Corn Dog* – salsicha empanada.

⁵ *Ids* – identidades.

ele fosse uma formiga andando ao redor de um gigante e irritando e se divertindo as custas do bastardo.

Você começaria a sentir a qualquer minuto que uma grande palmeira poderia descer do céu e achatar você.

Esta caminhada para o leste fora ideia de Matthias. Algo que não poderia ser discutido em qualquer outro lugar. Então, naturalmente, Jim usava um colete *Kevlar*⁶ e cerca de quarenta quilos de armas. Junto com a água. *MREs*⁷.

Ele era, realmente, um animal de carga.

—Por aqui. — disse Matthias, abaixando-se para a entrada sem porta de uma das estruturas de pedra.

Jim fez uma pausa e olhou em volta. Nada além de lonas cobrindo os canteiros, até onde ele sabia.

Ele sacou ambas as armas antes de entrar. *Moral da história?* Este era o lugar ideal para um interrogatório forçado. Não fazia ideia do que deveria fazer ou do que ele teria feito para “merecer” um interrogatório, mas uma coisa estava clara: não havia razão para correr. Se esse era o “porquê” de o trazerem aqui, ele iria entrar e encontrar outros dois ou três *Ops* lá para torturarem ele enquanto Matthias fazia as perguntas. Se ele fugisse? Eles simplesmente o caçariam ao redor do mundo inteiro, mesmo que isso levasse semanas. Poderia explicar porque Isaac Rothe aparecera esta tarde com o protegido de Matthias e segundo em comando. Aqueles dois eram assassinos puros, um casal de pit bulls prontos para pularem na garganta de qualquer um.

Sim, isso fazia sentido e ele devia ter percebido mais cedo, mas mesmo que tivesse percebido, não havia como escapar de um acerto de contas. Não havia nenhum *Ops*, que tivesse fugido, vivo. Nem os peões, nem os caras aficionados em *Intel*⁸, nem os patrões também. O lema era: Morrer em suas botas da maneira como você viveu – não que você soubesse no que estava entrando.

E a coisa era que, ele estava pensando em maneiras de sair. Matar pessoas para viver era tudo o que ele sabia fazer, mas isto estava começando a foder com a sua cabeça. Talvez Matthias tivesse algo otimizado para isso.

Hora de encarar de frente, Jim pensou enquanto caminhava pela entrada.

Poderia muito bem lhes dar uma boa luta...

Somente Matthias. Ninguém mais.

Jim abaixou as armas lentamente e esquadrinhou o espaço apertado novamente. De acordo com seus óculos noturnos, havia apenas outro homem. Com o apertar de um botão para o modo de busca. Nada além de Matthias. Ainda.

—O que está acontecendo? — Jim exigiu saber.

⁶ *Kevlar* – tecido usado em coletes à prova de balas.

⁷ *MREs* – refeições instantâneas.

⁸ *Intel* – No caso, como eles são ligados a operações especiais, Intel quer dizer Inteligência (Intelligence), que são aqueles caras que fornecem as informações sobre as missões, e que é feito através do uso de tecnologia.

Matthias foi para o canto mais distante, cerca de dez metros de distância. Quando as mãos do homem surgiram a partir dos lados, Jim virou seus SIGs⁹ para a posição de tiro... mas tudo o que seu chefe fez foi balançar a cabeça e soltar seu coldre. Um lance rápido, e ele estava na areia.

E, então, ele deu um passo adiante, abrindo sua boca e dizendo algo baixinho...

Luz, Som. Explosão de energia.

Então... nada além da chuva fina de areia e detritos.



Jim recuperou a consciência algum tempo depois. A explosão o atirou contra a parede de pedra, arremessando-o inerte, e julgando pela forma como estava duro, ele esteve inconsciente por um tempo.

Depois de alguns minutos de “que-porra-é-essa”, ele se sentou cautelosamente, querendo saber se quebrara alguma coisa...

Ao longo do caminho, havia uma pilha de trapos onde Matthias estivera antes.

—Jesus Cristo... — Jim reposicionou seus óculos noturnos e pegou suas armas, em seguida arrastou-se até seu chefe. — Matthias... Oh, porra, um...

A perna debaixo do homem parecia uma raiz que fora arrancada do chão, o membro nada mais era do que um toco irregular que fora picado no final. E havia manchas escuras em seu uniforme que tinham que ser de sangue.

Jim verificou o pulso no pescoço. Havia um, mas era fraco e irregular.

Desafivelando e tirando seu cinto, ele enrolou o couro em torno da parte superior da panturrilha de Matthias, fazendo um torniquete ao redor do membro. Então procurou rapidamente por outros ferimentos...

Merda. Quando Matthias foi jogado para trás, ele tinha caído em uma estaca de madeira. A maldita coisa passou através dele como um palito de dentes em uma salsicha com bacon.

Jim quebrou a cabeça tentando ver o que poderia fazer para tirar Matthias...

Parecia que daria para tirá-lo. Bom.

—...*Dan... ny... boy...*¹⁰

Jim franziu o cenho e olhou para o seu chefe.

—O quê?

Matthias abriu os olhos como se suas pálpebras fossem venezianas de aço que ele mal conseguia levantar.

—Deixe...me.

—Você está explodido em merda.

—Deixe-me...

⁹ **SIG** – arma de fogo.

¹⁰ **Danny Boy** – referência a um lendário herói irlandês.

—Foda-se. — Jim buscou por seu transmissor e rezou para que Isaac, e não aquela aberração do segundo em comando, respondesse. — Vamos lá... vamos lá...

—O que vocês precisam? — o suave sotaque do sul vindo em seu fone de ouvido era uma boa notícia.

Graças a Deus era Isaac.

—Matthias está mal. Bomba. Certifique-se de que não somos alvos enquanto entramos em campo.

—Quão mal?

—Mal.

—Onde vocês estão? Vou pegar um *Land Rover*¹¹ e buscá-los.

—Estamos a quarenta e seis graus n...

A arma disparou do outro lado, uma bala cortando o ar passou perto da orelha de Jim... a ponto dele acreditar que fora atingido na cabeça e a dor ainda não fora registrada.

Enquanto ele se apoiava em uma das mãos, Matthias deixou cair sua SIG para o lado... mas como se sabe, Jim não foi derrubado graças a algum tipo de ferimento craniano. Tiro de advertência, evidentemente.

O único olho de seu chefe que funcionava, brilhava com uma luz profana.

—Fora daqui... vivo.

Antes que Jim pudesse dizer a Matthias para calar a boca, percebeu que algo estava agarrado na mão que ele colocara para fora. Levantando a coisa, ele encontrou... parte do detonador da bomba.

Girando a coisa de um lado para o outro, em um primeiro momento, ele não entendeu o que estava vendo.

E então, entendeu muito bem do que se tratava.

Estreitando os olhos na direção de Matthias, ele guardou o fragmento no bolso da frente e se arrastou até seu chefe.

—Você não vai brincar comigo desse jeito. — disse Jim severamente. — Não desse fodido jeito.

Matthias começou a balbuciar justamente quando gritos de blasfêmia chegaram através do fone de ouvido.

—Estou bem. —disse Jim a Isaac. —Tiro de engano. Estou voltando para o acampamento. Certifique-se de que não seremos alvejados enquanto nos aproximamos.

O sotaque sulista do homem tornou-se instantaneamente forte e firme, exatamente como a mão assassina do sujeito.

— Onde você está? Eu vou pegar uma...

—Não. Fique aí. Encontre um médico no QT¹² e certifique-se que eles possam manter a boca fechada. E nós vamos precisar de um helicóptero. Ele vai ter que ser levado de helicóptero... discretamente, ninguém pode saber sobre isso.

¹¹ *Land Rover* – marca de jipe.

¹² *QT* – Quartel.

A última coisa da qual ele precisava era de Isaac no meio da noite procurando por eles. O sujeito era a única coisa sólida entre Jim e a acusação de que ele havia assassinado o “cabeça” de uma mortal e sombria organização do governo dos EUA.

Ele nunca iria sobreviver a isso. Literalmente.

Mas, pelo menos, o burburinho não ia ser uma manchete. Manter silêncio sobre a merda era o *MO*¹³ entre os *Ops* – ninguém sabia quantos homens eram ou para onde foram, ou o que fizeram ou mesmo se usaram os seus nomes próprios ou pseudônimos.

—Você me ouve, Isaac? — ele exigiu. — Dê-me o que eu preciso. Ou ele é um homem morto.

—*Roger that*.¹⁴ — veio a resposta pelo fone de ouvido. — Câmbio e desligo.

Depois de confiscar a arma que foi usada, Jim pegou seu chefe, manteve-o firme, jogou o peso por sobre seus ombros e começou a carregá-lo. Para fora do abrigo de pedra. Para dentro da noite gelada e turbulenta. Por entre as dunas de areia.

Sua bússola o manteve no caminho certo, orientando para o norte correto e levando-o através da escuridão. Sem o ponto de referência, ele estaria totalmente perdido no deserto como um espelho na paisagem, nada além de um reflexo de si mesmo em todas as direções.

Fodido Matthias.

Maldito fosse ele.

Então, novamente, assumindo que o sujeito viveria, ele tinha acabado de dar a Jim seu bilhete para fora da *Ops*... de certa forma, ele devia a sua vida ao sujeito: a bomba era uma das suas próprias e Matthias sabia exatamente onde colocar o pé na areia. E isso só acontecia se você quisesse, condenadamente, explodir a si mesmo.

Acho que Jim não era o único que queria se libertar.

Surpresa. Surpresa.

Capítulo 1

Sul de Boston, dias atuais.

—Ei! Espere um... deixe essa merda para o ringue! — Isaac Rothe empurrou o folheto de publicidade sobre o capô do carro, pronto para bater na maldita coisa de novo, se fosse preciso. — O que minha foto está fazendo nisso aqui?

O promotor de lutas parecia mais interessado nos danos em seu Mustang, então Isaac estendeu a mão e agarrou o sujeito pela jaqueta.

—Eu perguntei o que é que a minha cara está fazendo aqui?

—Relaxe, sim...

Isaac fez com que os dois ficassem próximos como pães de sanduíche e sentiu uma lufada da maconha que o SOB¹⁵ tinha fumado.

¹³ *MO (Modus Operandi)* – modo de agir / estratégia.

¹⁴ *Roger that.* – código militar que significa “entendido”.

—Eu disse a você. Sem fotos minhas. Jamais.

As mãos do promotor se levantaram em sinal de rendição.

—Sinto muito... eu sou realmente... Olhe, você é meu melhor lutador... você me trás multidões. Você é como a estrela da minha...

Isaac cerrou o punho para cortar o afago ao seu ego.

—Sem fotos. Ou nenhuma luta. Estamos entendidos?

O promotor engoliu em seco e guinchou.

—Yeah. Sinto muito.

Isaac o soltou de seu aperto e ignorou o chiado enquanto amassava a imagem de seu rosto e jogava em um pequeno cesto. Olhando ao redor do estacionamento do armazém abandonado, amaldiçoou a si mesmo. *Estúpido*. Fodidamente estúpido da parte dele ter confiado no bastardo bajulador.

A coisa era que, os nomes não eram tão importantes. Qualquer um podia criar um Tom, Dick, ou Harry em uma carteira de identidade ou certidão de nascimento ou passaporte. Tudo o que você precisava era do tipo certo e de uma máquina de laminar que pudesse fazer hologramas. Mas a sua fodida foto, seu rosto, sua cara, sua boca... a menos que você tivesse fundos e os contatos para fazer uma cirurgia plástica em seu rabo, esta era a única identificação que você tinha. E o dele acabou em um ensaio da *Kinko*¹⁶. Só Deus sabia quantas pessoas viram aquilo.

Ou quem tinha zerado sobre o seu paradeiro.

—Olhe, eu estava fazendo um favor. — o promotor sorriu, exibindo uma grade de ouro. — Quanto maior a multidão, mais dinheiro você ganhará...

Isaac apontou o nariz sobre a boca de funil do sujeito.

—Você precisa calar essa fodida coisa agora. E lembre-se do que eu disse.

—Yeah. Ok. Claro.

Houve um sem número de “tudo-bem”, “sem-problemas”, e “qualquer-coisa-que-você-quiser” a seguir, mas Isaac virou as costas para o balbuciar sem fim.

Ao redor, homens crescidos estavam saindo dos carros e empurrando uns aos outros como se tivessem quinze anos de idade, o grupo dos desleixados, dos zagueiros de poltrona prontos para “*peanut-gallery*”¹⁷: O mais próximo que eles chegariam ao *octagon*¹⁸ era do lado de fora do cercado, olhando para dentro.

O fato de que Isaac estava quase acabando com aquela máquina *MMA*¹⁹ clandestina de fazer dinheiro, era irrelevante. As pessoas que estavam procurando por ele não precisavam de qualquer ajuda, e aquele feliz pequeno *close-up*²⁰, juntamente com o número do telefone acompanhado do código de área 617, era justamente o tipo de exposição que ele não precisava.

¹⁵ *SOB* – *Son of a Bitch* = Filho da Puta.

¹⁶ *Kinko* – escritório de Fedex (empresa de transporte de correspondências, documentos e encomendas em geral).

¹⁷ *Peanut-gallery* – pessoas cujas críticas são considerados como irrelevantes ou insignificante (assemelhando-se pessoas sem instrução que atiram amendoadas no palco para expressar descontentamento com a performance).

¹⁸ *Octagon* – referência a um famoso lutador mexicano mascarado. No caso desse texto é o nome do local onde ocorrem as lutas ilegais.

¹⁹ *MMA (Mixed Martial Arts)* – é um esporte de combate criado a partir de uma mistura de golpes de artes marciais (Vale Tudo).

²⁰ *Close-up* – fotografia tirada bem de perto.

A última coisa que ele precisava era de um agente ou... *Deus o livre*, do segundo em comando depois de Matthias... aparecendo por ali.

Além disso, era muita estupidez do promotor. Lutas sem luvas, não regulamentadas junto com jogo ilegal, não era algo que você anunciava, e mesmo assim, dado ao tamanho da multidão que se apresentava, a plateia teria claramente boca-a-boca suficiente.

O sujeito no comando era, no entanto, um idiota ganancioso.

E a questão agora era, Isaac lutaria ou não?

Os panfletos acabaram de ser feitos, de acordo com o homem que mostrou a ele... e, enquanto ele contava mentalmente o dinheiro que mantinha na reserva, era certo como o inferno que poderia usar os mil ou dois mil extras que ganharia naquela noite.

Ele olhou ao redor e percebeu que precisava entrar no octagon. *Merda...* uma vez mais para encher sua carteira e depois iria embora.

Somente uma última vez.

Avançando para a entrada dos fundos do armazém, ele ignorou a Santa merda e as pessoas apontando “*Aí-está-é-ele*”. A multidão o tinha assistido vencer a merda de sujeitos aleatórios por todo o mês que passou, e evidentemente isso fez dele um herói aos seus olhos.

O que era um sistema de valores doido, na medida em que ele usava como referência. Ele estava tão longe de ser um herói quanto poderia compreender.

Ambos os seguranças na porta dos fundos se afastaram para deixá-lo passar e ele acenou para eles. Aquela era a primeira luta naquela “instalação” em particular, mas na realidade, os locais eram todos iguais. Nos arredores de Boston, havia uma abundância de armazéns *walk-ups*²¹ abandonados, e todo o tipo de lugar onde cinquenta sujeitos que desejavam ser Chuck Liddel,²² poderiam assistir uma meia dúzia que, definitivamente, não iria se estapear em círculos dentro de uma gaiola de combate improvisada.

E adicione àquela matemática sem inspiração, que o promotor tinha reproduzido a cabeça de Isaac. Ao contrário dos outros *bare-knucklers*²³, ele sabia o que estava fazendo.

Contudo, considerando quanto o governo dos EUA havia gasto em seu treinamento, ele teve que deixar de ser um instrumento completo para não rachar crânios como se fossem ovos, até agora. E não eram todas essas habilidades, assim como tantas outras, que iriam ajudá-lo a se manter como um desertor.

Seja o que Deus quiser, ele pensou enquanto entrava no edifício.

Esta noite, o grande *MGM*²⁴ de pobre contava com cerca de seis metros quadrados de ar frio ancorado por um piso de concreto e quatro paredes cheias de janelas sujas. O “octagon” foi criado no canto mais distante, um anel de oito lados aparafusados uns nos outros e surpreendentemente robusto.

Então, novamente, havia um monte de sujeitos da segurança que estavam dentro daquela merda.

²¹ *walk-up* – acima do piso térreo em um prédio sem elevador.

²² *Chuck Liddel* – um dos mais respeitados lutadores de MMA.

²³ *bare-knucklers* – lutadores que lutam sem proteção nas mãos.

²⁴ *MGM* – Metro Goldwyn Mayer (referência ao famoso estúdio).

Isaac passou pelo par de pescoços grossos que estavam cuidando do jogo e o respeitavam, perguntando se ele precisava de alguma coisa para beber ou comer ou qualquer outra coisa. Balançando a cabeça foi para o canto por trás do ringue e se acomodou, de costas para a junção das paredes. Ele era sempre o último a lutar, porque era o chamariz, mas não havia como dizer quando subiria. A maioria dos lutadores não durava muito tempo, mas de vez em quando, você tinha uma dupla de finalizadores que davam patadas um no outro como dois ursos velhos até que, ele mesmo estivesse pronto para gritar: Já chega!

Não havia árbitros e as coisas só paravam quando havia vômitos, vermelhidão, vesgos idiotas deitados de costas com o guerreiro urbano vencedor cambaleando ao seu lado, sobre seus pés suados. Você poderia perder por qualquer coisa, fígado e joias da família incluídos, e truques sujos eram incentivados. A única restrição era que você tinha que lutar com o que Deus lhe deu de bom ao nascer: Você não podia trazer soqueiras, correntes, facas, areia, ou qualquer dessas merdas no interior do arame.

Enquanto rolava a primeira luta, Isaac garimpou os rostos na multidão em vez dos que estavam lutando no ringue. Ele estava procurando pelo “fora-de-lugar”, pelos olhos que estavam sobre ele, pelo rosto de cinco anos atrás que ele conhecia, em vez do de cinco semanas desde que ele se fora.

Homem, ele sabia que não deveria usar o nome verdadeiro. Quando ele fora atrás da identidade falsa, deveria ter escolhido outro. Claro, que o número do seguro social não era o seu, mas o nome... Pareceu importante, no entanto. Uma maneira de mijar no território em que estava, marcar esse novo começo como seu.

E, talvez tenha sido uma pequena provocação. Um “venha-e-me-encontre-se-ousar”.

Agora, porém, ele estava chutando a si mesmo. Princípios e escrúpulos e toda aquela besteira de ideologia não estavam nem perto de ser tão valiosos quanto um batimento cardíaco em boas condições. E ele achava que o promotor é que era um babaca?

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, o cliente número um da *Kinko* se levantou sobre o arame e posicionou as mãos para gritar para a multidão. O promotor estava tentando ser como *Dana White*²⁵, mas *Vanna*²⁶ era mais parecida com ele, na opinião de Isaac.

—E agora, para nossa atração principal...

Enquanto a multidão na pista ia a loucura, Isaac tirou o blusão e o pendurou do lado de fora do octagon. Ele sempre lutava de camiseta regata, calças de agasalho largas, e os pés descalços conforme o requisito – mas, afinal, aquele era todo o seu guarda-roupa.

Conforme ele entrava no octagon, mantinha suas costas para o canto do armazém e esperava calmamente para ver qual seria o prato principal da noite.

Ah, sim. Outro Sr. Valentão com delírios de variedade glandular: No instante em que o oponente entrou, ele começou a pular como se tivesse um pula-pula nos intestinos, e deu um fim em suas preliminares de jogo rasgando sua camiseta no meio e socando seu próprio rosto. O

²⁵ **Dana White** – homem poderoso dentro da MMA. É apontado como o maior responsável pela transformação do Vale-Tudo em MMA, um esporte hoje legalizado por todas as comissões atléticas americanas e internacionais.

²⁶ **Vanna** – referente a Vanna White, personalidade da televisão.

fodido manteve-se de pé e Isaac não teria que fazer nada além de soprar para colocar sua bunda no chão.

Ao som da buzina, Isaac deu um passo adiante, erguendo os punhos ao nível do tórax, porém mantendo-os firmes junto ao torso. Por, mais ou menos um longo minuto, ele deixou o seu adversário exhibir-se e socar o ar ao qual se agarrava tal como um cego com uma mangueira de jardim.

Moleza.

Exceto que, enquanto a multidão pressionava, Isaac pensava em quantas cópias uma máquina de xerox poderia fazer em sessenta segundos e decidiu levar a sério. Encaixando um *jab*²⁷ de esquerda, ele acertou o cara no esterno, congelando temporariamente o coração que batia por trás desse osso. Na sequência foi um *gancho* de direita que pegou *Pogo*²⁸ sob o queixo, fazendo os dentes do homem se chocarem e jogando sua cabeça para trás de encontro a coluna.

Interpretando o sapateado: Sr. Valentão era *Ginger Rogers*²⁹ e saltitava na ponta dos dedos para trás no cercado. Enquanto o barulho dos espectadores enchia o espaço aberto e ecoava, Isaac se aproximou e golpeou o pobre bastardo até ele ser um “chega *Pogo*”, nada mais do que um bêbado cambaleando, cuja cabeça girava muito rápido para organizar o corpo. E justamente quando parecia que viria um desmaio mortal, Isaac recuou e deixou o homem recuperar o fôlego.

Para conseguir uma grana extra, ele tinha que se certificar de que os oponentes durariam mais do que três minutos.

Andando ao redor, ele contou mentalmente até cinco. Então, ele se voltou...

A faca balançou em um círculo largo e deu um talho na testa de Isaac, pegando-o apenas no couro cabeludo. O sangue fluíu e efetivamente nublou sua visão – o tipo de coisa que ele teria chamado de estratégia se o sujeito tivesse uma ideia do que estava fazendo. Dada a forma como os socos vieram, no entanto, obviamente foi apenas um golpe de sorte.

Enquanto a multidão vaiava, Isaac capotou para dentro da modalidade de negócios. Um idiota com uma lâmina era quase tão perigoso quanto alguém que realmente sabia o que estava fazendo com uma, e ele não estava a fim de conseguir um “estica-e-puxa” desse filho da puta.

—Como você se sente? — gritou seu adversário. Na verdade, soou mais como “C’mo v’xe se x’nte”, devido a seu lábio inchado.

As últimas três palavras que o sujeito disse no ringue.

Enquanto Isaac virava um chute no ar, seu próprio sangue espirrou na multidão e o impacto arrancou a arma da mão do sujeito. Então, foi a conta de um, dois... três socos na cabeça e toda a bravata despencou mais pesado do que uma peça de carne em um frigorífico...

O que foi exatamente quando, os excelentes homens e mulheres do Departamento de Polícia de Boston, invadiram o armazém.

Urgência. Caos.

E, é claro, Isaac estava preso no octagon.

²⁷ *Jab e gancho* – golpes de luta.

²⁸ *Pogo* – Personagem de quadrinhos (jornal).

²⁹ *Ginger Rogers* – atriz e bailarina americana.

Saltando sobre seu oponente peixe-morto, ele agarrou-se a uma das laterais de cerca de dois metros do ringue e saltou por cima. Quando aterrissou em ambos os pés, ele congelou.

Todo mundo estava em plena luta, exceto por um homem que estava parado bem ao lado, com seu rosto familiar e a tatuagem no pescoço, salpicados com o sangue de Isaac. O segundo em comando depois de Matthias ainda era alto e forte e mortal... e o filho da puta estava sorrindo como se tivesse encontrado um ovo de ouro na manhã de Páscoa.

Oh, merda! – Isaac pensou. – *Falando do diabo...*

—Você está preso. — um policial “oi-como-vai-você” veio por trás de Isaac e menos de um segundo depois ele foi algemado. — Qualquer coisa que disser pode e será usado contra você em um...

Isaac encarou de relance o oficial e então procurou pelo outro soldado. Mas o *Ops* número dois tinha ido como se nunca tivesse estado lá.

Filho da puta. Seu antigo chefe sabia onde ele estava agora.

O que significava que o fato de ter uma unidade do DP de Boston em seu rabo era o menor de seus problemas.

Capítulo 2

Caldwell, Nova York

Enquanto Jim Heron estava no gramado da frente da funerária McCready em Caldwell, ele podia imaginar o interior como se tivesse estado presente em sua construção: pisos orientais, pinturas de flores do campo nas paredes, montes de salas com portas duplas e um monte de espaço.

Do alto de sua experiência limitada com elas, as funerárias eram como restaurantes de *fast-food*³⁰ – todas pareciam iguais. Então, ele imaginou que aquilo fazia sentido. Assim como havia muitas maneiras de adulterar um hambúrguer, ele imaginou que com cadáveres seria da mesma forma.

Merda... Ele não podia acreditar que estava indo ver seu próprio corpo.

Ele realmente tinha morrido há dois dias atrás? Esta era sua vida agora?

Da forma como as coisas estavam indo, ele se sentia como um garoto de fraternidade que acordou em uma cama estranha perguntando “Estas são as minhas roupas? Eu tive um bom momento na noite passada?”

Pelo menos ele podia responder a essas: a jaqueta de couro e as botas de combate que ele usava eram dele, e ele não teve um bom momento na noite passada. Ele era responsável por combater um demônio pelas almas de sete pessoas, e, embora tenha ganhado o primeiro confronto, estava se preparando para o próximo sem saber quem era o alvo. E ainda estava aprendendo os truques para o ofício de anjo. E, *alô*, ele agora tinha asas.

Asas.

³⁰ *Fast-food* – comida rápida.

Apesar de reclamar sobre aquilo ser uma mentira, seu par de mágicas penas *estilosas* tinha levado seu rabo daqui para Boston, Massachusetts, em um tempo temerário.

Moral da história? Tanto quanto lhe dizia respeito, o mundo que ele conheceu foi embora e o novo em seu lugar fazia seus últimos anos passados como um assassino em *Ops*, parecer um trabalho de secretária.

— Cara, essas rochas. Eu amo essa merda assustadora.

Jim olhou por cima do ombro. Adrian, cujo sobrenome era Vogel, era precisamente o tipo louco que estaria no meio de um monte de cadáveres tirando um cochilo nas gavetas frigoríficas: usava piercings, roupas de couro, tatuagens, Ad esteve no lado escuro, e dado ao que seu maior inimigo fez ao anjo na noite anterior, era uma via de mão dupla: o lado escuro estava nele também.

Pobre bastardo.

Jim esfregou os olhos e encarou o mais sensato dos seus dois *backups*³¹.

— Obrigado pelo apoio. Isso não vai demorar muito.

Eddie Blackhawk assentiu.

— Sem problema.

Em pé, no vento forte de Abril, Eddie estava com seu costumeiro visual de motoqueiro fodido, com aquela trança grossa correndo pelas costas de sua jaqueta de couro. Com seu queixo quadrado, sua pele bronzeada e seus olhos vermelhos, ele lembrava a Jim um fodido Deus Inca da Guerra, que tinha os punhos do tamanho da cabeça de muitos homens e, em cujos ombros você poderia facilmente pousar um avião.

E, pelo que se sabia, ele não era exatamente um escoteiro, mesmo tendo um coração de ouro.

— Ok, vamos fazer isso. — resmungou Jim, sabendo que a infiltração foi a esfera de ação do seu “emprego”, então era melhor sacudir a perna. Mas, pelo menos seu novo *CO*³² não tinha problema com isso: Nigel, o arcanjo Inglês de cu apertado, deu permissão para essa diversão mórbida, mas não havia razão para tirar vantagem da declinação.

Enquanto Jim e seus rapazes se desmaterializavam através das paredes de tijolos e tomavam forma em... sim, sim, um hall de entrada grande e aberto com um candelabro e um monte de tapetes sisudos e espaço suficiente para um coquetel... ele olhou ao redor, imaginando onde diabos os corpos eram mantidos.

E só estando no lugar reafirmava o fato de que isso era um desvio que ele simplesmente tinha que fazer. Ele podia estar no negócio de salvar almas, mas nesse exato momento, a vida de um homem estava na linha: Isaac Rothe fugiu do abraço da *Ops*, e Jim supostamente tinha que matá-lo por isso.

Porra, fora de questão.

³¹ **Backup** – cópia de segurança. No texto seria como se Jim dissesse que Ad e Eddie tem todas as informações sobre ele e sua condição de Fallen Angel.

³² **CO (Chief Officer)** – chefe.

Exceto por um problema aqui: A forma como o fodido Matthias trabalhava, se Jim não se livrasse do soldado desertor, outra pessoa faria isso... e, em seguida, um agente viria atrás de Jim.

E, pouco tempo depois disso, garotos – ele já estaria morto.

Seu objetivo imediato? Enganar seu antigo chefe e encontrar Isaac. Então, ele iria tirar esse soldado do país em segurança... antes de retornar ao seu trabalho diário de estar mano-a-mano com Devina.

Ele odiava o atraso porque não havia nenhuma dúvida que a demônio já estava se preparando para sua próxima batalha. Mas sair de uma vida e entrar em outra nunca era simples e nunca era rotineiro. Inevitavelmente, havia tentáculos do que fora antes, que você tinha que cortar e arrematar e isso levava tempo.

A verdade disso era que: ele devia a Rothe. De volta ao deserto, dois anos atrás, quando Jim precisou de ajuda, o homem estava lá por ele, e esta era uma dívida da qual você não podia fugir.

Era também por isso, provavelmente, o motivo pelo qual Matthias deu a Jim a tarefa. O fodido estava bem ciente da sua conexão e do que aconteceu naquela noite do outro lado do globo: na época, seu chefe esteve consciente e inconsciente, mas ele teve controle suficiente durante as horas sombrias do transporte e do voo e da intervenção médica, para saber quem estava por perto e o que estava fazendo.

Certo. Foco. Onde estavam os cadáveres?

— Lá embaixo. — ele disse aos seus rapazes enquanto caminhava para um aviso de saída.

No caminho para a escadaria, os três passaram por todo o tipo de detectores de movimento sem disparar as coisas, e então eles “*fantasmearam*”³³ através de uma por uma das portas fechadas.

Trazer Adrian e Eddie nesta pequena excursão era mais seguro, porque Deus sabia que Devina poderia estar em qualquer lugar a qualquer momento – além do que, Jim ainda estava aprendendo todos os truques que vinham com o “ser um anjo caído”, e Eddie era o mestre neles. Feitiços, poções, magias – aquela merda de mago e varinha mágica era o forte de Blackhawk.

Claramente, ele obteve seu *PhD*³⁴ em abracadabra e isso não fez o FDP³⁵ acessível.

Lá embaixo, ao nível do porão, era tudo rígido e limpo, com o chão de cimento e as paredes pintadas de cinza. O cheiro doce dos fluídos de embalsamamento levou Jim para a direita e, enquanto ele caminhava, sentia como se tivesse saltado para trás no tempo. Fodidamente esquisito. Essa rotina de esgueirar-se furtivamente era exatamente no que ele havia se destacado em todos aqueles anos com Matthias e, precisamente, do que ele estava determinado a passar longe.

Sim, bem, todos os melhores planos de ratos e homens, blá-blá-blá...

Em sua primeira batalha com Devina, ele precisou de algumas informações e Matthias, o Fodedor, era o único lugar para consegui-las. Naturalmente quando ele chegou no sacana, as coisas eram estritamente “toma-lá-dá-cá”, portanto, se você queria alguma coisa, tinha que dar

³³ *Fantasmearam* – passaram através das portas como se fossem fantasmas.

³⁴ *PhD (Philosophy Doctor)* – doutorado.

³⁵ *FDP* – Filho da puta.

algo em troca e o “algo” era matar Isaac. Afinal, não havia nenhum bilhete azul para os demitidos, ou Rolex de ouro para os aposentados na *Ops* – você ganhava uma bala na cabeça e, se tivesse sorte, talvez um caixão para o seu cadáver.

E, ainda assim, ele estava curiosamente grato: ser designado para assassinar o sujeito era a única maneira de ajudá-lo; caso contrário não haveria maneira de saber que Isaac havia se mandado e agora era um homem caçado: Jim era o único que saiu livre e limpo.

Mas então, sua situação colocou Matthias em calças curtas devido a “circunstâncias atenuantes”.

Ele parou diante de duas portas de aço com um aviso “APENAS PESSOAS AUTORIZADAS”, e olhou por cima do ombro.

— Mantenha suas mãos quietas, Adrian.

Deus sabia que o anjo parecia disposto a foder com qualquer coisa que se movesse – o que fazia você se perguntar se o fato de não se mover seria um passo limitante para ele.

Com uma maldição, Adrian era todo “santo-hipócrito”.

— Eu só toco se eles pedirem.

— Que alívio.

— Mas você sabe, que a reanimação é possível.

— Essa noite não. E certamente não nesse lugar.

— Cara, você pode acabar com o divertimento de um clube de strip.

— Passo.

Fantasmecendo pela grande sala da clínica, estava condenadamente óbvio porque filmes de terror usavam necrotérios como cenário. Entre a luz verde de segurança, as macas com rodas, e os ralos no chão, o lugar era um perfeito pano de fundo para o caso de uma produção barata.

Mesmo que ele tivesse morrido e ido para o céu e toda essa baboseira, suas glândulas suprarrenais ainda acenavam sua bandeira bem o suficiente. Então, novamente, os espasmos provavelmente eram menos pelos outros sujeitos mortos e mais sobre o fato de que ele iria olhar para seu próprio corpo de cara.

Enquanto se dirigia para a unidade de frigorífico coletivo, com suas fileiras de mesas frias, ele sabia exatamente o que estava fazendo. Quando ele não matasse Isaac dentro do prazo, duas coisas aconteceriam. Outra pessoa o faria e alguém viria em busca de Jim.

E, essa era a razão pela qual eles estavam aqui. Seu velho chefe ia querer ter certeza de que Jim *comprou a fazenda*³⁶, por assim dizer: Matthias não acreditaria em certificados de óbito, laudos de necropsia, ou fotografias porque ele sabia muito bem como era fácil falsificar toda aquela documentação. Ele também não acreditaria em funerais, cemitérios, ou viúvas chorosas e mães, porque ele substituiu muitos corpos por outros ao longo dos anos. Verificação face-a-face era a única maneira de se ter certeza em sua cartilha.

Normalmente, Matthias enviaria seu segundo em comando para fazer uma checagem dupla, mas Jim tinha certeza de que o Grande Homem faria isso ele mesmo neste caso. O desgraçado era difícil de sair de seu esconderijo e Jim precisava ficar frente-a-frente com o sujeito.

³⁶ **Comprou a fazenda** – a expressão “Bought the Farm” significa que alguém morreu por acidente ou por alguma ação militar.

A única maneira de fazer isso acontecer era usar seu próprio rabo congelado como isca.

E, um pouco da mágica de Eddie.

Verificando o conjunto de placas de identificação na frente das portas, ele achou a si mesmo entre Agnes D'Arterio e James Rutherford.

Girando o fecho, ele abriu a porta de um metro por meio metro... e tirou seu cadáver do frigorífico. Havia um lençol cobrindo-o da cabeça aos pés, e seus braços tinham sido cuidadosamente estendidos nas laterais. O ar que flutuava para fora de seu buraco era frio e seco e cheirava como anticongelante.

Cara, por mais cadáveres que ele tivesse visto em sua violenta e sangrenta vida, aquilo o deixou doente.

— Diga minhas ordens. — ele disse a Eddie severamente.

— Você tem o objeto da invocação? — perguntou o anjo chegando ao outro lado.

Jim meteu a mão no bolso e tirou um pequeno pedaço de madeira que foi esculpido muitos, muitos anos antes, nos trópicos do outro lado do planeta. Ele e Matthias não estiveram sempre em conflito e Matthias não foi sempre o chefe. E antes, quando ambos estiveram roncando no nível mais baixo da *Ops*, Jim ensinou o sujeito a entalhar.

A miniatura de cavalo foi feita com uma competência surpreendente, considerando que foi a primeira e única coisa que Matthias esculpiu.

Se a lembrança servisse, levaria cerca de duas horas — esse era o motivo para usá-lo: aparentemente objetos inanimados eram mais do que coletores de pó. Eles eram esponjas para a essência da pessoa a quem pertenceram, que os fizeram ou os usaram, e o que ficava no espaço entre suas moléculas era muito útil se você soubesse o que fazer com ele.

Jim ergueu o cavalo.

— E agora?

Eddie arrancou fora o lençol do rosto manchado de cinza de Jim. Por um momento, foi difícil se concentrar no que quer que fosse, mas ele parecia morto há quarenta e oito horas. *Santo Inferno*, o Grim Reaper não era um astro da maquiagem, com certeza. Até mesmo os Góticos tinham uma aparência melhor.

— Ei, não seja severo com meus camaradas — cortou Adrian. — Eu transaria com um de nós antes de alguma puta californiana com peitões de plástico e bronzeador.

— Pare de ler minha mente, filho da puta. E, você transaria com a puta de qualquer maneira. Adrian sorriu e flexionou os braços pesados.

— Sim. Eu transaria. E, com a irmã dela também.

Sim, esse anjo parecia acabado depois do que quer que a demônio Devina lhe fez na noite da “morte” oficial de Jim. Ou isso, ou todas as automedicações com as viventes e respirantes Barbies tinham arrancado toda a introspecção de dentro dele.

Eddie tirou uma lima de metal do bolso e ofereceu-a pelo cabo primeiro.

— Raspe um pouco dessa escultura sobre o corpo. Em qualquer lugar está bom.

Jim escolheu as almofadas planas de seu peito, e os sons da raspagem eram suaves na caverna de azulejos da sala fria.

Eddie tomou a ferramenta de volta.

— Onde está a sua faca?

Jim sacou a faca de caça que foi dada a ele tempos atrás quando ele entrou para as Forças Armadas. Matthias ganhara uma arma idêntica ao mesmo tempo – ele a usou para esculpir o cavalo, na verdade.

— Corte a palma de sua mão e segure o objeto com firmeza. Ao fazê-lo, imagine a pessoa que você quer que venha aqui claramente em sua mente. Lembre do som de sua voz. O veja em memórias que são específicas. Veja como ele se move, os gestos que ele faz, as roupas que usa, o cheiro de sua colônia se ele usa uma.

Forçando a cabeça a se concentrar, Jim tentou pensar em alguma coisa, qualquer coisa, sobre Matthias, o Fodedor...

A imagem que mergulhou em seu lobo frontal era surpreendentemente clara: ele estava de volta ao deserto, naquela noite, com o cheiro do produto químico explosivo em seu nariz e o som do toque de “hora-de-se-mover” a martelar nas suas orelhas. Matthias não tinha mais a perna, seu olho esquerdo praticamente havia desaparecido da órbita, e sua farda estava coberta com terra suja e sangue vermelho brilhante.

— ... Dan... ny... boy... meu Danny boy... — ele dizia.

Jim colocou a lâmina no centro da palma da mão e a arrastou através de sua pele, deixando escapar um chiado enquanto o aço cortava de forma profunda e limpa.

A voz de Eddie penetrou na lembrança e na dor glacial.

— Agora pegue sua mão e esfregue sobre as aparas de madeira. Então, pegue o seu isqueiro e acenda. Levante sua mão, sobre através do fogo e sobre o corpo, mantendo a imagem em sua mente.

Jim fez como lhe foi dito... e ficou espantado ao ver um brilho azul se unir ao lado mais distante de seu *Bic*³⁷, como se a coisa tivesse se transformado magicamente em um maçarico. E o “ei-veja-isso”, não parou por aí. A labareda se estabeleceu em torno do corpo, cobrindo-o de brilho.

— Você conseguiu. — disse Eddie.

Jim apagou seu Bic e apenas olhou para ele, perguntando a si mesmo o que Matthias ia pensar.

Houve uma época, há muito tempo atrás, que ele e o sujeito eram próximos. Mas os anos se passaram e o bastardo fora para um lado e Jim para o outro. E isso foi antes da coisa toda de “estar-morto” e anjo-caído.

Mas isso não dizia respeito a ele e Matthias.

Jim puxou o lençol de volta no lugar, cobrindo seu rosto e imaginando quanto tempo levaria para a magia chamar Matthias ali e para Jim ver o sujeito novamente.

Ele deslizou a mesa para dentro da geladeira e fechou a porta, interrompendo aquele brilho azul fosforescente.

— “Vamos explodir esse barraco”.

³⁷ *Bic* – marca de isqueiro descartável.

Ele estava quieto no caminho da saída, perdido nas más lembranças do que fez e de quem matou enquanto estava na *Ops*. E caramba. Para se unir as suas glândulas suprarrenais, parecia que seus demônios pessoais também haviam sobrevivido à sua morte. Na verdade, ele tinha a sensação de que seus pesares eram eternos na bagagem: A “não-tão-quente” parte sobre ser imortal era que, não havia um fim de jogo como tinha que ser, sem perspectiva de sair do carro que você pilotava quando as coisas ficavam difíceis e devastadoras... e você se desprezava.

Conforme ele e seus companheiros ressurgiam sobre um gramado ao lado da casa funerária, ele estava de volta à caça por Isaac Rothe.

— Eu tenho que achar aquele homem. — ele disse com severidade. Apesar de que, provavelmente, eles não haviam esquecido o que estavam fazendo.

Fechando seus olhos, ele invocou o que o levaria ao longo dos quilômetros entre Caldwell e o local onde Isaac fora visto pela última vez...

Jim desfraldou as enormes asas em suas costas, a extensão de penas iridescentes estendendo e flexionando tal qual galhos que foram apertados. Quando suas pálpebras se ergueram, Eddie e Adrian estavam se divertindo com as deles também, os dois anjos caídos magníficos e sobrenaturais sob a luz das luminárias da rua.

Conforme um carro passava pela rua, ele não estancava ou se desviava de sua pista. As asas, como as dele, de Eddie e de Adrian, estavam e não estavam lá, não eram reais e nem irreais, tangíveis e nem intangíveis.

Elas simplesmente eram.

— Você está pronto? — perguntou Eddie.

Jim olhou de volta para onde a sua forma humana agora não era nada além de uma coisa congelada e rígida, mas também um farol para um homem que ele veio a odiar.

Mesmo que ele tenha salvado a vida do filho da puta.

— Sim, vamos fazer isso.

Para cima, para cima, e bem longe, e essa merda toda: em um piscar de olhos, eles estavam voando pelos céus escuros e pelas estrelas cintilantes nas fortes e estáveis asas da Anjos Airlines³⁸, como ele as chamava.

Para o alto e vivo, ele retomou a sua caçada por um homem caçado... e dirigiu-se para Boston, com todas as proverbiais armas reluzindo.

Capítulo 3

A demônio Devina estava tão perto do todo-poderoso como você poderia estar sem ser a pessoa que criou os céus e a Terra: Ela podia assumir todas as formas de semblantes e corpos, tornando-se qualquer um a qualquer hora, em qualquer lugar. Podia encarcerar almas por uma eternidade. Comandava um exército de não mortos.

E se você cruzasse com ela, ela podia fazer da sua vida um inferno vivo. Literalmente.

Mas ela tinha um pequeno problema.

³⁸ *Airlines* – linhas aéreas.

— Sinto muito, estou atrasada, — disse enquanto se apressava para dentro do confortável escritório vermelho. — Tive uma reunião que demorou mais do que pensei.

Sua terapeuta sorriu de sua poltrona.

— Não se preocupe. Gostaria de um minuto para se recuperar?

Devina estava realmente exausta, e enquanto se sentava, pôs sua bolsa Prada ao seu lado. Respirando fundo, ela fez uma ilusão corpórea de cabelo moreno que a mulher humana viu, e usava calças de couro de lagarto que realmente existiam.

— O trabalho tem sido um inferno,— ela disse, olhando para confirmar que sua bolsa estava fechada. Existiam manchas de sangue lá dentro em um moletom, e a última coisa que precisava era ter que explicá-las. — Inferno absoluto.

— Eu fiquei contente que você tenha pedido uma sessão extra esta noite. Depois da semana passada, tenho pensado sobre você e o que aconteceu. Como está passando?

Devina saiu do caos que havia acabado de chegar e concentrou-se em si mesma. O que não era uma coisa feliz. Imediatamente, lágrimas saltaram de seus olhos.

— Eu estou...

Não estou bem.

Ela se forçou a dizer algo.

— Os rapazes da mudança já levaram tudo para minha nova casa, e a maior parte ainda está em caixas. Eu passei esta tarde tentando desempacotar, mas tem tanta coisa, e eu tenho que ter certeza que tudo está corretamente ordenado. Eu preciso verificar que meu...

— Devina, pare de falar sobre as coisas. — A terapeuta escreveu uma pequena nota em seu livro preto. — Nós podemos planejar mais tarde, ao fim da sessão. Eu quero saber como você está. Converse comigo sobre como você se sente.

Devina olhou através do trabalhado tapete e perguntou-se, não pela primeira vez, o que a mulher pensaria se soubesse que estava tratando um demônio. Desde quando Devina chegou a Caldwell, vinha ver a psicóloga. Já fazia um ano agora. Ela mantinha sua verdadeira identidade escondida debaixo de sua pele favorita de uma sensual, chique, fêmea morena, mas por dentro... especialmente depois de sua primeira perda para Jim Heron... estava uma fodida bagunça.

E esta humana realmente a estava ajudando.

Devina tirou um lenço para fora da caixa da mesa ao lado dela.

— Eu só... eu odeio me mudar. Eu me sinto totalmente fora de controle. E perdida. E... assustada.

— Eu sei como você se sente. — Calor humano positivamente flutuava para fora dos poros da mulher. — Mudar de casa é a coisa mais difícil para alguém como você fazer. Estou muito orgulhosa de você.

— Eu não tive tempo. Nenhum tempo para fazer isto direito. — Mais lágrimas. Que ela odiou. Mas, Deus, ela teve que tirar suas coleções de seus legítimos lugares em questão de horas, subindo, lançando coisas em caixas. — Eu ainda não fui capaz de olhar tudo e ter certeza de que nada foi quebrado ou perdido.

Oh, Deus... perdido.

O pânico se espalhou por seu peito e fez com que o coração que tinha cooptado³⁹ batesse três vezes mais rápido.

— Devina, olhe para mim.

Ela teve que forçar seus olhos a se enfocarem pelo ataque de pânico.

— Eu sinto muito, — ela engasgou.

— Devina, sua ansiedade não é sobre as coisas. É sobre seu lugar neste mundo. É o espaço que você declara como seu emocionalmente e espiritualmente. Deve lembrar que você não precisa de objetos para justificar sua existência ou fazer com que você se sinta salva e segura.

Certo, isso tudo soava bem e bom, mas suas coisas na Terra eram o que a amarrava às almas que ela possuía abaixo, o único vínculo que ela tinha com suas “crianças.” Ao longo dos séculos, ela acumulou bens pessoais de todas as almas que tomou: Botões, abotoaduras, anéis, brincos, dedais, agulhas de tricô, óculos, chaves, canetas, relógios... a lista continuava e continuava. Preferia coisas feitas de metal precioso, mas qualquer tipo de metal servia: Do mesmo modo que essas substâncias refletiam a luz, também emitiam as reverberações da pessoa que as possuiu, vestiu ou usou.

A marca irradiada por aqueles humanos era a única coisa que a acalmava quando não podia descer para seu santuário para uma visita pessoal.

Deus, ela odiava ter que trabalhar na Terra.

Com um tremor, afastou suas lágrimas.

— Eu só não posso permanecer muito tempo longe delas.

— Você precisa do seu trabalho, entretanto. Você mesma me disse. E seu ex-marido está melhor equipado para lidar com o dia-a-dia no que se refere ao cuidado das suas crianças.

— Ele está. — Ela teve que espremer sua história com um pouco de semelhança com as situações humanas. Não existia ex-marido, desnecessário dizer, mas o paralelo funcionava: Suas almas estavam seguras onde as havia deixado. Só a matava estar longe. Não existia nenhum lugar que preferisse estar mais do que no fundo de seu poço, assistindo ao contorcer, à multidão gritando, presa para sempre em suas paredes.

Brincar com elas era divertido, também.

— Então onde você terminou? — A terapeuta perguntou. — Depois que seu namorado e você decidiram por um fim em sua relação, para onde você foi aqui na cidade?

Agora sua ansiedade mudou para raiva. Não podia acreditar que tinha perdido a primeira batalha com Jim Heron.. ou que o bastardo se infiltrasse em seu espaço particular. Graças a ele e aqueles outros dois anjos, ela teve que empacotar tudo que tinha e desocupar aquele loft⁴⁰ numa correria.

— Eu tenho um amigo que tem um apartamento que está desocupado. — Não um amigo realmente. Só um sujeito que ela fodeu até que assinasse os documentos. Então ela o matou, colocou seu corpo em um tambor de resíduos perigosos, e o fechou hermeticamente. Ele estava

³⁹ **Co-optated (Co-optado)** — quer dizer tirar ou assumir algo para uso próprio, o que indica que Devina se apropriou do coração de outra pessoa para seu próprio uso.

⁴⁰ **Loft** — É um tipo de apartamento criado a partir da compartimentação de um grande espaço coberto sem divisórias.

em seu próprio porão agora, se decompondo confortavelmente.

— E a mudança está completa?

— Sim, tudo está lá. Mas como eu disse, eu não acabei de organizá-la corretamente. — Tinha, porém, achado outro virgem, que ela prontamente sacrificou e deu um bom uso, que era proteger o espelho que a levava de volta ao Inferno. — Pus um sistema de segurança, entretanto.

Se alguém quebrasse o selo de sangue do quarto onde suas possessões mais estimadas estavam, ela descobriria em uma batida de coração. Foi como ela soube o momento que Jim e seus amigos anjos violaram seu espaço. Como ela salvou suas coisas.

Os virgens eram uma dor no traseiro para se achar hoje em dia, no entanto. Com todo mundo fazendo tanto sexo, o que antes tinha sido moleza, agora estava ficando cada vez mais e mais raro. Nunca matou crianças; isso seria errado, seria como se alguém levasse uma de suas almas para longe dela. Mas tente achar alguém com mais de dezoito que não tenha estado em nenhuma cama ainda, poderia levar dias.

Longa vida ao movimento a favor da abstinência era tudo que ela podia dizer.

— Espere, apartamento? — A terapeuta disse. — Você não está ficando em qualquer lugar, não é?

— Oh, não. Eu estou em um hotel por enquanto. O trabalho está me tirando da cidade. Até Boston, realmente. — Porque estava na hora da segunda batalha com seu nêmesis.

E *porra*, ela iria ganhar esta.

— Devina, bom trabalho. — A terapeuta bateu as palmas de sua mão em seu joelho e sorriu. — Você está vivendo separadamente de suas coisas. Você fez um avanço.

Para falar a verdade não, considerando que podia estar em qualquer lugar em um piscar de olhos.

— Agora me diga, como está o trabalho? Sei que na semana passada foi difícil.

A mão de Devina achou sua bolsa e ela alisou o couro suave.

— Vai melhorar. Eu vou fazê-lo melhorar.

— Seu novo colega de trabalho, como as coisas estão indo com ele? Sei que existiu um atrito inicial.

Atrito? Sim, você poderia dizer isto.

Ela pensou sobre ela e Jim Heron no estacionamento do Iron Mask, ele enterrou bem nela, ela o montou duro. Apesar do fato de ela o odiar apaixonadamente, não se importaria com um momento mais íntimo com ele.

Devina endireitou sua coluna.

— Ele não vai conseguir a vice-presidência. Eu não me importo com o que eu tenha que fazer, mas eu trabalhei muito duro por muito tempo para esse intrometido vir e tomar o que é meu.

Sete almas. Sete chances para o bem ou para o mal ganhar. E a primeira foi para o outro lado. Mais três a favor de Jim Heron e ela não estaria só fora do “trabalho”, mas os anjos assumiram o comando da Terra e cada uma de todas as suas almas seria redimida.

Todo o seu trabalho para nada: Suas coleções se iriam. Seu exército se iria. Ela mesma... iria.

Ela olhou fixamente para sua terapeuta.

— Eu não o deixarei ganhar.

A mulher movimentou a cabeça.

— Você tem um plano?

Devina bateu levemente em sua bolsa.

— Eu farei. Eu absolutamente farei.



Depois da sessão, Devina foi para a direção norte e leste, lançando-se no ar como uma sombra escura e ganhando sua passagem pela noite. Se materializou na Rua Boylston, em frente ao Jardim Público de Boston, onde os salgueiros chorões, que estavam acima da lagoa, cresciam.

A caixa de tijolos recatada do Hotel Four Seasons⁴¹ ocupava quase todo o quarteirão, entre sua entrada, o átrio e as janelas do restaurante. Embora o exterior fosse bastante simples, o interior era todo de madeira, elegante e acolhedor, e sempre havia flores frescas.

Ela poderia ter apenas relampejado até seu quarto, mas seria um desperdício de roupa: Sua calça com estampa de lagarto de Escada e sua blusa Chanel eram estonteantes, sem falar de seu trench coat⁴² de Stella McCartney.

E pelo que se sabia, era só sua segunda noite aqui e os porteiros e recepcionistas já gritavam saudações quando entrava no átrio, seus Louboutins⁴³ ressoando no mármore.

Que servisse para lembrá-la do que ela já sabia: De todas as formas ilusórias que já usou, esta aqui, de uma mulher morena com pernas que não acabavam e um conjunto de peitos que faziam os homens humanos tropeçarem em suas línguas, era a que melhor se ajustava. Embora, tecnicamente, ela fosse uma “coisa” assexual, sua experiência tinha provado que seu arsenal de armas era melhor esgrimido por uma mão bem cuidada.

Além do mais, ela gostava das roupas para mulheres.

E de foder, também.

Seu apartamento no último andar tinha uma visão magnífica do jardim e do Boston Common⁴⁴, e muitas salas grandes, além de um serviço de quarto excelente. O buquê de rosas era de bom gosto e grátis.

Que era o que você conseguia quando pagava milhares e milhares e milhares de dólares por um buraco.

Ela atravessou a sala de estar e o quarto principal para chegar ao banheiro de mármore. No balcão entre as duas pias, derrubou sua bolsa e tirou o moletom que tinha tirado de um lutador da MMA. O moletom de capuz era cinza e de tamanho extragrande. Encontrado em qualquer loja, era um daqueles artigos de vestuário anônimos que podiam ter sido vestidos por qualquer homem,

⁴¹ **Four Seasons** – Hotel cinco estrelas famoso nos USA.

⁴² **Trench coat** – É um casaco de chuva, de algodão ou couro, que protege do frio e da chuva.

⁴³ **Christian Louboutins** – é um famoso sapateiro de luxo francês.

⁴⁴ **Boston Common** – É o parque mais antigo dos EUA, que serpenteia por vários bairros da cidade de Boston.

algo que era fácil achar, fácil dispor. Nada especial.

Exceto que, este aqui, era sem igual. Especialmente dadas às manchas de sangue.

Graças a Deus aqueles guardas apareceram. Caso contrário, ela teria faltado ao compromisso com sua terapeuta.

Depressa, retirando suas roupas, tentou deixá-las em uma bagunça enrugada... que durou um minuto e meio. A desordem fez sua cabeça zumbir e ela teve que juntá-las, andar a passos largos para o armário, e pendurar tudo em seu lugar. Ela vestia um sutiã, de forma que foi posto sobre a mesa. Nenhuma calcinha para se preocupar.

Estava decididamente mais tranquila quando voltou a trabalhar no balcão do banheiro.

Tirando uma tesoura dourada de seu estojo de maquiagem, cortou um círculo no moletom exatamente no local onde estaria o coração do homem que o vestia. Então o cortou em cubos pequenos, as fibras de algodão sendo retiradas facilmente e caindo sobre o mármore liso em uma pilha. Ela usou um lado da tesoura para fazer um corte em sua palma, e seu sangue cinza sujo correu enquanto caía sobre o ninho que tinha feito com o tecido.

Por um momento, foi perfurada pela decepção. Desejou que seu sangue corresse vermelho, muito mais atraente. Verdade seja dita, Devina odiava a maneira como realmente se parecia. Este corpo era muito melhor. E os outros.

Levantando os recortes do moletom e os apertando no sangue estragado de sua palma, imaginou o homem que teve o tecido contra sua carne, vendo seu rosto duro, o cabelo raspado e as tatuagens em seu corpo.

Ainda apertando em sua mão e mantendo uma imagem de Isaac Rothe em sua cabeça, Devina caminhou nua para o quarto e sentou-se no edredom. Na mesa de cabeceira, abriu uma caixa de ébano e tirou uma peça de xadrez esculpida à mão, a representação da rainha não era tão bonita quanto seu terno de carne. Ela não viu Jim Heron entalhar a grande senhora, mas ele o fez e ela o imaginou fazendo muitas vezes em sua mente, imaginando ele enrolando-se ao redor de uma faca afiada, suas mãos esgrimindo uma extremidade de aço para revelar o objeto dentro da madeira. Pressionando o que havia feito em sua palma sangrenta, junto com as fibras do moletom, os misturou, integrando-os. Então se debruçou e pegou uma vela, que se acendeu a sua vontade. Deitando-se, soprou através da chama, as essências dos três se mesclando enquanto fluíam sobre a chama.

O brilho púrpura que emanava do outro lado a cobriu, envolvendo-a em fosforescência... chamando os donos das coisas que estavam unidas... chamando-os para ela.

Jim Heron não saberia o que o havia atingido desta vez. Ele poderia ter ganhado a primeira rodada, mas isso não aconteceria novamente.

Capítulo 4

Quando você já trabalhou na central de processos da prisão Municipal de Suffolk no centro da cidade Boston, você já viu muita merda. E algumas delas eram o tipo de coisa que faria você pôr pra fora seu café com rosquinhas.

Outros tipos... eram apenas malditamente bizarros.

Billy McCray foi primeiramente um patrulheiro em Southie⁴⁵, servindo ao lado de seus irmãos, seus primos e de seu pai. Depois que foi alvejado em serviço, mais ou menos quinze anos atrás, o Sargento conseguiu que ele fizesse trabalho interno, e ele fez com que, não só sua cadeira de rodas se ajustasse debaixo da escrivaninha, como era condenadamente bom empurrando toda papelada. Começou registrando as prisões e tirando as fotografias dos sujeitos, mas agora estava no comando de tudo.

Ninguém nunca assoava o nariz neste lugar sem que Billy dissesse a eles que podiam pegar um Kleenex⁴⁶.

E amava o que fazia, ainda que ficasse bem estranho às vezes.

Como a primeira coisa esta manhã. Seis da manhã. Ele registrou uma fêmea branca que estava usando um par de latas de Coca-Cola como lingerie, os dois números de alumínio colados na parte inferior de seus seios e saindo em linha reta. Ele tinha o pressentimento que aquele retrato acabaria rapidamente no The Smoking Gun.com⁴⁷ e ela provavelmente iria apreciar a exposição: Antes dele tirar a foto, ele se ofereceu para conseguir uma camisa ou algo, mas nah, ela queria exibir seus... bem, latas.

Pessoas. Honestamente.

O cimento de borracha foi fácil de sair, então eles estavam servindo suas bebidas em um único copo de papel, por via das dúvidas, antes que ela tivesse outra ideia brilhante. Enquanto a porta de aço se abria no fim do corredor, Billy se sentou um pouco mais ereto em sua cadeira.

A mulher que entrou era uma tremenda visão de se ter, certo, mas não pela mesma razão de que a maior parte das monstruosidades daqui era. Ela estava a cerca de três metros de distância e tinha seu cabelo loiro, como sempre, preso em um coque. Vestindo um terno perfeitamente ajustado e um casaco longo, formal, ele soube, sem perguntar, que sua bolsa e sua pasta valiam mais do que ele tinha em seu 401(k)⁴⁸.

Para não falar nada sobre aquele enorme cordão de ouro ao redor de seu pescoço.

Quando alguns guardas passaram por ela, também esticaram suas colunas e ficaram mudos... e imediatamente olharam sobre seus ombros para conseguir uma olhadela do seu traseiro.

E quando ela surgiu na partição de acrílico na frente dele, ele estava contente de já ter deslizado para seu lugar, porque tinha que sentir seu perfume.

Deus... era sempre o mesmo. O odor rico e caro.

— Oi, Billy, como Tom está indo na academia de polícia?

Como muitos tipos de Beacon Hill, a entonação de Grier Childe fazia com que uma pergunta simples parecesse melhor que algo que Shakespeare tivesse escrito. Mas diferentemente daqueles idiotas, ela não era arrogante e seu sorriso era genuíno. Sempre perguntava sobre seu filho e sua esposa e ela realmente olhava para ele, encontrando seus olhos como se ele fosse mais que só um jóquei de escrivaninha.

⁴⁵ **Southie** – Nome usado para designar o Sul da cidade de Boston.

⁴⁶ **Kleenex** – Marca de lenços descartáveis.

⁴⁷ **The Smoking Gun.com** – Site que mostra as fotos dos registros policiais de pessoas famosas e alguns civis que chamam a atenção.

⁴⁸ **401(k)** – Plano de aposentadoria adotado nos EUA.

— Ele está indo otimamente. — Billy sorriu e cruzou seus braços sobre seu peito estufado. — Forma-se em junho. Trabalhando em Southie. Ele é um atirador como seu pai, o garoto pode atirar numa lata a mais de um quilômetro de distância.

Infelizmente, isso o lembrou da Menina Coca-Cola, mas ele empurrou a imagem para outro lado. Era muito melhor apreciar a visão da Sra. Childe, escudeiro.

— Não me surpreende que Tommy seja um ás. — Ela assinou o registro e encostou o quadril no balcão. — Como você disse, ele parece com você.

Mesmo depois de terem se passado dois anos disso, ele ainda não podia acreditar que ela parava para conversar com ele. Sim, certo, os tipos do DA e os defensores públicos regulares conversavam com ele, mas ela vinha da velha escola, empresas de sapato branco, e normalmente significava apenas o fato de onde seus clientes estavam.

— Então como sua Sara está indo? — Ela perguntou.

Enquanto conversaram, ele digitou seu nome no sistema para puxar a quem ela havia sido atribuída. A cada seis meses mais ou menos, ela entrava em um rodízio, como defensora pública. Era, claro, *pro bono*⁴⁹ para ela. Seus honorários eram indubitavelmente tão caros, que ele tinha certeza que os clientes que ela tinha aqui não podiam dispor mais do que duas palavras dela, muito menos de uma hora inteira... ou, *Cristo*, até um caso demorava bastante tempo.

Quando ele viu o nome que estava próximo ao dela, fez uma careta.

— Tudo certo? — Ela perguntou.

Bem, *não, não estava*.

— Sim. Você está o.k.

Porque ele iria fazer disto seu assunto para que ela estivesse.

Ele alcançou uma pilha de arquivos ao lado.

— Aqui está a papelada de seu cliente. Se você for até a sala número um, nós o traremos para você.

— Obrigado, Billy. Você é o melhor.

Depois que ele a zumbiu pela porta principal da unidade de processo e recebimento da prisão, ela foi para a sala que ele havia indicado, que, por acaso, ficava bem ao lado de seu escritório. Fazendo uma nota no computador, ele levantou o telefone e discou para a carceragem.

Quando Shawn C. respondeu, ele disse: — Traga o número cinco-quatro-oito-nove-setenta, último nome Rothe. Para nossa Sra. Childe.

Um pouco de silêncio.

— Ele é grande.

— Sim, e escute, você poderia ter uma conversa com ele? Talvez o lembre de como ser cortês e que seu conselho fará as coisas mais fáceis para ele.

Outra pausa.

— E eu esperarei do lado de fora da porta quando ele estiver com ela. Tony me cobrirá aqui.

— Bom. Sim, isto está bom. Obrigado.

⁴⁹ **Trabalho pro Bono** — é uma forma de trabalho voluntário exercido com caráter e competência de profissionais sem, no entanto, ser remunerado. Ou seja, quem o faz não recebe pagamento.

Quando Billy desligou, deslizou para olhar pelas telas de monitoração de segurança. Na que estava mais abaixo, ele assistiu quando a Sra. Childe se sentou em uma mesa, o arquivo aberto e olhando para os relatórios em sua frente.

Ele iria manter seus olhos nela até que ela estivesse seguramente fora de lá.

A coisa era, lá na prisão, existiam dois tipos das pessoas: os habituais e os estranhos. Os estranhos tinham tratamento educado e tudo mais, mas os habituais... eram particularmente bons, jovens habituais com sorrisos bonitos e muita classe... eles cuidariam deles.

E isso significava que Shawn C., o guarda, estaria estacionado fora no corredor, olhando pela janela de tela o tempo inteiro que esse maníaco homicida, que foi preso por luta de gaiola, estivesse com sua menina.

Se aquele filho da puta respirasse errado perto dela, bem... bastava dizer que na loja do Billy, ninguém estava acima de um pouco de ação corretiva: Todos os guardas e pessoal sabiam sobre o canto escuro no porão onde não existia nenhuma câmera de segurança e ninguém podia ouvir um idiota gritar enquanto se transformava em uma cadela.

Billy se debruçou de volta em sua cadeira e agitou sua cabeça. Menina agradável lá, realmente boa. Claro, dado ao que aconteceu a seu irmão... Vida difícil era uma maneira de transformar as pessoas em boas, não era?



Grier Childe se sentou na frente de uma mesa de aço inoxidável, em uma cadeira de aço inoxidável frio, que estava em frente à outra cadeira de aço inoxidável. Toda a mobília era fixada ao chão e as únicas outras coisas nas instalações eram a câmera de segurança em cima no canto e uma lâmpada pendurada que tinha uma gaiola ao redor. As paredes eram blocos de concreto que tinham sido pintadas tantas vezes que eram quase um papel de parede liso, e o ar cheirava a limpador de chão, a água-de-colônia do último advogado que esteve na sala e a cigarros velhos.

O lugar não podia ser mais diferente de onde normalmente trabalhava. Nos escritórios de Boston de Palmer, Lords, Childe, Stinston & Dodd as mobílias e as obras de artes se pareciam com um museu do século dezenove. No PLCS&D não havia nenhum guarda armado, nenhum detector de metal, e nada era atarraxado no lugar assim não podia ser roubado ou lançado em alguém.

Lá os uniformes vinham da Brooks Brothers e Burberry⁵⁰.

Estava fazendo defensoria pública pro bono⁵¹ há mais ou menos dois anos, e levou pelo menos doze meses para ficar bem com o recepcionista, o pessoal e os guardas. Mas agora era como se fosse da casa a cada semana que vinha aqui, e ela honestamente amava as pessoas.

Um monte de boas pessoas fazendo os trabalhos duros do sistema.

Abrindo o arquivo de seu mais novo cliente, ela revisou as acusações, forma como foi preso, e história: Isaac Rothe, idade: vinte e seis, apartamento na Rua Tremont. Desempregado. Sem

⁵⁰ **Brooks Brothers** – é uma famosa loja de roupas chiques, e Burberry é outra famosa loja.

⁵¹ **Pro Bono** – Sem receber remuneração.

anteriores. Preso junto com oito outros em uma batida na noite anterior em um ringue de luta e apostas do submundo. Sem necessidade de um mandado porque os lutadores invadiram propriedade privada. De acordo com o relatório policial, seu cliente estava no ringue no momento em que a polícia entrou. Aparentemente o sujeito com que lutava estava sendo tratado no hospital Mass General⁵².

São nove horas em um sábado de manhã... Você sabe onde sua vida está?

Mantendo sua cabeça baixa, Grier fechou seus olhos.

— Não agora, Daniel.

Eu estou só dizendo. Como a voz do seu irmão morto entrava e saía de sua cabeça por trás, o som desincorporado a fazia sentir-se totalmente louca. *Você tem trinta e dois anos de idade, e em vez de estar se aconchegando em algum menino quente, está sentada aqui na delegacia de polícia com essa porcaria de café.*

— Eu não tenho nenhum café.

Naquele momento, a porta se abriu completamente e Billy entrou.

— Pensei que você poderia gostar de algo para acordar.

Bingo, seu irmão disse.

Fecha. O bico, ela pensou para ele.

— Billy, isto é realmente amável de sua parte. — Ela pegou o que o supervisor oferecia, o calor do copo de papel aqueceu sua palma.

— Bem, sabe, é uma água. Todos nós o odiamos. — Billy sorriu. — Mas é uma tradição.

— Certamente é. — Ela franziu a testa à medida que ele se demorava. — Algo errado?

Billy bateu levemente na cadeira desocupada próximo a ele.

— Você se importaria de se sentar aqui por mim?

Grier abaixou a xícara.

— Claro que não, mas por que...

— Obrigado, querida.

Houve uma batida. Claramente, Billy estava esperando que ela trocasse de lugar e não estava propenso a se explicar.

Empurrando o arquivo para o outro lado, ela foi para a outra cadeira, suas costas agora para a porta.

— Boa garota. — Ele deu um apertão em seu braço e rolou para fora.

A mudança de posição significava que ela podia ver a aparição membranosa de seu amado irmão mais novo. Daniel estava vadiando no canto afastado da sala, pés cruzados nos tornozelos, braços ligados no tórax. Seu cabelo loiro era fresco e limpo, e ele estava usando uma camisa polo cor coral e calção xadrez.

Ele parecia um modelo morto-vivo em um anúncio de Ralph Lauren, nada além de “todo-americano”, beijado pelo sol pelo privilégio de velejar no Hyannis Port⁵³. Exceto que ele não estava

⁵² **Mass General** – É a abreviatura para Massachusetts General Hospital, um hospital de Boston.

⁵³ **Hyannis Port** – É uma pequena vila residencial em Hyannis Harbor, ao sul-sudoeste do estado de Massachusetts, e tem um excelente Yate Club para quem gosta de velejar.

sorrindo, como normalmente fazia. *Eles o queriam olhando para a porta, assim o guarda do lado de fora poderia ficar o vigiando. E eles não querem você encurralada na sala. Assim é mais fácil tirá-la se ele for agressivo.*

Esquecendo sobre a câmera de segurança, e o fato de que, para qualquer outra pessoa, ela estava falando com o ar, se debruçou.

— Ninguém vai...

Você precisa deixar isto. Pare de tentar salvar as pessoas e consiga uma vida.

— Logo depois de você. Pare de me assombrar e consiga uma eternidade.

Eu iria. Mas você não me deixará ir.

Com aquela observação, a porta atrás dela se abriu e seu irmão desapareceu.

Grier endureceu quando ouviu o tinir das correntes e o embaralhar de pés.

E então ela o viu.

Santa... Maria... Mãe de...

O que estava sendo trazido, sendo segurado por Shawn C. tinha mais ou menos 1,80, dez centímetros de espessura de músculo sólido. Seu cliente estava “vestido,” que significava que ele foi preso em trajes de luta, e suas mãos e pés estavam algemados juntos e ligados com uma corrente de aço que corria em frente a suas pernas e em torno de sua cintura. Seu rosto duro tinha o tipo de bochechas ocas que vinham com zero de gordura corporal, e seu cabelo escuro era curto como o de um militar. As contusões desbotadas cresciam em cachos ao redor seus olhos, uma bandagem branca estava perto de sua testa... e existia um rubor vermelho ao redor seu pescoço, como se ele tivesse sido muito, muito maltratado, recentemente.

Seu primeiro pensamento foi que... ela estava realmente contente por Billy McCray tê-la feito trocar de lugar. Não estava certa de como sabia disso, mas tinha a sensação de que, se seu cliente quisesse, poderia acabar com Shawn C. em um piscar de olhos, apesar das algemas e do fato de que o guarda era constituído como um buldogue e tinha anos de experiência em manipulação de homens grandes e voláteis.

Os olhos do seu cliente não encontraram os seus, mas ficaram bloqueados no chão enquanto o guarda o empurrava no espaço apertado entre a cadeira desocupada e a mesa.

Shawn C. se curvou até a orelha do homem e sussurrou algo.

Rosnou algo, era mais como isto.

Então o guarda olhou para Grier e firmemente sorriu, como se ele não gostasse da coisa toda, mas iria ser profissional sobre isto.

— Eh, eu estarei logo atrás da porta. Se você precisar de algo. É só você gritar e eu estarei aqui. — Em uma voz mais baixa, ele disse, — Estou de olho em você, menino.

De alguma maneira ela não estava surpresa pelas precauções. Meramente estar sentada em frente a seu cliente a fazia ser cautelosa. Não podia imaginar movê-lo pela prisão.

Deus, ele era grande.

— Obrigada, Shawn,— ela calmamente disse.

— Nenhum problema, Sra. Childe.

E então ela estava a sós com o Sr. Isaac Rothe.

Medindo a circunferência enorme de seus ombros, ela notou que ele não se contorcia ou estava incômodo, o que tomou como um bom sinal — sem metanfetamina ou cocaína em seu sistema, espero. E ele não a olhava de forma inadequada ou verificava a frente de seu terno ou lambia seus lábios.

Realmente, ele não a olhou, seus olhos permaneceram na mesa a frente dele.

— Eu sou Grier Childe, fui atribuída ao seu caso. — Quando ele não levantou seus olhos ou movimentou a cabeça, continuou. — Qualquer coisa que você disser para mim é privilégio, o que significa que, dentro da lei, eu não revelarei para ninguém. Além disso, aquela câmera de segurança ali não tem áudio, então ninguém mais pode ouvir o que você me disser.

Ela esperou... e ainda assim ele não respondeu. Só ficou lá sentado, respirando uniformemente, todo poder enrolado, com suas mãos algemadas postas sobre o topo da mesa e seu corpo enorme esmagando a cadeira.

Na primeira reunião, a maioria dos clientes que ela tinha aqui, ficava relaxado e mantinham a rotina de ficar calados, ou ficavam todos indignados e ofendidos, com muita conversa defensiva. Ele não fez nenhum dos dois. Sua coluna estava tão reta como uma seta, e estava totalmente alerta, mas não disse uma palavra.

Ela clareou sua garganta.

— As acusações contra você são sérias. O sujeito com que você estava lutando foi enviado para o hospital com uma hemorragia cerebral. Agora mesmo você está sendo acusado de agressão em segundo grau e tentativa de assassinato, mas se ele morrer, isto será assassinato em segundo grau ou homicídio culposos.

Nada.

— Sr. Rothe, eu gostaria de fazer algumas perguntas, posso?

Nenhuma resposta.

Grier se recostou.

— Você pode me ouvir?

Enquanto se perguntava se ele tinha alguma deficiência, ele falou. — Sim, Senhora.

Sua voz era tão profunda e interessante, ela parou de respirar. Aquelas duas palavras foram articuladas com uma suavidade que estava em total desacordo com o tamanho de seu corpo e a aspereza de seu rosto. E seu sotaque... vagamente Meridional, ela decidiu.

— Eu estou aqui ajudá-lo, Sr. Rothe. Você entende isto, certo?

— Sem querer desrespeitá-la, Senhora, mas eu não acredito que possa.

Definitivamente Meridional. Graciosamente Meridional, de fato.

Agitando sua cabeça para clareá-la, ela disse:

— Antes de você me despedir, eu sugeriria que você considerasse duas coisas. Agora mesmo, não existe nenhuma fiança fixada para você, então você vai ficar preso aqui enquanto seu caso vai adiante. E isso pode levar meses. Também, qualquer um que represente a si mesmo verdadeiramente tem um tolo como cliente, isto não é só um ditado. Eu não sou o inimigo. Eu estou aqui para...

Ele finalmente olhou para ela.

Seus olhos eram como geada no vidro da janela, e cheios de sombras de ações que manchavam a alma. E enquanto aquele olhar sombrio e esgotado passava por sua cabeça, congelou seu coração: Ela soube imediatamente que ele não era apenas um assassino de rua.

Ele era um soldado, ela pensou. Tinha que ser, seu pai tinha o mesmo olhar em seus olhos durante as noites de silêncio.

A guerra fazia aquilo para as pessoas.

— Iraque?— Ela calmamente perguntou. — Ou Afeganistão?

Suas sobrancelhas se arquearam um pouco, mas isso foi a única resposta que ela conseguiu.

Grier bateu em seu arquivo.

— Deixe-me conseguir uma fiança para você. Deixe começar por isso, certo? Você não tem que me dizer nada sobre por que você foi preso ou o que aconteceu. Eu só preciso saber de seu vínculo com a comunidade e um pouco mais sobre onde você mora. Sem prisões anteriores, acho que nós temos uma chance de...

Ela parou quando percebeu que ele fechou os olhos.

Certo. Era a primeira vez que um cliente dela tirava uma soneca no meio de uma reunião. Talvez Billy e Shawn C. tivessem menos para se preocupar do que pensaram.

— Estou lhe incomodando, Sr. Rothe? — Ela exigiu saber depois de um momento.

Capítulo 5

—Estou lhe incomodando, sr. Rothe?— *Não. Dificilmente.* A voz de sua defensora pública era uma espécie de arrulho nos ouvidos de Isaac, sua inflexão aristocrática e perfeita gramática o acalmavam tanto que ele estava estranhamente com medo dela. A princípio, ele fechou os olhos porque ela era, simplesmente, muito bonita para se olhar, mas existia um benefício adicional que era não olhar para as luzes do lugar. Sem a distração de seu rosto perfeito e seu esperto e fixo olhar, ele era completamente hábil para se concentrar em suas palavras.

A maneira como ela falava era poética. Até para um sujeito que não estava acostumado com aquela rotina de corações e de flores.

—Sr. Rothe.

Não uma pergunta, um pedido. Claramente ela estava cansada de seu jeito estúpido.

Abrindo suas pálpebras, ele sentiu o impacto da unha dela em seu esterno e tentou dizer a ele mesmo que ela estava causando tanta impressão porque tinha passado anos desde que ele esteve próximo de uma verdadeira dama. Afinal, a maior parte das mulheres com quem ele transou ou trabalhou eram de aparência tão ásperas ou rudes quanto ele. Então esta, precisamente penteada, claramente educada, com um perfume exótico do outro lado da mesa, era um tipo de anomalia atordoante.

Deus, ela provavelmente desmaiaria se visse a sua tattoo.

E correria gritando se soubesse o que ele tinha feito para viver pelos últimos cinco anos.

—Me deixe tentar sua fiança, — ela repetiu. —E depois veremos aonde iremos.

Ele teve que imaginar porque ela se importava tanto com algumas pessoas sem valor que nunca tinha visto antes, mas havia uma indiscutível missão em seus olhos, e talvez isso se explicasse: claramente, estando aqui embaixo com a ralé, estava exorcizando algum tipo de demônio. Talvez fosse um caso de culpa dos ricos. Talvez uma coisa religiosa. Fosse o que fosse ela era malditamente determinada.

—Sr. Rothe. Deixe- me ajudá-lo.

Ele não a queria tão envolvida em seu caso... mas se ela pudesse libertá-lo, ele poderia ir embora e era, indubitavelmente, mais seguro lá fora no mundo: Seu antigo chefe não teria nenhuma dificuldade em enviar um homem para esta prisão com a carga e direito de assassinato debaixo dos narizes dos guardas.

Para Matthias isso seria uma brincadeira de criança.

Isaac sentiu sua consciência, que tinha estado muito silenciosa, enviar um grito, mas a lógica foi boa: Ela parecia o tipo de advogado que poderia conseguir coisas no sistema, e tanto quanto ele odiava envolvê-la na bagunça em que estava, desejava ficar vivo.

—Eu ficarei grato se você conseguir isso, senhora.

Ela respirou fundo, como se estivesse dando uma parada no meio de uma maratona.

—Bom. Tudo certo então. Agora, aqui diz que você mora em Tremont. Há quanto tempo você vive lá?

—Apenas duas semanas. — Ele poderia dizer pela forma como as sobrancelhas dela se juntaram que isso não ia ajudá-lo muito.

—Você está desempregado?

O termo técnico era AWOL⁵⁴, ele pensou.

—Sim, senhora.

—Você tem família? Aqui ou em qualquer estado?

—Não. — Seu pai e irmãos, todos pensavam que ele estava morto, e isso estava bom para ele. E para eles também, provavelmente.

—Pelo menos você não tem antecedentes. — Ela fechou o arquivo. —Eu irei até a frente do juiz em aproximadamente meia hora. A fiança vai ser alta... mas eu conheço alguns fiadores que poderíamos procurar por dinheiro.

—Quão alta você acha que será?

—Vinte mil, se tivermos sorte.

—Eu posso cobrir isso.

Ela franziu a testa e reabriu seu arquivo, dando uma segunda olhada em sua papelada.

—Você declarou aqui que não tem nenhuma renda e nenhuma poupança.

Como ele ficou quieto, ela não o criticou e não pareceu surpresa. Nenhuma dúvida de que ela estava acostumada a pessoas mentindo como ele, mas infelizmente, estava disposto a apostar sua vida que, o que ele estava escondendo dela era de longe, muito longe, muito mais mortal que o comportamento *Bom Samaritano* dela já esteve em contato.

⁵⁴ **Absent without leave** – Ausente sem permissão, que quer dizer que ele se desligou do grupo de Mathias sem ter tido permissão, ou seja, fugiu.

Merda. Realmente, ele estava apostando sua vida nisto, não era? Matthias lança uma ampla rede quando se trata de tarefas, e qualquer um próximo de Isaac corre o risco de estar na mira.

Exceto que uma vez que ele se fosse, ela nunca mais o veria novamente.

—Como está o seu rosto?— ela perguntou após um momento.

—Está bem.

—Parece que está doendo. Você precisa de uma aspirina? Eu tenho algumas.

Isaac olhou para baixo, para suas mãos presas.

—Não, Senhora. Mas obrigado.

Ele ouviu o clipe-clipe dos saltos altos quando ela ficou em pé.

—Eu voltarei depois que eu...

A porta foi aberta e o musculoso que o tinha levado preso, veio rapidamente na direção dele.

—Estarei fora falando com o juiz, — ela disse para o guarda. — E ele foi um perfeito cavalheiro.

Isaac permitiu ser arrastado, mas não estava prestando atenção ao oficial. Ele estava olhando fixamente para sua defensora pública. Ela até caminhava como uma dama.

Seu braço foi puxado duramente.

—Você não olha para ela, — o guarda disse. —Sujeitos como você nem sequer podem olhar para alguém como ela.

O aperto da morte do “Sr. Bons Modos” era um pouco aborrecido, mas não havia nenhuma falha na observação do filho da puta.

Mesmo que ele tivesse um trabalho decente e nada além de alguns dólares para gastar, Isaac não estaria em qualquer lugar próximo daquele tipo de mulher. *Inferno*, eles nem mesmo estavam jogando no mesmo time.

Capítulo 6

Jim Heron estava ciente, há muito tempo, que existiam dois tipos de academias no mundo: comercial e velha escola. A comercial tinha esquemas de cor coordenados e as mulheres faziam aulas de spinning maquiadas e caras com tatuagens de carpa estilo John Mayer⁵⁵ levantavam pesos com garras almofadadas. Era esperado que você enxugasse os equipamentos depois que os usasse e alegres treinadores bronzeados artificialmente verificavam como você estava indo e vindo. Ele experimentou uma destas logo após deixar a *Ops*. Isso o deixou como um saco de batatas amassadas.

A velha escola era mais sua área e isso foi exatamente aonde ele, Adrian e Eddie foram ao sul de Boston. O ginásio de Mike era um mundo masculino, baby: O lugar cheirava como axila, tinha paredes dignas de uma prisão, e era decorado com fotos desbotadas de Arnold⁵⁶ na década de 80. Os tapetes eram azul neon, os pesos eram de ferro, e a única bicicleta ergométrica ficava no

⁵⁵ **John Mayer** – Famoso músico norte-americano.

⁵⁶ **Arnold Schwarzenegger** – que na década de 80 possuía um dos físicos mais cobiçados de Hollywood.

canto junto a um ventilador enjaulado.

A maldita coisa era uma relíquia e tinha pó no assento.

Os homens que estavam fazendo circuitos nos equipamento ou levantamento de peso livre eram grandes, quietos, e tinham tatuagens da Virgem Maria e Jesus e da cruz. Havia muitos narizes quebrados que se curaram tortos e algum dentes superiores dianteiros quebrados que eram, sem nenhuma dúvida, de jogos de hóquei ou lutas em bar.

Indubitavelmente todo mundo conhecia todo mundo porque eles estavam todos relacionados de alguma maneira.

Ele sentiu-se em casa quando chegou à recepção. O sujeito atrás tinha sessenta, talvez sessenta e cinco, com pele avermelhada e olhos azuis e cabelo que era mais branco que a espuma de uma Bass Black & Tan⁵⁷.

—O que eu posso fazer por vocês meninos?— O homem disse, abaixando o Boston Herald⁵⁸.

Alguns membros da academia olharam para eles, e continuaram olhando fixamente. Jim e seus amigos não eram peso leves, mas eles eram desconhecidos, o que os colocava em qual inferno? Território.

—Eu estou procurando por um cara, — Jim disse tirando um flyer⁵⁹ com a foto de Isaac nele e espalhou no balcão de fórmica lascada. —Talvez você o tenha visto por aqui?

—Não, eu não vi, — o sujeito respondeu sem olhar para baixo. —Eu não vi ninguém.

Jim olhou ao redor. Muito mais olhos neles e muitos pesos pausando. Claramente, interrogar o velho homem não era um movimento esperto se ele não quisesse conseguir uma confusão.

—Certo. Obrigado.

—Nenhum problema. — O Herald retornou ao lugar.

Jim se virou e reabriu o retrato de Isaac. Quando ele foi para a porta, amaldiçoou. Este era o terceiro lugar que eles tentaram, e não conseguiram nada além de paredes de pedra.

—Hey. Eu o conheço.

Jim parou e olhou por cima de seu ombro. Um sujeito com uma camiseta do Corpo de Bombeiros de Boston veio até ele.

—Meu pai não gosta de se envolver. — O sujeito movimentou a cabeça para o flyer. —O que ele é seu?

—Meu irmão. — E isso não era uma mentira total. Eles eram relacionados em um modo visceral por causa do que ele e Isaac tinham sido em *Ops*, além disso, existia aquela coisa da dívida.

—Ele foi preso ontem à noite.

As sobrancelhas de Jim se juntaram.

—Que merda?

⁵⁷ **Bass** – é aquele colarinho branco (a espuma) que fica na cerveja, e Black&Tan um tipo de bebida aonde cerveja normal e preta são misturadas.

⁵⁸ **Boston Herald** – Famoso Jornal de Boston.

⁵⁹ **Flyer** – São aqueles panfletos com propagandas que são distribuídos para as pessoas.

—Vários de meus primos são policiais e eles invadiram um ringue de luta. Seu irmão é um assassino. A única razão pela qual alguém entrou no octo com ele foi pelo dinheiro alto, mas ele nunca perdeu. Nunca.

—Quanto tempo ele está na cidade?

—Eu só o vi lutar, tipo, três vezes. — Pronunciou chateado. —Escute, por aqui, se um bando de filhos da puta querem reunir-se e bater uns nos outros, nós os deixamos fazer isso. Mas você precisa manter isto honestamente, é por isso que eles foram invadidos. O promotor estava rejeitando os torneios com exceção dos que seu menino estava dentro.

Merda. Isaac no sistema não era uma boa coisa.

—Você tem o Herald?— O sujeito estendeu a mão para seu pai e tomou o jornal, examinando isto. —Aqui.

Jim leu o artigo rapidamente. Luta no submundo, *blah, blah, blah*.

Isaac Rothe? Espere, *ele estava com seu nome real?*

Falando em um alvo em seu peito: Matthias podia facilmente enviar alguém no sistema penal para acabar com o filho da puta.

—Se você quiser achar seu irmão. — O rosto do bombeiro cresceu calculando. —Eu posso dizer a você onde ele estará assim que ele sair.



Não mais de duas horas depois que Grier deixou seu cliente e foi ao juiz, ela estava atrás do volante de seu Audi A6 e presa no tráfego em torno do Boston Common. Felizmente, o trânsito melhorou em Chinatown e então ela estava fora no outro lado da Rua Tremont.

Parte de sua pressa era que ela, realmente, não tinha tempo para diversão. Tinha uma reunião com uma companhia da lista das cinquenta maiores a uma hora em seu escritório no Distrito Financeiro... e todos aqueles arranha-céus estavam, no momento, ficando menores em seu espelho retrovisor.

Mas ela precisava saber mais.

Que era a outra metade dela que evitava o motivo da pressa.

Enquanto ela se maldizia, preparou-se para que Daniel aparecesse e olhou para o banco de trás. Quando ele não apareceu, respirou fundo.

Ela realmente não precisava de um conselho metafísico no momento.

Daniel tinha morrido há dois anos e meio atrás e apareceu para ela pela primeira vez em um sonho na noite antes de seu enterro. Tinha sido um alívio vê-lo saudável e limpo e não sobre o efeito da heroína, e em seu sono, eles tinham sido capazes de conversar como antes do vício se abater sobre ele. O salto para a vida real aconteceu mais ou menos seis meses mais tarde. Uma manhã, ela tinha conversado com ele e seu alarme tocou. Sem pensar duas vezes sobre isto, ela o alcançou e silenciou a coisa só para perceber estava acordada e ele ainda estava com ela.

Daniel sorriu quando ela deu um pulo, ele estava orgulhoso de si mesmo. E então, com sua maneira descontraída, ele informou que ela não estava perdendo a cabeça. Havia, de fato, uma vida após a morte, e ele estava nela.

Levou algum tempo para se acostumar, mas dois anos mais tarde, ela não mais questionava seu periódico “oi-como-vai-você”, embora ela mantivesse suas visitas para ela mesma. Afinal, só porque não achava que fosse louca, isso não queria dizer que os outros poderiam concordar e quem precisava disto? Além disso, se ele fosse uma alucinação e ela estivesse se transformando em algo tipo — Uma Mente Brilhante⁶⁰ —, bem... isso funcionava para ela, então para inferno com os peritos em saúde mental: Ela sentia muita falta de Daniel e o tinha de volta de alguma maneira.

Se enfocando na parede em volta do passeio de tijolos que crescia de cada lado da Rua Tremont, ela procurou os números quando podia vê-los próximos das portas. Em algum nível, ela ainda não podia acreditar que conseguira a fiança de seu cliente, entretanto, sua falta de antecedentes e a superlotação no sistema geral, havia trabalhado a seu favor.

Sr. Rothe, por outro lado, nem se surpreendeu nem ficou contente quando ela disse a ele. Ele apenas pediu a ela de uma forma calma e cortês, para ir a seu apartamento e pegar vinte e cinco mil dólares em dinheiro, por que não existia ninguém a quem ele pudesse chamar para fazer aquele tipo de coisa.

Certo. Nenhum problema. Certo.

Porque a manipulação de dinheiro mal-conseguido não a faria um cúmplice ou ameaçava sua barra de status de qualquer forma.

Ela ainda estava pensando na situação quando diminuiu a velocidade em frente à uma casa de três andares divididos em apartamentos. Existia um longo trecho de proibido estacionar, naturalmente. Com uma maldição, ela rodou em torno do quarteirão um tempo, perguntando-se se ousaria estacionar em fila dupla, quando—aleluia—alguém saía do outro lado da rua. Levou um segundo e meio para fazer um volta ilegal e estacionar seu sedan no lugar. Não tinha um adesivo de estacionamento residencial, mas ela não iria demorar, e pelo menos não estava na frente de um hidrante.

Saindo, ela abotoou seu casaco de lã. Abril na Nova Inglaterra trazia do oceano trinta dias de vento amargo, molhado que gelava você até os ossos e deixava sempre descabelado. E isso não era o pior, existiam poças por todo lado até quando não chovia. Tudo na cidade parecia gotejar e como a cidade era como uma esponja que ultrapassava sua capacidade... os carros, os edifícios, as árvores delgadas, tudo absorvia a umidade do ar e canalizava para baixo fazendo o asfalto e concreto permanentemente úmidos embaixo de seus pés.

Definitivamente mais L.L. Bean que Louboutin⁶¹.

Em frente à porta da casa, ela observou atentamente um interfone dos anos 70 que tinha três pequenos botões. Por instruções de Isaac, ela deu um murro em um. Um momento depois, a campainha era atendida por uma mulher vestida em um traje afegão do tamanho de uma cama de

⁶⁰ **Uma Mente Brilhante** – É um filme baseado numa história real, onde Russell Crowe faz o papel de um gênio matemático que era atormentado por alucinações e delírios por ser esquizofrênico.

⁶¹ **L.L. Bean que Louboutin** – Dois famosos fabricantes de calçados.

folhas. O cabelo dela era dobrado em cachos da cor de uma abóbora de Halloween e havia um cigarro em seus dedos pintados da mão direita.

Evidentemente, sua aparência era semelhante à do interfone.

—Você é a garota de Isaac?

Grier esticou sua mão e não corrigiu a declaração. Fingir era melhor que dizer “advogada.”

— Eu sou Grier.

— Ele ligou pra cá. — A mulher andava atrás. —Disse que eu deixasse você entrar. Sabe, você não parece do tipo dele.

Uma imagem rápida do homem sentado tão mudo e mortal relampejou pela mente de Grier: por aquela teoria, o sujeito devia ter estado namorando uma Beretta.⁶²

—Os opostos se atraem,— ela disse enquanto examinava por sobre o ombro da proprietária. Abaixo no fim do corredor apertado, a escadaria apareceu ao longe como um farol espiritual, ao mesmo tempo aparente e inacessível.

—Bem...— A proprietária recostou contra seu desgastado papel de parede. —Existem opostos, tipo quando uma pessoa é um falador e a outra não é. E existem opostos. Como vocês se encontraram?

Como seu olhar curioso olhava fixamente o colar de ouro do Grier, ela ficou tentada a responder, — no sistema penal, — só para ver a que distância os olhos da mulher iriam se arregalar.

—Nós combinamos.

—Oh, tipo eHarmony⁶³?

—Justamente. — Os pontos principais de compatibilidade sendo sua necessidade de alguém com uma graduação em direito para conseguir a fiança e ela tendo um diploma de graduação de Harvard. —Você me levará ao apartamento dele agora?

—Você está com pressa. Sabe, minha irmã tentou o eHarmony. O sujeito com quem ela se encontrou era um maldito idiota.

Se não fosse ser um esforço danado levar a proprietária degraus acima, ela iria lançá-la sobre o ombro e a levaria para o terceiro andar. Porém, dez minutos de desvios de perguntas mais tarde, elas estavam finalmente na porta.

—Você sabe — a proprietária disse enquanto colocava suas chaves e destrancava a fechadura, — você deveria pensar sobre...

—Muito obrigada por sua ajuda, — Grier disse enquanto entrava e prendia a mulher no corredor.

Inclinada contra os painéis de madeira, ela respirou fundo e escutou os resmungos enfraquecerem a caminho do andar de baixo.

E então ela olhou ao redor... *Oh, Deus.*

O quarto estéril era tão murcho e solitário quanto um homem velho, provando que pobreza, exatamente como idade, era grande igualadora e que ela podia estar em qualquer moradia ou

⁶² *Beretta* – Uma marca de arma de fogo.

⁶³ *eHarmony.com* – é um site americano para encontro entre pessoas solteiras.

casa de droga ou edifício condenado em qualquer cidade em qualquer país: O velho chão de pinus tinha perdido todo brilho e estava arranhado, e o teto tinha manchas de água nos cantos que eram da cor de urina. Nenhuma mobília a vista, nenhuma mesa ou cadeira ou TV. Só um saco de dormir, um par de botas de combate e algumas roupas em pilhas bem dobradas.

O travesseiro de Isaac Rothe era nada mais que um suéter.

Como ela estava só dentro do apartamento, tudo que podia pensar era sobre o último lugar que seu irmão ficou. Pelo menos seu cliente estava limpo e não existiam agulhas hipodérmicas e colheres sujas em todos os lugares: Esta dispersão não parecia ser resultado da inclinação de um viciado.

Mas Senhor, ainda era ainda comovente lembrar onde o Daniel acabou. A sujeira... as baratas... a comida apodrecida...

Forçando a si mesma a se mover, ela entrou na cozinha e não ficou surpreendida por achar todos os armários, as gavetas e a geladeira vazios. O banheiro tinha uma navalha, creme de barbear, escova de dente, e sabão.

No quarto, que estava totalmente desocupado, ela entrou no armário e usou a lanterna em seu chaveiro para procurar do lado de dentro. O painel que Isaac descreveu era acima e à esquerda e ela conseguiu abri-lo sem dificuldade.

E sim, existia, de fato, uma sacola plástica do —Star Market — com vinte e cinco mil dólares em dinheiro escondido no espaço empoeirado entre a moldura de tábuas. Ou pelo menos uma coleção de notas soltas e pesadas como se fosse muito dinheiro...

Rangido.

Grier congelou.

Escutou rígida.

Olhou por cima do seu ombro, parou de respirar. Mas tudo que ela ouviu foi o batimento alto de seu coração.

Quando o silêncio persistiu, ela empurrou a mochila onde tinha estado antes, recolocou o painel e fechou o armário novamente, então foi até a janela do outro lado. O vidro era tão leitoso com a sujeira, não era possível alguém ver de fora, e ainda se sentia como se estivesse sendo vigiada...

Alguma coisa brilhou e ela se inclinou mais perto.

No topo da janela, um par de minúsculas placas de metal, tinha sido preso à pintura rachada, uma na armação outra sobre a folha. Havia outro jogo na parte inferior e as coisas pareciam ser feitas de cobre que havia sido revestido com um acabamento matte⁶⁴ de algum tipo. Se ela não tivesse chegado perto, nunca teria notado.

Grier voltou à sala, cozinha e banheiro, e encontrou a mesma coisa em cada janela. Em cima e em baixo, dois conjuntos. E as portas eram igualmente equipadas, todos eles, no interior e exterior.

Ela sabia exatamente o que as placas eram.

⁶⁴ **Matte** – Tipo de revestimento de parede fosco.

Sua multimilionária casa em Louisburg Square, em Beacon Hill tinha seus próprios caixilhos e batentes. Eles eram contatos de alarme de segurança.

Parada no centro do apartamento, sua mente corria através da matemática: beco de boliche, saco de dormir de quarenta dólares como cama, sem telefone... mas o lugar era seguro como um cofre de banco.

Tempo de procurar em volta.

Usando um pano macio com o qual ela limpava seus óculos de sol, passou por objetos pessoais de seu cliente, sem deixar impressões digitais para trás e encontrou o receptor do alarme nas dobras do saco de dormir. Bem como um par de pistolas de calibre quarenta e que foram equipadas com silenciadores e não tinha os números de série e uma faca de caça que estava bem usada, mas cruelmente afiada.

—Jesus... Cristo,— ela sussurrou, colocando tudo de volta exatamente como encontrou. Levantando da “cama”, foi até a cozinha. Sistemáticamente, passando de lugar por lugar, ela limpou suas impressões digitais e depois olhou debaixo da pia e atrás da geladeira. A próxima parada foi o banheiro, com as mãos trêmulas ela se livrou de todos os traços que poderia ter deixado para trás e também exibiu sua lanterna em cantos escuros.

Em sua névoa espasmódica de suspeita, ela estava bem consciente que estava violando a privacidade de seu cliente, mas o cão de caça dentro dela não conseguia parar de caçar, a frenética busca era como um músculo que não tinha sido utilizado e necessitava de exercício. Ela tinha feito isso tantas vezes, com os apartamentos e carros de Daniel, e pelo tempo que passou no apartamento de Isaac Rothe, sentia-se suada e vagamente enjoada de uma forma muito familiar.

Não tinha drogas, no entanto. Em lugar nenhum.

Voltando à sala, ela mediu as janelas novamente. Os vinte e cinco valiam toda a proteção... mas o sistema de segurança não tinha sido ativado. O que significava que ele era usado para notificar enquanto Isaac estivesse dormindo.

Em sua experiência, o único tipo de criminoso com acesso a este calibre de equipamento era um grande traficante de drogas ou um capo de alto nível da máfia. A emoção de seu cliente e a sua aparência física não combinava com nenhum desses perfis, normalmente, aqueles eram os homens mais velhos, nunca abaixo dos trinta anos que eram construídos como executores.

Havia outra explicação possível, no entanto.

Ela pegou se celular e discou um número que tinha usado muitas vezes no passado.

Quando a ligação foi atendida, ela respirou fundo, tão fundo como se estivesse pulando de um penhasco.

—Olá, Louie, como está o meu investigador particular favorito? ...Uau, isto é tão doce de sua parte... Uh-huh... Estou bem.

Mentirosa, mentirosa, grande mentirosa.

Enquanto os dois conversavam, ela voltou para o esconderijo do dinheiro e limpou a maçaneta da porta do armário com o seu quadrado de pano.

—Na verdade, de fato eu preciso de algo. Se você tiver algum tempo, eu tenho alguém que eu gostaria que você verificasse para mim, por favor?

Depois ela disse a Louie tudo o que sabia sobre seu cliente, que não era mais que um nome e uma data de nascimento e este endereço inconsequente, e desligou.

A questão era, *claro*, e agora?

Ela não tinha acreditado em Isaac Rothe quando ele disse que tinha dinheiro.

Então ela tinha pagado sua fiança.

Tinha sido sua única opção: O tribunal estava disposto a deixar seu cliente fora, mas os fiadores não iriam aceitar o caso. Muito risco de fuga.

O que sugeriu que o juiz poderia não ter estado muito bem da cabeça quando ele tomou sua decisão.

Oh, espere... ela pelo jeito estava na mesma situação.

Olhando ao redor do apartamento vazio, ela percebeu que seu cliente era tão permanente quanto um rascunho. Não havia nenhuma maneira de que ele ficasse até sua audiência. *Inferno*, ele provavelmente não ia estar aqui nem por um minuto, depois que fosse solto. Ele claramente tinha recursos, e suas coisas estavam em uma mochila portátil.

Ela congelou na porta.

Ainda bem que ela podia se dar ao luxo de perder 25 mil. O plano era apelar para a fé, para que ele confiasse nela e a deixasse ajudá-lo.

Mas isso, provavelmente, ia acabar por ser uma lição muito cara de não investir nas pessoas que você não conhecia e não devia confiar.

Capítulo 7

Era seis da tarde quando Isaac foi finalmente trazido por um guarda. Apesar de quanto tempo demorou a virem buscá-lo – e ele tinha a sensação de que o pessoal levava seu próprio doce tempo – o processo para sua libertação foi rápido e suave agora que eles tinham decidido deixá-lo sair. Algemas para serem abertas, por eles. Assinaturas para serem assinadas, por ele. Roupas para serem trocadas, por eles. Roupas trocadas, por ele. Carteira devolvida.

Tudo em que ele conseguia pensar era em sua advogada. Não conseguia acreditar que ela havia conseguido o pagamento da fiança.

Ou levava o dinheiro para ele.

Cara, ele estava em dívida com ela. Sem Grier Childe, ele não estaria à beira da liberdade que iria mantê-lo vivo. Ele não a via desde que veio dizer que foi bem sucedida com o juiz, mas era evidente que ela havia resolvido as coisas com seu dinheiro ou ele não estaria de volta em suas cuecas *boxers*.

A parte bloqueada do tribunal era separada do setor público por uma série de portas que o levaram pela sala onde ele tinha se encontrado com ela. A última série do “não-pense-ainda-sobre-isso” foi na central de processamento, onde ele foi revistado e fotografado.

Deus, ele podia sentir o perfume dela.

Com um clank, a trava de aço foi aberta e o guarda lhe deu um empurrão em lugar de “bon voyage”.

— Você precisa de uma carona?

Isaac parou imobilizado exatamente dentro da sala de espera. A Sra. Childe estava em pé no linóleo, parecendo que estava em uma festa e não na cadeia do condado: Seu cabelo estava com o mesmo coque, mas ela não usava mais um terninho. Estava usando um tipo de tubinho preto... bem como um par de meias finas pretas que o fazia engolir em seco para não gemer.

Que mulher ela era.

— Você precisa? — ela voltou a perguntar.

Sentindo-se como um Neandertal prestes a revirar os olhos, ele sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado, senhora.

Ela andou até a saída e abriu caminho para o lado de fora, parada de lado, com sua aparência de um milhão de dólares... e como se não tivesse nada melhor para fazer com o seu tempo do que vir abrir a porta para ele.

Isaac saiu da sala de espera e entrou em um hall que possuía apenas uma rampa de elevadores e uma saída de incêndio.

— Deixe-me te dar uma carona. — disse ela enquanto apertava o botão com a seta para baixo. — Eu sei onde você mora, lembra? E vai ser difícil você pegar um táxi na hora do rush.

Verdadeiro o suficiente. Além disso, só tinha cinco dólares com ele.

— Eu cuidarei disso.

— Exatamente. Ao deixar que eu o leve. Está frio e você não tem sequer um casaco, pelo amor de Deus.

Igualmente verdadeiro. Ele perdeu seu agasalho durante a confusão na qual foi algemado. Mas, como tudo a respeito dele, aquilo não era problema dela.

Quando ela se virou, como se a decisão tivesse sido tomada, ele olhou para os redemoinhos complicados em seu cabelo. Ele não podia ver nenhum grampo ou qualquer outra coisa, e ainda assim não parecia bagunçado.

Mágica, ele pensou.

Sem estar ciente disso, ele estendeu sua mão como se estivesse indo tocar a nuca dela. Segurou-se a tempo, no entanto.

E, se foi um momento depois, esquivando-se silenciosamente pela escada.

A qual dava para um largo aberto de layout quadrado.

Ele não fez barulho quando largou seu corpo sobre o corrimão e deixou-se cair dois andares para baixo, parando no momento exato e, em seguida, balançando seu tronco para cima e de um lado para outro. Ele aterrissou em uma silenciosa inclinação e não esperou nem um batimento cardíaco antes de tomar o último passo do conjunto de etapas e, de um salto, correu para a saída. Conforme ele se libertou no vento frio de Abril, ele espantou a sujeira dos fumantes da porta, antes de deixá-los na poeira.

Caindo em uma corrida, seu caminho o levou através de um labirinto escuro de edifícios e, em seguida, descendo pelas joalherias, bem como a *Macy's e Filene's Basement*⁶⁵.

⁶⁵ *Macy's e Filene's Basement* – lojas de departamentos.

A hora do rush significava que as ruas estavam cheias de trabalhadores, vomitados do Distrito Financeiro, todos eles enchendo o subsolo nas paradas de metrô ou correndo feito formigas pelo parque. Felizmente, havia menos tráfego a pé em Chinatown, apesar de ter mais carros – o que melhorava seu tempo.

Enquanto ele acelerava para sua casa, o esforço o ajudava com o fato de que ele não vestia nada além de uma camiseta regata, embora o ar frio e úmido mantivesse as contusões e o corte na testa latejando muito. Quando chegou à quadra onde ele morava, estava quase decepcionado por diminuir o ritmo, o exercício tinha sido bom para acalmar sua cabeça e manter as esquisitices de lado.

Aproximando-se do prédio de três andares por trás, ele acabou entrando e saindo pelos pátios rasos dos vizinhos e parou a cerca de nove metros da porta de trás. As luzes estavam acesas no dormitório da proprietária e no segundo andar, mas tudo estava apagado em seu andar.

Quando ele estava razoavelmente certo de que não fora seguido, se abaixou e pegou uma pedra. Parado nas sombras mirou e, em seguida, puxou para trás e lançou, recortando a cabeça pendente do bulbo careca sobre a coluna e, colocando a iluminação externa para dormir.

Isaac esperou, mantendo-se firme onde estava: a velocidade era muitas vezes sua amiga, mas não era sempre o caso. Às vezes, ir devagar era a única razão pela qual você acordava no dia seguinte.

Lá embaixo, uma sombra se levantou e passou de uma janela para outra, em seguida fez uma viagem de volta para a cintilação da televisão. Não era uma boa notícia, mas não era uma surpresa. A Sra. Mulcahy nunca deixava seu poleiro, exceto para buscar comida e ela era uma senhoria do tipo enfadonho, que o fazia considerar os benefícios dos bancos do parque. Naquela noite, porém, ela não era a razão pela qual ele estava escondido em sua própria casa. As chances eram condenadamente grandes de que, com seu nome no sistema penal, seu endereço tivesse sido descoberto pelos *Ops*, e isso significava que aquele local não era mais seguro.

Ele precisava entrar e sair de lá rapidamente.

Dez minutos depois, foi preciso entrar pela porta de trás. Chave na fechadura. Subindo como um fantasma pela escadaria.

E, no seu caminho para o andar de cima, ele evitava degraus que rangiam—o que eliminava três em cada quatro bastardos.

A porta de seu apartamento abriu sem um barulho porque ele tinha lubrificado as dobradiças no dia em que se mudou, e com um rápido giro da trava de segurança, ele se trancou por dentro. Uma rápida escutada disse a ele que não havia outros sons além da televisão abaixo, mas ele ficou onde estava por um minuto, só para ter certeza.

Quando havia algo que não estava no lugar ele podia sentir, então começou suas atividades.

Rápido como um raio era a velocidade. Um sussurrar tranquilo era a passagem.

Para fora da cozinha. Para dentro do quarto da frente.

Ele deu uma olhada em suas coisas e soube que Grier havia vasculhado por entre elas, o deslocar, na pilha de roupas, era tão sutil que somente ele perceberia, mas o sistema de dobrar as roupas que ele desenvolveu tinha sido concebido exatamente para essa finalidade.

Ele vestiu o suéter que usava como travesseiro, guardou as suas duas armas calibre quarenta dentro dos largos bolsos frontais e trocou seus sapatos pelas botas de combate. Munição, faca de caça e seu telefone celular entraram em suas calças e, em seguida, ele vestiu sobre seu blusão um casaco preto que era tudo o que ele tinha, era um sobretudo.

Desceu para o quarto. Dentro do armário.

Havia vinte e sete mil, oitocentos e cinquenta e três dólares em sua reserva, então ele teria alguma coisa com o que ir embora depois do pagamento da fiança.

Ele puxou para fora o painel e chegou até...

— Foda!

Não precisava abrir a sacola do *Star Market*⁶⁶ e contar, só pelo peso, ele sabia que Grier não tirou nem mesmo um dólar dos rolos de cem ou de vinte ou dos trocados separados.

Mas ela esteve ali, Matthias teria levado as armas para torná-lo menos perigoso. E, esperado nos arredores para meter um tiro em sua cabeça. *Merda...* a porcaria da caixa intacta, significava que houve um fiador envolvido... ou ela pagou sua fiança com seu próprio dinheiro. E, quando ele foi processado, não foi revelada sobre uma terceira parte disponibilizada dos *benjamins*⁶⁷. Então, ela deve ter pago.

Maldição.

De volta a ação, ele pegou a sacola e recolocou à parte do revestimento. Então foi ao redor das janelas e portas, retirando os receptores com a sua faca e colocando as placas de metal em seus bolsos. Não mais do que três minutos depois, ele saiu do mesmo jeito que veio: pelos fundos e quieto como fumaça.

As cinco centenas de dólares que ele deixou sobre o balcão da cozinha teriam que cobrir o fato de que ele estava quebrando seu contrato de aluguel, e a sra. Mulcahy teria que descobrir por si mesma que ele havia partido quando não houvesse nenhum sinal dele depois de alguns dias.

Quanto menos contato com ele, mais segura ela estaria.

O mesmo em relação a sua advogada.

Maldita fosse.

Lá embaixo, no quintal, os sentidos de Isaac estavam aguçados quando ele espreitou ao redor da lateral do apartamento e voltou a correr. Ele não desacelerou o ritmo até estar a alguns quilômetros de distância.

Esquivando-se em um beco, a chamada que ele fez foi respondida no segundo toque.

— Sim.

— É Rothe.

O promotor de lutas inflamou-se imediatamente.

— Jesus Cristo, eu ouvi que você estava na cadeia. Ouça, eu não posso pagar sua fiança...

— Estou fora. Nós estamos lutando essa noite?

— Merda, sim! Nós teríamos que mudar daquele lugar de qualquer maneira. Isso é incrível.

Como você pulou fora?

⁶⁶ *Star Market* – supermercado.

⁶⁷ *Benjamins* – referência às notas de cem dólares.

— Qual é o endereço e como faço para chegar aí?

O local ficava a cerca de nove quilômetros de distância em uma vila chamada Malden, o que fazia sentido, os policiais do *Southie* obviamente estavam fartos de ter lutas em seu território. E como o promotor não havia sido pego era um mistério. A menos, é claro, que tivesse sido ele a dar a dica e sair a tempo.

Você nunca sabia com pessoas como aquele sujeito.

Depois que Isaac desligou, seu próximo passo foi encontrar um ponto de ônibus com roteiro. Quando o monólito de dez rodas parou no ponto, ele embarcou e sentou-se junto à janela da saída de emergência.

Conforme ele olhava para os apartamentos, escritórios e edifícios pelos quais passava, queria gritar.

Estava saindo da *Ops* porque ele havia encontrado sua consciência, e isso significava que não podia partir com Grier o tendo coberto a esse ponto. Ela parecia muito rica, mas vinte e cinco das grandes era um monte de dinheiro, não importa o quanto você fosse digno. *Inferno*, ele não se sentiria confortável mesmo se fosse um agiota anônimo a engolir essa conta. Mas aquela mulher elegante para qual ele mentiu? E enviou em uma missão suja?

Não. Ele não estava disposto a deixá-la em apuros.

E não é que isso simplesmente complicava tudo?



Duas horas depois que ela saiu da prisão sem o seu cliente ou qualquer ideia de onde ele teria ido, Grier estava no meio de um baile cheio de pessoas que eram, com certeza, parte de sua tribo. Todos eram antigos milionários de Boston e compartilhavam a ascendência em comum de *Mayflower*⁶⁸.

Que Deus os ajudasse, mas alguns destes sangues-azuis tinham idade suficiente para terem estado em pessoa no barco. Sua cabeça não estava naquele baile no *Four Seasons*⁶⁹, entretanto. Ou no homem na frente dela que estava falando sobre... Para que era aquela festa? Para o MFA⁷⁰ ou o ballet?

Ela fitou os cartazes que foram criados. Reproduções de *Degas*⁷¹. O que necessariamente não ajudaria a responder: Todas aquelas saias frisadas cabiam nas duas categorias.

Enquanto o gravata borboleta na frente dela mantinha a conversa, ela não estava acompanhando. Sua cabeça estava presa, provavelmente, naquele corredor do tribunal... quando ela se virou nos elevadores e se viu sozinha.

⁶⁸ **Mayflower** – referência ao barco que trouxe os primeiros peregrinos.

⁶⁹ **Four Seasons** – rede famosa de hotéis de luxo.

⁷⁰ **MFA** – Museu de Belas Artes, em Boston.

⁷¹ **Degas (Edgar Degas)** – famoso pintor e escultor francês do século XIX.

Não escutou de forma alguma o movimento de Isaac, muito menos sua partida. Em um momento ele estava atrás dela, no momento seguinte não havia nada além do ar onde ele esteve. Como alguém daquele tamanho poderia desaparecer daquele jeito, era surpreendente.

É claro que não precisava ser um gênio para descobrir que ele tinha ido pela escada, então ela atravessou pela porta corta-fogo depois dele, tirando fora seus saltos e correndo para baixo de meias. Ela percorreu todo o caminho até o final das escadas empurrando a porta de saída, e tinha olhado para um sujeito que estava acendendo um cigarro. Quando ela perguntou se ele vira um homem grande saindo, ele apenas sacudiu os ombros, soprando uma nuvem branca leitosa no ar, e saiu andando.

Depois de colocar seus sapatos de salto *stiletto*s de volta, ela foi para a garagem subterrânea, pegou seu carro e dirigiu até o apartamento de seu cliente novamente. Não havia nenhuma luz lá em cima, mas ela não esperava que tivesse alguma. O último lugar que alguém em fuga iria, seria no endereço que havia dado à polícia.

Ela sabia que seu cliente era um risco de fuga. O que ela não esperava era que ele fosse como fumaça exalada na brisa, desaparecesse tão rápido como havia aparecido.

Voltando ao presente, Grier colocou seu *chardonnay*⁷² quente na bandeja de um garçom que estava passando, no mesmo minuto em que seu telefone começou a vibrar contra o seu quadril.

Pedindo licença, ela desceu pelo corredor.

— Alô?

— Ei, Srta. Childe. Como vai?

— Agoniada esperando sua ligação, Louie, é assim que estou.

— Oh, agora estou aqui, docinho, bem aqui. Você é uma boa mulher. — Louie saiu da rotina afável e caiu na de negócios. — Você não vai gostar do que eu tenho para te dizer.

Por que eu não estou surpresa? – ela pensou.

— Vamos nessa, então.

— Ele é um fantasma.

Sem desacordo ali. Ainda assim, considerando que ela esteve conversando com seu irmão morto recentemente, os fantasmas podiam ser reais.

— Ele parecia bem corpóreo para mim quando eu estava sentada à mesa com ele.

— Bem, o Isaac Rothe que eu fui capaz de localizar morreu a cerca de cinco anos atrás. Lá no Mississippi. Ele foi encontrado morto em uma vala em uma fazenda de gado, e tinha dezenove anos na época. Os artigos de jornal que eu li, diziam que ele estava deformado além da possibilidade de reconhecimento, mas a foto dele enquanto vivo que correu com o atestado de óbito tem rosto da foto tirada na delegacia de polícia ontem à noite. É o mesmo sujeito.

— Jesus...

— Não é por nada, mas o abandono de trabalho na época era caro e dispendioso. Quero dizer, para ele ter durado tanto tempo disfarçado? Claro, você pode fazer isto, este é um país grande e tudo mais mas você tem que tomar cuidado porque há um monte de centrais de banco de dados. Ele não vem utilizando o seu número de seguro social que é diferente daquele com o

⁷² *Chardonnay* – uva da qual é produzido vinho branco e champagne de qualidade.

nome original, então isso poderia fazer parte de como ele permaneceu desaparecido. Mas, minha sensação é de que ele sabe o que está fazendo. E, ele tem algum apoio importante.

— Que tipo de apoio importante?

— Eu darei a você duas iniciais: U e S.

— Sobrenome “governo”?

— Eu diria *Uncle Sam*⁷³, mas sim, isso se encaixa.

— Eu não entendo, porém. Se ele queria ficar escondido, por que manteve seu nome verdadeiro? Quando você compra um novo seguro social, normalmente ele vem com um nome e sobrenome diferente, não é?

— Você teria que perguntar a eles sobre os porquês. Mas a primeira coisa que vem na minha cabeça é que ele não esperava ser encontrado nunca. E, eu vou te dizer isso... Eu ficaria atento ao redor dele. Aquele corpo naquela valeta do Mississippi não chegou lá por acaso. Eu apostaria meus honorários no fato de que alguém matou um menino branco, que parecia bastante com ele para ficar em um caixão fechado e adivinhe: o seu cliente ainda está respirando. Dessa forma, aquele filho da puta pode ser um assassino.

Grier fechou os olhos. *Grande*. Isto estava ficando cada vez melhor: Ela não só socorreu um risco de fuga, que fugiu, mas um homem que podia ter matado alguém e forjado sua própria morte. *Educado e gentil uma merda*, ela pensou, imaginando como diabos, alguém como ela, que passou na décima nona posição *summa cum laude*⁷⁴, foi tão estúpida.

Naquele momento, a multidão se afastou para revelar Daniel em um smoking parado ao lado de um daqueles Degas. Enquanto ele erguia um brinde para ela com a taça de champanhe, seu belo rosto parecia trazer gravado “eu-te-disse”.

O filho da puta morto marcara um ponto. Mesmo que tivesse passado dois anos, ela ainda estaria realizando uma espécie de *CPR*⁷⁵ nele: Desesperada para trazê-lo de volta à vida real, ela foi apanhada em dramas de outras pessoas, aquela vontade de entrar e ajudar era, por vezes, a única coisa que a manteve em seu caminho.

— Você está bem aí, garota?

Ela agarrou seu telefone celular com mais força e imaginou o que o informante diria se soubesse que ela estava olhando para os olhos, que tudo sabiam, de seu falecido irmão.

— Não realmente, Louie.

— Ele enganou você?

— Eu enganei a mim mesma.

— Bem, eu tenho outra informação para você, embora já não tenha mais certeza de que quero lhe dar. Parece que você já está afundada nisso mais do que devia.

Abraçando a si mesma, ela murmurou:

— Diga-me. Eu posso muito bem saber tudo sobre isso.

⁷³ *Uncle Sam* – Tio Sam – referência ao governo dos Estados Unidos.

⁷⁴ *Summa cum laude* – expressão que vem do latim e significa “com a maior das honras”.

⁷⁵ *CPR (cardiopulmonary resuscitation)* – Ressuscitação cardiopulmonar.

Capítulo 8

North Lawn, Heaven

Lá no alto, acima da Terra, no reino celestial, o arcanjo Nigel andava a passos largos em cima da grama verde cortada, mãos apertadas atrás das costas, cabisbaixo, olhos para frente. Seus tacos brancos de croquete⁷⁶ não tinham sido postos para uso adequado, seu fracasso em se concentrar tornava-o um péssimo competidor contra as prodigiosas habilidades do arcanjo Colin com um bastão.

De fato, as bolas do Nigel tinham estado rolando para cá e para lá, indo por todos os lugares exceto por baixo dos arcos. Eventualmente, ele desistiu da pretensão. Não havia como evitar que sua mente se ocupasse com o que o irritava tanto e se concentrasse no que estava fazendo, deste modo ele era inútil exceto para andar e resmungar.

Maldição, as regras precisavam ser seguidas. Era por isso que, em competições de inteligência e astúcia, havia um acordo sobre elas antes do jogo começar, assim não existiria nenhuma dúvida ou erros devido a má interpretação no meio do jogo. De fato, ele sempre acreditou que uma competição justa exigia duas coisas: Oponentes adequados e parâmetros bem definidos.

E neste caso em particular, isto é, o do futuro da humanidade, o primeiro critério foi conseguido bastante bem. O seu lado e o da demônio Devina eram iguais em forças, debilidades, e concentração.

Muito particularmente na parte da concentração, ambos os "times" sabiam bem o que estava em jogo: Todo o futuro do mundo abaixo estava em jogo, a paciência do grande Criador tinha sido colocada à prova por demasiado tempo, pelo inconclusivo conflito entre o bem e o mal no planeta. Apenas algumas semanas atrás, foi declarado do alto que existiria sete oportunidades finais para prevalecer e com uma maioria simples, o domínio seria conquistado não só no mundo físico mas nos céus bucólicos e as profundidades ígneas do Inferno.

Nigel estava encarregado do lado "bom". Devina capitaneou o "mau".

E aquela inconveniente demônio estava trapaceando.

As regras do jogo permitiam que Nigel e Devina escolhessem as almas "em jogo" e então sentassem e assistissem a Jim Heron interagir e guiar o curso dos eventos cujo resultado era, ou redenção ou a condenação.

Sete chances. E a primeira tinha sido resolvida a favor de Nigel.

As próximas seis eram para serem conduzidos na arena verdadeira. E no decorrer dos eventos, Nigel e Devina tinham permissão para certa quantia de "treinamento": Como Nigel ganhou o lance da moeda, então ele teve permissão para abordar Jim primeiro e para igualdade ser preservada, Devina tinha estado igualmente permitida a interagir com o homem. Mas agora eles deveriam ficar fora do campo, nos bastidores, a maior parte do tempo, com a interação limitada a um ocasional intervalo e ao resumo de fim-de-partida para o lado ganhador.

⁷⁶ O *croquet* ou *cróquete* – é um jogo de recreação que constitui em golpear bolas através de arcos encaixados no campo de jogo.

Devina, porém, estava lá embaixo. Lá embaixo e fodendo tudo.

—Você também interferiu.

Nigel parou, mas não se voltou para enfrentar Colin.

—Meu querido menino, vá se foder.

A risada do Colin foi profunda e sem sarcasmo.

—Ah, aí está o rapaz que nós conhecemos e amamos. Eu estava me perguntando onde tinha ido, dado ao mal que jogava.

Mantendo suas costas para seu melhor companheiro, Nigel olhou fixamente através do gramado para as paredes do alto castelo de Manse of Souls. Além da vasta fortificação de pedra, em uma mansão infinita de acabamento refinado e apetrechos de lazer, estavam as luzes-vitalícias daqueles que provaram a sua natureza boa durante seu tempo na Terra.

Se os anjos não prevalecessem, todos aqueles que tanto mereciam o que agora tinham, seriam perdidos para as covas do Inferno. Como seria tudo, incluindo ele mesmo e os seus três associados.

—Adrian e Edward não estavam nas regras — Colin assinalou.

—Eles recebem a orientação dele. O que é muito diferente do que ela está fazendo.

—Certo. Mas nós não estamos sem representantes lá embaixo.

—Ela está brincando com os princípios do conflito.

—E você está verdadeiramente surpreso?— O tom de Colin, sempre afiado, virou mortal. — Nós lutamos com ela muito tempo para estarmos desavisados da sua duplicidade. O que talvez seja porque o Criador permite que você persista com nossos dois emissários.

—Talvez o Criador, também deseja que nós ganhemos.

Nigel forçou-se a começar a caminhar novamente, e seus olhos não deixavam a ponte sobre o fosso e a entrada robusta de Manse of Souls. A visão do portal volumoso, fechado, para o qual apenas ele tinha a chave metafísica, o tranquilizou, mas não por uma boa razão. As almas estariam seguras só se esta competição fosse ganha.

—Você vai agir novamente?— Colin perguntou à medida que eles deram um salto por cima do gramado aproximando-se da mesa em que o chá tinha sido servido.

—Como posso?

—Você está disposto a correr o risco de perder só para ser honesto?

Nigel acenou para Bertie e Byron, que estavam acomodados a certa distância antes do bule de chá e do carrossel de sanduíches minúsculos. Como era adequado, não se aproximaram nem participaram, e eles não iriam enquanto não fossem adicionadas outras duas cadeiras à mesa. Enquanto isso, Tarquin, o amado cão de caça irlandês de Bertie, estava enrolado ao lado do arcanjo, a grande besta que olhava fixamente para Colin e Nigel, seus olhos sábios, tranquilos, não deixavam passar nada.

Nigel mexeu na sua gravata.

—A vitória e a decepção são incompatíveis. E Adrian e Edward foram ideia de vocês. Eu não sei por que eu estou permitindo isto.

Colin amaldiçoou com sua entonação aristocrática adicionando cantos precisos às palavras

impertinentes.

—Maldição, você sabe muito bem que nós não temos uma maldita chance a menos que nós contornemos as regras também. É por isso que você está consentindo.

A forma de Nigel responder não foi mais que um quieto som tossido, seu sinal de que a conversa estava terminada. E seguindo a sua liderança, os dois foram para a mesa que foi organizada segundo a sua vontade e desapareceria da mesma maneira.

Nigel, como com os outros, não viviam nem respiravam; eles simplesmente existiam. E com a comida era a mesma coisa, nem necessária, nem existente como era a paisagem e tudo mais que os quatro fizeram para passar a eternidade. Mas os ornamentos de uma vida graciosa tinham valor. Realmente, o quarto que ele compartilhava com Colin estava bem abastecido e suas curtas estadias não eram pela necessidade de dormir, mas para um recarregar de outra maneira.

A guerra era esgotante, seus fardos intermináveis, e às vezes, precisavam de alívio físico.

À medida que Nigel tomou seu lugar à mesa, ele puxou sua força sobre ele e reassumiu o manto de liderança, enquanto Byron sorria abundantemente. Na frente dos outros dois, ele era sempre o que tinha de ser. Colin, porém, era diferente, embora só quando estavam sozinhos.

Nunca quando havia outros presentes.

Enquanto ele erguia a sua fina xícara de porcelana de seu pires, o vapor perfumado do Earl Grey⁷⁷ fluía em seu nariz, e ele estava preocupado debaixo de seu exterior tranquilo. Eles não podiam arriscar perder nem ao menos uma destas competições, mas um cavalheiro não joga sujo.

Ele tinha seus padrões de “homem-do-jogo”.

Maldição.

Capítulo 9

Fora, em Malden, subúrbio de Boston, Jim, Adrian e Eddie eram nada mais que sombras nas densas trevas enquanto se aproximavam de um conjunto de escritórios semi-acabado. A estrutura fazia parte de um grande empreendimento abandonado que tinha cerca de quinze ou mais prédios... e nem um único deles estava em uso ou mesmo concluído. O que sugeria que o financiador/proprietário estava com sua conta bancária sangrando mortalmente.

Assumindo que já não tivesse se livrado da papelada e pulado em um grave processo de liquidação.

A unidade que tinham vindo ver, tinha um círculo de relva que cortava a devastada floresta na parte de trás, e os três ficaram entre as árvores, enquanto vigiavam o layout: o esqueleto de cinco andares de altura estava acima e era selado com janelas de vidro na cor de ameixa, mas não havia luzes acesas e nada mais que terra batida no estacionamento na parte de trás.

O lugar estava completamente abandonado.

Bem, por visitantes legais, isso sim.

⁷⁷ **Earl Grey** – É um tipo de chá com aroma e sabor característicos muito apreciados, devido à adição de um óleo extraído da casca de um tipo de laranja chamada **bergamota**, que se cresce em árvores da Itália.

Os invasores ilegais estavam afluindo, seus carros e caminhões formavam uma fila surpreendentemente ordenada, não muito longe de onde Jim e seus rapazes estavam. Parecia que a informação daquele bombeiro lá na academia era consistente.

— Você sabe— disse Adrian — eu poderia entrar no ringue. Dar alguns socos. Talvez em um ser humano ou dois.

Jim balançou a cabeça.

— Não acho que precisemos disto agora.

— Em uma vida anterior, você era um par de freios?

— Tente uma parede de tijolos. Venham, vamos mais para perto.

Misturando-se entre os outros homens que se dirigiam para a entrada dos fundos, Jim procurou por Isaac, no improvável evento de que o rapaz tivesse saído da cadeia e ainda quisesse lutar. Mas, mais significativamente, manteve os olhos abertos para alguém que se parecesse com um soldado, duro, cabeça estreita, e capaz de começar e concluir um trabalho ao invés de atuar como espectador.

Era ele quem deveria matar Isaac.

Da forma como a equipe da *Ops* atuava, seria alguém com quem ambos já tivessem trabalhado: Dado a quantidade de seleções e treinamentos e preparação de fundamentos que tiveram que passar para entrar na equipe, havia um conjunto limitado de indivíduos que poderiam fazer isto e os novos recrutas levavam anos para se desenvolver. Jim tinha saído apenas a cerca de seis meses, mas ia reconhecer o assassino.

E também iria Isaac.

— Vocês entrem— ele disse aos seus meninos, enquanto chegavam até uma porta aberta apoiada por um bloco de concreto. — Vou ficar aqui. Me avisem se virem Rothe.

Mas apostaria que não o encontrariam. Se o soldado estivesse aqui, estaria escondido em algum lugar e fora de vista até que quisesse aparecer. Afinal, não era preciso ser um gênio para perceber que ser preso pela polícia era equivalente a pendurar uma bandeira vermelha em sua bunda.

Razão pela qual, em alguns aspectos, interceptar o assassino era ainda mais importante do que chocar-se com Isaac.

Enquanto Eddie e Ad escorregavam pela porta corta-fogo, Jim regressava a fim de abrigar-se junto ao edifício. O que era mais força do hábito do que necessidade, uma vez que ninguém podia vê-lo.

Outro benefício de ser um anjo: Podia escolher quando estar visível para os mortais.

Acendendo um cigarro Marlboro que mantinha oculto em sua jaqueta de couro e em suas botas, seguiu com os olhos a multidão enquanto a mesma adentrava. A galeria desta noite estava lotada de assunto-padrão: muitos bebedores de cerveja do time júnior do colégio que, daqui cinco anos, seriam campeões estaduais. Bonés dos Patriots e Red Sox⁷⁸. Duplas em blusas de moletom do colégio de Chelmsford⁷⁹.

⁷⁸ **Red Sox** – Times da liga americana de beisebol.

⁷⁹ **Chelmsford** – É uma cidade no condado de Essex, no leste da Inglaterra.

Quando o fluxo tornou-se apenas um fio, estava pronto para amaldiçoar. Talvez devesse ter se infiltrado na prisão, embora, no mínimo, teria sido complicado. Olhos demais, e mesmo que pudesse retirá-lo de lá, e se tivesse que matar ou salvar alguém? Teria feito qualquer audiência parecer esquizoide e, provavelmente, apareceria em um artigo "Aliens Existem!" no *National Enquirer*⁸⁰.

Um homem solitário surgiu a partir do círculo de árvores. Era enorme e o casaco preto que usava não fazia absolutamente nada para diminuir o tamanho dos ombros. Enquanto se aproximava, andava como o soldado que tinha sido treinado para ser, balançando seu olhar ao redor e mantendo as duas mãos em seus bolsos segurando talvez uma, ou provavelmente duas armas.

— Olá, Isaac... — Assim que o nome saiu de seus lábios, Jim foi atingido por um puxão poderoso e inescapável que fez do homem não apenas um alvo, mas um destino.

O plano original tinha sido o de encontrar o cara e jogá-lo em um avião para fora do país com alguns recursos, apenas para ajudá-lo em seu caminho. Agora, porém, percebeu que precisava fazer mais do que isso.

Galgando a mudança do mar para ver Rothe pela primeira vez desde aquela noite no deserto, Jim não correu até o cara ou gritou seu nome ou fez nada que pudesse assustar o filho da puta. Em vez disso, convocou a iluminação para si mesmo, chamando-o para fora da escuridão agitando as moléculas em torno de seu corpo.

Certificou-se de que suas mãos estivessem para cima e as palmas estivessem vazias. E em que Isaac fosse o único que o visse. A cabeça de Isaac virou-se ao redor. E uma arma de aparência desagradável surgiu de dentro do casaco. Jim não se mexeu e apenas balançou a cabeça, o sinal universal para: não estou aqui para acertar seu rabo.

Quando Isaac finalmente encaminhou-se para frente, não se arriscou. Assim que se aproximou mais, outra arma saiu de um bolso ficando discretamente pendurada ao lado. Ambas as armas tinham silenciadores e misturavam-se com a calça preta.

Por um momento, os dois apenas se encararam, um ao outro como um par de idiotas, e Jim teve um impulso absurdo de abraçar o filho da puta, embora desistisse rápido. Um, não havia nenhuma razão para ser um idiota. E dois, se o fosse seria provável que o baleasse à queima-roupa: Os soldados da *Ops* não faziam isso, a menos que planejassem matar alguém.

— Ei— disse Jim aproximando-se.

Isaac pigarreou. Duas vezes.

— O que você está fazendo aqui?

— Estou só de passagem. Pensei em levá-lo para jantar.

Isaac deu um sorriso lento, do tipo que cheirava a passado.

— Retribuição?

— Sim. — Os olhos de Jim traçaram pela parte de trás e viu apenas alguns vagabundos. — Poderia chamar assim.

⁸⁰ **National Enquirer** – O "National Enquirer" (ou simplesmente o inquiridor) é um jornal americano, um tablóide publicado pelo American Media Inc. (AMI). A publicação foi fundada em 1926 como *The New York Enquirer*.

— Pensei que você estivesse fora.

— Eu estou.

— Então... —Quando Jim não respondeu imediatamente, os olhos glaciais do homem se arregalaram, astutos. — Ele te enviou para me matar. Não foi?

— Eu precisava de um favor e era caro.

— Então por que estamos conversando?

— Eu não recebo mais ordens de Matthias.

Isaac fez uma careta.

— Burro estúpido. Ele vai caçá-lo agora também. A menos que você exploda minha cabeça aqui e agora.

Jim colocou o cigarro entre os dentes e levantou suas palmas.

— Estou desarmado. Vire-as para lá.

Foi inteiramente surpreendente quando Isaac desapareceu com uma de suas armas, e com a mão livre, fez uma rápida revisão do território de Jim.

O franzir da testa que Isaac esboçou era ainda mais duro.

— Que diabos você está pensando?

— Agora? Oh... vamos ver... que você não deveria estar lutando lá, para começar. Afinal, estou supondo que você não está aqui como parte da pipoca e membros fixos. Em vez disso, quero que você venha comigo e deixe-me ajudá-lo a sair do país em segurança.

A voz de Isaac parecia antiga quando sacudiu a cabeça.

— Você sabe que não posso confiar em você. Me desculpe homem. Mas não posso.

Inferno fodido.

Pensamentos à parte, porém, não podia criticar o raciocínio: Na *Ops*, mesmo quando você estava em missões com seus companheiros, era cada um por si. Ceder? Se fosse inteligente, não iria colocar sua vida ou sua fé nem nas mãos de sua mãe.

Jim deu uma tragada e focou o rosto do outro homem, sentindo que a unidade de gravação em seu peito ficava mais quente. Difícil de explicar o "porquê" do mesmo... mas não podia ir embora agora que tinha encontrado Isaac. Mesmo que comprometesse sua batalha com Devina. Mesmo que Isaac não quisesse sua ajuda. Mesmo que se colocasse em perigo.

Isaac Rothe tinha de ser salvo.

— Sinto muito— ouviu-se dizer. — Mas preciso ajudá-lo. E você vai me deixar.

Os olhos do outro homem estreitaram-se até ficarem como fendas.

— Como é?

Jim olhou para a porta. Adrian e Eddie tinham reaparecido e... os dois estavam olhando como se fosse isso que deveria ter acontecido. Como se já soubessem que Isaac iria aparecer ali. E Jim falaria com o homem. E...

Em uma rápida inclinação de cabeça, Jim considerou o céu escuro, e pensou sobre a maneira como sua primeira missão tinha sido: não há coincidências em qualquer cadeia de eventos. Todos e tudo que encontrou ajudaram em sua tarefa. E *puxa*, não era tão difícil imaginar porque Matthias estava jogando na equipe de Devina. O homem fazia o mal onde quer que fosse,

cometendo atos de violência e mentiras que tinham afetado o mundo em uma escala global, bem como alteraram a vida privada para sempre.

Jim focalizou novamente Isaac. Talvez estar tão comprometido com este maldito soldado desertor não fosse apenas uma página do seu passado... *Inferno*, Nigel, seu novo chefe, não era nem um pouco descontraído e ainda o arcanjo não tinha se incomodado com isso, no instante em que Jim anunciou que devia seguir Isaac: não é o tipo de coisa que você faz, se fosse o capitão da equipe, se seu zagueiro começasse a correr para a sua própria linha de meta.

Exatamente o tipo de coisa que você faz, se o menino estivesse exatamente onde você queria.

Putá merda... Isaac era a sua próxima missão.

Cara, *que merda*, aquela história de seu próprio corpo na funerária seria um golpe de gênio.

— Você vai precisar de mim— declarou.

— Posso cuidar de mim mesmo.

Quando Isaac ia sair, Jim agarrou seu braço.

— Você sabe que não pode fazer isso sozinho. Não seja um imbecil.

Passou-se um longo momento.

— O que você está pensando, Jim? — Os olhos claros do homem estavam assombrados. — Você saiu. Estava livre. Foi o único que conseguiu. Por que iria voltar para o inferno?

Jim só revelou, logicamente, alguma coisa em que o outro homem podia acreditar e que também era a verdade, só não a única.

— Eu lhe devo. Você sabe disso. Devo-lhe por aquela noite.



Jim Heron estava exatamente como Isaac se lembrava dele: grande, alto, e na cabeça nada mais que negócios. Os olhos azuis eram os mesmos, os cabelos loiros ainda usados soltos, o rosto estava barbeado, como sempre. Ele até tinha um Marlboro queimando tranquilamente em sua mão.

Mas havia algo um pouco diferente, algum tipo de vibração que era nova... distinta, embora não de uma maneira ruim. Talvez o sortudo tivesse realmente aprendido a dormir à noite, ao invés de sempre manter uma arma na mão e acordar a cada som.

Deus, quando ouviu que Heron tinha pulado fora da *Ops*, nunca esperava vê-lo novamente ou porque Matthias repensasse a dispensa do soldado e colocasse uma bala em seu tanque, ou porque achasse que Jim tinha, sabiamente, ficado longe de qualquer um e qualquer coisa que tivesse a ver com sua antiga vida.

E ainda assim, lá estava ele.

Quando Isaac olhou nos olhos do rapaz, encontrou-se acreditando, tanto quanto podia, que Heron veio para ajudar por causa da dívida criada na terra da areia e do sol. Além disso, se o quisesse morto, isso teria acontecido muito antes que qualquer conversa tivesse rolado.

— Se eu tivesse vindo para te matar— Jim murmurou — você já estaria no chão.

Bingo.

— Tudo bem— disse Isaac. — Você segura esta merda, enquanto eu luto. Podemos começar por aí.

Bem, Jim não ia gritar em sua cara que o outro fosse se ferrar.

— Você não pode entrar no ringue. Entre o flyer que vi e sua prisão, você até pode ter um rastreador GPS enfiado em seu rabo.

— Preciso do dinheiro.

— Eu tenho dinheiro.

Isaac olhou para a saída e percebeu que havia dois grandes homens pendurados na porta. Quando levantaram as mãos em saudação, perguntou: — Eles estão com você?

Jim pareceu surpreso.

— Ah, sim. Eles estão.

— Está começando a sua própria equipe? Trabalhando como autônomo?

— Você poderia dizer isso. Mas estávamos falando sobre você e como você não irá lutar.

Parecia irritado com isso. Não ia enganar aquela advogada pelos vinte e cinco mil, e os dois mil dólares que sobrariam não iriam levá-lo para muito longe. E, apesar de Matthias poder enviar um cara ao ringue, que poderia matá-lo na frente de uma centena de testemunhas e ainda fazer com que parecesse um acidente, que escolha tinha ele? Não era um caso de caridade, aprendeu há muito tempo e não estava gostando de estar em dívida com Jim, mesmo que esta fosse apenas para resolver uma antiga.

Em dez minutos, poderia ganhar mais mil ou dois mil. E se conseguisse derrotar o segundo em comando de Matthias, o que tinha aparecido na noite passada? Isso realmente não importava. Desde o momento em que fugiu da equipe, o funeral estava esperando por ele, exceto que era como se fosse alguém com uma doença mortal: A cura para se ausentar sem licença era uma cadela, que provavelmente ia matá-lo, mas pelo menos estava lutando e se fosse morrer seria em seus próprios termos.

Ficar com a *Ops? Merda*, estava morto mesmo que tivesse batimento cardíaco. Estava tão vazio neste momento que poderia muito bem estar em sua sepultura.

— Vou lutar, —disse. —E te darei as minhas coisas para segurar enquanto estiver no octagon. Isso é toda a ajuda que vou aceitar esta noite.

Não havia razão para dizer ao cara o quanto de dinheiro estava na jaqueta. E Heron já sabia sobre as armas, mas claramente não se importava em usá-las.

— Este é um grande erro.

Isaac fez uma careta.

— Muita gente teria lhe dito para deixar Matthias no deserto para morrer, mas você o trouxe de volta porque tinha que fazer e não iria deixar que ninguém tentasse convencê-lo do contrário. Mesma coisa aqui. Ou fica a bordo ou sai do meu caminho.

Um palavrão. Em seguida, outro. Finalmente, Jim tornou a inalar pela última vez o cigarro e apagou-o com o fundo de sua bota de combate.

— Tudo bem. Mas vou interceder, estamos claros? Se você entrar no ringue com o idiota errado, acabarei com a luta.

— Por que diabos vocês estão fazendo isso? — Isaac disse com voz rouca. — Por que diabos você saiu para me encontrar e a Matthias naquela noite?

Memórias de dois anos atrás surgiam e Isaac voltou para o deserto, de volta ao momento em que o rádio tinha criptografado um grito e o pegou e ouviu a voz de Jim chamando.

Dez minutos foi o suficiente para fazer os arranjos: médico para sua barraca, transporte aéreo de espera, e um grupo de trauma ao longo da fronteira, boom, boom, boom. E então ele se sentou lá e esperou por cerca de um minuto e meio. O Land Rover que tinha encontrado tinha sido estacionado com as chaves dentro e Isaac tinha ido até o volante e saído voando. O que Jim não sabia era que, quando Matthias e ele o tinham deixado, Isaac tinha se pendurado para trás e viu a direção que tinham tomado.

Algo não parecia certo sobre a viagem para as dunas: ninguém ia a lugar algum sozinho com Matthias. Era como pedir a um paciente com ebola que tossisse em você. Fazendo grandes varreduras para fora do acampamento, encontrou-os uma hora depois, uns oito quilômetros⁸¹ de distância de onde começou: com seus óculos de visão noturna, deparou-se com algo que se movia lentamente através de uma ascensão, e considerando que trolls⁸² realmente não existiam, só podia supor que era um homem erguendo outro homem através da areia.

Enquanto ia dirigido até eles, pensou em como os desertos eram engraçados: como seu oposto, o mar, à noite se fundia ao céu a grande distância, e não foi até que teve um ponto de referência, como um arbusto ou um navio, ou uma ideia idiota com Jim salvador de merda, que teve a confirmação visual que a terra era redonda, de verdade, e não quadrada.

E que o céu não era o lugar onde estavam.

Havia viajado sem faróis e não ia ligá-los. Em vez disso, pegou uma camiseta branca e segurou a coisa para fora da janela, sabendo que Jim iria vê-lo e esperava que não achasse que era o inimigo. Tinha se armado como um batalhão de tanques, quando tinha deixado o acampamento. Enquanto Isaac tinha facilitado o impasse, ele tinha saído com as duas mãos totalmente visíveis e permitiu a Jim abordá-lo. O cara parecia esgotado, mas afinal, estava carregando o peso morto de Matthias em suas costas por, só Deus sabia, quantas milhas através da areia.

Não tinha sido surpresa quando Jim olhou para o brilhante cavaleiro, apesar da condição de seu chefe, que era claramente crítica. Apenas de passagem, Isaac tinha dito. Pensei em levá-lo para jantar. Com um tremor, voltou esta noite, aqui... Onde ele estava? Malden?

Sua voz tinha o mesmo esgotamento como quando Jim fez caminho de volta.

— Não se mate por minha causa, ok?

Jim murmurou algo que parecia como, “um pouco tarde para isso”. Mas, claramente, não tinham sido essas as palavras.

⁸¹ **Oito quilômetros** – Cerca de 5 milhas.

⁸² **Trolls** – são criaturas antropomórficas do folclore escandinavo. Poderiam ser tanto como gigantes horrendos - como ogros - ou como pequenas criaturas semelhantes a goblins(duendes). Viviam em cavernas ou grutas subterrâneas.

Forçando a cabeça a voltar para o jogo, Isaac deixou o passado e suas emoções no pó, mudando seu foco para o presente enquanto se virava e começava a caminhar em direção à entrada do edifício.

Quando entrou, Jim e os dois caras amigos estavam juntos a ele e ele tinha que saber porque Heron não estava usando um chapéu para esconder o rosto ou qualquer coisa para disfarçar quem era. *Estúpido filho da puta*. Estava livre... só pra voltar para dentro.

Louco. Maldito louco.

Mas ele tinha seus próprios problemas com que se preocupar, e Deus sabia, Jim era adulto e, portanto, podia ser um idiota quando se tratava de sua própria vida.

Enquanto Isaac acompanhava-o, o corredor traseiro do edifício abandonado era uma pista de obstáculos, graças a inúmeros baldes vazios e placas de gesso largadas, e mil garrafas de Mountain Dew⁸³ e Coca-Cola. Mas tinha se passado muito tempo desde que alguém tinha posto um dedo aqui, havia pó por todo o entulho.

Claramente, o dinheiro tinha acabado justamente quando as chaves de fenda e o macaco hidráulico tinham que vir: Fios elétricos desencapados serpenteavam através do teto, juntamente com dutos de aquecimento, ventilação e ar condicionado parcialmente concluídos e tubos de canalização. A iluminação vinha de lanternas a pilhas colocadas a cada metro e meio no chão, e o ar estava frio ao ponto de ser gelado. Pelo menos até que entraram no enorme lobby do lugar. Apesar do teto tipo catedral, os cerca de cinquenta rapazes em torno da área de luta no chão de concreto bruto, elevavam a temperatura graças ao calor do corpo.

Ficou claro porque este era um lugar perfeito para lutar: os arquitetos tinham planejado algum tipo de extravagância de vidro para a entrada da frente, mas como tantas outras, não tinha sido concluída. Em vez de painéis, havia folhas de madeira pregadas sobre as vigas.

Assim, a iluminação e a multidão estavam escondidas.

O octagon tinha sido criado no centro do espaço, e assim que Isaac adentrou entre a multidão, a torcida começou. Enquanto estranhos lhe davam tapas nas costas e felicitavam-no por sair da prisão, os telefones celulares penduravam-se em todos os tipos de orelhas, a rede indo até a cidade, com notícias de que ele estava bem para lutar, mesmo após o estouro.

O promotor apressou-se até ele.

— Santa fodição, ele já estão selvagens! Está o máximo!

Conversa fiada.

Isaac observou os rostos enquanto ia até o canto mais longe e se estabelecia para esperar. Quando Jim apareceu ao seu lado, viu-se dizendo: — Ontem à noite, um velho amigo nosso apareceu.

— Quem?

— E pelo que se sabe — Isaac disse severamente — Ele está de volta.

⁸³ **Mountain Dew** – É um refrigerante não-alcoólico, de característica cor verde-limão (diferenciando de outras bebidas), fabricada pela Pepsi nos Estados Unidos. O refrigerante é de sabor cítrico, bastante popular entre os americanos. Nota da Revisora Final = Por sinal já provei, e tem gosto de xarope, é horrível, rsrsrs.

Acima de onde os seguranças estavam levando o dinheiro das apostas e as taxas de luta, o número dois de Matthias estava tirando uma carteira de seu bolso. Quando o dinheiro mudou de mãos, o cara olhou e sorriu como um crocodilo.

Então apontou para o peito direito de Isaac.

— Você não vai entrar no ringue— Jim esbravejou, pisando na parte dianteira e bloqueando a linha de visão.

Isaac olhou por cima do largo ombro de Heron, para a direita, o rosto do homem que tinha sido enviado para matá-lo.

— Sim. Eu vou.

Capítulo 10

Passava das dez horas quando Grier estacionou seu Audi em Malden e desligou o motor. Teve que manobrar o sedan ao redor da terra batida de forma que ficou longe da maioria dos outros carros, mas não era como se o "estacionamento" tivesse qualquer saída, entrada ou espaços específicos.

Como tinha dirigido para o endereço que Louie tinha dado por telefone, não tinha certeza de que estava no lugar certo. A aglomeração de escritórios estava vazia, tanto quanto se podia dizer, uma dúzia ou o equivalente a cinco andares em espiral de um disco principal, como crianças de uma escola que se alinhavam para uma contagem. Evidentemente, o empreendimento tinha sido destinado para empresas de alta tecnologia, pelo menos de acordo com o cartaz que dizia PARQUE TECNOLÓGICO DE MALDEN. Em vez disso, era uma cidade fantasma.

Louie nunca tinha dado uma dica errada, embora, assim se virou e foi até os fundos... e encontrou cerca de 25 caminhões e carros atrás do edifício mais afastado da estrada principal. Fez sentido. Se ela fosse transgredir a lei e montar uma gaiola de luta clandestina, teria a certeza de que estava o mais oculta possível, também.

Saindo de seu carro, foi até a porta corta-fogo que estava aberta sustentada por um bloco de concreto, e entrou. Ao fundo, o zumbido da multidão de homens enlouquecidos espalhados pelo corredor, a testosterona, formando uma parede que ela teve que, praticamente, ultrapassar.

Enquanto ia em direção ao som, não estava preocupada com a iminente dor de cabeça, que claramente ia ser grande. Ela tinha um Mace⁸⁴ em um bolso e uma arma de choque no outro: o primeiro era legal no estado de Massachusetts, se você tivesse um cartão de identificação de arma de fogo válido e ela o tinha. Este último... bem, pagaria a multa de quinhentos dólares, supondo que usasse a coisa.

Se podia andar em uma casa de crack em New Bedford⁸⁵, à meia-noite, poderia lidar com isso.

⁸⁴ **Mace** – Gás lacrimogêneo.

⁸⁵ **New Bedford** – É uma cidade estadunidense/americana localizada no estado de Massachusetts, no Condado de Bristol. Fica a cerca de 82 quilômetros de Boston, a 45 quilômetros de Providence, e a 19 quilômetros de Fall River.

Quando emergiu em um átrio e conseguiu dar uma olhada nas paredes de 1,80 m de altura, e nas correntes de ligação da área de luta do octagon, estava bem consciente de que só poderia ter chamado a polícia sobre o jogo desta noite, mas, em seguida, Isaac, assumindo que ele aparecesse, ou seria preso novamente ou fugiria. E em ambos os casos, ela poderia não ter a chance de chegar até ele. Seu objetivo era pará-lo e fazê-lo pensar bastante no que estava fazendo. Fugir nunca era a solução, e se ele fosse por esse caminho, seria mandado para a detenção, somando-se mais acusações contra ele, e o início de um novo registro.

Assumindo que ele já não tivesse um: aquele assassinato no Mississippi que tanto a preocupava, mas era, como todas as outras coisas, algo com que as autoridades apropriadas lidariam. Como sua advogada de defesa, tinha que tentar convencê-lo a ficar e enfrentar a realidade das acusações atuais. Era a coisa certa perante a sociedade, e era o direito dele também.

E se ela não pudesse levá-lo a ver a luz? Então, ia demitir-se do caso e contar tudo o que sabia sobre ele às autoridades. Incluindo as armas e os detalhes do sistema de segurança. Ela não ia se tornar um acessório para o crime em sua perseguição de fazer a coisa certa...

Congelou quando viu seu cliente, sua mão subindo até a base de sua garganta. Isaac Rothe estava sozinho no canto mais distante e, embora os elos da cadeia da gaiola separassem-nos, não havia confusão sobre quem era... e não diminuía o efeito dele: ele era uma ameaça, o seu tamanho e a expressão dura no rosto transformando os outros homens em meninos pequenos. E enquanto ela foi atingida por sua polidez de volta à prisão, agora tinha um retrato verdadeiro de quem ele era.

O homem era um assassino.

Seu coração batia rápido, mas ela não vacilou. Estava aqui para fazer um trabalho, e caramba, ia falar com ele.

Assim quando se aproximou, um cara com dentes de ouro fazia travessuras e bajulava de um lado da gaiola.

— E agora... o que você está esperando para...

Isaac tirou sua camiseta e suas botas de combate, deixando-as no chão, e então percorreu o anel, com o queixo para baixo, os olhos brilhando debaixo de suas sobranceiras. Sua camisa esticada em seu tórax, e seus braços esculpidos com poder, mesmo quando pendurados livremente ao seu lado. Dirigindo-se para a luta, era todo músculos, ossos e veias, os ombros tão grandes que pareciam poder derrubar uma coluna do maldito prédio.

Quando agarrou a gaiola e adentrou com seus pés descalços, o rugido da multidão tocou sua cabeça como um sino e transformou sua coluna em um condutor de adrenalina. No brilho das oito lanternas de acampamento que ficavam fora dos polos de apoio, seu cliente era um gladiador à parte, uma parte animal, um pacote mortal pronto para fazer o que tinha sido claramente treinado a fazer.

Infelizmente, o adversário que se balançou e caiu em frente a ele era quase uma imagem de si: a mesma construção brutal, mesma altura, mesmo olhar mortal, mesmo jeito de se vestir, a camiseta evidenciando o músculo tatuado, uma serpente que percorria de seus ombros ao

pescoço. E enquanto o público gritava e se aproximava, os dois circulavam um ao redor do outro, à procura de uma oportunidade, braços, tórax e coxas enrijecidos.

Isaac atacou em primeiro lugar, seu corpo balançando, seu pé chutando e pegando o outro homem na face com um golpe tão cruel, que ela estava disposta a apostar que seus ancestrais sentiram o golpe em seus túmulos.

Tudo aconteceu tão rápido. Os dois caíram em um ritmo de ataques e esquivas, suas camisetas rapidamente evidenciando os músculos amortecidos em torno do pescoço e nas costas, à luz do lampião amarelado fazia com que parecessem como se estivessem lutando em um anel de fogo. Os contatos, quando feitos, eram do tipo que soavam como tiros, os impactos soando carregados sobre a agitada e inquieta multidão. Sangue voava a partir do corte na cabeça de Isaac, que rapidamente foi reaberto e também de uma divisão no lábio do adversário.

Nenhum dos lutadores parecia se importar, mas o público adorava com certeza, como se fossem vampiros... Uma mão em sua bunda fez com que movesse sua cabeça.

Movendo-se para trás agudamente, ela olhou para o cara com a palma da mão errante.

— Me perdoe...

Ele parecia momentaneamente surpreso, e então seu olhar saltitante estreitou-se.

— Ei... o que você está fazendo aqui?

A questão foi de tal forma colocada, como se a tivesse reconhecido.

Então, novamente, ele poderia estar conversando com Papai Noel e levar isso a sério, seu rosto estava liso com suor e metade dele se contorcia como se ele tivesse levado um choque elétrico em sua bochecha. Ele era, obviamente, desajustado e Deus sabia que ela era perita em fazer esse diagnóstico.

— Com licença— disse ela, indo embora.

Ele a seguiu. Para sua pouca sorte, o idiota estava mais interessado em encostar nela do que na luta que veio para ver.

Ele agarrou-lhe o braço, puxando-a.

— Eu a conheço...

— Tira a mão de cima de mim!

— Qual é seu nome?

Grier afastou-se independentemente.

— Não é da sua conta.

Ele saltou para ela no espaço entre uma pulsação e a próxima: o metro entre eles abruptamente tornou-se centímetros.

— Você é maldosa e desconfiada. Considera-se melhor que eu, vadia?

Grier não moveu seu corpo, mas tirou a arma de choque para fora e deslocou o pino de segurança com um apertado. Colocando a arma a pouca distância da frente de sua calça jeans, rugiu,

— Inferno, se você não se afastar de mim, vou atirar 625 mil volts no meio de suas joias. Em três... dois...um...

Antes que terminasse o tempo, ele recuou e levantou as mãos para o alto, receoso.

—Não quis dizer... Apenas pensei que a conhecia...

Enquanto ele se afastava, ela manteve a arma de choque para fora e respirou fundo. Talvez o tivesse encontrado durante a procura por Daniel, mas ele estava claramente fora de si e ela estava em água quente o suficiente.

Reorientando-se para o anel, olhou para cima, apenas a tempo de ver Isaac caindo como uma pedra.



Lutar contra o segundo em comando de Matthias era um prazer. Isaac nunca confiou ou gostou do cara, e disparar contra o bastardo era um dos objetivos não ditos de sua carreira.

Ah, a ironia. Quando estava saindo, teve a sua chance...

— Bam!

Com ganchos certos, como uma escavadeira, acertou Isaac no maxilar, chutou seu crânio, causando todos os tipos de problemas: dado que o cérebro era apenas uma esponja solta em um globo de neve, sua matéria mental ficou confusa, batendo em volta de sua dura casa de ossos, deixando-o sem sentido e fora de equilíbrio.

Considerando todas as coisas, tinha ficado mais preocupado com uma grande variedade de metais como arma, porém socos também funcionavam. *Inferno fodido*, e como funcionavam...

Esse foi o último pensamento que teve quando o chão do octagon saltou para cumprimentá-lo, tipo — “ei como vai?” — da mesma maneira que o foguete em forma de punho de seu antigo camarada. Ainda bem que era como o coelhinho da Energizer⁸⁶.

Um segundo depois estava em cima do cara, embora suas pernas estivessem dormentes e soltas, e sua visão fosse como de uma televisão que precisava que seus botões fossem ajustados.

Avançando, ele era todo instinto e vontade, a prova de que a mente pode substituir os receptores da dor do corpo, pelo menos por um tempo. Agarrou seu adversário pela cintura e jogou-o no chão e, então o atingiu em seu estômago, empurrando seu braço para trás, puxando-o como se fosse uma corda.

Em um estalo, algo aconteceu e de repente Isaac teve que firmar-se para não cair.

A multidão foi a loucura, todos os tipos de fodidos ricocheteando no átrio semi-acabado até que um apito estridente cortou o rugido. Na primeira vez, assumiu que o som era apenas uma extensão do caos em sua cabeça, mas depois percebeu que alguém tinha entrado no ringue. Era o promotor, e pela primeira vez, a cara do bastardo estava um pouco pastosa.

— Estou encerrando a luta— gritou enquanto agarrava o pulso de Isaac e puxava-o no ar. — Vencedor! — Inclinando-se sussurrou: — Deixe-o ir.

Isaac não conseguia descobrir qual era o problema do cara...

⁸⁶ **Energizer** — é a líder mundial em tecnologia de bateria ou pilhas. Trata-se da empresa que tem como mascote o coelhinho cor-de-rosa super ligeirinho.

Seus olhos finalmente focaram corretamente, e bem, você deve imaginar. O número dois de Matthias precisava de um raio-X, gesso, e talvez um par de parafusos: o úmero projetava-se para fora de sua pele como um pau estalado e sangrento, o braço quebrado.

Isaac saltou e apoiou-se contra o elo da cadeia, sua respiração bombeando dentro e fora de sua boca. Seu adversário estava a seus pés e quase tão rapidamente prendeu-lhe a mão que baqueou casualmente, como se nada mais emocionante do que um percevejo o tivesse mordido.

Quando seus olhares se encontraram o rapaz sorriu naquele seu modo peculiar, Isaac pensou... *merda*, esta luta não tinha sido nada além de um tiro de advertência em seu arco. Uma mensagem que “eles” estavam em cima dele.

Um convite para correr.

Droga. Matthias fodido. E essa fratura era a sua resposta: poderiam acertá-lo, mas ele iria fazer alguns danos sérios em seu caminho para o túmulo.

Isaac não andou. Escalou sobre as bordas e saltou sobre elas. Felizmente, a multidão sabia que era melhor não chegar muito perto, então foi capaz de rapidamente dirigir-se até Jim...

E bateu direto em sua defensora pública.

— Cristo— gritou, pulando para longe da mulher.

— Na verdade, é Childe. Com um "e." —Ela levantou uma sobrancelha. — Pensei em tentar a oferta do táxi de novo, você precisa de uma carona de volta para Boston? Ou não está indo nessa direção?

Momentaneamente esquecendo suas maneiras, rugiu.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Ia te perguntar a mesma coisa. Considerando que, uma das disposições de sua fiança é que você não participe das lutas na gaiola ilegal. E isso que você acabou de jogar realmente não se parecia com um jogo de Parcheesi⁸⁷. Você quebrou o braço do homem.

Isaac olhou em volta, imaginando o caminho mais rápido para a porta, porque ela não pertencia a este grupo de jagunços e tinha que tirá-la dali.

— Olha, nós podemos ir lá fora.

— O que você está pensando? Aparecer aqui e lutar?

— Eu ia visitá-la.

—Sou sua advogada, devo esperar que sim!

— Devo-lhe vinte e cinco mil dólares.

— E eu vou te dizer como pode acertar as contas. — Ela colocou as mãos nos quadris e inclinou-se, o perfume dela penetrando-lhe o nariz... e no seu sangue. — Você pode parar de ser um burro estúpido e comparecer a sua audiência em duas semanas. Te passarei a hora e a data novamente, se esqueceu de anotá-las.

Certo... ela ficava totalmente quente quando estava com raiva.

E, o que não era assim uma reação apropriada sob a doutrina lugar-tempo. Entre outras coisas.

⁸⁷ **Parcheesi** — é um jogo que se joga com 2 dados em um tabuleiro cujo objetivo é levar todas as fichas até o final.

Nesse momento, Jim e seus rapazes aproximaram-se, mas Grier não os olhou, nem de relance, embora Jim estivesse olhando-a duramente. E isto deu a Isaac uma ideia de como ela era em um tribunal. *Cara*, ela era incrível quando estava concentrada e com raiva e pronta para servir alguém em um prato.

— Duas outras coisas— pronunciou. — É melhor rezar para que o cara cujo braço, que precisa ser engessado, não chame a polícia. E você precisa ver um médico. Mais uma vez. Está sangrando.

Apenas para preencher a lacuna, ainda que não houvesse uma, o promotor entrou com o que parecia ser dois mil dólares.

— Aqui está sua parte.

De repente, os olhos de Grier se articularam, assim como seu belo rosto ficou tenso.

— Não pegue o dinheiro, Isaac. E venha comigo. Faça a coisa certa esta noite, e isso te salvará de um monte de problemas mais tarde. Prometo a você.

Isaac apenas balançou a cabeça para ela e estendeu a mão para o promotor.

— Oh, fodido seja.

Enquanto ela amaldiçoava e se afastava, ele ficou momentaneamente mudo pelo fato de que ela tivesse soltado a bomba-f.

Retornando a ação, estendeu a mão, mas o promotor entrou em seu caminho.

— Agora, antes de dar seu presente— bateu os dedos na palma da mão — Quero que você venha lutar duas noites a partir de agora.

O que não seria um bom começo. Estava esperando sair fora do país até então.

— Sim. Certo.

— Vai ser aqui, assumindo que não teremos problemas. Você foi malditamente incrível.

— Cale a boca e me dê o dinheiro.

Isaac levantou-se ficando de pé e olhou por cima das cabeças da multidão, observando o penteado e Grier marchando em direção à porta de trás. Em geral, os homens saíam de seu caminho, mas, dado seu humor, ela provavelmente era capaz de castrá-los.

Apenas pela força de vontade.

Agarrando ao asno, desportista e bajulador, pegou o dinheiro, enfiou os pés em suas botas, pegou sua camisa e blusão de volta. Enquanto fugia atrás de sua defensora pública, enterrou o dinheiro em seus bolsos e checkou suas armas, silenciadores e seu cofrinho: um saco de plástico.

— Onde diabos você está indo? — Jim perguntou, seus companheiros acompanhando-os em uma corrida.

— Onde quer que ela vá. Ela é minha advogada.

— Alguma chance de conversarmos sobre isso?

— Não.

— Porra— disse Jim sob sua respiração enquanto empurrava um cara fora de seu caminho.

— Para sua informação, o número dois de Matthias partiu.

—Sedan preto,—o homem com os piercings cortou a conversa. —Os painéis da instalação eram arrojados e a coisa estava suja de merda, mas os pneus eram completamente novos e havia eletrônicos no porta-malas.

Isso era a Ops para você, Isaac pensou. Incógnitos e de última geração, ao mesmo tempo.

Enquanto aproximava-se da saída, o som dos carros e caminhões movimentando-se transformou a noite em uma discoteca de tráfego. Entre os motores roncando e os faróis piscando, olhou em volta procurando o carro dela. Ela dirigia um veículo estrangeiro, estava adivinhando. Uma Mercedes, BMW... Audi...

Onde estava ela?

Capítulo 11

*Local desconhecido – OCONUS*⁸⁸

Matthias estava bem consciente de que ele era um agente do mal no mundo.

O que não significa que ele era totalmente ruim. Em larga escala, os bilhões de pessoas inocentes no planeta não estavam em sua tela de radar e ele os deixava sozinhos. Ele também não roubava doces de crianças. Ou cortava gatos. Ou dava os endereços de e-mail de pessoas que o tinham irritado para sites europeus de brinquedos sexuais.

E ele tinha, uma vez – em 1983 – ajudado uma velha senhora a atravessar a rua em um cruzamento movimentado.

Assim, ele não era de todo ruim.

Dito isto, se no processo de fazer um trabalho, ele teve de aceitar certos danos colaterais ou sacrificar um “inocente” ou dois, era assim que a merda acontecia: Nesses casos, ele não era diferente de um acidente de carro ou o câncer ou um raio, nada, a não ser a loteria da vida perdida para o indivíduo.

Afinal de contas, o relógio de todos estava passando, e ele tinha bancado o Grim Reaper⁸⁹ o suficiente para saber em primeira mão.

Reposicionando seu corpo quebrado em sua cadeira de couro, ele gemeu. Com quarenta anos, sentia-se mais com cem mil, mas ser um sobrevivente fazia isso com você.

Pelo menos ele não precisava cagar em uma sacola e ainda tinha um olho que funcionava.

Na frente dele, sobre a mesa lustrosa, estavam sete telas de computador. Algumas mostravam fotos, outras dados transmitidos, e uma dizia-lhe onde cada um de seus assessores estava no planeta Terra. Do que ele estava encarregado, informação era missão crítica. Que era uma ironia da sorte. Ele era um homem sem identidade, operando uma equipe que não existia

⁸⁸ **OCONUS** – é um jargão dos militares americanos que quer dizer que o local é território americano, mas é fora do território contíguo, por exemplo, Alasca, ou Havaí, que são territórios americanos, mas não são ligados territorialmente ao país.

⁸⁹ **Grim Reaper** – é a morte, com um capital D. Ele é talvez a entidade mais reconhecida de todos os tempos, Grim Reaper é um psicopompo cujo trabalho é conduzir as almas dos mortos recente na vida após a morte.

oficialmente, em um mundo de sombras e a Intel⁹⁰ era a única coisa concreta que ele tinha para trabalhar.

Embora até isto, como as pessoas, podia falhar com você.

Seu celular tocou, ele o pegou e olhou para a pequena tela. *Ah, sim*, sincronia perfeita. Matthias estava procurando dois homens e ele tinha enviado o seu segundo em comando atrás de um deles.

O outro... era complicado. Embora não deveria ser.

Ele atendeu ao chamado.

—Já o encontrou.

—Sim. E tivemos alguns rounds no ringue.

—Ele está vivo, entretanto.

—Só porque você quer que ele esteja. A propósito, a advogada dele apareceu na luta e adivinhe. Ela é filha de um amigo nosso.

—Realmente. Quais são as chances.— Na verdade, eles estavam cem por cento, porque Matthias tinha ido ao sistema judiciário do condado de Suffolk, em Massachusetts, e propositadamente, tinha colocado a descendente sobrevivente do aposentado capitão Alistair Childe, como designada para o caso.

Eles tinham precisado para conseguir que esse traidor, Isaac Rothe, saísse de detrás das grades para que eles pudessem matá-lo e manter seu corpo para uso futuro, a menina do velho e bom Albie era apenas o bilhete: Ela era uma advogada muito boa com um coração sangrando, o que a levava a lugares que ela não pertencia. Combinação perfeita.

E é claro que tinha funcionado: Rothe estava livre em menos de 24 horas após sua prisão.

Cristo, tinha sido tão fácil encontrar o bastardo. Mas então, quem teria pensado que ele usaria seu próprio sobrenome?

Huh, Matthias pensou. *Talvez ele estivesse tirando doce de criança aqui.*

—Você deveria ter me deixado matá-lo no ringue — seu segundo em comando reclamou.

—Muitas testemunhas, e eu quero ele expulso de Boston.

Porque agora que Grier Childe serviu ao seu propósito, ele tinha que pegar Isaac bem longe da mulher. Matthias já havia matado o filho do capitão, e assim ele considerou a sua pontuação, mesmo. No entanto, o filho da puta já havia tentado alavancar seu caminho para fora uma vez e isso significava que a filha tinha que ser usada para manter o hipócrita do papai na linha: Enquanto ela estivesse viva, ela podia ser morta, e a ameaça era melhor do que fita adesiva sobre a boca agitando todo o dia.

—Siga-o até fora do estado como só você pode — Matthias se ouviu dizer em um tom tranquilo. —Espere o momento certo, e não perto da filha de Childe.

—Porque isso importa?

—Porque eu, *porra*, estou dizendo. É por isso.

Matthias desligou e jogou o telefone sobre a mesa. Todos os seus homens eram bons no que

⁹⁰ **Intelligence (Inteligência)** – Nesse caso é uma abreviatura de como os militares e estrategistas chamam o fato de obter informações com relação a todos os fatos sobre as missões a que são atribuídas.

faziam, mas o seu número dois tinha truques que ninguém chegava perto. Isto, obviamente, fazia o cara extremamente útil, mas também um perigo se a sua ambição ou sede de sangue fugisse de ambos. O homem era um demônio, daí para pior.

De repente, Matthias teve que respirar profundamente para aliviar uma dor no centro do peito. Ultimamente, havia um disparo o deixando sem fôlego e um pouco enjoado. Ele tinha a sensação de saber o que era, mas não estava fazendo nada para parar o infarto do miocárdio que vinha a caminho.

Nenhuma visita ao médico para ele, nenhum teste de estresse, sem Lipitor, sem Coumadin⁹¹.

Na mesma nota, ele acendeu um charuto e tragou. Não parar de fumar com Chantix⁹², também. Ele estava pregando o caixão com as unhas até cair morto em um dos grandes... Deus sabia que ele tinha tentado se matar com a bomba no deserto, e que tinha sido uma merda gigante. Muito melhor é a facilidade em ir para o túmulo à moda antiga, por meio de má alimentação, falta de exercício, e vícios.

Como se um alarme tocasse, ele apoiou as mãos sobre os braços da cadeira e preparou-se para levantar. Analgésicos teriam facilitado tremendamente, mas eles também teriam entorpecido seu cérebro, de modo que seria um inútil. Além disso, a agonia física nunca o incomodava. Rangendo os dentes, empurrou duro na cadeira e ergueu o seu peso sobre as pernas. Momento para se firmar. Respirou fundo.

Naquela noite, no deserto, quando ele tinha sido salvo por Jim Heron, tinha tido repercussões e muitas delas foram tipo chumbo e aço – não somente revólveres. Graças àquele soldado fodido arrastando-o para fora do edifício empoeirado em ruínas e carregando-o por doze quilômetros⁹³ através das dunas, Matthias era agora parte homem, parte mecânico, um rangido, uma versão desajeitada do lutador forte e poderoso que ele tinha sido uma vez. Montado de novo com os pinos, parafusos e porcas, ele perguntou, no início, se seria um ponto de transformação. Se a dor e o sofrimento pelo que ele passou, por todas as cirurgias, abriria uma porta para que ele se tornasse... um ser humano.

Ao contrário do sociopata que ele tinha nascido.

Mas, não. Tudo o que ele teve, desde então, foram estes precursores dos ataques cardíacos que ocorriam em sua família. Que era uma coisa boa. Ao contrário do que a bomba na areia, que deliberadamente pisou, ele sabia que uma coronária iria fazer o trabalho, *inferno*, ele viu o pai morrer de um ataque assim.

Na verdade, seu pai tinha sido seu primeiro assassinato, cortesia de Matthias saber exatamente o que dizer para fazer com que o relógio de seu velho pai parasse de funcionar e ele caísse morto. Ele tinha quinze anos na época. Seu pai tinha quarenta e um. E Matthias estava sentado no chão do seu quarto e viu a coisa toda, desocupado, girando o botão no rádio que o despertou para a escola, à procura de uma boa música, entre toda a porcaria nas ondas do rádio.

Enquanto isso, seu pai ficou vermelho, depois azul... em seguida, desbotou para cinza.

⁹¹ **Lipitor** – É um medicamento que baixa o colesterol e Coumadin é um tipo de anticoagulante usado para evitar a formação de pequenas bolinhas(trombos) que causam o intupimento dos vasos sanguíneos causando infarto ou AVC (derrame cerebral).

⁹² **Chantix** – É um medicamento usado para ajudar a parar de fumar, que não usa nicotina em sua fórmula.

⁹³ **Doze quilômetros** – Equivale a cerca de 8 milhas.

O filho da puta pervertido merecia isso. Depois de tudo o que ele tinha feito...

Retirando-se do passado, Matthias pegou seu casaco, e como sempre o simples ato de se vestir foi uma produção, de costas esticando para acomodar o deslocamento de seus braços. E então ele estava fora de seu escritório andando pelos corredores subterrâneos do complexo de escritórios anônimos onde trabalhava, seu corpo a odiá-lo pela deambulação.

Seu carro e o motorista estavam esperando por ele no parque de estacionamento subterrâneo, e quando chegou na parte traseira do sedan, ele gemeu. A respiração rasa o manteve consciente conforme a dor crescia... e então gradualmente foi aliviando conforme o carro seguia em frente.

Na frente, ele ouviu o controlador dizer: —ETA⁹⁴: onze minutos.

Matthias fechou os olhos. Ele não estava inteiramente certo por que estava fazendo essa viagem... mas ele estava sendo atraído para o nordeste dos Estados Unidos por uma compulsão que nem mesmo seu lado racional poderia negar. Ele só tinha que ir, ele mesmo se surpreendeu com a necessidade.

Então, novamente, assim como seu número dois tinham encontrado seu alvo, Matthias também havia localizado pessoalmente o outro soldado que estava procurando, e esse longo voo de volta sobre o oceano era porque ele queria ver o homem que lhe salvara a vida de frente, por uma última vez, antes do cadáver do bastardo ser sepultado.

Disse a si mesmo que era para confirmar que Jim Heron tinha realmente morrido.

Havia mais do que isso, porém. Mesmo que ele não entendesse o motivo... Havia muito mais nessa viagem para ele do que isso.

Capítulo 12

Mais que qualquer outra coisa, Grier estava furiosa consigo mesma. Quando ela ia até o Audi, enquanto seguia através dos outros carros, sendo incomodada por um e arrastada por outro, tudo entrou em foco afiado: onde ela estava, o que ela tinha feito mais cedo no palácio da justiça e que estava tentando esquecer.

Isaac tinha quebrado o braço daquele sujeito. Em frente a ela e a cem outras pessoas. E tratou isto com o mesmo grau de choque de quando alguém desliga o telefone.

Como se ele fizesse isso diariamente. E então ele tinha aceitado dinheiro para isso.

Caminhando para o seu sedan, ela pegou o controle e desativou o alarme. E quando viu seu reflexo na porta pensou no seu irmão. O tipo de zumbido selvagem que a tinha levado a sair dali a fez lembrar da noite que ele tinha morrido.

Grier tinha achado o corpo dele e seus esforços de ressuscitação tinham dado em nada... porque ele estava morto antes que ela os tivesse começado. Mas ela mantivera o bombeamento de qualquer maneira no tórax e a respiração boca-a-boca. Os paramédicos tiveram que arrastá-la para longe do corpo dele. Gritando.

⁹⁴ **ETA** (*Estimated Time of Arrival*) – Hora estimada de chegada.

E a coisa era, em morte, como também em vida, ele não tinha se preocupado com todos os seus esforços para o salvar. Ele foi transfixado por sua fixação final, com um olhar persistente de prazer estático gelado, na face cinza pastosa, que então sua conduta viciosa tinha se cumprido. O descuido tinha uma variedade de formas diferentes, não tinha? Ela sempre se orgulhou de ser a responsável entre eles, a que tinha se superado na escola e trabalhado duro para conseguir qualquer coisa que os pais dela teriam aprovado. Ela certamente nunca tinha tentado usar drogas ilegais. Nem mesmo uma vez.

E ainda assim aqui estava ela, pondo sua carreira e ela mesma em risco numa possibilidade remota de que poderia persuadir um estranho total a agir corretamente. Se a polícia tivesse aparecido ou fizesse algo—ainda havia ainda tempo para isso—prendê-la como um espectadora a teria colocado atrás das barras, em Massachusetts, mais rapidamente do que ela poderia dizer: “Mas, Juiz, eu só estava lá por meu cliente”. Ela já tinha posto vinte e cinco mil na linha, o que quebraria apenas as finanças dela... exceto que, quanto mais longe esses fundos poderiam ter ido se os tivesse usado em algum programa para mocidade de risco?

Quando a cabeça dela começou a bater, ela considerou suas ações desde as nove da manhã claramente agora. E sabe, ela não viu alguém fazendo tanto bem no mundo, apenas uma mulher descontrolada que estava...

Daniel apareceu no lado distante do seu carro, o rosto morto fantasmagórico dele sério.

Entre, Grier. Entre no carro e feche as portas.

—O quê? — ela disse. —Por quê?

Faça. Agora. Seu irmão morto parecia focalizar o ar atrás do ombro dela. *Que merda Grier.*

—Eu me lembro quem é você.

Ela apertou os olhos. *Oh pelo amor de Deus*, isto só conseguia ficar melhor. Sua cabeça dava voltas. Se virando para dar ao pretendente uma resposta a altura...

O homem a agarrou pelos braços, e com um empurrão que trincou seus dentes, pressionou seu rosto contra o carro. Enquanto ele a mantinha no lugar com o corpo dele, se lembrou de uma realidade diferente entre os homens e mulheres: Eles eram um inferno de mais fortes. Especialmente quando eram altos e desesperados.

—Você é a irmã de Danny. — A respiração na sua bochecha estava quente e cheirava como rato morto em agosto. —Você apareceu algumas vezes na casa dele. O que aconteceu a ele?

—Ele morreu. — ela coaxou.

—Oh... Deus. Eu sinto muito... — O viciado parecia honestamente triste. De uma maneira distorcida, tipo Tim Burton — Escute, você tem algum dinheiro? Meninas ricas como você... têm sempre algum dinheiro. Mas só se você puder administrar isto.

Uh-huh, certo. Ela sabia que ia lhe dar o que ele quisesse, quer gostasse disso ou não. Porque como estavam, apesar do modo dele dizer isso, era um assalto o que acontecia.

Mãos ásperas revistaram ao redor e a bolsa dela foi arrancada de seu ombro. Ela pensou em gritar, mas o peso que ele fazia em suas costelas fazia, qualquer coisa a mais do que respirações rasas, impossível e, além disso, ela tinha estacionado no lado nas sombras. Quem ia ouvir?

Quando seus olhos arregalados localizaram os carros partindo e caminhões que estavam tão perto e ainda tão longe, ela teve uma memória absolutamente absurda da cena de abertura de Tubarão. Onde a mulher estava sendo arrastada para baixo pelo tubarão e viu as luzes incandescentes de casas na costa.

—Eu não vou te ferir... Eu só preciso de dinheiro.

Com o corpo dele ainda a forçando contra o carro, ele esvaziou o conteúdo da sua bolsa no chão barrento, seu telefone celular, carteira, chaves, tudo ficou jogado. E então ele lançou a sua bolsa Birkin de dezesseis-mil-dólares em cima do capô do Audi.

Estúpido bastardo. Ele poderia ter conseguido mais por isso no eBay que qualquer dinheiro que ele achasse na carteira dela.

A metade da mente dela estava em pânico, a outra metade estava calma, fria e ela acabou ficando com a última metade, porque ela não era nada a não ser filha do pai dela: Este viciado enlouquecido ia virá-la em algum momento porque ia querer suas joias, e quando ele fizesse, ela teria uma chance boa de chutar onde contava. Até mesmo se ela tivesse que fingir que ia vomitar em cima dos seus sapatos.

O peso que a esmagava não foi removido, mas sim vaporizado, indo como se nunca tivesse existido: Num segundo ela não podia respirar. No próximo, ela tinha todo o oxigênio no mundo. Enquanto ela tragava uma grande quantidade de ar e se agarrava ao teto do carro para manter a posição, grunhidos soaram próximo a ela.

Quando se virou, ela teve que piscar algumas vezes para entender o que estava vendo, mas nenhuma quantia de “espera-talvez-eu-não-tenha-visto-direito” mudaria o que acontecia: Isaac tinha vindo de lugar nenhum, tinha mandado o assaltante ao chão e estava dando ao sujeito um tratamento dentário de canal de modo duro.

Isto é, com seu punho.

— Isaac. — a voz dela rachou e ela tossiu. — Isaac! Pare!

A voz do investigador particular Louie ecoou pela cabeça dela: Aquele filho da puta poderia ser um assassino.

— Isaac!

Ela estava esperando ter que saltar nele ou pedir ajuda para conseguir que ele parasse de bater, mas assim que o chamou, Isaac deixou a rotina de Rocky⁹⁵, sacudindo o homem sobre o estômago e puxando seus braços para trás para imobilizá-lo.

Nada estava quebrado até aqui.

E Isaac não estava nem mesmo ofegante quando olhou para ela.

—Você está bem?

Os olhos dele eram afiados, a expressão mortalmente calma, a voz dele igualmente cortês. Era óbvio que ele estava no controle total dele e da situação... e ocorreu-lhe que ele poderia tê-la salvo, possivelmente, de algo terrível.

Em se tratando de viciados, você nunca sabia o que eles iam fazer.

—Ele a feriu? — Isaac perguntou. —Você está bem?

⁹⁵ *Rocky* – Referência a série de filmes sobre um pugilista, chamado Rock Balboa.

—Não.— ela respondeu asperamente, não completamente segura de qual pergunta estava respondendo.

Com absoluta força bruta, Isaac apanhou o homem e lhe deu um empurrão e não houve nenhum argumento, nem mesmo um comentário. Seu atacante se afastou como se fosse malditamente ciente de que quase havia perdido a batida por sua vida.

E então Isaac recolheu as coisas dela. Uma por uma, ele juntou o que esteve na bolsa dela, enquanto esfregava fora a lama na própria camisa de moletom, enfileirando tudo no capô do carro dela. Se encostando contra a porta, ela foi cativada por quão cuidadoso ele era e como suas mãos sangrentas eram suaves.

Daniel apareceu ao lado dele, aparentemente impressionado pela forma como ele tratava o que era dela.

Deixe que ele te leve pra casa, Grier. Você não está em condição de dirigir.

— Ele não me... perguntou— ela resmungou.

— Perguntou o quê? — Isaac disse, enquanto olhava para cima.

Quando ela ia dizer as palavras, ele pegou sua bolsa, enquanto colocava tudo de volta antes de devolvê-la.

—Eu gostaria de dirigir até sua casa. Se você me deixar.

Bingo, o irmão dela disse.

Ela abriu a boca para calar Daniel, mas não teve a energia para levar isso a cabo.

— Srta. Childe? — Com o acento do Sul de seu cliente, saiu como uma única palavra, SenhoritaChiiiiilde, com sotaque arrastado.

Deus, o que fazer? E claro que, *Inferno*, não era a resposta mais saudável, a despeito da opinião de Daniel.

Confie em mim, Daniel disse.

A voz de Isaac a derrubou.

—Só me deixe levar o carro até sua casa. Por favor.

Os instintos dela, por alguma razão irreconhecível, estavam lhe dizendo que confiasse neste estranho com um passado ruim e um presente criminoso e que estava fugindo. Ou era só o caso do complexo de salvadora dela levando a melhor, anulando seu julgamento?

Ou... era o olhar no rosto de um fantasma? Como se Daniel estivesse vendo algo que ela não pôde nesta colisão entre ela e um estranho perigoso com uma pronúncia lenta e macia do Sul.

—Eu não preciso de um motorista. Eu posso fazer isso. — Ela pegou sua bolsa. — Mas eu preciso falar sobre suas acusações.

Isaac esquadrinhou a área.

—Falaremos sobre nós em sua casa.

—Eu levo um Mace, você sabe.

—Eu estou contente em saber.

—E uma arma. — Apesar de todo o “bem” que tinha feito agora mesmo.

Bom Deus, ela não podia acreditar que estava até mesmo pensando em ir para casa com Isaac. A cabeça parecia a de uma amadora nervosa... e seu cliente, seguro como inferno, parecia com um profissional.

Os olhos cinza pálidos dele encontraram os seus.

— Eu não vou machucá-la. Eu juro.

Com uma maldição, ela abriu a porta do carro.

— Eu vou dirigindo.

A pergunta era, onde inferno ela ia? E com quem?



Jim assistiu ao Audi sair, uma fumaça leitosa saindo de dentro do escapamento se levantando atrás de ambos os frios canos de descarga. Ele estava totalmente desinteressado sobre onde os dois iam. Tinha colocado, despercebidamente, transmissores na camisa de moletom do Isaac e na bolsa com o dinheiro.

— Você poderia só ter me deixado fazer um feitiço de localização. — Eddie murmurou.

— Eu estava acostumado a trabalhar com o GPS na merda de meu velho trabalho. — E quem poderia ter adivinhado que ele já estaria sofrendo de nostalgia de tecnologia?

Falando de intel—era tempo de pôr alguma clareza naquele departamento: Embora ele pudesse ver como e porque Isaac poderia ser o próximo na lista de sete almas, um pouco de cara-a-cara com o dândi inglês que era seu chefe, era a única maneira de ter certeza.

Seria menos pressão em cima dele se salvar o rabo do Isaac fosse para um propósito maior.

Ele virou a cabeça para Eddie.

— Diga-me como chegar aos Quatro Rapazes. Eu tenho que morrer novamente?

Se ele tivesse, ele tinha uma Beretta e já sabia quão dolorido tomar um tiro era.

— Não se dê ao trabalho. — Adrian estalou suas juntas. — Eles não vão falar coisa nenhuma. Eles não podem.

Que caralho?

— Eu pensei que eu trabalhava para eles.

— Você trabalha para ambos os lados e eles lhe deram toda a ajuda que podiam.

Jim olhou de um lado para outro entre os dois anjos: Cada um deles tinha a expressão apertada de um sujeito com um nó de cadarço de sapato nas bolas.

— Ajuda? — ele disse. — Onde minha porra de ajuda está?

— Eles nos deram a você, idiota. — Adrian mordeu. — E isso é tudo que eles podem fazer. Já fui até eles e perguntei quem seria o próximo. Eu pensei que o ajudaria, seu bastardo ingrato.

Jim levantou as sobrancelhas ao Sr. Rotina Pensativa. No primeiro tempo pelo parque com Adrian, o sujeito tinha dado Jim num prato ao inimigo—ao ponto onde ele tinha terminado fodendo Devina no estacionamento de um clube. No carro dele. Sem saber que ela era um demônio.

— Os tempos mudaram desde então. — Ad disse grosseiramente. —Você sabe que eles mudaram.

Num instante, Jim se lembrou de como o sujeito tinha ficado, só um dia atrás, depois que Devina tivesse terminado de usar e abusar dele de uma variedade de modos. Ele tinha se entregado para ela de forma que Jim teve metade da chance de vencer o primeiro turno.

— Sim, eles mudaram. — Jim ofereceu as juntas dele para o sujeito — Desculpe por eu ter insinuado que você é um cachorro de merda.

Como Ad não deu nenhuma resposta, Eddie disse:

—Nós estamos tecnicamente contra as regras.

Jim encolheu os ombros.

—Se me ajudar a ganhar, eu aceito. Regras são relativas.

Que era por que ele tinha sido escolhido. Ele dificilmente era um maldito Escoteiro.

A cabeça de Jim girou ao redor com o som de uma batida de metal em metal. O octagon portátil tinha sido desmontado e estava sendo empurrado pela porta por quatro sujeitos, que então, levaram para um furgão de arrastamento. Na próxima viagem estariam levando os oito pesos de concreto e postes de canto e então ninguém teria restado, exceto por ele, Eddie e Adrian.

Que era uma metáfora para o lixo no qual ele estava, não era?

Certo. Isto era como o jogo era jogado? Legal. Ele estava acostumado a confiar nele e nos instintos dele no campo... e tudo o que estava puxando na direção do Isaac.

A pergunta era: onde Devina estava? Presumindo que ela buscava Isaac, ela estaria procurando um modo de possuí-lo assim que a natureza parasitária dela pudesse subjugar-lo e ela pudesse prendê-lo no final das contas, no Inferno depois que ela o matasse.

Jim focalizou nos anjos dele.

—Se Devina estiver possuindo alguém, há um modo de saber? Qualquer marca? Pontos de referência?

Pelo menos, então, ele poderia conseguir uma vantagem contra ela.

— Às vezes. —Eddie disse. — Mas ela pode limpar as “impressões digitais” e agora que ela sabe que eu e Adrian estamos com você, ela terá um cuidado extra. Porém, há algumas almas limpas que ela nunca tocará e elas brilham.

— Brilho? Você diz como... — Merda, aquela advogada loira que levou Isaac para casa com ela tinha uma luz ao redor do corpo. O que foi o porquê de Jim ficar encarando-a como ficou, quando ele a viu. — Como um halo?

— Exatamente isso.

Bem, pelo menos havia uma coisa que trabalhava a favor deles. Ele tinha assumido que estava vendo coisas. E percebendo que não, agradeceu a Deus por isto.

Jim pegou seu receptor GPS e procurou Isaac em dois pontos malditos e brilhantes. Cedo ou tarde, se Devina fosse foder com o sujeito, ela ia aparecer de uma forma ou de outra e eles iam estar lá quando ela o fizesse.

— Há tais coisas como feitiços protetores? — ele perguntou. — Qualquer coisa que eu possa pôr ao redor de Isaac e o mantê-lo protegido dela?

— Nós podemos trabalhar em algo externo. — Eddie disse com um sorrisinho malvado. — Tempo para começar a lhe ensinar aquelas coisas.

Você entendeu direito, Jim pensou.

Fechando os olhos, ele abriu suas asas, o grande peso delas revolvendo a sua espinha e ombros enquanto elas ficavam visíveis.

— Eles estão indo para a cidade. Vamos.

— Espere. — Eddie disse, suas asas aparecendo. — Nós precisamos passar pelo hotel e pegar alguns materiais. Presumindo que não nos quer entrando na casa.

— Contanto que Devina não se mostre, eu ficarei de fora.

— Isto não levará muito tempo.

— É melhor que não leve mesmo.

Quando ele deu alguns passos correndo para ter impulso, sentiu a ironia de tudo como uma grande rajada debaixo do corpo dele: Ele nunca teria acreditado que anjos existiam ou que a batalha eterna entre bem e mal, não só era real, mas algo no qual ele estaria lutando.

Então novamente, quando você pensa que aproximadamente cem quilos de músculo sólido não poderiam ser levantados do chão por uma rede metafísica de penas... a realidade “louco-idiota” em que você está acaba tendo pouca credibilidade.

Ele ia estar condenado se Devina colocasse suas garras em Isaac. Em qualquer forma que ela estivesse atualmente. Isaac era seu menino e a ideia dele nas mãos do inimigo não era aceitável. Especialmente se aquele demônio aparecesse usando uma face familiar.

A qual estaria usando um tapa-olho.

Capítulo 13

Isaac esteve na vizinhança de Boston somente duas vezes, e nas duas vezes tinha sido de passagem através de suas viagens ao exterior, o tipo de coisa onde tudo que ele fez foi cruzar a pista na Base da Força Aérea em Otis até Cape Cod⁹⁶.

Dito isto, quando Grier virou à esquerda em alguma rua chamada Charles Street, ele não precisou de uma excursão turística pela cidade para saber que eles estavam na parte antiga em realidade. As casas da cidade, nos dois lados da colina que eles subiram eram antigas, com venezianas e portas pretas e lustrosas.

Através das janelas limpas, ele podia ver que os interiores das casas eram cheios de antiguidades, indicando cada centímetro de suas vidas e tinham coisas suficientes para esmagar a cabeça de um rei.

Claramente ele estava no habitat natural de um Yankee sangue azul.

⁹⁶ **Cape Cod** — É uma península que forma a Baía de Cape Cod, localizada no extremo leste do estado de Massachusetts.. É um dos pontos turísticos mais visitados dos EUA durante os meses de verão, por causa de suas praias.

Como no antigo esboço de Dan Aykroyd⁹⁷ em Saturday Night Live⁹⁸ fazendo expressões de Kennedy sobre “chowdah”⁹⁹ rolando por sua cabeça, Grier pegou a esquerda em uma pequena quadra que estava delimitada por uma cerca feita de ferro e por alamedas de tijolos em todos os quatro lados. No meio, seu pequeno parque tinha árvores graciosas com brotos minúsculos já germinando, e os arredores eram os melhores dos melhores bairros de todos os tempos.

Então nada de surpresa.

Depois dela estacionar seu Audi paralelo a cerca, os dois saíram. Ela não havia dito muita coisa na viagem até aqui, nem mesmo ele. Entretanto, ele não era um grande falador para começar e ela tinha um fugitivo como passageiro. Não exatamente um “*então-como-está-o tempo?*” Tipo constrangedor.

A casa que ela indicou como sendo dela ficava numa esquina, no canto e tinha um caminho de mármore branco até sua porta da frente preta. Duas estátuas enormes de Great Danes¹⁰⁰ pretos sentados, flanqueavam de cada lado da entrada e a aldrava de metal era tão grande quanto a cabeça dele. Uma luz brilhava no terceiro andar; várias no exterior. E enquanto ele inspecionava a área, não parecia haver nada fora do lugar, nenhuma marca de carro que tenha passado, nenhum som de nada errado, ninguém suspeito espreitando. Enquanto andavam em cima dos tijolos irregulares da rua, ele queria alcançá-la e andar a seu lado, dado a sua situação, mas ele não se atreveria. Primeiro de tudo, provavelmente ela ainda gostaria de lhe dar um tapa... em segundo lugar, ele tinha duas armas empalmadas dentro de seu blusão por via das dúvidas.

Ele era sempre cuidadoso com ele mesmo. Tendo-a de reboque? Ele tomou a vigilância a um nível totalmente novo. Além disso, Grier lidou com a viagem até a porta da frente muito bem, apesar do fato de que ela estava andando de saltos estiletes e tinha sido atacada por um asno drogado. Pena que eles não se encontraram em um mundo diferente. Ele teria realmente gostado de... Sim, está certo. De levá-la em um encontro?

Tanto faz. Mesmo se ele fosse um respeitador da lei, um “eu-não-sou-um-assassino-em-percurso”, eles estavam em lados opostos do espectro: ele era todo menino de fazenda e ela era toda fabulosa. E ele realmente tinha que cortar este pensamento duas vezes quando se tratava de como ela era atraente. O alarme de segurança desligou no momento que ela abriu a porta e ele estava satisfeito, embora não aprovasse ela deixar entrar gentalha como ele na casa. E como isso era uma merda?

Enquanto ela socava o código no painel ADT¹⁰¹, ele olhou para as solas de suas botas de combate que estavam cheias de lama endurecida e pedaços de grama. Ajoelhando-se, ele desamarrou-as e deixou-as do lado de fora.

O chão de mármore preto e branco estava morno sobre as meias dele. Observando, ele a achou encarando os pés dele com uma expressão estranha na bonita face.

⁹⁷ **Dan Aykroyd** – Ator norte americano.

⁹⁸ **Saturday Night Live** – Programa de Tv dos EUA.

⁹⁹ **Chowdah** – É uma palavra usada para descrever pessoas que agem como se fossem de Boston, falando inclusive com o mesmo sotaque, só que não são de Boston e nem ao menos do estado de Massachusetts, que é o estado onde fica a cidade de Boston.

¹⁰⁰ **Great Danes** – São enormes cães dinamarqueses também chamados de mastiff ou Cão alemão.

¹⁰¹ **ADT** – Sistema eletrônico de segurança.

—Eu não queria deixar rastros,— murmurou, fechando e trancando a porta.

Depois que ele tirou seu blusão, tirou a sacola do Star Market com as economias de sua vida nela e eles apenas ficaram de pé lá: ela em seu casaco preto de designer e sua bolsa suja com a alça arreventada; ele em sua camisa suada com uma carga de dinheiro sujo em suas mãos ensanguentadas e duas pistolas que ela não sabia que estavam em seus bolsos.

—Quando foi a última vez que você comeu?— ela disse suavemente.

—Eu não estou com fome. Mas obrigado, senhora.— Ele olhou em volta, olhando para uma sala de pé-direito alto, que era pintada de um vermelho rico. Sobre a lareira de mármore régia estava uma pintura a óleo de um homem sentado ereto em uma cadeira dourada com um par de óculos antiquados empoleirado em seu nariz.

Estava tão silencioso aqui, ele pensou. E não apenas porque não existia nenhum som. Calmo. Era... calmo.

—Eu farei para você uma omelete então,— ela disse, colocando sua bolsa no chão e tirando o casaco dos ombros.

Ele se aproximou dela para ajudar, mas ela se afastou.

—Pode deixar. Obrigada.

Por baixo o vestido... Querido Deus, aquele vestido. Modesto e preto nunca lhe pareceram tão sexy, até onde ele estava preocupado, entretanto isso era mais sobre ela do que o design ou o tecido.

E aquelas pernas. Estava fodido, mas aquelas pernas com aquela meia-calça preta...

Isaac colocou seu “homem-prostituto” de volta ao seu lugar com um lembrete de que seria uma questão aberta se alguém como ela o deixaria lavar o carro dela, muito menos permitir que ele a levasse para cama. Além disso, ele teria alguma ideia do que fazer com uma mulher como ela? Claro, ele era bom na foda crua, haviam lhe implorado para repetir bastante várias vezes e tivera confiança em encarar de frente.

Mas uma moça como ela merecia ser saboreada — *O condenem ao inferno*. Ele tinha uma sensação de que estava lambendo os lábios.

—A cozinha é lá atrás, — depois de tudo que ela disse, pegou a bolsa e caminhou para fora. Ele a seguiu pelo hall, tomando nota das salas, das janelas e das portas, observando rotas de fuga e entradas. Foi o que ele fez em todo o espaço em que passou, seus anos de treinamento garantiram a pele de suas costas. Mas era mais que isso. Ele estava procurando pistas sobre ela.

E era estranho... a calma persistiu nisto, e o pegou de surpresa. Antiquado e caro normalmente significava travado. Aqui, entretanto, ele respirou profundamente e fácil, embora isso não fizesse sentido nenhum.

Em contraste com o resto da casa, a cozinha era toda branca de aço inoxidável, e quando ela começou a trabalhar tirando tigelas, ovos e queijo, ele colocou seu dinheiro em cima do balcão e não podia esperar para sair do recinto: Ao longo do caminho, havia uma parede com painéis de vidro que provavelmente mediam dois metros e meio cada. O que significava que qualquer um com um par de olhos podia observar por todos os lados da casa.

—O que têm lá atrás?— ele perguntou casualmente.

—Meu jardim.

—Cercado?

Com os braços cheios, ela se aproximou do fogão na ilha de granito.

—Segurança consciente?

—Sim, senhora.

Ela se aproximou, acendeu uma luz exterior, e apagou as de dentro, que deu a ele uma visão perfeita da parte de trás, sem muita trabalhadeira. Deus, ela era esperta.

E o jardim dela era rodeado por um muro de tijolos com três metros de altura, um “oh-ninguém-entra”, que ele aprovou totalmente.

—Satisfeito?— ela perguntou.

Na escuridão, a voz dela assumiu uma qualidade rouca que o fez querer seguir seu corpo através do quarto e levantá-la contra algo, assim ele poderia estar embaixo daquele vestido preto.

Cara, sua pergunta não era a que ela queria fazer a ele esta noite.

—Sim, senhora, — ele murmurou.

Quando as luzes voltaram a se acender, havia um leve toque de vermelho nas bochechas dela, o tipo de coisa que ele não poderia ter notado se não tivesse feito seu trabalho para olhá-la tanto quanto ele pudesse. Mas talvez a cor fosse apenas por causa da tensão por tudo o que tinha acontecido hoje à noite.

Nenhuma dúvida de que era isto.

E o fato de que ele não tivesse notado nada o fez menos que impressionado com a espécie masculina: De alguma forma, mesmo em meio a um grande caos, mesmo quando era brega pra caramba, os homens ainda conseguiam ter tesão por uma mulher.

—Sente-se, — ela disse para ele, apontando com seu batedor de ovos de arame, para um banco sob o bordo do balcão, — antes que caia no chão. E não tente dizer o “Eu-estou-bem”, está claro?

Cara... tesão total por esta mulher.

Completamente quente.

—Olá?— ela disse. —Você estava prestes a sentar-se ali?

—Entendido.

Assim ela voltou para o fogão e ficou batendo — literalmente — ele fez o que ela disse.

Para manter os olhos longe dela, ele olhou para a bolsa, que ela tinha deixado ao lado de onde ele havia sentado. Que vergonha maldita que algo tão agradável e caro tivesse virado lixo.

Havia lama seca em todo o couro e a alça tinha sido muito massacrada. *Idiota cabeça de merda*. Levantando, ele foi até a pia, puxou uma toalha de papel e molhou.

Então, se reinstalando, voltou ao trabalho, tentando limpar a sujeira.

Quando olhou para cima, ela estava olhando para ele novamente e ele parou o que estava fazendo e sustentou as mãos.

—Eu não vou roubar você.

—Eu não acho que você vai. — ela disse numa voz calma.

—Eu sinto muito por sua bolsa. Acho que ela está arruinada.

—Eu tenho outras. E mesmo se eu não tivesse mais, é apenas uma coisa material.

—Uma coisa cara. — E com aquela observação, ele se apoiou por cima do balcão e empurrou o dinheiro dele para ela. —Eu preciso que você pegue isto.

—E eu preciso que você não saia correndo. — Ela quebrou outro ovo na beira da tigela e o dividiu usando somente uma das mãos. —Eu preciso que você siga com o que você concordou em fazer quando eu paguei sua fiança.

Isaac abaixou os olhos e retomou sua rotina de limpeza, em grande parte malsucedida.

Ela deixou escapar uma exalação que, era apenas, uma sílaba ou duas de distância de ser uma maldição.

—Eu estou esperando. Para que você possa me responder.

—Não estava ciente de que havia uma pergunta, senhora.

—Está bem. Quer fazer o favor de ficar aqui e se colocar no sistema?

O Isaac se levantou e voltou para a pia. Assim que ele pegou uma toalha Bounty¹⁰² limpa do rolo, a verdade saltou da boca dele.

—Minha vida não me pertence.

—De quem você está fugindo?— ela sussurrou.

Talvez ela tivesse baixado o volume porque a advogada que havia nela era automaticamente discreta. Ou talvez ela tivesse acertando na mosca: Os tipos que estavam atrás dele poderiam ouvir e, às vezes, até mesmo ver através de paredes sólidas. Vidros como da cozinha? Moleza.

—Isaac?

Não havia nenhuma resposta que ele poderia dar a ela, assim ele sacudiu a cabeça e voltou a esfregar a lama da bolsa... embora ela, provavelmente, fosse jogar fora a bendita coisa pela manhã.

—Você pode confiar em mim, Isaac.

Sua resposta demorou muito para sair.

—Não é com você que eu estou preocupado.



Grier estava do outro lado do balcão, os ovos Humpty-Dumpty¹⁰³ espalhados e salivando sobre o granito, uma tigela vermelha cheia de gemas amarelas e claras transparentes prontas para levar uma surra.

O cliente dela era absolutamente enorme mesmo empoleirado na sua banquetta, suas mãos cuidando de sua Birkin¹⁰⁴. E ainda, apesar de seu tamanho e a consideração que ele estava mostrando por sua bolsa, ela queria rachar a cabeça dele com alguma coisa dura. As soluções

¹⁰² **Bounty** – Marca de toalha de papel.

¹⁰³ **Humpty-Dumpty** – É um personagem de uma canção de ninar inglesa que é retratado em forma de ovo, que aparece também nas histórias do escritor Lewis Carroll.

¹⁰⁴ **Birkin** – É uma marca de bolsa.

estavam tão claras para ela: Fique no sistema, venha se limpar com qualquer agência militar que tenha fugido, resolver as repercussões, faça o tempo... recomece.

Tudo que ele tivesse feito poderia ser reparado.

A sociedade poderia perdoar.

As pessoas podiam seguir em frente.

A menos que, claro, eles fossem idiotas teimosos determinados a desrespeitar as regras e seguirem sozinhos.

Ela pegou o último ovo e bateu com ele contra a borda da tigela, estilhaçando a casca.

—Ai, sinos do inferno.

Os olhos de Isaac se ergueram.

—Tudo bem. Eu não me importo com um pouco de crocância.

—Não está nada bem. Nada disso está bom. — Ela se inclinou e pegou os pontinhos brancos com a unha.

Quando as coisas pareciam aceitáveis na tigela, ela se ouviu dizer:

— Você gostaria de tomar uma ducha antes de nós comermos?

—Não, senhora. — a resposta dele foi calmamente surpreendente.

—Eu tenho roupas para você se trocar. — A sobrancelha dele se ergueu rapidamente mesmo não olhando para ela. —Meu irmão. Ele costumava ficar aqui comigo algumas vezes, não são do seu tamanho claro.

—Eu estou bem. Mas agradeço, senhora.

—Você precisa parar com esta baboseira de “senhora”. Ficamos acima disso no minuto em que você entrou em meu carro.

Enquanto aquela sobrancelha se erguia novamente, ela pegou um pedaço de queijo cheddar e começou a ralar.

—Sabe... você me faz lembrar dele. Meu irmão.

—Como assim?

—Eu também quero salvá-lo do que suas escolhas estão fazendo com sua vida.

Isaac balançou a cabeça.

—Não é uma boa ideia.

Bastante verdade. Deus sabia que ela tinha falhado nisso uma vez.

Sacudindo o queijo a partir do ralador, ela colocou a coisa de lado e cortou um pouco de bacon Canadense. Como ambos trabalhavam em suas tarefas, não demorou muito para que o silêncio a pegasse... mas mais ao ponto, não era de sua natureza desistir. O que sugeria que ela tivesse nascido em um carro que estivesse numa corrida de demolição.

—Olhe, eu posso tentar ajudar com mais do que apenas as acusações contra você. Se você está...

—Eu tirei a maioria da sujeira. — Ele levantou a bolsa, enquanto encontrava diretamente os olhos dela.

—Mas não há nada que eu possa fazer com a alça.

—Onde você está indo?

Quando ele não respondeu, ela fatiou um pedaço grosso de manteiga doce dentro da panela e acendeu o fogo.

— Bem, você sabe que pode ficar aqui esta noite se você quiser descansar. Meu pai tem esse lugar tão firmemente protegido que nenhum rato pode entrar aqui sem acionar o sistema.

— ADT é bom. Mas não é bom o bastante.

— Isso é apenas o sistema simulado. — As duas sobrancelhas dele estalaram e ela acenou com a cabeça. — Meu pai era militar. Do exército, de fato. Quando ele saiu, entrou para escola de direito e depois... bem, ele se mantém atualizado, vamos dizer assim. Atual e de proteção para mim.

— Ele não iria aprovar eu estar aqui.

— Você têm sido um cavalheiro até agora e mais do que o que você usa ou de onde você é, isso sempre foi o mais importante para ele. E para mim, a propósito...

— Eu estou deixando este dinheiro quando eu for embora.

Erguendo a panela fora do fogo, ela inclinou sua face plana, enviando a manteiga em um pequeno passeio que acabou por ser a sua ruína.

— E eu não posso aceitá-lo. Você deve saber disso. Isto faria de mim um acessório. — Ela pensou ter ouvido uma maldição suave, mas talvez tivesse sido apenas um exalar. — Afinal de contas, eu estou disposta a apostar que o dinheiro veio da luta. Ou eram drogas?

— Eu não sou um traficante.

— O que significa que é o anterior. Ainda ilegal. A propósito, eu olhei a fundo sua vida.

Ela revolveu os ovos mexidos e depois derramou mais de metade deles dentro da panela, uma calma onda subindo.

— Não havia nada, exceto um artigo de jornal de cinco anos atrás sobre a sua morte. Veio com uma fotografia sua, então não se incomode em negar.

Ele ficou totalmente parado, e ela sabia que seus olhos estavam afiadamente sobre ela. Por um momento, quis saber exatamente o que tinha recebido em sua casa. Mas então, por alguma razão, ela pensou sobre ele tirando suas botas de combate e deixando-as na porta da frente.

Hora de cair na real, ela pensou.

— Então você vai me dizer o ramo do governo que trabalha, ou devo apenas dar um palpite?

— Eu não estou com os militares.

— Realmente. Então eu tenho que acreditar que, como você luta e como defendeu o seu apartamento e estava em uma via rápida para fora da cidade, foi só porque você é algum tipo de assassino casual de rua ou um tumultuado executor de baixo nível? Eu não acredito nisso. Incidentalmente, o vendo naquele ringue foi como eu soube sem dúvida — disto e o fato de que você colocou fora seu próprio cão ao lado do meu carro quando eu fui atacada. Você estava totalmente no controle de si e da situação com aquele drogado, não um tipo emocional desleixado qualquer, que faz o “salve-o-dia”. Você era um profissional — de fato é. Não é?

Ela não precisava dele dizer nenhuma palavra porque sabia que estava certa. E ainda, quando não houve nenhum comentário, ela olhou para cima, meio que esperando que ele se fosse numa lufada de ar.

Mas Isaac Rothe, ou qualquer que seja seu nome, permaneceu sentado no seu balcão.

—Como você gosta dos seus ovos?—ela disse. —Duros ou moles?

—Duros— ele ladrou.

—Porque eu não estou surpresa?

Capítulo 14

Mortos à direita¹⁰⁵, a expressão que Isaac acreditou que era. Assim que ele encontrou os olhos de sua defensora pública, anfitriã, e cozinheira durona, ficou claro que ela sabia que estaria atrelada a ele em todas as contas.

E não é que isso fez com que ele se sentisse despido?

—Acho que você deveria renunciar ao meu caso, — ele disse severamente. —Efetivamente hoje à noite.

Ela borrifou queijo e bacon Canadense sobre o círculo borbulhante da omelete. —Eu não sou uma desistente. Ao contrário de você.

Ok. Isso o irritou. —Eu também não sou.

—Sério? O que você chama de sair correndo de suas responsabilidades?

Antes que percebesse, ele se debruçou sobre a bancada, e foi se aproximando mais dela. Com os olhos dela chamejando, ele disse asperamente, — Eu chamo de sobrevivência.

Para crédito dela, ou estupidez, ela não cedeu. —Fale comigo. Pelo amor de Deus, me deixe te ajudar. Meu pai tem conexões. Do tipo que corre profundamente e nas sombras do governo. Existem coisas que ele pode fazer para te ajudar.

Isaac permaneceu calmo exteriormente. Por dentro, porém, ele estava lutando. Quem diabos era o pai dela? Childe... Childe... O nome não reluziu nada no banco de dados dele.

—Isaac, — ela disse. —Por favor...

—Você me soltou, assim eu posso continuar. Isso tem me ajudado. Agora você vai me deixar ir. Deixe-me ir e esqueça que alguma vez me conheceu. Se o seu pai é o tipo de homem que você diz que é, você sabe muito bem que existem ramos do serviço onde AWOL é uma sentença de morte.

—Eu pensei que você não estava no serviço militar.

Ele deixou aquela mentira onde pousou... que estava no topo da pilha de merda que ele trouxe à porta dela. No silêncio, acrescentou um pouco de tempero, o saleiro não fez nenhum som, o moedor de pimenta crepitou. E então ela dobrou a omelete ao meio e a deixou fora do calor por um pouco.

Depois de dois minutos, o prato que foi apresentado a ele, era branco e quadrado e o garfo era de prata e tinha arabescos nele.

—Eu sei que você é educado, — ela disse, —mas não espere por mim. É melhor quente.

¹⁰⁵ A expressão é “Dead to rights” que quer dizer: sem nenhuma possibilidade de escape ou evasiva, ou seja, ele se sentiu encurralado sem chance de escapar.

Ele não gostava da ideia de comer antes dela mas, considerando que ele a tinha desligado em todo o resto, imaginou que agora era uma oportunidade para se acomodar. Indo a pia, lavou suas mãos com sabão e água; em seguida se sentou e comeu tudo até a última mordida.

Foi deslumbrante.

—Fique esta noite, — disse ela depois de ter estabilizado a ela mesma e se encostado no balcão. —Fique esta noite e eu vou desistir do seu caso — mas não antes de você tomar o café da manhã comigo amanhã. E você levará o seu dinheiro com você quando for embora. Eu não serei parte disto. Se você partir, você terá este débito em sua consciência.

Uma onda de cansaço soprou através dele, sugando-o duro para baixo sobre o tamborete. Entre os muitos pecados dele, dever dinheiro para ela parecia, curiosamente, um fardo insuportável, muito superior ao número de corpos que ele tinha posto em sepulturas. Mas isso era o que pessoas decentes sempre tinham feito a ele... elas o faziam ver quem e o que ele era claramente.

Assim quando estava se preparando para discutir sobre A-e-B coisas, ela o cortou.

—Olhe, se você estiver aqui, eu sei que você está a salvo. Eu sei que você teve uma refeição ou duas, e que você vai partir mais forte. Agora mesmo, você precisa de uma assistência médica em seu rosto, outra omelete, e uma cama para descansar. Como eu te disse, esta casa está ligada de uma forma além das normas civis e há alguns truques em seu interior — você não precisa se preocupar com uma invasão. Além disso, ninguém com laços com o governo irá me machucar por causa do meu pai.

Childe... Childe... Nada, ainda nada. Então, novamente, ele havia sido um soldado de infantaria em operações militares, preocupado apenas com duas coisas: atingir o alvo e escapar vivo. Ele dificilmente seria um conhecedor da hierarquia militar.

Jim Heron seria, no entanto. E o cara tinha lhe deslizado o seu número...

—Então nós temos um acordo?— ela exigiu.

—Você irá se retirar do caso, — ele rebateu ríspidamente.

—Sim. Mas eu vou ter que dizer-lhes tudo o que eu sei sobre você, quando eu fizer. E antes que você pergunte, desde que você não confirmou nem negou a ligação com o governo... Eu apenas irei esquecer que nós tivemos essa conversa sobre isto.

Ele limpou a boca com um guardanapo e queria amaldiçoar sua falta de opções: Cara, a determinação dela estava no ângulo da mandíbula, claramente era do jeito dela ou de nenhum jeito.

—Me mostre seu sistema de segurança. — Assim com os ombros visivelmente aliviados, ela largou o garfo, mas ele não sentia alívio nenhum. —Não, termine sua comida primeiro.

Enquanto ela comia, ele se levantou e andou em volta, memorizando tudo, desde os quadros nas paredes até as fotos ao redor do sofá e na sala de estar.

Finalmente, ele parou na frente de todos aqueles vidros.

—Deixe-me te mostrar. — Ao som da voz dela, os olhos dele focalizaram o reflexo dela assim que ela ficou atrás dele naquele vestido preto, um lindo espectro de uma mulher...

No silêncio quieto da casa, com a barriga cheia com a comida que ela preparou para ele, e os seus olhos embebidos em vê-la... as coisas foram de complicadas para completamente caóticas.

Ele a queria. Com uma fome que ia pôr ambos em um inferno de uma ligação.

—Isaac?

Aquela voz dela... aquele vestido... aquelas pernas...

—Eu preciso ir, — ele disse bruscamente. Na verdade, ele precisava ir... para dentro dela. Mas isso não faria parte disto. Mesmo que ele tivesse que cortar seu próprio pênis fora e enterrá-lo naquele lindo jardim dela.

—Então eu não vou me retirar do seu caso.

Isaac se virou e ficou totalmente sem surpresa quando ela não recuou ou moveu um centímetro. Antes que ele pudesse abrir a boca, ela sustentou a palma dela para detê-lo antes que ele começasse.

—Não importa que eu não te conheça e que eu não lhe devo. Então você pode parar com esse argumento aí mesmo. Você e eu vamos verificar o meu sistema de segurança e então você vai dormir em meu quarto de hóspedes e partir pela manhã...

—Eu poderia matar você. Bem aqui. Agora mesmo.

Isso a calou.

Enquanto a ponta dos dedos dela levantava seu pesado colar de ouro, como se, talvez, estivesse imaginando as mãos dele em torno de sua garganta, ele caminhou até ela.

E desta vez ela recuou... até que o balcão, onde o prato vazio dela estava, a parou.

Isaac continuou vindo até que pôs os braços dele de cada lado dela, prendendo suas mãos no granito, aprisionando-a de forma eficaz. Olhando bem dentro daqueles olhos azuis dela, ele estava desesperado para assustá-la de algum jeito.

—Eu não sou o tipo de homem com o qual você está acostumada a lidar.

—Você não vai me machucar.

—Você está tremendo e você tem um aperto de morte agora mesmo em seu pescoço. Então me diga o que você acha que eu sou capaz de fazer. — Enquanto ela engolia em seco, ele pensou que esse tipo de alerta poderia fazê-lo vitorioso, exceto que se sentia como um bandido colocado num show de agressão. —Eu sei que você está na coisa de salvadora. Mas eu não sou o tipo de obra de caridade que vai alimentar a sua alma. Confie em mim.

A energia começou a vibrar zumbindo entre eles, as moléculas de ar no espaço entre seus corpos e suas faces em agitação.

Ele se inclinou ainda mais perto.

—Eu sou mais o tipo de comê-la viva.

Ela exalou rapidamente e ele sentiu o ventilar sobre a pele de seu pescoço fazendo cócegas. E então ela calou o traseiro dele.

—Então faça isso, — ela botou pra fora.

Isaac franziu a testa e se afastou um pouco.

Os olhos dela ardiam, uma raiva súbita permeando seu belo rosto com uma paixão que ele ficou chocado e excitado.

—Faça,— ela rosnou, agarrando um dos braços dele.

Ela puxou a mão dele e a colocou em sua garganta.

—Vai em frente, faça. Ou você está apenas tentando me assustar, hein?

Ele puxou seu pulso para fora do aperto dela.

—Você perdeu a cabeça.

—É isto, não é? — A raiva dela realmente não deveria ter sido um tesão total novamente. Realmente. Verdadeiramente. —Você quer tentar me intimidar a ficar com medo e deixá-lo fora do gancho. Bem, boa sorte com isto. Porque, a menos que você esteja preparado para levar a cabo a ameaça, eu não estou desistindo e não tenho medo de você.

Os pulmões dele começaram a queimar... e teria sido um inferno de muito mais inteligente para ele sair fora e usar uma de suas portas, ele acabou colocando a mão direita de volta, onde tinha estado sobre o granito... assim ela estava, mais uma vez, presa entre os braços pesados dele.

Ele gostava bastante do lugar onde ela estava, toda coberta pelo seu corpo. E ele respeitou a demonstração de força dela; ele realmente respeitou, mesmo que isso o fizesse ficar preocupado sobre como ela era imprudente.

—Adivinhe, — ele falou baixou, com a voz grave.

Ela engoliu em seco novamente.

—O quê?

Isaac se aproximou, colocando sua boca bem perto do ouvido dela.

—Matar você não é a única coisa que eu poderia fazer com você... senhora.



Tinha sido um longo tempo desde que Grier sentiu cada centímetro quadrado do corpo dela ao mesmo tempo. *Bom Deus*, porém, ela o fez agora, e não era apenas a pele que ela estava sentindo. Ela sentia cada pedaço de Isaac Rothe, também, embora nada seu tivesse a tocando.

Havia tanta coisa dele. E talvez ela devesse ter sido desmotivada por aquela coisa crua, aquela coisa masculina que ele tinha em curso... mas ao invés, a realidade brutal do poder dele há pouco, a atraiu mais e mais. Separados meramente por centímetros, com ambos respirando com dificuldade, ela estava totalmente enlouquecida, suas emoções desencadeadas como se tivesse de fato separado sua cabeça de seu corpo e deixado rolar no chão.

Deus, ela estava desesperada por ele: Ela queria atirar-se diretamente para ele e nocauteá-lo pelo impacto. Ela queria que ele fosse a parede de tijolos na qual ela batesse. Queria ser insensata e cambaleante e fora de toque com a realidade dela... por causa dele e do sexo que ele colocou pra fora, como um aroma, e o passeio selvagem que ele seria.

Sim, com certeza, não duraria. E quando ela despertasse, ia se sentir como inferno. Mas neste momento elétrico, ela não se importava com nada disso.

—Isaac...

Ele se afastou. No momento em que ela disse seu nome com a voz rouca, ele não apenas se afastou ele se arrancou fora do vórtice. Passeando em volta, ele esfregou os cabelos curtos como se estivesse tentando esfregar seu cérebro até ficar em carne viva, e a distância física lhe deu uma pista sobre como ela sentiria o resultado, se já estivesse com ele: muito vazia, vagamente nauseada, e definitivamente envergonhada.

— Isso não vai acontecer novamente —, disse ele asperamente.

Com o pronunciamento dele o ar se manteve imóvel entre eles, ela disse a si mesma que estava aliviada porque não teria que lidar com as coisas de sexo.

Eeeeeeeeeeeeeee... o latejar entre as coxas dela disse-lhe que era uma mentira deslavada.

— Eu ainda quero que você fique, — ela disse.

— Você nunca desiste, não é?

— Não. Nunca. — Ela pensou no número de vezes que tentou arrancar Daniel da descida espiralada dele. — Nem sempre.

A face de Isaac parecia antiga enquanto olhava da cozinha para ela, os olhos gelados dele nada mais que covas de escuridão.

— Palavras de um sábio. Desistir pode ser um importante mecanismo de sobrevivência.

— E às vezes é uma falha moral.

— Não se você está sendo arrastado atrás de um carro. Ou sendo puxado abaixo num buraco de rato. Às vezes, para salvar a si mesmo, você tem que cair fora.

Ela sabia que eles estavam chegando perto verdade dele e manteve a voz firme como podia.

— Do que você está caindo fora, Isaac? Do que você está salvando você mesmo?

Ele apenas olhou para ela. E depois...

— Onde está seu sistema de segurança?

O desvio era uma decepção, mas a concessão que ele fez por estar ficando, era um ganho de sorte. E enquanto o levava para frente da casa, se recompôs o melhor que pôde, embora os joelhos dela estivessem frouxos e a pele aquecida demais e sua mente girando.

Havia uma familiaridade terrível ao modo que ela se sentia, uma que ela recusou a reviver... mas poderia muito bem levar a seu irmão morto, quando o viu novamente. Daniel nunca falava da noite em que tinha morrido, ou de todo o abuso de si mesmo que tinha tido antes disso. Talvez, embora... eles precisassem falar sobre tudo isso.

— Com eu já falei, isto é apenas uma demonstração, — ela disse, passando rapidamente uma mão pelo painel do ADT que estava montado na parede. — A unidade real está na parte de trás do meu armário no quarto. Cada janela e cada porta têm os receptores ADT, mas o verdadeiro sistema é protegido por ondas de rádio e raios infravermelhos e placas de cobre. Assim como você.

— Mostre-me os conectores. E eu quero ver a placa-mãe. Por favor.

O que significava levá-lo lá em cima.

Assim, ela olhou para cima, para os degraus acarpetados e achou difícil de acreditar que estava desejando saber se poderia confiar nela com ele.

Tão perto de uma cama.

Que diabos estava acontecendo com ela?

Capítulo 15

Enquanto Isaac era conduzido para um quarto tipo uma biblioteca aconchegante, ele sabia que era ali onde Grier passava seu tempo livre.

Havia seções do New York Times e do Wall Street Journal em uma cesta de vime ao lado de uma cadeira estofada, e uma TV wide-screen na parede distante, sem dúvida via CNBC, a CNN ou a Fox News¹⁰⁶, quase todas as noites.

Quem sentava aqui e assistia com ela? Aquele irmão dela?

— Viu? — Ela disse, puxando uma das cortinas Black Watch Tartan¹⁰⁷ de lado.

Isaac aproximou-se e se inclinou e sentir o cheiro do perfume dela era precisamente o tipo de coisa que ele não precisava agora.

Se forçando a focalizar os minúsculos flashes de cobre, ele aprovou o que estava olhando. Muito moderno.

Quem era seu pai?

Antes que fizesse alguma coisa estúpida, como tocá-la, ele se afastou, e enquanto vagava para a TV, ficou totalmente impressionado com a coleção de DVDs arrumados nas prateleiras. Muitos títulos estrangeiros e séries que ele nunca tinha ouvido falar e muito menos visto. Então novamente, ele não tinha ido ao cinema desde o final dos anos oitenta.

A última coisa que ele sabia era que Bruce Willis era um policial desesperadamente à procura de um par de sapatos que se ajustassem, Arnold era um ciborgue com óculos escuros, Steven Seagal tinha um cabelo real.

— Você vai me levar para ver a placa mãe?— disse ele, virando-se para ela.

Como iam para o quarto dela, ele deixou que ela fosse na frente. Que cavalheiro.

— Claro.

Seguindo-a nas escadas, ele deu a ela um amplo espaço, o que foi bom porque ele manteve as mãos para si mesmo, e não tão quente, pois seus olhos tinham muito que olhar. *Jesus*, seus quadris tinham um jeito de fazê-lo ranger os dentes molares.

Quando eles passaram pelo segundo andar, ele fez uma rápida pausa e conseguiu uma impressão de três quartos com as portas abertas. A decoração era feita na rotina do mesmo velho dinheiro do andar de baixo, mas havia uma vibração aconchegante em tudo. Muito mais "família" do que "hotel".

Ele certamente nunca tinha vivido assim. Dividia um quarto do tamanho da sala da frente com dois de seus irmãos enquanto crescia. Na *Ops*, ele dormia onde podia, normalmente sentado em uma cadeira diante de uma porta com uma arma na mão.

— Estou no terceiro andar—disse ela à partir de uma série de passos acima.

¹⁰⁶ **CNBC, CNN e Fox News** — Canais jornalísticos da televisão.

¹⁰⁷ **Black Watch Tartan** — Tecido semelhante à vestimenta ou saíote quadriculado usado pelos Irlandeses e Escoceses.

Ele assentiu com a cabeça e colocou seu traseiro para andar. Acontece que o terceiro andar inteiro era dela. O quarto principal era uma expansão com a sua própria área de estar, lareira e portas francesas que se abriam, para o que ele adivinhou que seria o terraço privativo.

— Estou aqui.

Ele seguiu o som de sua voz, indo até o closet onde ela tinha desaparecido. A maldita coisa era tão grande como salas de algumas pessoas, de parede a parede carpetes cremosos e legiões de roupas alinhadas e penduradas por categoria.

O ar cheirava ao perfume dela.

Ela estava na parte de trás, mudando de lado uma dúzia de terninhos para revelar... um metro de altura por um metro de largura que parecia ser nada mais do que uma tampa de radiador antigo. Mas você sabe, a coisa deslizou para trás e revelou um espaço apertado.

Um pequeno clique e veio a luz.

Ela passou primeiro e ele estava apertado logo atrás com sua chegada ao confinamento, e lá estava ela.

Santa... merda.

Enquanto se ajoelhavam lado a lado ele pensou, *cara*, ele não era um tipo tecnológico ou estaria desmaiando. A configuração era tão sofisticada quanto ela, um pequeno bloco de dez números e *desligado*, *permanecer* ou *sair* para escolher. Este era um sistema ligado ao computador que acompanhava as diferentes zonas da casas em vários níveis. E se ele estava lendo certo, a única maneira de chegar aos componentes seria vindo por todo o caminho até aqui, e o desarmamento seria complicado.

Exceto...

— Eu não vi você desligá-lo quando entrou.

Ela entregou algo que parecia com o chaveiro de um carro.

— O bloco é calibrado para a minha impressão digital. Eu levo isso comigo aonde quer que eu vá, e o sistema está ocupado agora.

Enquanto ele virava a coisa em sua mão, ela disse: — Bom o suficiente?

Ele virou os olhos para os dela.

— Bom o suficiente.

Longo momento. Muito longo para onde eles estavam.

Um caminho muito longo para quem eles eram.

— Mais alguma outra coisa? — disse ela.

Sim.

— Não.

Grier concordou e começou a trabalhar de maneira que pudesse sair do confinamento. Depois que ele saiu, eles colocaram a grade de volta e andaram de volta para a sua sala—vai entender—ele não podia deixar de olhar para a cama. Grande. Muitos edredons e travesseiros. Do outro lado, havia uma pequena TV em cima de uma mesa antiga, e uma estante forrada de DVDs precisamente ordenados.

Ele franziu a testa e se aproximou, ainda que não fosse da sua conta, porque ele não podia estar vendo os títulos corretos.

A Garota de Rosa Shocking. Clube dos cinco. Gatinhas e Gatões. Duro de Matar¹⁰⁸. A Força em Alerta¹⁰⁹.

Mesmo que ele conhecesse esses.

— Essa é a minha visão noturna — disse Grier, enquanto cruzava diretamente endireitou as finas caixas apesar de estarem perfeitamente retas.

— Diferente do que você tem lá embaixo. — E ele achou difícil de acreditar que ela era um enigma que queria ser Jane Austen em público e Jerry Seinfeld aqui no seu quarto.

Ela pegou Feitos um para o Outro¹¹⁰... e passou a mão sobre a cena de outono na frente.

— Eu não durmo bem, e esses me ajudam. É como se... meu cérebro voltasse para a época em que eles saíram. Eu vejo os carros... as cenas de supermercados com os preços mais baratos... as roupas que costumavam estar na moda... cabelo que ninguém usa mais. Eu volto no tempo para quando eu tinha a idade em que os vi pela primeira vez, de volta para quando as coisas eram... mais simples. Ela riu rapidamente, embaraçada. — Dose cinematográfica fatal, eu acho que você gostaria de chamá-lo assim. É a única coisa que funciona para mim.

Olhando para ela enquanto ela olhava para Meg Ryan, ele tinha certa imagem dela enrolada ao seu lado, a cor azul da tela tremulando diretamente em seus traços, a viagem ao passado acalmando seus nervos e retardando seu cérebro agitado.

Será que ela tinha um amante para assistir com ela? Ele se perguntou. Um namorado?

Nenhum anel, assim ele supôs que não estava namorando ou casada.

— O quê? — disse ela, puxando um lindo vestido preto. Ele limpou a garganta, odiando-se ter sido pego a olhando. — Qual chuveiro que você quer que eu use?

Isso a fez sorrir. Pela primeira vez.

Oh é, o pegou desprevenido... ele prendeu a respiração e seu coração parou.

Grier colocou o filme em seu compartimento.

— Mais comida primeiro — ela disse quando se virou e abriu o caminho de volta para baixo.



Jim e seus rapazes desembarcaram no jardim de trás de uma casa antiga de tijolos de três andares, que tanto gritava velho dinheiro quanto pedia desculpas por fazer qualquer barulho, ao mesmo tempo. Tudo sobre ela, e a sua vizinhança, era refinada e super bem cuidada... e tijolo. Pelo amor de Deus, todo o CEP parecia que os três porquinhos tinham sido porcos selvagens: casas de tijolos, paredes de tijolos, passarelas de tijolos, faixas de tijolos.

Era o suficiente para fazer o grande lobo mau ter um pulmão de ferro.

¹⁰⁸ *A Garota de Rosa Shocking, Clube dos cinco, Gatinhas e Gatões, Duro de Matar* – Filmes dos Anos 80.

¹⁰⁹ *A Força em Alerta* – Filme dos Anos 90.

¹¹⁰ *When Harry Met Sally* – filme de 1989.

Através das janelas de vidro, uma cozinha que era malditamente bonita e se ampliando em todas as direções, e havia algum tipo de comida ou coisa em cima do balcão, mas nenhuma pessoa. Retrocedendo, Jim não olhou para a casa, mas por toda a casa, fechando os seus olhos e se concentrando. Sim, ele podia sentir os dois... bem como qualquer outra coisa. Havia uma... ondulação... lá dentro.

Suas pálpebras se abriram e quando ele se lançou para a porta de trás, Eddie o agarrou pelo braço. O que, considerando a força do cara, era como correr em um carro estacionado.

— Não, não é Devina. Isso é uma alma rebelde.

Jim franziu a testa e concentrou seus tentáculos sobre a perturbação.

— Rebelde?

— É uma alma que foi libertada do corpo, mas ainda tem que ir para a sua eternidade destinada. Ele está preso aqui na terra.

— Um fantasma.

— Sim. Eddie enfiou a mochila nos ombros, sua trança grossa caindo para frente.

— É por aí, esperando para ser livre.

— O que mantém a coisa aqui?

— Negócios mal resolvidos.

— E você tem certeza disso? — Enquanto os olhos vermelhos do anjo eram duramente uma rocha, Jim levantou as mãos. — Ok, ok. Mas será que podemos combinar em chamá-los de “fantasmas”? Essa merda “rebelde” parece coisa de avó.

— Concordo — Adrian opinou.

— Oh, pelo amor... — Eddie murmurou. — Você pode chamá-los de Fred, se você ficar de fora.

— Concordo.

Naquele momento, Isaac e Grier caminharam para dentro da cozinha. Enquanto o cara parava em um banquinho, ela retornou a cozinhar para ele e a tensão entre eles era evidente... como era a atração: Os dois estavam jogando tênis com os olhos, cada vez um olhava, o outro desviava o olhar, e isso fazia avermelhar as bochechas da mulher, selava o acordo sobre o tom “ooh-la-la”.

Olhando através do vidro, Jim sentiu-se totalmente antigo e distante. Achava que agora que ele era um anjo, qualquer sonho de se casar e fazer um filho estava morto e enterrado, para não dizer nada de namorar alguém... embora Cristo, quando ele tinha alguma vez namorado?

E ele nunca foi o tipo de casar, então por quê diabos ele estava reclamando?

Além disso, este não era nenhum filme passando no canal RL¹¹¹ do outro lado do vidro: o que ele estava olhando era para um homem caçado e uma mulher que estava em sua cabeça.

Difícilmente tinha algo a ver com inveja.

Na verdade, ele se perguntou que diabos o cara estava pensando. Qualquer pessoa que já havia trabalhado com o seu antigo patrão sabia que os danos colaterais eram uma possibilidade muito real nesse cenário.

¹¹¹ **RL** (*Real Life*) – Canal de televisão americano.

— *Cara*, vamos morar com eles — Adrian gemeu. — Foda-se a magia de proteção, Eu amo um bom omelete e estou morrendo de fome.

Jim o olhou.

— Sêrio.

— O quê? Deve ter muitos quartos neste lugar.

De repente a voz do anjo ficou mais profunda.

— E eu posso participar de meus exercícios extracurriculares de forma discreta. — Sim, e ele não estava falando de cestaria¹¹² lá. Leia-se: sexo com mulheres anônimas. Às vezes com Eddie usando a “espingarda”.

Jim tinha passado apenas uma noite com eles, mas ele já sabia como o treinamento funcionava. Apesar de tudo, Ad se permitiu ser usado e abusado por Devina no final da primeira partida, e não tinha levado muito tempo para cantarolar novamente. O cara era malditamente obcecado com o sexo feminino.

— Você poderia por favor se focar? — Jim olhou para Eddie.

— Então o que podemos fazer aqui...

Adrian o cortou com um rosnado.

— Ah, sim, ela está fazendo outra para ele.

— Você pode cair na comida com essa voz de pornografia.

— Ei, quando eu estou em algo, eu estou mesmo.

— Tente aprender a cozinhar, então...

Eddie pigarreou.

— Certo. Portanto, há uma intercâmbio protegendo este lugar, a mais forte das magias irá enfraquecer o lugar para Devina.

— Ela já sabe, Jim disse calmamente. — Eu aposto minhas bolas que ela já o encontrou.

— Ainda acho que devemos ficar quietos.

— Concordo.

Eddie estendeu sua mão.

— Então me dê sua mão.

Enquanto Jim oferecia sua mão, olhou para os dois lá dentro. Eles pareciam isolados do furacão girando no horizonte, e ele teve a estranha vontade de torná-lo assim para que eles ficassem desse jeito...

— Merda— ele sussurrou, puxando seu braço para trás. Olhando para o ferrão na mão, ele encontrou um corte em sua linha da vida, que estava escorrendo... sangue... ou algo parecido.

Havia um brilho no fluxo jorrando em vermelho, como uma pintura de carro iridescente estacionado ao sol. Engraçado, ele não tinha notado nada de estranho na casa funerária, apesar de que ele estava um pouco distraído pela imitação, de um saco de areia, do seu velho corpo naquela pedra.

Eddie abriu o estojo de sua adaga de cristal.

¹¹² **Cestaria** – É o processo de tecelagem não fiadas de fibras vegetais transformadas em cestas. É feita à partir de uma variedade de materiais fibrosos ou maleáveis.

— Dê a volta e marque cada uma das portas. Tenha em mente a imagem dos dois e os veja em segurança e em paz, uma calma protegida. O mesmo de antes, quanto mais forte a sua imagem, melhor funciona. Vai formar uma espécie de barômetro emocional dentro da casa... de modo que, se houver uma grande perturbação, você vai sentir. É uma magia de baixo nível e você vai chegar aqui rápido, se algo acontecer, e não deve chamar a atenção de Devina. Claro, ele não vai mantê-la fora de lá, mas você pode chegar aqui em um piscar de olhos, se ela violar a barreira.

Com a mão pingando, Jim subiu os degraus até a porta dos fundos, mantendo-se camuflado para que não aparecesse para Isaac e sua amiga, nada mais que uma sombra. Pressionando a mão nos frios painéis pintados, ele se concentrou nos dois, pegou-os no momento em que seus olhos se fecharam. Então ele abaixou as pálpebras e concentrou-se em nada, somente nessa imagem...

O mundo foi embora, tudo, desde a brisa no rosto ao ranger da jaqueta de couro de Adrian, os sons distantes do tráfego, simplesmente desapareceram... e, em seguida, seu corpo também, levantando seus pés sem peso, mesmo quando ele ficava no chão.

Não havia nada para ele, em torno dele, ou sobre ele, apenas a imagem em sua mente.

E foi à partir do vácuo que o seu poder ferveu.

Uma onda imensa de energia canalizada para o espaço em branco que ele havia criado, e sem entendimento, ele sabia exatamente o que fazer com a força, enviando-a ao redor da casa, entregando parte dela só para descobrir que ainda mais fluía lá dentro.

Soltando o braço, ele voltou...

Jim ficou parado. O brilho em seu sangue estava na porta... e se espalhando em todas as direções, em ondas, cobrindo os painéis e as ombreiras e passando para os tijolos. Para cima e para os lados subindo, ganhando terreno, assumindo o controle.

Vedando a casa.

— Nada mal para uma primeira tentativa — ele murmurou, ficando preparado para ir até a frente.

Quando ele virou, parou. Os dois anjos estavam olhando para ele como se fosse um estranho.

— O quê? — Ele olhou por cima do ombro. A onda vermelha ainda estava se espalhando, indo para cima e sobre o teto.

— Claro que a merda parece que funcionou.

Eddie pigarreou.

— Ah, sim. Você poderia dizer isso.

— Para o lado da frente...

— Não é necessário — disse Eddie. — Você cobriu a casa.

Enquanto Adrian murmurava algo em voz baixa e balançava a cabeça, Jim pensou, *Mas que raio?*

— Vocês dois parecem como se alguém tivesse urinado em suas botas. Vocês querem me dizer qual o problema? — Silêncio. Esperando a resposta... que não veio.

— Tudo bem. Seja como for.

— Devemos ir agora — Eddie disse colocando a faca de volta na embalagem.

— Com a mágica no lugar, não somos uma grande coisa a acrescentar. Devina tem como nos rastrear.

— Como?

Os dois anjos se entreolharam. Ad foi quem respondeu.

— Nós estivemos com ela. Se você sabe o que quero dizer.

Jim estreitou seus olhos sobre Eddie, mas o anjo simplesmente ocupou ele mesmo com sua maldita bagagem.

Bem, como você sabe. Devina ficou ao redor.

Colocando o pensamento fora de sua mente, Jim entrou pela porta traseira do jardim e deu a volta até a entrada da frente. Depois de fazer a anotação do número e da rua, ele se elevou ao ar, apesar do impulso de ficar parado.

Estava satisfeito com o seu pequeno feitiço selante, contudo, e Cão estava no hotel por um bom tempo, e Jim precisava tirá-lo de lá. Talvez os dois saíssem para uma pizza...

Enquanto Adrian e Eddie, sem dúvida teriam um tipo diferente de torta.

Capítulo 16

Enquanto Isaac estava comendo sua segunda omelete e perguntando-se como no inferno ele iria conseguir passar por aquela noite, Grier foi arrumar seu quarto. Quando ambos tinham terminado, ela o levou para o que era, claramente, uma suíte para convidados masculinos: as paredes e cortinas eram feitas em azul marinho e marrom chocolate e existiam cadeiras e muitos livros encadernados em couro.

Ele se sentiu como um intruso total.

—Eu vou me trocar e então limpo a cozinha. — ela disse enquanto saía e deixava a porta parcialmente fechada. —Se você precisar de qualquer coisa, você sabe onde me achar.

Houve uma breve pausa. Como se ela estivesse procurando algo para dizer.

—Boa noite, então. — ela murmurou.

—Boa noite.

Depois que ela o deixou fechado lá, ele a escutou indo para seu quarto, seus passos eram constantes e suaves. Lá em cima, ele não podia ouvir caminhando, mas imaginou-a entrando naquele enorme closet¹¹³ e tirando seu vestido preto.

Sim... aquele zíper descendo, mostrando suas costas. Descendo pelos ombros, depois pela parte superior de seus braços... o material passando pela sua cintura e então deslizando por seus quadris.

Seu pênis se contraiu.

Então ficou completamente duro.

Merda. Justamente o que ele não precisava agora.

Entrando no banheiro, ele parou e teve que tirar o chapéu para sua anfitriã. No balcão de

¹¹³ **Closet** – é um tipo de armário muito usado nos EUA, fica atrás de uma porta que dá para um pequeno ou grande espaço, aonde se penduram as roupas.

mármore, ela deixou toalhas limpas, uma coleção de artigos de toalete, um tubo de Neosporin¹¹⁴, e uma caixa de Band-aids. Tinha também uma camisa masculina tamanho adulto e a parte de baixo de um pijama de flanela que enviou uma pontada de ciúme direto a seu peito.

Ele esperava como o inferno que eles realmente pertencessem ao seu irmão. E não algum tipo de advogado engravatado que dormiu com ela.

Amaldiçoando ele mesmo, entrou no chuveiro e ligou a água. Não era seu problema quem eram os amantes dela, que tipo, ou quantos, ou quando e onde. E aquela coisa de pijama de flanela? Estava limpo e manteria seu traseiro aquecido.

Não importava de quem ele era.

Tirou sua camisa de moletom e re-checkou suas armas de fogo. Então ele puxou sua camisa pela cabeça, deslizou suas calças para baixo e deu uma olhada em seu reflexo no espelho: um monte de hematomas pretos e azuis em seus ombros e seu tórax entremeado por uma rede de velhas cicatrizes que haviam curado perfeitamente.

Difícil não imaginar o que Grier pensaria sobre ele.

Então quando ele caísse novamente na escuridão, não teria que se preocupar sobre a Merda. Ele tinha que cortar esse papo-furado.

Entrando no chuveiro, ele perguntou-se exatamente o que ela tinha que conseguia fazer com ele pensasse como um adolescente de quinze anos de idade. E decidiu que tinha que ser o fato de que ele não fazia sexo há um ano e esteve em uma briga hoje à noite, ambos eram o tipo de coisas que sacudiam um sujeito.

Realmente.

Faziam mesmo.

Ele, possivelmente, não poderia correr atrás de sua advogada só porque ela era um mulherão de 1,70m, embrulhado em um pacote no estilo Tiffany¹¹⁵.

Infelizmente, qualquer que seja a causa, acabou que o sabão e água quente não ajudaram a melhorar sua sobrecarga hormonal. Enquanto ele se lavava, suas mãos em sua pele eram escorregadias e mornas... e o sabão desceu por entre suas pernas, gotejando no seu pênis duro e fazendo cócegas em suas bolas apertadas.

Ele estava acostumado ao seu corpo estar cheio de dores, era fácil ignorar toda merda. O que ele estava sentindo por aquela mulher? Era como tentar fingir que alguém não estava gritando dentro de uma igreja...

Sua mão saponácea vagou onde não devia indo entre suas coxas, varrendo o lado inferior de sua ereção.

—Merda. — ele friccionou enquanto deixava sua palma deslizar para cima e para baixo.

Custou toda sua força de vontade conseguir deter a condenada mão. E ele acabou lavando seu cabelo três vezes em uma tentativa para manter-se ocupado. Condição o inferno para tentar cair fora disso também. Claro que a melhor solução era sair da privacidade traiçoeira e do calor sedutor do chuveiro — mas ele não conseguia convencer seu corpo a andar na direção do

¹¹⁴ **Neosporin** – é uma pomada antibiótica usada em curativos.

¹¹⁵ **Tiffany** – É uma cadeia de joalherias muito chique e famosa nos EUA.

tapete do banheiro.

Antes de perceber, sua ereção estava fazendo aquela coisa de ímã novamente e sua mão já estava voltando a segurá-la... e ele desistiu da briga.

Sujo. Luxurioso. Bastardo.

Sentiu-se tão bem, embora, aquele aperto que ele imaginava era o dela, o toque, aquele deslizamento, aquela torção na ponta.

Além disso, quais eram suas opções? Tentar ignorar isto? *Sim, certo.* Pensando na parte inferior do pijama, ele iria ser Barnum & Bailey¹¹⁶ obsceno. E ainda tinha que ir até o andar de baixo antes que ele desabasse.

Tinha um aviso para dar a sua adorável advogada.

Os últimos de seus argumentos internos o rondaram para... oh, talvez mais uns dois golpes e então terminaria o banho. Enfrentando o chuveiro, ele plantou uma mão na parede de mármore e encostou seu ombro. Seu pênis estava tão pesado e duro quanto seu maldito antebraço quando ele começou a trabalhar nele corretamente, sua mão subindo e descendo. E a explosão de fogo que relampejou em sua espinha, fez cair sua cabeça e abriu sua boca para respirar.

Naquela caótica situação, ele se recusou a pensar sobre Grier. Ela poderia ter sido a causa da estimulação, mas ele não iria fantasiar sobre ela enquanto se masturbava no chuveiro. Simplesmente não iria acontecer. Seria muito repulsivo e desrespeitoso, ela merecia muito mais, ainda que nunca descobrisse o que ele estava fazendo.

Esse foi o último pensamento consciente que ele teve antes dele estar à beira do orgasmo: a cabeça de seu sexo estava tão sensível que cada vez que puxava a mão pra cima enviava choques em sua ereção que desciam até suas bolas. Abrindo mais suas pernas, ele se equilibrou e se fixou enquanto achava seu ritmo, o spray quente batendo em seu cabelo e descendo pelo seu rosto enquanto ele começava a arquejar...

Vindo do nada, e contra qualquer gerenciamento em contrário, a memória de ter Grier lá em cima se arrumando, no closet, agarrou-se em seu cérebro. Não importava o quanto ele tentasse esquecer ou focar em qualquer outra coisa, não existia nada que se comparasse ao que sentia por estar tão perto dela.

Deus, os lábios dela tinham estado a poucos centímetros dos seus. E se tivesse inclinado um pouquinho a cabeça ele a teria beijado...

A liberação veio rápida e poderosa, batendo nele tão forte, que ele teve que virar seus bíceps e morder para evitar gritar o nome dela. E pelo inferno, ele se masturbou até o último espasmo, ordenhando a si mesmo até que seus joelhos se enfraqueceram e ele saboreou o gosto de sangue da mordida.

Como resultado, ele caiu e se sentiu acabado, como estivesse drenado não apenas do impulso sexual, mas de todo resto.

Ele estava tão cansado.

Muito, muito cansado.

Com uma maldição, ele pegou a mão que tinha feito o trabalho e teve certeza que não

¹¹⁶ **Barnum & Bailey** – É uma companhia de circo. Creio que ele quis dizer que iria fazer um papel de palhaço obsceno.

existia nenhum rastro de qualquer coisa no mármore ou o vidro. Então se lavou pela uma última vez, fechou a água, e andou pelos limites nebulosos do banheiro que tinha conseguido deixá-lo em dificuldades.

Ele ainda estava duro. Apesar do esgotamento. E do exercício.

Claramente, seu pênis não tinha aceitado o suborno.

E sim, ele estava certo: a flanela absolutamente não conseguiria esconder o “ei-nós-podíamos-fazer-um-pouco-mais-disto”. Além de tudo, aquela coisa o fazia parecer ter duas vezes o tamanho normal, que, considerando que deveria estar pendurado para começar, não era a direção que ele queria ficar.

Segurando sua ereção e pregando contra sua barriga com o cós da calça do pijama, ele agarrou a camisa e rezou que fosse longa o suficiente para ocultar a cabeça do seu pênis.

Que estava ainda cheio de ideias brilhantes...

Certo, não escondia totalmente. O pulôver poderia ter sido longo suficiente se seu tórax não fosse tão grande. *Como ele estaria?* Ele se sentia mais desnudo do que quando estava sem roupa nenhuma.

Isaac largou o pulôver e colocou seu blusão de moletom; a camisa estava sórdida depois da briga. A maldita coisa devia ser queimada, não lavada. E antes dele fazer a viagem de retorno ao andar de baixo, pegou o estojo de primeiros socorros, embora não porque ele se importasse: que merda, se ele não usasse, ela iria insistir em subir e dar uma de Florence Nightingale¹¹⁷.

Não era um bom plano, considerando o que ele havia feito.

A bandagem de borboleta que ele tinha conseguido dos auxiliares de enfermagem na prisão não teve chance e só Deus sabe onde foi parar. Entretanto, estar ferido não era nada especial, só uma divisão na pele que era funda o suficiente para sangrar, mas nada para ficar histérico. Iria ficar uma cicatriz, e isso importava?

Pegou um Band-aid, não se importando com aquela história de antibiótico. Era muito mais provável ele morrer de uma Smith & Wesson¹¹⁸ com envenenamento por bala, que qualquer infecção de pele.

Saiu do quarto de hóspedes. Degraus abaixo. Quando chegou ao corredor dianteiro, as coisas começaram a diminuir ligeiramente ao nível do seu quadril.

Até ele ir para o canto da cozinha e ver Grier.

Oh, homem.

Se ela esteve magnífica naquele vestido preto, agora ela era totalmente desejável no que era, evidentemente, sua versão de pijama: cuecas boxer masculinas de flanela e uma camisa de moletom verde velha em que se lia CAMP DARTMOUTH¹¹⁹. Com meias brancas e um par de chinelos em seus pés, ela parecia mais perto da idade para a universidade do que para os trinta... e a ausência de maquiagem e cabelo arrumado era realmente especial. Sua pele era cetim liso e seus olhos pálidos ficaram perdidos atrás de seus óculos.

¹¹⁷ **Florence Nightingale** – foi uma enfermeira britânica que ficou famosa por ser pioneira no tratamento a feridos de guerra.

¹¹⁸ É um tipo de arma de fogo, por isso ele diz, “envenenamento por bala.”

¹¹⁹ **Dartmouth** – é uma universidade americana situada em Hanover estado de New Hampshire.

Imaginou que ela usava lentes de contato.

E seu cabelo... era tão longo, muito mais longo que ele pensava, e vagamente ondulado. Ele apostava que cheirava bem e era muito melhor ainda senti-lo...

Ela olhou para ele por cima da tigela vermelha que estava secando na pia.

—Acho tudo o que precisava lá em cima?

Não. Nem de perto.

Para garantir, ele agarrou a parte inferior da camisa de moletom para ter certeza que o *Sr. Feliz* estava coberto. E então ficou assistindo ela trabalhar. Como se fosse algum tipo de idiota.

—Isaac?

—Você já foi casada?— ele perguntou calmamente.

Quando os olhos dela alcançaram os seus, ele soube como ela se sentia: ele não podia acreditar que tinha saído com essa também.

Antes dele poder recuar, ela empurrou seus óculos para cima, mais altos em seu nariz.

—Ah, não. Não, nunca. Você?

Ele balançou sua cabeça negando, porque Deus sabe que ele não devia ter aberto a porta em primeiro lugar.

—Uma namorada?— Ela perguntou, levantando a panela para secar.

—Nunca tive. — Quando os olhos dela o atingiram, ele encolheu os ombros. —Não que eu nunca estive... er, tenho estado com...

Santo Inferno. Ele estava corando?

Certo, ele só tinha que ficar longe dela e cair fora da cidade e não só porque Matthias estava atrás do seu traseiro. Esta mulher o estava transformando em alguém que ele não conhecia.

—Você não encontrou a pessoa certa, é isso?— Ela se curvou e colocou a tigela no lugar, então veio depois com a panela para guardar em um dos armários debaixo da pia. —Este é sempre o problema, não é?

—Entre outros.

—Eu continuo pensando que acontecerá para mim, — ela murmurou. —Mas não acontece. Embora eu goste de minha vida.

—Nenhum namorado?— Ele se ouviu dizendo.

—Não. — Ela encolheu os ombros. —E eu não sou do tipo de garota de uma só noite.

Isso não o surpreendeu. Ela tinha muita classe.

Com um silêncio curiosamente gentil florescido entre eles, ele não soube quanto tempo ficou lá, olhando fixamente para ela.

—Obrigado. — ele disse eventualmente.

—Por quê? Eu realmente não ajudei você.

O inferno que não ajudou. Ela tinha dado a ele algo para pensar quando estivesse só na noite fria: ele iria lembrar-se deste momento com ela para o resto de seus dias.

Porém, em pouco tempo teria partido.

Se aproximando de forma que ficou em frente à ela, ele tocou em sua bochecha. Quando ela inalou nitidamente e ficou quieta, ele disse:

— Eu sinto muito sobre... mais cedo.

Sim, não estava certo sobre qual, mais cedo, seria: os vinte e cinco mil dólares que custou a ela, a corrida contra a lei, a tentativa de assustar para colocar um pouco de senso nela... ou, o Chuveiro.

Ele ficou surpreso quando ela não o afastou.

—Eu ainda não quero que você vá.

Isaac deu um passo.

—Eu gosto de seu cabelo solto, — ele disse ao invés de passar seus dedos neles até seus ombros. Quando ela corou, ele voltou para trás. —Eu estou indo para a cama. Se você precisar de mim, bata primeiro, certo? Bata primeiro e espere eu atender a porta.

Ela piscou rapidamente, como se uma névoa estivesse se erguendo na frente dela.

—Por quê?

—Só me prometa.

—Isaac... — Quando ele agitou a cabeça, ela cruzou seus braços sobre seu peito. —Certo. Eu prometo.

—Boa noite.

—Boa noite.

Ele girou e a deixou na cozinha sozinha, indo pelo corredor e subindo os degraus rápido, porque seu autocontrole estava desmoronando, e apesar das duas omeletes, ele estava faminto.

Não de comida, entretanto.

Como um afeminado total, ele mergulhou no quarto de hóspedes e esperou atrás da porta fechada para poder escutar o som dela subindo pelo suave ranger dos degraus velhos. Quando ele ouviu a porta dela fechar, ele se agitou... e perguntou-se o que no inferno ele iria fazer pelas próximas oito horas.

Seu pênis se torcia como se estivesse levantando uma mão para fazer uma pergunta ao professor, a ereção toda “oh-oh-oh-oh-eu-consegui-uma-resposta-para-isto”.

—Não vai acontecer, grandão, — Isaac bateu nele mesmo.

Esfregando os olhos, ele não podia acreditar em que tinha caído tão baixo para estar conversando com seu pau. Ou tentando argumentar com ele.

E ainda por cima, ele também não podia acreditar em que tinha concordado em ficar, especialmente dado ao que aconteceu no banheiro com ele. Mas ele não podia discutir com o que viu atrás do closet de Grier e embora Matthias não se importasse com o dano colateral, ele certamente não buscaria isto. Especialmente se o pai dela era militar: Matthias conhecia todo mundo e estava completamente ciente de quaisquer complicações que podiam surgir se ele matasse a filha de alguém importante.

Com outra maldição, Isaac entrou no banheiro e escovou seus dentes; então ele se esticou em cima do edredom e desligou a luz. Quando enfocou no teto, ele a imaginou naquela cama confortável acima dele, com a televisão em algum episódio do tempo de *Magnum P.I.*¹²⁰ passando.

¹²⁰ **Magnum P.I.** — É uma famosa série televisiva estrelada pelo maravilhoso Tom Selleck, que foi muito popular nos anos 80. Era sobre um detetive que morava na casa de seu amigo milionário e resolvia seus casos no Havaí.

Ele quis estar lá em cima com ela.

Ele quis estar lá em cima... e por toda parte dela.

Que significava que teria que partir logo ao amanhecer antes que ela despertasse. Caso contrário ele poderia não ser capaz de ir sem tentar tomar algo que ele não tinha nenhum direito... muito menos merecia.

Fechando seus olhos, ele fez isto por mais ou menos quinze minutos antes daquela calça de pijama começar a incomodar suas partes baixas. Se ele fosse fazer aquela coisa de colchão e travesseiro ele normalmente dormia nu, e agora ele soube o porquê. Isto era foddidamente ridículo.

Meia hora mais tarde ele não conseguiu aguentar mais e tirou a calça do pijama. A única coisa que manteve próximo foi o par de armas de fogo escondidas dentro do cobertor. Afinal, ele poderia estar sem roupa, mas não existia nenhuma razão para estar vulnerável.

Capítulo 17

O Hotel Inn & Suites em Framingham, Massachusetts, tinha corredores que fediam a Febreze¹²¹, janelas que eram calafetadas e fechadas, e lençóis que pareciam um pouco sarnentos. Mas, pelo menos, o quieto zumbindo máquina de Coca-Cola perto do elevador cuspiu um interminável vapor glacial cafeinado que era o céu.

Adrian Vogel amava uma boa Coca-Cola, preferindo as velhas garrafas de vidro às latinhas. Mas ele tomava também as de plástico long-neck alegremente.

E estava indo comprar duas logo que chegasse ao seu andar. Uma para ele mesmo e uma para...

—Como você disse que era seu nome?

A ruiva próxima a ele era exatamente seu tipo: bunda grande, parcialmente perdida, e sob nenhuma ilusão que isto iria ser qualquer coisa exceto sexo.

—Rachel. — Ela sorriu, mostrando dentes que eram brilhantes e super brancos. —E eu acho que mantereí meu sobrenome para mim mesma.

Homem, aqueles dentes eram incríveis e alinhados como brilhantes azulejos de banheiro. Ela era uma sanitarista dental, então, provavelmente, conseguiu um desconto. *Inferno*, do jeito como ela era, poderia ser um modelo para suas linhas de produto.

Houve um barulho e um deslizar, revelando a máquina automática vermelha e branca de seus sonhos. Enquanto ele dava passagem e deixava a adorável, a brilhante “Rachel-sem-sobrenome” passar, ele esteve bem ciente que ele a estava usando, mas isso era uma rua de duas mãos: sua conversa no bar próximo ao hotel começou, apesar do fato que ela tinha tirado sua aliança de casamento.

Aparentemente, seu marido estava fodendo uma colega dela.

E Adrian tinha levado por volta de um minuto e meio para apresentar o investimento perfeito. Ele comprou umas bebidas e então mais uma, e soube que a tinha ganhado quando ela

¹²¹ **Febreze** – É um tipo de eliminador de odor fabricado pela Procter & Gamble, vendido na Europa, América do Norte e Ásia.

perguntou se ele estava em algum hotel. Ele disse a ela que sim, ele estava... com seu melhor amigo. Que era muito mais bonito do que ele.

Certo, totalmente mentira essa última. Mas ele gostava de compartilhar com Eddie as mulheres que davam em cima dele. Dado ao estado de seu amigo, o fodido nunca transaria se Ad não as levasse para casa.

—Espere. — ele disse, parou perto da máquina, pegou sua carteira, e retirou um par de notas.

—Sabe, — seu par disse — eu nunca conheci alguém como você.

Sim, ele estava condenadamente certo disso.

—Realmente?— Enquanto ele sorria para ela por cima de seu ombro, ela enfocava a curva de seu lábio inferior e propositalmente ele deliberadamente lambeu o metal cinza escuro. —Eu não sou tão ruim, não é?

Seus olhos eram famintos.

—Não por isso. Ei, você tem uma namorada? Eu não perguntei.

Adrian voltou para a máquina e colocou o dinheiro, escutando o pequeno *whirrrrrr* enquanto os George Washing-tons¹²² eram chupadas pelo esôfago da coisa.

—Não. — ele disse apertando o botão de coca comum. —Eu não estou com ninguém.

Realmente ele tinha estado... era muito recente. Que era por que, embora ele sempre gostasse do sexo, ele esteve como o inferno disposto a afogar o ganso ontem à noite e pegar Rachel hoje à noite.

Se lavar depois que Devina o usou era sempre um processo. Certo, logo depois que ela o soltou, a água quente e o sabonete livraram-no de seu sangue e de outras coisas que cobriram sua pele... mas a imundície sempre persistia.

Esta adorável pequena amostra de humanidade, porém, iria ajudar substituir as sensações que se demoravam em seu corpo.

Aquelas que não tinham nada a ver com as contusões se desvanecendo em sua pele.

A merda com Devina ficava nele, demorando em sua mente, empestecendo. Ao ponto de que havia agora dois dele: a pessoa que brincou com Jim e ficou alerta e estava pronta para lutar pela alma de Isaac Rothe... e a pessoa que se enrolava nos recessos de sua mente, tremendo, entorpecida e só.

—Diet?— Ele perguntou.

—Sim, por favor.

Dessa vez, se balançou enquanto alimentava a máquina. Enquanto fazia algumas tentativas para a nota conseguir entrar. —Ei, você podia fazer algo por mim?

—Certo.

—Coloque seus braços ao meu redor.

Houve uma risada suave e então ele sentiu uma gentil pressão ao redor sua cintura enquanto Rachel “Sem-Sobrenome” fazia o que ele pediu. Quando ela se debruçou atrás dele, seus seios suaves se apertaram contra seu músculo duro e o calor de seu corpo era um inferno de

¹²² Adrian faz uma brincadeira sobre as notas de 1 dólar que tem a imagem de George Washington.

um contraste com o que estava dentro dele.

Ele estava condenadamente frio. Frio como a Coca-Cola que ele estava comprando.

Adrian deixou sua cabeça cair e fixou uma mão contra a máquina, segurando os dois.

Devina iria matá-lo. Se não fosse quando estava realmente fodendo com ele, então seria por causa do resultado: seu cérebro não estava trabalhando direito, e com o passar dos dias não retornou normal, ele estava começando a se preocupar. Não achava que Jim soubesse; estava preocupado que Eddie soubesse e esse era o problema: ele não tinha nenhuma intenção de conseguir ser novamente removido pelos poderes. Ele era um lutador e tinha uma vendetta¹²³ pessoal contra Devina... e isso significava que ele teria que se recompor.

—Sabe, — Rachel murmurou contra seu ombro, —se você quer sentir meus seios, existe um modo melhor.

Ele engoliu em seco e colocou sua máscara novamente no lugar. Girando ao redor em seus braços, ele tirou seu cabelo vermelho para longe do pescoço e levantou seu queixo.

—Você está completamente certa.

Ele estava totalmente vazio enquanto a beijava, mas ela não soube isto, e estava tão desesperada para fazer uma conexão que ele não se importou.

—Adrian... — Como ela murmurava seu nome, achou que tinha gostado do modo com que a língua dele se sentia contra sua própria.

Passou suas mãos pelo corpo dela por seus quadris até sua bunda, ele a puxou bem apertado contra seu corpo e tentou atravessar seu círculo ártico com suas curvas e o modo que ela se movia contra ele e sentia o cheiro de seu perfume e o gosto do cranberry¹²⁴ e das vodcas que ela tinha bebido.

Mantendo o ritmo, ele esmurrou o botão “diet” e a máquina tossiu outra garrafa.

—Vamos. — ele rosnou, agarrando seu refrigerante. —Deixe-me apresentar você para Eddie. Como eu disse você vai amá-lo. Todo mundo o ama.

Ele deu uma piscada na tentativa de paquerar, e pelo modo que ela deu uma risadinha, ficou claro que ela tinha caído no charme... e estava realmente aberta a situação em que estava se metendo.

—Sabe, eu nunca fiz isto antes. — ela disse, enquanto ele a levava pelo corredor. —Bem, com... você sabe.

—Duas pessoas?— Ela deu uma risadinha novamente e ele sorriu para ela. —Está tudo certo, nós trataremos você muito, muito bem.

Vai funcionar, disse a si mesmo enquanto levava sua chave de plástico à porta. *Tinha que dar certo*. Ontem à noite não tinha sido suficiente, mas depois desta, sua lousa iria ser limpa e sua cabeça voltaria ao jogo e ele estaria pronto para arrancar um pouco da carne de Devina.

Quando eles chegaram a porta do quarto, Adrian parou, deslizou o cartão na fenda, e abriu rapidamente a porta.

—Nós temos um pouco de companhia. Você está decente?

¹²³ **Vendetta** – Vingança.

¹²⁴ **Cranberry** – É um tipo de arbusto que dá umas frutinhas vermelhas, que são muito populares na América do Norte.

A resposta do Eddie foi rápida e aborrecida.

—Claro que eu estou.

Adrian se empurrou para dentro com um sorriso fabricado pregado em seu rosto.

—Onde está você, amigo?

Quando seu companheiro de quarto saiu do banheiro, o olhar duro do Eddie mudou no momento que viu a fêmea.

Nãoooooooo mais tão aborrecido. Mas Adrian sabia que o sujeito tinha uma queda por ruivas e era por isso que a encantadora Rachel tinha sido um achado estrondoso.

Enquanto Eddie se aproximava para se apresentar, Ad examinou cuidadosamente e pôs sua cabeça pela porta conectora¹²⁵ aberta no quarto do Jim.

O anjo estava sentando na frente do laptop que ele comprou mais cedo. De um lado dele, havia uma caixa aberta de pizza meio comida, e do outro, um Marlboro queimava quietamente, sem chama, em um cinzeiro. Em seu colo, Cão era uma pilha confusa “cinza-e-loira” a ponto de você não poder dizer qual era rabo e qual era focinho.

Pela carranca do Jim, era bastante claro o que ele estava fazendo no comp¹²⁶: estava procurando por informação sobre a menina que Devina assassinou, profanou, e pendurou de cabeça para baixo naquele banheiro em Caldwell, a menina virgem que tinha sido sacrificada para proteger a morada do demônio. Aquela que Jim tentou salvar... e tinha sido muito tarde.

—Jim.

Ouvindo o som de seu nome, o cara que era responsável por salvar o mundo levantou o olhar. Seus olhos estavam vermelhos pela falta de sono e ele parecia meio curvado. *Oh sim*, ele estava exatamente como se esperaria, dado a quanta carga pesava sobre seus ombros. E estava claramente a altura desta tarefa. *Que feitiço que o sujeito tinha tirado de seu traseiro na casa de tijolos?* Incrível! Na primeira tentativa ele conseguiu. Eddie ou Ad? Teriam que ter ido ao redor do lugar checando as entradas para assegurar cobertura adequada.

Tipo que, faz você perguntar-se o que mais o bastardo podia fazer.

—Tudo em cima, Ad?— O cara disse enquanto pegava seu cigarro e dava uma tragada. O exalar era lento e cansado.

Adrian olhou acima de seu ombro.

—Vamos estar ocupados durante um tempo.

—Já estão agora.

Como em resposta, Rachel soltou uma de suas risadinhas e logo depois veio um baixo grunhido. Que normalmente significava que Eddie estava aprontando algo. Um beijo. Uma passada de mãos. Uma chupada...

Jim encarou fixamente.

—Você está bem?

Adrian voltou e começou a fechar a porta. Ele não queria Jim envolvido em seu drama. Era

¹²⁵ Os quartos de Adrian e Eddie eram conectados por uma porta com o de Jim, e essa porta estava aberta, mas poderia ser trancada. Esse tipo de quartos são comuns nos hotéis americanos.

¹²⁶ Em inglês ele usou a palavra compy como diminutivo de computer, eu achei melhor manter a ideia só que sem o y.

uma coisa que gostaria de desfazer com Eddie que tinha vivido o inferno por saber disso. Literalmente.

Mas não Jim. Ele gostava do sujeito... confiava nele... estava disposto a trabalhar com ele. Então era isso.

—Aguenta um minuto, — Heron exigiu.

—Eu preciso ir...

—Você pode me dispensar um maldito minuto. Algo me diz que eles não irão longe sem você.

Adrian estava com problemas.



Jim pode sentir isto claramente enquanto o cara tinha permanecido na entrada com aquele sorriso falso e um corpo que parecia amarrado com barbante apertado como um cabo de uma ponte. Certo, ele pareceu estar aguentando a merda, mas isso não era a verdade debaixo daquele ar de Sr. Cara Durão.

E fadiga da batalha não era uma piada; fraturou seu cérebro e apresentava um perigo para ele mesmo e para os outros. Afinal, andando por aí com uma cabeça que não estava funcionando direito era como ter uma arma na cartucheira que podia detonar por engano a qualquer momento e explodir em sua mão.

—Adrian.

—O quê? — A resposta do sujeito não era aberta para discussão. E nem a mão com longas unhas vermelhas que serpenteava através de seu quadril e começou a tirar sua camisa.

—Entre aqui por um segundo, — Jim disse bem ciente que ele estava empurrando água para cima de uma ladeira. De nenhum modo o anjo iria afastar-se da Sra. Dedos Maravilhosos.

—Estou um pouco ocupado agora mesmo, meu chapa. — Os olhos do Adrian eram nada além de vidro, como se algo que iluminava seu interior tivesse saído para umas férias.

—Isto é mais importante.

—PARA SUA INFORMAÇÃO, eu não sou de falar. Eu sou de fazer.

Isto conseguiu ainda outra risadinha e a camisa sendo empurrada para cima passando pelo pescoço do anjo... e então houve uma pausa, como a se fêmea tivesse ficado surpreendida pelo que achou. Fez sentido. Os mamilos de Ad eram perfurados com barras, e uma corrente de metal cinza conectava o conjunto, e não parava por aí. Os vínculos corriam para baixo do cóis da calça jeans.

Jim tinha dito um “eh-espera-minuto” quando tinha percebido o conectar dos pontos também.

—Olhe Adrian... — ele se preparou para começar mesmo tendo público.

Ad se torceu ao redor da mulher.

—Vá dizer “oi” para Eddie por um minuto, querida.

A ruiva aceitou a sugestão e saiu, cruzando por cima do outro sujeito e o prendendo para um beijo. Pela abertura da porta, foi um tremendo de um show o modo que Eddie a manobrou para a cama, deitando e a cobrindo com seu corpo pesado. Ofegante, ela estava indo diretamente para o céu enquanto puxava a camisa dele...

Jim franziu a testa, perguntando-se se estava vendo direito... sim, estava. As costas de Eddie eram cheias de cicatrizes... mas não como em uma queimadura ou uma chicotada. Era o mesmo simbolismo que esteve no estômago da menina na casa de Devina...

Quando Jim levantou, Adrian andou até sua linha de visão, bloqueando a vista. Como também a entrada.

—Que demônios está nele?— Jim silvou, agarrando-se em Cão.

Adrian agitou sua cabeça quando as luzes apagaram no quarto e algo bateu no chão. Algo como as botas de combate do Eddie.

—Nós não conversaremos sobre isso, — o anjo disse calmamente. —Nós trabalharemos para você e faremos o que tivermos que fazer para ajudar você a vencer, mas você não é bem-vindo em nosso inferno, Jim. Ele e eu estamos juntos há muito tempo, e no caso de você não notar, você acabou de aparecer na parada.

Uma voz rouca, profunda surgiu da escuridão: — Vamos, Adrian.

Aquilo, certo como inferno, não era a fêmea que estava enviando o pedido. E por uma vez Ad, que não gostava de cumprir ordens, estava no clima para concordar.

—Estamos logo na porta ao lado se precisar de nós. — o sujeito disse antes de desaparecer na escuridão e no sexo. —Só gritar.

E então trancou a porta.

Jim afundou de volta na cadeira e colocou Cão de volta em seu colo. Acariciando o pelo áspero do animal, teve que se forçar a ficar onde ele estava. Ele queria invadir o outro quarto e exigir que Adrian fosse a um analista e Eddie conversasse sobre o que eram aquelas marcas. Mas caramba, todo mundo estava meio nu e logo seria totalmente nu. E então a transa ia iniciar.

—Inferno... fodido inferno.

Fechando seus olhos, reviu os padrões esculpidos em Eddie e lembrou-se do momento que ele invadiu o banheiro de Devina e achou aquela menina inocente de cabeça para baixo acima da banheira. Seu sangue vermelho estava pela porcelana branca e por toda parte de sua pele pálida e seu cabelo loiro. Ela foi sacrificada e marcada pelo demônio, sua pele arranhada com símbolos.

Da mesma maneira que Eddie.

Devina obviamente conseguiu por suas garras naquele anjo. E Jim iria precisar saber dos detalhes.

Voltando o foco para o laptop comprado naquela tarde, ele tirou o protetor de tela com o toque de um dedo. O DELL¹²⁷ tinha só memória e velocidade civis, entretanto, não era como ele fosse comandar satélites com seu teclado, e o Site da Web do Caldwell Courier Journal surgiu rápido o suficiente.

Quando retornou aos arquivos, o retrato da menina era um ferimento cru em sua mente.

¹²⁷ *Dell* — É a marca do laptop que Jim comprou.

Corpos mortos não eram novidade para ele, e ainda assim aquele escavou seu cérebro e instalou e se estabeleceu no coração de sua CPU¹²⁸.

Ele desejou que pudesse ter pelo menos dado um enterro adequado para ela. Mas quando entrou no quarto, quebrou o feitiço que protegia o espelho sagrado da Devina assim eles tiveram que partir. Depois disto, os restos da menina desapareceram.

E isso foi o que levou Jim para o site. Alguém estaria procurando por sua filha, e o corpo ou pelo menos partes dele iria eventualmente ser achado: Adrian disse que Devina normalmente descartava o que havia sobrado ao invés de destruir porque isso causaria mais dor para a família e amigos.

Que doçura era essa fêmea. E ele imaginou se permanentemente perdida era melhor do que mutilada e destruída. Um inferno de escolha.

Na caixa de procurados, ele encontrou coisas como, mulher loira achou corpo de mulher morta, e, homicídio de mulher loira, e loira fêmea morta. Nada, bem, muito alguma coisa, só que nenhum que se ajustasse ao que ele estava procurando. Os achados eram muito velhos, porque sua vítima pareciam estar entre dezoito/dezenove, ou os artigos eram de seis meses até um ano atrás, considerando que sua menina tinha sido morta muito recentemente: O sangue estava fresco, e seu corpo, embora mutilado, parecia estar relativamente bem de saúde, que fez ele presumir que ela não tinha sido torturada ou passou fome por um longo período de tempo antes de sua morte.

Quando o CCJ não deu a ele o que estava procurado, sua próxima parada na rodovia expressa de informações era o banco de dados nacional de pessoas desaparecidas. Ele procurou o estado de Nova York.

Oh... homem. Tantos.

Tanto maldito sofrimento lá fora no mundo: As noites que eram cheias com pais ou maridos ou esposas ou irmãs e irmãos perguntando-se se a pessoa que fora tiradas deles estava morta ou viva ou em agonia causada por outro.

—Cristo, — ele sussurrou.

E ele tinha sido parte disto, não tinha? Em uma escala mundial, ele perpetrou crimes que criaram buracos nas vidas das pessoas. *Sim*, a grande maioria de seus objetivos tinha sido homens do mal, mas era um fato que muitos tinham famílias, e agora ele perguntava-se o que tinha deixado para trás. Ainda que tivessem merecido morrer, que tipo de caos ele tinha criado? Ele soube que alguns de seus objetivos tinham sido conhecidos por serem amorosos com suas crianças: Eles poderiam ter sido inimigos com recursos perigosos em um cálculo político, mas não tinham sido bastardos em casa.

—Merda, Cão... — houve um fungar e então um nariz molhado e frio bateu contra sua mão.

—Sim, vamos começar a procurar por tudo isso.

O cachorro levantou sua cabeça desprezível e bocejou tanto que soou como uma dobradiça gritando. Então com outro fungado, o vira-lata se reorganizou no colo do Jim, enrolando suas pequenas patas e relaxou.

¹²⁸ No caso, Jim compara seu cérebro com a CPU de um computador.

Jim tentou alisar o pelo que tinha sido bagunçado pelo reposicionar, mas o pelo duro de Cão fez aquele esforço parecer perdido. O animal tolo sempre parecia como que fosse seco por um conjunto ventiladores e então depois colocaram hair spray.

Rostos... nomes... histórias...

Como um gemido vindo da porta, ele pensou sobre a última vez que tinha feito sexo e ficou nauseado. A ideia de ter gozado dentro de seu inimigo era suficiente para dar a seu pau arrepios de nunca mais.

Em pensar que os outros dois tinham feito também.

A princípio, a sensação era difícil de decifrar. Algo estava... fora. E então o vago “huh-o-que?” fundia-se com a parte de trás de seu pescoço até ele estar convencido que exalava um ar frio em sua nuca.

Ele olhou ao redor, mas ninguém estava lá. E o frio persistia, chamejando abaixo por sua espinha, transformando-se em uma frota de formigas que fervilhava em suas costas.

Jim levantou e deixou Cão no tapete.

Isaac, ele pensou. *Isaac e Grier...*

Aquela casa...

O feitiço na casa.

Ele estava fora do hotel e atrás do Beacon Hill em um momento, pousado no jardim traseiro. O encantamento que ele lançou permanecia no lugar, do lado de fora da casa ainda brilhando, e agora que ele estava no alcance, soube que estava certo em vir.

Devina estava aqui. Ele podia sentir sua presença maligna, parasitária.

E ainda tudo parecia quieto: Pelas janelas de vidro espelhado atrás, a cozinha estava escura, com nada além de uma luz no corredor distante lançando iluminação. Nenhuma mudança de sombra, nenhum alarme, nenhuma arma de fogo atirando, ninguém gritando.

Com uma grande batida de suas asas, ele levitou até o terceiro andar e aterrissou em silêncio. Subjugando as portas francesas, ele se manteve invisível ao olho humano e perscrutou. A advogada loira estava em sua cama, ao seu lado estava uma pequena TV, aparentemente dormia.

Ela parecia bem.

De fato, tudo parecia muito bem. *Sim, certo*, ele podia sentir aquele fantasma pairando ao redor, mas não era uma ameaça para ela ou Isaac...

O vibrante alarme em sua espinha estava forte, porém, e ele estava propenso a escutá-lo em lugar de acreditar nesta ilusão de tudo-OK. Em uma piscadela, ele caminhou pela porta de vidro e permaneceu no centro do quarto, preparado para ação. Que parecia ser um desperdício de tensão muscular. Novamente, não existia nada fora de lugar, nenhum som...

Franzindo a testa, passou pela cama e pela porta fechada para o outro lado. Na aterrissagem lá em cima nas escadas, ele pausou, e o formigamento em suas costas foi à loucura, a cócega tão intensa tomou seu corpo inteiro como um diapasão. Correndo para baixo, ele percebeu que estava indo na direção certa quando a sensação ficou pior e então ele entrou no quarto que Isaac estava usando.

E ali estava a perturbação.

Seu companheiro estava na cama, torcendo e girando nos lençóis, seu corpo se contorcendo, seu rosto contraído firmemente em uma máscara de agonia. Enquanto suas grandes mãos agarravam o edredom, seus braços se esticavam, e o tórax parecia pesado com uma respiração difícil.

Devina estava aqui, certo, mas ela estava no homem, não ao redor dele: A demônio tinha sugado Isaac em um pesadelo e o prendido em algum tipo de tortura. E o resultado era um tormento ainda mais real para sua irreabilidade, Jim imaginou, porque a cadela podia abusar das debilidades do Isaac, aonde quer que estejam.

Pelo menos existia uma solução simples: Despertar o pobre bastardo.

Jim se apressou.

Nigel, seu novo chefe, apareceu no canto do quarto e colocou sua mão para cima como um guarda de cruzamento.

—Se você o despertar, ela entrará em mais do que só sua mente.

Jim retirou a mão rapidamente, colocando seu peso sobre seus sapatos e confrontando o caro estilo lorde inglês que era seu Chefe essa noite, o arcanjo estava vestido com um fraque da época de 1920, um cigarro numa piteira em sua mão direita e um copo de Martini na outra. Mas isto não era uma festa para ele: Apesar de suas maneiras de Gatsby¹²⁹ e sua bebida 007, seu rosto e sua voz eram a morte, uma porta sombria.

Jim apontou para a cama.

—Então eu estava certo. Isaac é minha próxima tarefa.

Nigel fez um desenho com sua unha no ar e exalou, o que fez Jim perceber que eles realmente tinham algo em comum. Embora eles fossem ambos imortais, acreditou que isto não era um hábito ruim.

—Realmente, salvar sua vida é a resposta. — foi à réplica eventual.

—Mas eu não posso deixá-lo assim. — Jim disse enquanto Isaac gemia. —Ainda que sobreviva a isso, é cruel.

—Você não pode despertá-lo. Você se relaciona com humanos por suas almas. Este é seu canal o modo que você toca neles quando você interage. Agora mesmo, ele está contaminado por ela se você abrir a porta o perturbando, ela deve valsar direito em seus sapatos.

Difícilmente o tipo de ajuda que ele estava procurando fornecer ao inimigo.

E ainda quando Jim olhou fixamente para o homem que se debatia, ele se preocupou se a experiência realmente o mataria.

Ele parecia como se alguém estivesse arrancando seus braços e pernas.

—Eu não vou deixá-lo sofrendo.

—Use as ferramentas que você tem. Existem muitas.

Maldição, ele devia ter trazido Eddie e Adrian com ele.

—Diga.

—Eu não posso. Eu não devia estar aqui. Se eu fornecer direções demais, eu arrisco afetar o

¹²⁹ Aqui Jim se refere ao filme *O Grande Gatsby*, uma adaptação para o cinema do romance homônimo escrito por F. Scott Fitzgerald, feito em 1974 estrelado por Robert Redford, passado nos anos 20.

resultado e deste modo desqualificar o *round* ou pior.

Abaixo na cama, Isaac deixou escapar um grito.

— Merda, o que eu faço?

Quando não teve nenhuma resposta, Jim examinou o canto e não viu nada exceto um desvanecente rolo de fumaça do cigarro do arcanjo. Seu chefe desapareceu do mesmo modo que chegou: Depressa e em silêncio.

— Fodido inferno, Nigel...

Ficou de pé lá solitário, enquanto suas costas gritavam em alarme e Isaac sofria, Jim tirou seu telefone e ligou para Eddie. Adrian. Eddie novamente. Ele estava para voltar para o hotel e arrancar eles da cama, nus, se precisasse, quando a solução apareceu para ele.

Capítulo 18

Deslizando pelos travesseiros, Grier agarrou o peito e sentiu seu coração bater contra a palma da mão enquanto ela acordava com um suspiro. Com a mão livre, empurrou os cabelos do rosto e olhou em volta. O quarto estava todo na sombra, nada, apenas o logotipo do DVD flutuando na tela da TV, a derramar qualquer luz.

— Isaac? — ela perguntou com a voz embargada.

Nenhuma resposta. E nenhum passo subindo as escadas.

Enquanto a decepção desacelerava seu ritmo cardíaco, ela se corrigiu: era alívio. Alívio.

— Daniel? — ela disse suavemente. Quando seu irmão não se fez conhecido, ela imaginou que estaria acordada porque os nervos estavam em alvoroço.

Grier congelou. Havia um homem no quarto dela. Um homem enorme que estava em pé na frente das portas francesas, fora da luz da TV. Ele estava absolutamente imóvel, como uma fotografia, e a única razão que ela sabia que ele estava lá era por que a silhueta dele atravessava o brilho ambiente da cidade.

Abrindo a boca para gritar, ela... se conteve.

Ele tinha asas.

Grandes asas, que se elevavam acima dos ombros e brilhavam como o luar sobre a água, hipnotizando os olhos dela.

Ele era um anjo, ela pensou. E enquanto uma paz estranha e dissociada aliviou em cima dela, ela decidiu que isso tinha de ser um sonho. Certo? Tinha que ser...

— Por que você está aqui? — ela perguntou, sua voz soando longe, muito longe.

Enquanto ele dava um passo a frente, seu rosto saiu da sombra e ela ficou impressionada com o quão duro ele parecia. Nenhuma doçura dos querubins. Nenhum ar de fadas ou expressão de mensageiro beneficente. Nenhuma bata, ele estava vestido com uma camisa preta apertada e... calça jeans?

Este era um guerreiro.

E ele a lembrava de Isaac.

— Por que você está aqui? — ela perguntou de novo, sem saber se tinha apenas pensado nas palavras da primeira vez.

Olhando diretamente nos olhos dela, ele apontou para a porta que dava para o corredor.

Isaac, ela pensou, ou talvez tivesse ouvido em sua mente.

Grier disparou da cama e correu para a escadaria, a urgência dirigindo seus pés profundamente no carpete, sua mão mal segurando o corrimão, enquanto ela derrapava ao redor e se derrubava descendo a escada.

Na porta do quarto de hóspedes, havia o som de algum tipo de luta. *Oh, Senhor!*

Entrando subitamente, ela não conseguia ver muita coisa na escuridão e gritou:

— Isaac? Você está bem?

Aconteceu tão rápido que ela não pôde controlar o movimento. Um segundo ela estava apenas dentro dos batentes da porta; no seguinte, ela foi girada, empurrada para o chão, e totalmente incapacitada, os braços puxados atrás das costas e segura duramente.

Um pedaço de metal frio foi empurrado contra sua têmpora enquanto um peso pesado sentava-se em seus quadris.

Medo sufocou o ar de seus pulmões, mesmo que ela tivesse certeza de que era Isaac, porque ele cheirava como o sabonete dela.

— Pp-por favor... — Ela arrastou uma respiração. — Sou eu. Grier.

Ele não se moveu. Só começou a ofegar como se estivesse lutando.

Lágrimas deslizaram de seus olhos.

— Isa... aac..

— Caralho! — Num instante, ele saiu de cima dela e a arma desapareceu.

Quando ela tentou recuperar o fôlego, ele se inclinou para ela e resmungou:

— Eu sinto muito.

Ela se afastou e se ergueu, movendo-se para trás até que bateu na parede. Colocando as agitadas mãos no rosto, tentou inalar agradável e lentamente, mas seus pulmões estavam tocando suas costelas, e sua garganta estava tão apertada que ela sentiu como se estivesse sendo sufocada.

Isaac deu-lhe bastante espaço e não disse outra palavra. Ele ficou onde estava, na fatia de luz que cortava a partir do suporte do corredor. Enquanto o rugido entre suas orelhas esmaecia, ela percebeu que ele estava nu, aquela camisa de moletom dele guardava suas partes íntimas, seus peitorais e os músculos do estômago se destacando no relevo austero.

Sem dúvida, ele trocara a arma pela modéstia.

— Eu não sabia que era você, — disse ele. — Eu juro.

Em sua cabeça, ela o ouviu dizer-lhe para não entrar até ele respondesse.

— Grier... — Sua voz falhou, a sua expressão era de uma dor física, como se o que tinha feito com ela o matasse.

Quando ela sentiu que poderia falar, ela encontrou diretamente seus olhos.

— Apenas responda uma coisa... você está fugindo por uma boa razão ou uma ruim?

A resposta demorou a chegar e foi tranquila como a respiração.

— Uma boa. Eu juro a você. — E então ele a surpreendeu. — Eu precisava de dinheiro e não posso trabalhar legalmente por isso que eu estava lutando. E também acontece de eu ser bem treinado.

Bem, sim.

Ele xingou e correu a mão pelo cabelo curto, seu bíceps juntando-se para formar um maço e esticar uma brilhante marca da mordida em seu músculo.

— Eu tenho que deixar o país, porque tenho uma chance maior dessa maneira. Se eu for encontrado, eles vão me matar. — Ele colocou sua mão sobre o coração, como se estivesse fazendo um voto. — Eu nunca vou te machucar intencionalmente. Eu juro. Quando você chegou, eu não sabia que era você. Eu estava tendo um sonho. Pesadelo. Merda. — Ele estremeceu. — Droga, eu quero dizer. Desculpe sobre o palavrão.

Ela teve que sorrir um pouco.

— Às vezes eles são a única coisa que se encaixam.

— O que fez você descer? Eu estava... fazendo barulho?

Como se ele soubesse fazer isso.

Grier franziu as sobrancelhas e decidiu manter o visitante alado para si mesma.

— Eu acho que eu sabia que você precisava de mim.

Por um longo batimento cardíaco, eles olharam um para o outro na escuridão suave.

— Posso fazer qualquer coisa para ajudar? — ela sussurrou.

— Basta pegar o dinheiro que lhe devo e se resignar. Por favor. E se alguém vier perguntar sobre mim, diga-lhes tudo o que você sabe.

— O que seria próximo a nada, — pensou em voz alta.

— Exatamente.

Balançando a cabeça, ela foi até ele e colocou a mão em seu antebraço.

— Eu não posso deter você se vai fugir, mas não posso me dar ao luxo de ser contaminada pela forma como você ganhou o dinheiro. Se você deixar isso comigo, eu vou transformá-lo em...

— É para te pagar.

— Eu não posso aceitá-lo, você sabe que eu não posso. Minha licença para a prática está em risco, francamente, eu já estou andando na linha de cúmplice aqui. Eu deveria ter chamado a polícia lá em Malden. E amanhã de manhã, eu vou ter que dizer-lhes que eu abriguei você por um tempo enquanto tentava convencê-lo a se entregar. Tudo isso já é ruim o suficiente.

Deus a ajudasse, ela acreditava nele. Ela acreditava que ele estava fugindo por sua vida. E dane-se, ela ia fazer o máximo para ajudá-lo como pudesse.



Enquanto Isaac ficava de pé nu na frente de sua advogada de defesa, ele ainda estava tentando se reconectar com a realidade. O pesadelo foi uma maneira de desembrulhar o seu cone de neve e ele saiu do outro lado uma bagunça e babando. Ou pelo menos era assim que se sentia.

Por um tempo, depois que acordava, tudo parecia sempre se mover muito rápido e ter muita energia para compreender.

Deus, a coisa era sempre a mesma quando chegava a ele, e mesmo depois de dois anos, era ainda tão recentemente horrível como tinha sido a primeira vez: em um poço de escuridão, um cadáver vivo com os olhos sem pálpebras trabalhava nele até que ele estivesse sangrando da cabeça aos pés e gritando, em volta de tudo que havia sido empurrado para sua boca. Nunca houve qualquer escapatória. Ele estava pregado a algum tipo de mesa e ninguém podia ouvi-lo e ele poderia lidar com a dor física, o que o acabava com ele era saber que a tortura iria durar para sempre. Não havia limites para ela...

Grier apertou seu braço e o trouxe de volta para o aqui e o agora.

— Aquele artigo de jornal, — disse ela. — O de cinco anos atrás. Quem foi o responsável pelo corpo na vala?

— Eu não o matei.

Mas ele tinha ouvido sobre a morte e dado a Matthias sua carteira e um conjunto de roupas sem fazer um monte de perguntas. E assim que ele virou essa página de sua vida, entrou nas dobras das Operações Especiais e desapareceu. Deixar sua família tinha sido uma coisa fácil de fazer. Seu pai tinha criado cinco meninos extremamente maus na fazenda, um a menos era uma bênção para aquele bando de neandertais¹³⁰. Além disso, ele e seu velho nunca tinham se dado bem.

Razão pela qual, quando ele tinha Desertado/AWOL, ele tinha usado seu próprio nome na carteira de identidade falsa que tinha comprado. Ninguém estava procurando por ele em casa e ele, com certeza como a merda, não tinha planejado ficar preso. Mas a verdade era que, se ele estava começando de novo, queria voltar para a pessoa que tinha sido antes que Matthias tivesse aparecido. Tão estúpido, no entanto. Nenhum rótulo ia levá-lo de volta para aquele lugar e tempo, e nada apagaria os últimos cinco anos.

O que ele precisava era do perdão.

De repente, o rosto de Grier entrou em foco. Deus, seus olhos eram claros. E inteligentes.

E tão bonitos.

— Grier... — O som de seu nome nos lábios dele soava faminto, mesmo para seus próprios ouvidos. Faminto e desesperado.

— Sim.

Isso não era assim uma pergunta, pensou ele. Era uma resposta... mas, *homem*, era errado.

Puxando-se para longe palma da mão dela, ele tentou explicar o que estava acontecendo entre eles.

— Eu acho que é melhor você ir.

Ela limpou a garganta.

— Sim. Eu deveria.

Nenhum deles se moveu.

— Vá, — disse a ela. — Agora.

¹³⁰ *Neandertais – Homens das Cavernas.*

Quando ela se virou, ele cruzou o braço livre sobre o peito para conter-se de agarrá-la e puxá-la para ele.

E ela não foi longe o suficiente, então ela se voltou. Parou na porta, a luz da sala batia em seu perfil e se desenhava sobre as feições perfeitas, sempre muito suavemente.

Ela merecia esse tipo de cuidado de um amante, ele pensou.

Mas ele estava muito cru, muito carente... muito faminto para ser carinhoso com ela.

Enquanto ela estava no limite, com a mão que tinha estado nele segurando a maçaneta, apertou tanto até que os nós dos dedos ficaram brancos.

— O que está errado, — ele disse com uma voz tão profunda que quase desapareceu.

Maldita pergunta estúpida.

Especialmente quando ele procurou traçar a curva de seus seios com os olhos e quis fazer o mesmo com a boca.

— Você já quis algo que você não deveria? — ela perguntou.

Putá maldição. Ele tinha metade da chance de resistir-lhe se tudo fosse unilateral, ou seja, só seu: Não havia nada como dizer a si mesmo que você era um bastardo desagradável para conseguir sufocar sua libido. Mas e se ele tivesse acordado em algum universo paralelo, onde ela o queria de uma forma tão intensa também?

Ambos estavam atraídos, mesmo sem a parte do sexo.

— Já quis? — ela perguntou.

— Sim, senhora. — *Como agora.*

Agora a voz dela estava tão rouca quanto a dele.

— O que você fez?

Eu dei dois passos à frente e a virei pelos quadris. Eu a puxei apertado e depois a beijei por cerca de um minuto e meio antes de eu a despir da cintura para baixo. Depois que eu fiquei de joelhos, eu joguei uma de suas pernas sobre meu ombro e a trabalhei com minha boca até que ela gozou em minha língua e...

— Eu fui embora. — Sua garganta estava tão apertada que a resposta foi estrangulada. — Afastei-me e eu não olhei para trás.

Endireitou os ombros como se ela tivesse se resolvido.

— Muito inteligente.

Ele soltou a respiração, aliviado de que ela não fosse tão louca como ele estava se sentindo...

Quando ela fechou a porta, ficou do lado de dentro. E então veio na direção dele através da escuridão, vagando ao longo como uma sombra... e ignorando-o foi se deitar na cama.

Isaac não conseguia respirar e não conseguia pensar. Mas ele podia se mover.

Maldição, ele podia se mover.

Todo o “vamos-ser-espertos” foi direto para fora da janela enquanto ele se aproximava e pairava sobre ela, vendo a pele pálida contra os lençóis azul-escuros. Ela se estendeu no lugar que ele tinha aquecido, não por algum estúpido sonho acolhedor, mas, em seus esforços para ficar longe de seu pesadelo. E isso o lembrou que, mais tarde, ambos iriam acordar.

— Você tem certeza disso? — ele perguntou com uma voz gutural. — Eu desço neste colchão agora, e não vou parar até que eu esteja dentro de você.

Ele quis dizer cada palavra.

E enquanto ela abria a boca, ele a cortou.

— Certifique-se de me dar uma resposta com a qual você possa conviver. Porque o que acontecer agora não vai mudar o amanhã.

— Eu sei. E você tem a minha resposta. Bem aqui.

Com isso, ela puxou a camiseta sobre a cabeça e a atirou ao chão.

Capítulo 19

Grier não conseguia puxar o fôlego enquanto o ar frio atingia seus seios e os mamilos se erguiam em uma picada rápida de prazer, embora a resposta de seu corpo fosse, mais pela maneira como os olhos quentes dele se fecharam nela, do que pela temperatura.

E ainda tinha que esperar por ele para falar, mover, fazer alguma coisa... qualquer coisa.

Ele tirou a camisa de moletom.

Um suspiro saiu da garganta dela.

Masculino. Animal. Isso era tudo o que vinha para ela.

Ela não tinha visto um monte de homens nus, mas estava muito certa de que o número poderia ter sido de cem mil e nenhum deles teria se comparado a Isaac Rothe: Ele era constituído de ombros e peito largo, e estreito no estômago e nos quadris... e totalmente ereto?

Seu sexo mais vivo do que o resto dele.

Ele desceu para ela através da negra escuridão, deslizando contra ela, seu corpo mais forte e maior do que os olhos dela tinham visto, seus seios amortecendo os peitorais dele enquanto seu peso assentava em cima dela.

Deus, ele cheirava bem.

E *caramba*, ela estava ofegante de tê-lo.

Suas mãos desceram, indo para sua cintura, puxando-a ainda mais apertado para os braços fortes, muito fortes dele. E enquanto eles encostaram quadril com quadril, as cuecas boxers que ela vestia não eram qualquer barreira para a cabeça cega dele empurrando em seu centro, que estava muito preparado para ele.

— Oh, Senhor!

Ele a cortou, com a boca encontrando a dela e tomando os lábios dela como se ele fosse seu dono. Ele a beijou como se não existisse nenhuma das coisas difíceis da primeira vez como ela estava acostumada, não havia nada de hesitante ou polido ou provisório em tudo: Isaac a beijava como ele quisesse tê-la, e ela estava pronta para ser tomada.

Ela nunca quis nada tão intensamente antes.

De repente, ele se virou de costas e levou-a com ele até que ela estava deitada sobre seu corpo. Dividindo suas pernas, ela montou em seu quadril e ele amaldiçoou enquanto ela se estabelecia em sua excitação montando-o e se movendo, acariciando ambos. Enquanto ela gemia,

a língua dele deslizou para dentro dela e ela arrastou as mãos até a sua metade inferior, sentindo a ondulação dos seus músculos enquanto ele empurrava ritmicamente contra ela.

Antes que ela pudesse tocá-lo porém, ele estava deslocando-a de seu corpo, sua boca no pescoço dela, então na clavícula, e então...

Ele agarrou um dos mamilos, a sucção quente e úmida jogando-a em um arco selvagem que quase rachou sua espinha dorsal. Para permanecer no controle dela, suas mãos agarraram seus quadris e a seguraram firme — e ela precisava disso enquanto ele arrastava a língua sobre ela e em seguida, retornou a puxar com força.

— Eu quero ficar nua, — ela gemeu. — Eu quero...

Ele estava certo disso, enganchando os polegares no cós da cueca, moveu-a para baixo. Ela levantou-se para ajudá-lo e teve que rebolar para desmontar dele e puxar a coisa para baixo... porque a boca dele ainda estava no trabalho, apertando-a, movendo-se a seu outro seio, beliscando e depois chupando novamente.

Quando ela reassentou em seu ventre, seu sexo molhado selava sob a pele quente da cintura dele, e enquanto os quadris dele se erguiam, a trama de apertados músculos do estômago movia-se contra ela, dirigindo mais certo, como se fosse a palma da mão dele entre suas coxas. Com as investidas duplas em seus seios e seu núcleo, ele parecia estar todo em cima dela, tocando cada centímetro de seu corpo.

E isso não era suficiente. Haveria tempo para a exploração mais tarde, tudo o que ela queria era ele dentro...

Isaac claramente pensava a mesma coisa também. Sem ela dizer uma palavra, ele a colocou de volta no colchão, sua ereção era uma marca quente em suas coxas enquanto ele se movia para a posição. Separando os joelhos dela com um dos seus, ele abriu espaço para si...

Ambos gemiam enquanto eles roçavam um contra o outro.

— Estou limpo, — disse ele em seu ouvido.

— Eu sei! — Ela cravou as unhas em seus ombros. — Vi... prontuários... Eu estou tomando... pílula... agora!

Juntaram-se em uma corrida, seu corpo ficando rígido em cima dela enquanto ele empurrava profundamente e finalmente. Ele era grande e espesso dentro dela, pesado em cima dela, quente contra sua pele: Isto poderia ser errado em tantos níveis, mas quando ele veio para o ajuste, ele foi perfeito.

Isaac deixou cair a cabeça sobre o pescoço dela e começou a se mover, seu corpo deslizando contra o dela, a cabeça dela se movendo para cima e para trás no travesseiro enquanto ele acariciava dentro e fora. Deslizando as mãos para baixo da parte inferior das costas dele, ela podia sentir a tensão crescendo nele, e ele já não era o único chegando perto da liberação.

Com um gemido, ela abriu mais seus pés e deu-lhe mais, afundando as unhas em sua pele, os bicos dos seios e as profundezas de seu centro formigando. Ela respirava pela boca duramente enquanto o ritmo dele, de golpes amplos, a varria aos céus, mesmo que ela tivesse ficado na Terra. E então ela estava livre. Voando e livre em um passeio selvagem que fez o mundo real parecer tão alegremente longe. Era só o que ela precisava, uma explosiva quebra que a levasse

para fora de si e da vida muito estruturada que ela levava, e a mente poderosa que tinha ficado tão longe e ainda presa a ela também.

Enquanto ela começava a descer, as punhaladas de Isaac ficaram mais curtas e mais rápidas, com os braços envolvendo ao seu redor e apertando mais duro. Ela estava esmagada contra ele, mas não se importava, e ela estava feliz porque tinha ido ao longo da borda primeiro, então poderia se concentrar totalmente no que estava acontecendo com ele.

Salvo que... ele foi mais lento.

E então parou completamente.

Levantando a cabeça, ele apoiou o tronco para cima em seus braços, mas não olhou para ela. Justo quando ela ia perguntar o que estava errado, ele se retirou dela, ainda completamente ereto, e saiu da cama. O ar que se apressou em encher o seu lugar era como uma explosão ártica, em toda a sua pele nua e o profundo frio só piorou enquanto ele caminhava até o banheiro e fechava a porta.

Deixada sozinha, ela ficou deitada no escuro, todos os músculos tensos e todo seu corpo corado com um tipo muito diferente de calor. Ela esperou, e quando não ouviu a água ser ligada e a descarga ser acionada, a ideia de que poderia ter sido apenas um mau funcionamento do equipamento de algum tipo diminuiu. E não poderia ser vergonha sobre algum tipo de coisa do desempenho, porque Deus sabia que ele a tinha satisfeito e estava ereto.

Suas mãos tremiam enquanto ela cobria o rosto, e dane-se se a realidade não veio correndo de volta. Isso nunca deveria ter acontecido.

Ajuste perfeito? Mais como uma perfeita correção: Ela estava com algum problema mental desde que olhou nos olhos gelados de Isaac Rothe, e tal como tinha sido com seu irmão, tinha sido atingida por algo muito perigoso. Onde estava seu cérebro? Ter relações sexuais com um homem que ela não conhecia. Não, pior que isso: um cliente dela, que estava sendo procurado por agressão? Sem proteção, mesmo se ela estivesse tomando a pílula e ela soubesse que ele não era HIV positivo, ainda era arriscado como o inferno.

No calor do momento, ela fez uma escolha que era difícil de defender, muito menos de compreender.

Por alguma razão, Daniel veio à mente, e ela lembrou-se dos dois tendo treze e dezesseis anos e roubando o carro do pai deles. Tinha sido em Hyannis Port, no verão, onde a noite não era apenas escura, era escura como breu. Eles empurraram o Mercedes de dois lugares abaixo da rua, o ligaram, e saíram para um passeio, mudando de lugar, cada um pegava no volante. Eles acabaram na estradinha na frente dos pântanos, à direita da estrada de areia na borda do oceano. Com o vento do mar em seus cabelos, as lufadas de ar e a sensação de elétrica liberdade, eles riram até que eles não puderam ver.

Que foi como eles bateram em um barraco.

Tinham ambos estado duramente nervosos e errados, eles não tinham — Daniel um pouco mais errado do que ela, concedido, mas não foi só o irmão que fez coisas loucas. E de certa forma, sua descida a sub-vida da agulha decadente tinha sido sua droga: Os picos e vales enquanto ela

tinha sucesso com ele e depois o perdia e, em seguida, chegando a ele mais uma vez, tornou-se o tambor da seção na orquestra da sua vida, a força condutora que marcou todas as outras notas.

E agora que ele tinha ido embora...

Ela baixou as mãos e olhou para a porta fechada, imaginando Isaac, do outro lado.

Ele era o ajuste perfeito para o grande buraco que a morte de seu irmão havia deixado para trás, uma onda de drama arrebatadora em sua vida e se tornou uma coisa que ela poderia lançar-se. Afinal, Daniel como um fantasma não era nem metade do que era quando ele estava vivo.

Isaac era octano¹³¹ puro.

Puxando a coberta sobre si mesma, ela sentou-se e puxou o cabelo para trás das orelhas. A realidade era que, o homem lá dentro teve mais senso do que ela. Ele queria ir e deixá-la, ela o tinha feito ficar. Ele havia lhe dado uma chance de voltar para a cama sozinha, ela trancou-os juntos. Ele estava indo embora sem olhar para trás, ela ia querer vê-lo depois de amanhã...

Franzindo a testa, ela percebeu que ainda não havia nenhum som no banheiro. Nada.

O que ele estava fazendo lá? Já tinha se passado algum tempo.

Grier arrastou um lençol com ela enquanto se levantava e caminhava até a porta. Batendo suavemente, ela disse:

— Você está bem?

Nenhuma resposta.

— Isaac? Há algo de errado?

Bem, além do fato de que ele estava fugindo do governo federal e agora do estado de Massachusetts, e estava hospedado na casa de sua antiga, prestes a ser antiga, advogada... e ter tido relações sexuais com ela.

Detalhes, detalhes.

Ou espere, a falta do orgasmo por parte dele na conexão não contava? Ela tinha acabado, entretanto... então talvez tivesse estado com quatro homens e meio agora?

— Isaac?

Quando não houve resposta, ela bateu em silêncio.

— Isaac?

Sem muita esperança, foi para a maçaneta, mas a coisa virou facilmente, para seu alívio, ele não tinha se trancado lá dentro. Empurrando com força a porta, viu um pé descalço e um tornozelo na penumbra de fora. Era ele, evidentemente, sentado no chão no canto do chuveiro.

— Se importa se eu entrar? — perguntou ela, abrindo caminho pelo aposento.

Querido Deus... Ele estava curvado sobre si mesmo, com o rosto em seu bíceps, seu braço para cima para bloquear o rosto, sua mão machucada deitada no seu cabelo. Ele estava ofegante, seus ombros subindo e descendo.

Ele estava soluçando. Soluçando, daquela forma restrita e varonil onde mal conseguia se ouvir, sua inalação sufocada era a única coisa que dava uma pista sobre isso.

¹³¹ **Octano** – Octanagem ou número de octanos (NO) é a propriedade do combustível que representa sua capacidade de resistir à compressão sem entrar em auto-ignição. O índice de octanas da gasolina mostra quanto o combustível pode ser comprimido antes de entrar espontaneamente em ignição.

Grier aproximou-se lentamente e sentou-se ao lado dele. Quando ela colocou a mão levemente em seu ombro nu, ele pulou.

— Shhh... sou apenas eu.

Ele não olhou para ela e ela estava disposta a apostar que, se ele tivesse sido capaz, teria dito a ela para sair. Mas ele não podia. E tudo o que ela podia fazer era sentar com ele e acalmá-lo suavemente com um toque.

— Está tudo bem, — ela murmurou, sabendo que não havia razão para perguntar sobre os porquês: Havia um monte para escolher. — Está tudo bem... Está tudo certo.

— Não é verdade, — disse ele com voz rouca. — Não está bem. Eu não... estou.

— Vem cá. — Ela se arrastou para ele, realmente não esperava que ele cedesse... mas ele o fez. Ele se virou para ela e a deixou envolver os braços em volta dele como se fosse uma fera que tinha decidido ser domada por um curto período de tempo. Ele era tão grande que ela não podia chegar longe, mas ela fez o que tinha se proposto com o contato e colocou o rosto em seu cabelo cortado bem curto.

— Shhh... você está bem... — Enquanto ela murmurava a mentira várias vezes, queria dizer outra coisa, mas essa era a única coisa que vinha em sua mente, mesmo que ela tivesse que concordar com ele. Nada sobre a situação estava bem. Nenhum deles estava certo.

E ela teve a sensação de que "tudo bem" não iria se ajustar ao modo como as coisas terminariam entre eles. Ou para ele.

— Eu ainda não sei como, — ele disse depois de um tempo.

— Como o quê?

— Que você sabia que eu estava tendo meu pesadelo.

Enquanto ela franzia a testa na escuridão, acariciava os cabelos dele.

— Ah... você não iria acreditar em mim se eu dissesse.

— Teste-me.

— Um anjo entrou em meu quarto. — Houve um instante de silêncio. — Ele era... magnífico. Um guerreiro... ele me acordou e apontou para a porta e eu sabia que era por sua causa. — Então para que ela não soasse extravagante, acrescentou — eu acho que eu estava sonhando, também.

— Acho que sim.

— Sim. — Porque os anjos não existem mais do que vampiros e lobisomens.

Pelo menos... ela acreditava até esta noite. Exceto que, o que tinha visto, certamente não se parecia como um sonho.

Só Deus sabia quanto tempo ficaram assim, enrolados em torno um do outro, o calor coletivo amplificando por um motivo diferente do que tinha sido no quarto: agora, era o conforto de pele na pele.

Quando Isaac finalmente se soltou dela, ela se preparou para ele agradecer-lhe sem jeito e dizer a ela para ir. Mas ao invés disso, ele trocou de lugar com ela, os braços envolvendo em torno de seu corpo, um atrás dos joelhos, o outro em suas costas. Então ele a levantou do chão como se ela não pesasse nada e levou-a para fora, passou pelo leito desarrumado e foi para o corredor. Ele

subiu as escadas sem se retardar ou parecer se esforçar, sua respiração quase não se alterou, mesmo quando ele a abraçou.

Até chegar ao quarto dela, ele deitou-a entre os lençóis e depois só ficou acima dela.

Ela podia sentir a fome nele, mas desta vez não era sexual. Era algo que parecia ainda mais importante do que todo aquele calor desesperado.

Grier moveu-se para lhe dar espaço, e depois de um momento, ele escorregou para a cama com ela. Agora, ela era a única a ser embalada, aquele seu peito musculoso de alguma forma fazia com que todos os seus problemas magicamente parecerem menores. E sim, a ideia de que estava caindo em algum tipo de estado de Cinderela a fez se encolher, mas ela estava muito relaxada para lutar.

Fechando os olhos, enfiou o braço em volta de sua cintura.

Enquanto a exaustão se chocava contra ela, e a deixava inconscientemente fria, seu último pensamento foi que estava tudo bem dormir. Haveria tempo para dizer adeus pela manhã.



Isaac estava ao lado de Grier, e esperou que ela afundasse solidamente em território de REM¹³². Para passar o tempo, reviu os termos do vocabulário, porque sua mente estava a canibalizar-se e ele precisava redirecionar os seus neurônios.

No léxico do sexo masculino de rótulos, o termo *nancy*¹³³ geralmente se refere aos rapazes que eram um pouco suaves em sua preguiça: o tipo que faz as mulheres matarem as aranhas para eles, preocupados com quanto de amido foi na sua limpeza a seco, e que, possivelmente, teria uma prateleira de especiarias em ordem alfabética.

Os homens reais não têm prateleira de especiarias. Ou ainda não sabem como encontrá-las em uma cozinha — e muito menos o que fazer com uma delas... — Pelo menos, foi o que seu pai havia ensinado a ele e a seus irmãos. E realmente, em retrospecto, esse tipo de opinião explicava porque sua mãe tinha ido embora e casado com outra pessoa, e começado uma nova família antes que tivesse morrido. Claramente, ela sabia que uma reinicialização do sistema estava indo buscá-la em nenhuma parte, e era a única solução era conseguir componentes novos.

O que ele estava pensando? Ah, certo. *Nancys*.

O próximo passo na escada do vocabulário ou para baixo, como se fosse, — era provavelmente *pantywaister*¹³⁴. Ele não tinha certeza de onde tinha vindo, mas era sinônimo de termos como *maricas*, a *velha-escola-lápis-de-pescoço-geek*¹³⁵, e a nova pequena puta. Estes eram os caras que poderiam muito bem ter o impulso de trocar um pneu para uma mulher, mas teriam problemas em tirar o pneu sobressalente do porta-malas e esquecer de como funcionava a

¹³² **REM (Rapid Eye Moviment)** – A circulação rápida, periódica e espasmódica dos olhos durante determinadas fases do ciclo do sono, quando ocorre o sonhar.

¹³³ **Nancy** – Termo usado para se referir a alguém com atitudes “gays”.

¹³⁴ **Pantywaister** – Roupas de baixo de criança que consiste em uma camisa e calças abotoadas junto à cintura.

¹³⁵ **Velha-escola-lápis-de-pescoço-geek** – Um garoto ou homem considerado fraco ou efeminado.

chave de roda. Eles também eram do tipo que arremessavam como meninas, gritavam quando viam ratos, e chamavam a polícia em uma briga de bar, em vez de ficar ali para começar a esmurrar.

Seu pai tinha sempre considerado que as mulheres eram mais fracas e, talvez, quando se tratava de carregar pesados fardos de feno por seis a oito horas seguidas, no calor de noventa graus (Fahrenheit)¹³⁶, ele poderia ter tido um pouco de razão. Mas Isaac conhecia um monte de mulheres no serviço que, não só poderiam lançar bolas de baseball como um homem, como podiam socar tão bem quanto um, e tinham uma pontaria melhor.

Força não tem que ser idêntica ou ser igual...

Deus, por que diabos ele estava pensando sobre seu pai?

Certo. Voltar para o *Dicionário das Maravilhas de quem não tem pinto*. Que, aparentemente, parecia ter sido o seu caso.

O mais baixo dos baixos... degrau de baixo... a bola mais baixa de todos eles... tinha de ser *maricas*. Esse era o tipo de coisa que, se seu amigo estivesse brincando com você e saísse com uma dessa, a merda era engraçada. Se a palavra fosse dita a sério, no entanto, era um nivelador. Em geral, os termos inespecíficos como *boneca*, podiam se referir a um cara que, digamos, não foi possível se realizar na cama com uma mulher por quem ele tinha tesão. E então encerrava a falta de seguimento com... Oh, digamos, e isto era puramente hipotético, talvez um colapso nu no chão do banheiro, da dita mulher, chorando como um bebê filho da puta.

Até que ela vinha e o confortava após ele a ter decepcionado. Depois de pôr em perigo a sua vida e sua carreira profissional.

É isso aí. Algo assim.

Enquanto ele gemia no escuro, não podia acreditar que confusão do caralho que ele tinha feito na coisa toda. Parando no meio? Indo para o banheiro e puxando um lençol de rotina?

Por que ele apenas não colocou um vestido e algumas unhas postiças e chamou-se *Irene*?

Merda, o sexo... o sexo tinha explodido sua mente. Literalmente. E isso tinha sido o problema. Algum tipo de fissura abriu-se nele no instante em que afundou em seu calor molhado, e com cada impulso de bombeamento, o que tinha começado como uma pequena fratura cresceu em um fosso enorme.

Não era sobre o medo. Ou a adivinhar o seu estatuto de desertor.

Foi o fato de que, quando você estava no trabalho com Matthias, estava tão ocupado mantendo-se vivo que não tinha ideia de como se estava sob intensa pressão.

E você sabe, fugir foi apenas mais do mesmo. Tendo aquele sonho? Foi o mesmo.

Mas fazer amor com uma mulher bonita e quente em uma cama macia, com cheiro de limão, em uma casa que mesmo ele não poderia duvidar da segurança?

Muito próximo do normal. Muito seguro. Muito bom para ser verdade.

A justaposição disso e do que ele tinha sido e para onde estava indo na parte da manhã, o tinha pego desprevenido—e tipo que provava o que ele sempre suspeitou: Era muito difícil

¹³⁶ *Noventa graus Fahrenheit* – Aproximadamente 32 Graus Celsius.

mergulhar até mesmo um pé no caminho da vida civil. A atitude indecisa de estar em dois mundos era insustentável.

E nessa nota...

Girando em torno da mesa ao lado, ele pegou o controle remoto do DVD e apertou o play. Quando o menu apareceu, escolheu passar tudo, e depois de uma batida, o logotipo da Three's Company apareceu em uma cena de praia. Enquanto os créditos introdutórios corriam, John Ritter cobiçava uma garota e acabou caindo de bicicleta e enquanto batia na areia, as sobrancelhas de Grier se apertaram... e então relaxaram completamente.

Perfeito! Ela tinha treinado a associar à TV com o sono profundo, e a bolha de ruído e luz bruxuleante macia estava ajudando a encobrir os rastros dele.

Cerca de quinze minutos no episódio, Isaac lentamente deslizou o braço de sob a cabeça dela e, em seguida, deslizou-se por entre os lençóis. Na sua ausência, Grier rolou para encarar a TV e reinstalou-se com um suspiro. Que foi a sua sugestão para ele começar a se mexer.

Chegando até as escadas, desceu para o quarto que lhe tinha sido dado.

Dez minutos depois, ele voltou para ela, completamente vestido, com as suas armas. Pairando sobre ela, observou seu sono por muito tempo e teve que forçar-se a se curvar e pegar a mão dela. Movendo-a com cuidado, colocou o dedo no controle remoto do sistema de segurança e o desativou. Depois de uma luz verde clara, ele religou o alarme para ver que tipo de atraso havia.

Que seria nenhum: Imediatamente, a luz vermelha brilhava, e ele estava preso no interior.

Fazia sentido. Ela tinha acabado de acioná-lo depois que trancou a porta da frente.

Olhou para o relógio. Quatro da manhã.

Grier deu uma pequena fungada e deslizou a cabeça mais profundamente no travesseiro, os cabelos louros caindo sobre seu rosto.

Ele não confiava em si mesmo para ficar com ela até que ela acordasse.

Agora ou nunca, imbecil.

Obrigado, ele balbuciou para ela.

E então, com uma maldição, desarmou o sistema e saiu sem olhar para trás.

Lá embaixo, ele foi silencioso e rápido enquanto ia e verificava o teclado ADT na sala da frente. Assim como ele esperava: desengatado. Afinal, quando você tinha um rottweiler guardando sua casa, você realmente precisa de um labrador amarelo como reserva?

A porta da frente era de madeira sólida e de três centímetros de espessura, então mesmo que não pudesse abrir o ferrolho, iria precisar de um aríete para entrar. Sua única preocupação era a porta de vidro e as janelas, mas os quadros eram super resistentes e se quebrasse as vidraças do tamanho das que tinha na cozinha, elas fariam um inferno de barulho.

Então, ela estava tão segura quanto poderia estar.

Depois de cortar as luzes exteriores, ele tirou sua camiseta de seu bolso e abriu a trava, depois saiu e colocou a porta grande no lugar. Rápida pausa para verificar novamente que a alça foi bloqueada, segura, e amarrou a tira de pano ao redor da lanterna de ferro para a esquerda.

O próximo passo foi andar a pé para a fria manhã de abril.

Não era cedo demais, também. Como se tratava da Nova Inglaterra, o sol se levantava bem cedo, e provavelmente ele tinha apenas uma hora, ou pouco mais, de boas trevas, antes que os raios do amanhecer começassem a espantar as sombras. Seguindo para a esquerda, ele atravessou uma coisa chamada Rua Pinckney, e menos de dez metros abaixo na colina, ele encontrou o que estava procurando: uma das menores casas da cidade em reforma, as janelas no primeiro andar tapadas, um caminho de pó de gesso percorrendo dentro e fora da porta da frente.

E não havia luzes acesas, dentro ou fora.

Agindo como um Homem Aranha de merda, ele escalou a casa, usando os moldes em torno da porta e das janelas para firmar seus pés e puxar o peso para cima. Um soco rápido através de um painel empoeirado e esperou o grito de um alarme de segurança. Nenhum veio. Então, virou o trinco, empurrou a moldura da janela para cima, e Hello, Lucy¹³⁷, ele estava em casa.

Tempo total decorrido: um minuto e meio.

O lugar era de pedra fria e coberto com mais pó de gesso, e esperava como o inferno que se tratasse de um trabalho de união¹³⁸, uma vez que era domingo, para que ele pudesse ficar o tempo que quisesse. A verificação não demorou muito, e semelhante à configuração da de Grier, a parte de trás da casa abria-se com um jardim cercado que estava fechado e não havia pegadas de giz sobre o tijolo vermelho. Obviamente, os operários chegavam e saíam pelo caminho pela frente.

Para liberar a rota de saída para alguma ação de parkour¹³⁹, se ele precisasse, destravou a janela acima da porta traseira, então voltou para onde tinha quebrado o vidro e retirou todos os cacos de vidro no painel quebrado para que, de longe, parecesse como se nada estivesse errado.

O ponto de vista que ele tomou foi pela janela no canto direito da frente da casa, e para esconder mais de si mesmo, ele moveu um pedaço de madeira para usar como cobertura. De onde ele estava podia ver cerca de setenta por cento do arco da frente da casa de Grier. O que faltava era a porta traseira e o terraço superior, mas isso era o melhor que podia conseguir.

Encostado na parede fria, os olhos examinaram o pequeno parque com sua cerca de ferro forjado, a estátua e árvores graciosamente enraizadas. Poderia muito bem apreciar a vista. Ele não iria sair, até que visse Grier entrar em seu carro e ir embora sem ninguém no seu encalço.

Vinte minutos depois, o que ele mais temia aconteceu. Um carro preto não marcado, que não era o que o amigo de Jim havia descrito na noite anterior: sem marcas ou poeira sobre o bad boy. E os vidros escurecidos o impediram de ver o condutor ou qualquer passageiro.

Mas ele tinha a sensação de quem era.

Merda, ele odiava quando estava certo.

E isso era tudo culpa dele.

Capítulo 20

¹³⁷ **Hello Lucy** – Referência a antiga série de TV americana chamada “I Love Lucy” interpretada pela atriz/comediante Lucille Ball.

¹³⁸ **Trabalho de União** – “Union Job” quer dizer que, os trabalhadores da obra seriam sindicalizados, trabalhando em horários específicos, de acordo com a legislação, por isso Isaac diz que se for esse tipo ele pode ficar o quanto quisesse, pois eles não trabalham aos domingos.

¹³⁹ **Parkour** – Arte do deslocamento, é uma atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápida e eficientemente possível, usando principalmente habilidades. Ajuda a superar obstáculos de qualquer natureza, desde galhos e pedras até grades e paredes de concreto.

Grier acordou às seis da manhã e soube, assim que viu a parte final de um episódio de *Three's Company*,¹⁴⁰ que Isaac tinha partido: Ela não reiniciou o DVD quando subiram para seu quarto... e sim, o sistema de segurança estava desligado.

Ela obviamente estava dormindo enquanto ele ia embora.

Arqueando-se para cima, verificou sua mesa de cabeceira, pensando que talvez ele tivesse lhe escrito um bilhete. Mas a única coisa que ele deixou para trás foi o odor do xampu e sabonete que usou: a fragrância de cedro estava em um de seus travesseiros e em alguns de seus lençóis.

Levantando-se, ela vestiu seu casaco e desceu para o segundo andar. O quarto de hóspedes estava limpo como um alfinete, a cama feita com precisão militar. O único sinal de que ele esteve ali, absolutamente, era a única toalha que tinha sido pendurada para secar na cabine no banheiro. Ele até tinha enxugado as paredes de vidro do chuveiro, assim não havia quaisquer marcas da água no lado de dentro.

O homem era um fantasma total e ela era uma perdedora patética por pensar que ele faria algum de gesto de adeus.

Ela seguiu do andar de baixo para a cozinha e parou na arcada.

Bem, acabou que ele tinha deixado uma coisa para trás: No balcão estava a sacola plástica de dinheiro.

—Maldição. Maldito seja.

Ela parou por um tempo, não olhando fixamente para os vinte e cinco mil dólares, mas para a Birkin¹⁴¹ que ele tentou limpar para ela.

Eventualmente, pegou o telefone fixo. O número que discou era um que tinha memorizado dois anos atrás.

O escritório do defensor público sempre tinha alguém de serviço, porque crimes, como enfermidades e acidentes, não reconhecem qualquer distinção entre dias de semana e fins-de-semana. E o sujeito que respondeu era um advogado que conhecia bem. Embora sua resignação do caso do Isaac fosse uma surpresa para ele, quando ela declarou que tinha aproximadamente vinte e cinco mil dólares da extorsão da gaiola de lutas no balcão de sua cozinha, ele embarcou PDQ¹⁴².

—Jesus.

—Eu sei. Então eu tenho que renunciar.

—Espere, ele deixou este dinheiro em sua casa?

Poderia também praticar sua punhalada em história revisionista.

—Ontem à noite, o Sr. Rothe veio aqui. Postei sua fiança e ele quis me pagar de volta e eu fiquei com a impressão que foi porque ele estava pensando em fugir. Eu não notifiquei a polícia porque pensei que era meu dever convencê-lo a não fugir e acreditei que o tinha dissuadido. Exceto que, então, achei o que ele me deixou esta manhã em minha varanda dos fundos. — Ela

¹⁴⁰ *Three's Company* – Novela americana que foi ao ar de 1977 a 1984 na ABC.

¹⁴¹ *Birkin* – Bolsa feita à mão da Hermès.

¹⁴² *PDQ* – *Pretty Damn Quicky*: Malditamente rápido.

inspirou profundamente, o peso das mentiras não assentando bem em seu estômago vazio. — Dado ao dinheiro, sinto fortemente que ele vai deixar o estado imediatamente. Estou ligando para a polícia a seguir e deixarei o dinheiro no distrito policial, como evidência, quando for lá para dar uma declaração esta manhã.

—Grier...

—Antes de você perguntar, estou listada nas páginas brancas, que é como Sr. Rothe achou minha casa, e não, não me sinto ameaçada em absoluto. Eu pedi a ele para entrar e ele fez por um tempo—e partiu sem rebuliço. — Pelo menos aquela parte era a completa verdade.

—Bem, inferno...

—Sim, eu acredito que cobre isto. Queria que você soubesse o que eu iria fazer e o manterei informado. Eu não sei para onde tudo isto vai, para ser honesta.

Ding, ding, ding, outra verdade.

Seu colega fez um som desconsiderado.

—Olhe você nunca teve uma marca em seu registro e está mantendo tudo às claras. Você não fez nada errado.

Nenhum comentário nisto. Nenhuma razão para arruinar a tendência de veracidade.

—Você vai receber consulta independente, contudo?— Ele disse.

—Claro. — *Um tolo por cliente*¹⁴³ e toda esta coisa. Assim como disse a Isaac na prisão.

Depois que ela saiu do telefone com o outro advogado, ligou para os policiais momentos mais tarde. E eles, claro, a ajustaram exatamente no horário deles.

Na esperança de se fortalecer, ela ligou a máquina de café e então percebeu que não estava só. Suspendendo sua cabeça, ela perguntou-se se Daniel tinha visto alguma coisa na noite anterior no quarto de hóspedes?

Nada, seu irmão disse. *Eu sei quando partir*.

Graças a Deus, ela pensou para si mesma quando apertava o botão de ligar.

—Eu queria poder lhe dar um pouco disto. Eu amava quando nós podíamos tomar café juntos.

Cheira bem.

Ela normalmente o buscava com seus olhos sempre que ele aparecia, mas não esta manhã. Realmente não podia encará-lo, e não porque ela tinha ficado com alguém. Bem, o sexo era parte disto. A condutora real, entretanto, era aquela queimadura insensata; era apenas perto demais do que o tinha destruído.

Sim, você e eu somos iguais. Nós pegamos isto do Papai.

—Sabe você nunca fala sobre sua morte, — ela disse enquanto a máquina Krups¹⁴⁴ fervia e silvava.

A voz dele ficou dura. *O que está feito está feito, e esta conta precisa ser resolvida entre outras pessoas*.

—Conta?— Quando ele não disse nada mais, ela cerrou os dentes. —Por que você nunca

¹⁴³ *Um tolo por cliente (Fool for a client)* – Expressão para advogados que defendem a si mesmos.

¹⁴⁴ *Krups* – Marca de máquinas de café e expressos.

responde nada? Eu tenho uma lista tão longa quanto meu braço de coisas que quero saber, mas tudo que você faz é desviar ou evadir.

O silêncio se seguiu enquanto ela olhava fixamente sobre seu ombro: Daniel estava debruçado contra a geladeira de aço inoxidável, sua forma translúcida lançando nenhum reflexo no acabamento polido. Seus olhos azuis, aqueles que eram uma cor idêntica dos seus próprios, estavam encarando o chão.

—Eu não entendo porque você está aqui, — ela disse. —Especialmente se nós não podemos realmente conversar sobre as coisas que importam. Como a maneira que você morreu e...

Isto é sobre sua vida, Grier. Não a minha.

—Então por que você me disse para levar aquele soldado para casa?— ela lamentou.

Agora Daniel sorriu. *Porque você gosta dele. E eu acho que ele vai ser bom para você.*

Não estava certa sobre isto de forma alguma. Já estava se sentindo despedaçada, e ela o conhecia há apenas um dia.

—Você sabe o que ele fez? De quem ele está tentando fugir?

O cenho franzido de seu irmão não a estava encorajando. *Disto eu não vou falar. Mas eu posso dizer a você que ele não vai lhe machucar.*

Deus, ela estava cansada de estar cercada por homens com fita adesiva sobre suas bocas.

—Eu o verei novamente?

Daniel começou a desaparecer, que era o que ele fazia sempre que ela o colocava no foco sobre algo.

—Daniel — ela disse ríspidamente. —Pare de fugir de mim

Quando tudo que ela conseguiu de volta foi uma visão limpa contra a porta da geladeira, olhou para teto e amaldiçoou. Ela nunca tinha qualquer controle sobre quando ele aparecia ou quanto tempo ficava. E não tinha ideia alguma onde ele estava quando não a estava assombrando.

Ele passava um tempo no equivalente de um Starbucks dos mortos-vivos?

Falando de café...

Determinada a seguir com algo, *qualquer coisa*, ela pegou uma caneca e o açucareiro e estava quente e fumegante—o tempo todo se perguntando se cafeína era uma boa ideia dado a seus nervos.

Às nove horas, ela deixou a casa com o dinheiro e uma enxaqueca que parecia que tinha posto seus pés sobre seu lóbulo frontal e tinha planos para passar o dia. Depois de inicializar o sistema ADT, ela saiu, fechou a porta e girou a fechadura com sua chave.

Franzindo a testa, olhou fixamente para uma das duas lanternas de ferro forjado na entrada. Uma tira pequena de pano branco tinha sido enroscada ao redor de sua base. Girando em seus calcanhares, Grier olhou ao redor e não viu nada além dos carros estacionados que ela reconhecia... e um vizinho caminhando com um labrador chocolate... e um casal passeando de braço dado...

Controle-se, Grier.

Ela não estava em um mundo Hitchcockiano onde as pessoas eram seguidas e aviões mergulhavam bombardeando do ar e sinais secretos eram deixados em instalações de luz.

Desenrolando o fragmento de tecido, ela empurrou a coisa no bolso do seu casaco, não como lixo, e foi para seu Audi. Quando saiu, ligou o grande alarme, embora ela normalmente não fizesse isto se não estivesse na casa.

No departamento de polícia, encontrou-se com um detetive, entregou o dinheiro, e deu uma declaração. O privilégio advogado-cliente não se estendia para atividade criminosa em andamento, então lhe foi exigido dizer o que sabia sobre o anel de luta, a participação de Isaac nisto, e o local onde ela acreditava que eles ainda se reuniam fora de Malden.

Enquanto o tempo passava e ela falava, tinha uma convicção crescente que Isaac estaria muito longe agora e as chances eram boas de que ninguém de Boston o encontrasse.

Ela tinha que se perguntar quem iria, contudo.

Duas horas mais tarde, saiu do distrito policial e encarou o sol amarelo no céu de primavera sem nuvens. O calor em seu rosto fez a brisa fria parecer ainda mais frígida, e o resto do dia elevou-se sobre ela.

Seu carro não a levou para sua casa.

Deveria. Ela o enviou na direção de Beacon Hil com a intenção de rastejar de volta para cama e conseguir um pouco mais de sono. Mas acabou na Rua Tremont.

Quando ela deu a volta no quarteirão onde o apartamento de Isaac era, naturalmente não havia lugar algum para largar o Audi e era, provavelmente, um sinal para ela se afastar. Persistência a colocou em dificuldade, contudo, quando um Fusca partiu e deixou um espaço vazio. Depois de estacionar, ela trancou e seguiu para a casa.

Batendo na porta da frente, ela esperou que a proprietária estivesse em casa, e nunca pensou que estaria contente por ver alguém daquele jeito novamente.

A mulher abriu e Grier fez uma conexão que não tinha feito da vez anterior: Era “*Sra. Roper*” de *Three’s Company*. Dos falsos cachos vermelhos aos braceletes de plástico.

—Você voltou, — foi a saudação.

—Eu só preciso entrar uma última vez.

—Onde ele *está*? — A proprietária disse, bloqueando o caminho.

Ah, sim, uma barreira de pedágio de informações, Grier pensou.

—Ele esteve aqui ontem à noite. Você não o ouviu?

Tema de palpite do *Jeopardy*¹⁴⁵. Então...

—O homem é como um fantasma, — a sócia da “*Sra. Roper*” reclamou. —Nunca faz um barulho. A única maneira de saber que ele está é que já pagou o aluguel do próximo mês. Ele está na prisão, não é. Você é a advogada dele?

—Não. — Ela odiava mentir. Verdadeiramente odiava.

—Bem, eu acho.

Quando o som de um telefone tocando a cortou, Grier estava pronta para beijar seja quem fosse que estivesse ligando.

Exceto que a proprietária rebateu o ar com uma mão desconsidera.

—É só a minha irmã.

¹⁴⁵ *Jeopardy* – Programa de perguntas de resposta sobre temas variados da televisão americana.

Ótimo.

—Você pode me levar até lá em cima, por favor? Eu não vou demorar.

O toque ficou mudo.

—Olhe, eu não vou continuar fazendo isto. Consiga sua própria chave.

—Oh, eu concordo, eu preciso de uma. E me desculpo.

A mulher subiu os degraus como um touro, batendo o pé e grunhindo, o vestido havaiano de hoje balançando como uma bandeira.

No topo, ela destrancou a porta com sua chave.

—Agora, eu estou dizendo a você...

O telefone começou a tocar novamente no andar de baixo, e quando aquela peruca ia de um lado para o outro, era como um cachorro preso entre a escolha entre duas bolas de tênis.

—*Eu voltarei*, — A “*Sra. Roper*” gravemente anunciou.

Como se o “*Exterminador do Futuro*” tivesse virado uma “*drag queen*”.

Deixada sozinha, Grier entrou no lugar de Isaac e se fechou lá dentro, trancando a fechadura na esperança de que, se o telefonema não durasse muito, aquela mulher presumiria que foi uma situação “*chegar-e-ir-embora*”.

Uma revisão rápida da sala-de-estar provou que ele tinha passado por aqui, mas isso era uma certeza: A arma de fogo que ele puxou para ela ontem à noite tinha que ser uma das que ela achou e a camisa de moletom que ele estava vestido era o que usava como um travesseiro. Ele não pegou tudo, no entanto. O saco de dormir foi deixado para trás, como também algumas calças de treinamento e um par de Nikes, embora os sensores nas janelas e portas não estivessem ali.

Na cozinha, ela achou uma pilha arrumada de notas de dólar, claramente, elas eram um oferecimento de forma que, quando nenhum aluguel fosse pago, estaria tudo acertado.

Inclinada contra o balcão, ela não tinha ideia alguma do que esperava encontrar.

Um suave som de rangido levou seus olhos até a porta traseira. Quando não havia nada mais, ela resolveu que tinha imaginado os passos... mas então o trinco na fechadura girou lentamente. Ela se endireitou, seu coração ficando histérico enquanto colocava sua mão em sua bolsa e preparou seu Mace, que era melhor que a arma de choque, dada a distância.

—Isaac?

Exceto que não era seu soldado AWOL¹⁴⁶.

O homem que entrou no apartamento tinha cabelo preto, pele bronzeada e estava vestindo um terno escuro debaixo de um sobretudo. Um remendo cobria seu olho direito, e ele usava uma bengala para equilibrar seu corpo alto.

—Eu não sou Isaac. — ele disse, em uma voz muito profunda.

O sorriso frio que ele deu era o tipo de coisa que fazia você querer dar um passo atrás. Infelizmente, ela já estava contra o balcão, então não havia lugar algum para ir.

E isso foi antes dele trancá-los juntos.

Quanto barulho ela tinha que fazer para conseguir a “Sra. Roper” de volta aqui em cima? — ela se perguntou.

¹⁴⁶ **AWOL** (**absent without leave**) – Militar ausente sem licença; ausentes do posto ou da obrigação, sem autorização oficial.

—Você deve ser a advogada de defesa.

Oh, Cristo, ela pensou. Isto era do que Isaac queria protegê-la, não era?



Grier Childe parecia exatamente com seu irmão, Matthias pensou enquanto ele olhava fixamente através da pequena cozinha para ela.

E você poderia dizer o que quisesse sobre a política de coração sangrento e predileções curiosas do Childe mais velho, mas ele e aquela esposa dele fizeram direito na finalidade de procriar. Ambas suas crianças eram loiras, de olhos azuis, com estrutura óssea perfeita. Nata da colheita da velha guarda como era. Mas, a filha evidentemente tinha a metade de um cérebro, passando por seu currículo. E estava sem todos aqueles problemas de vício confusos.

Ele sentiu seus lábios se esticarem um pouco mais.

—O que está em sua bolsa? Arma de fogo? Mace?

Ela tirou um tubo fino com capa de couro e tirou a tampa superior. Colocando-o em posição, ela deixou a arma de defesa falar por si mesma.

—Garanta que você aponte para o meu olho bom. — ele disse, batendo levemente no olho esquerdo. —Do outro lado não conseguirá merda alguma. — Quando ela abriu sua boca para falar, ele a cortou. —Você esperava encontrar Isaac aqui?

—Nós não estamos sozinhos. A proprietária está no andar de baixo.

—Oh, eu sei. Ela está conversando com sua irmã sobre a esposa do irmão delas. — Aqueles patricios olhos azuis dela se alargaram. —Elas não gostam dela porque ela é muito jovem para ele. Eu daria a você os detalhes, mas é particular. E não muito interessante. Agora me diga, você esperava encontrar Isaac aqui?

Ela demorou um momento para responder.

—Eu não responderei nenhuma de suas perguntas. Eu sugiro que você destranque aquela porta e parta. Você está invadindo.

—Se você é o dono do mundo, não existe tal coisa como invadir. E um conselho, se você quer sair desta viva, terá que ser um pouco mais adaptável. — Matthias casualmente vagou para a janela acima da pia e olhou para fora do vidro lácteo. —Mas suspeito que eu saiba a resposta de qualquer maneira. Você não achou que o acharia aqui porque acredita que ele deixou Boston. Você está baseando esta suposição no dinheiro que ele deixou para trás com você e não se incomode em negar isto. Eu escutei você conversar com seu amigo no escritório do defensor público.

—É ilegal grampear o telefone de alguém sem um mandato.

Empurrando contra sua bengala, ele se endireitou de volta.

—E eu diria para você, novamente que, palavras como “invadir” e “ilegal” e “mandato” não se aplicam a mim.

Ele podia sentir seu medo... e vê-lo, também. Ela tinha seus dedos apertados tão forte

naquele cilindro que as juntas estavam brancas. Mas realmente, ela não precisava se preocupar tanto. Parecia altamente improvável que Isaac tivesse dito a ela qualquer coisa material que seria sua sentença de morte, e o sujeito sabia disto: Nada a manteria respirando se ela tivesse informações da *Ops*. Nem mesmo um desejo de calar o pai dela para sempre.

—Eu acho que nós deveríamos chegar a um acordo. — ele disse, pondo sua mão dentro de seu casaco. —Segure firme, não fique louca com seu inseticida. Estou só pegando um cartão para dar a você.

Ele puxou um, segurando-o entre as pontas de seus dedos indicador e médio, deixando as armas que estava carregando logo onde elas estavam mantidas.

—Se você vir seu cliente novamente ligue para este número, Sra. Childe. E saiba que esta é a única razão de eu ter vindo aqui para ver você. Apenas pensei que você e eu devíamos nos encontrar pessoalmente, assim você entenderia o quão sério eu sou sobre Isaac Rothe.

Manteve o Mace com ela quando avançou e se inclinou, como se quisesse ficar tão longe dele quanto possível. E ele sabia malditamente bem, quando ela pegou o cartão, o que ela iria fazer com ele. Mas isso era parte do plano.

Quando ela estudou o pouco que tinha sido impresso, Matthias deixou sua mão livre onde ela pudesse vê-la.

—Isaac Rothe é um homem muito perigoso.

—Eu tenho que ir — ela disse enquanto empurrava o que ele lhe deu em sua bolsa.

—Ninguém está mantendo você aqui, eu até abrirei a porta.

Abrindo a coisa largamente, ele parou de lado e aprovou o modo com que ela mediu, tanto ele quanto os degraus que foram revelados. Cautelosa, oh tão cautelosa...

Ela passou apressada por ele... e no último instante antes dela estar livre, ele pegou seu braço e a segurou.

—Eu deixei algo para você no porta mala de seu carro. Afinal, a maioria dos acidentes acontece em casa, e você poderia precisar ligar por ajuda.

Ela se arrancou de seu aperto.

—Não me ameace, — ela estalou.

Enquanto Matthias encarava aqueles olhos bonitos dela, ele se sentiu idoso. Idoso, quebrado e preso. Mas como aprendeu dois anos atrás, não podia parar a trajetória de sua vida. Era como levantar suas palmas para uma avalanche: Você era esmagado e a fúria de neve e gelo nem mesmo notava.

—Eu não estou com medo de você, — ela disse.

—Você devia estar,— ele severamente respondeu, pensando sobre os doze modos diferentes que podia fazer com que ela não descesse para tomar café da manhã no dia seguinte. —Você deveria estar com muito medo.

Ele a deixou ir, e ela partiu como um foguete, seu cabelo loiro fluindo atrás dela enquanto corria degraus abaixo.

Voltando para aquela janela sobre a pia, ele observou a cabeça dela saindo da casa e indo para a rua. *Ela iria ser muito útil nesta situação*, ele pensou.

Em vários níveis.

Capítulo 21

Enquanto Grier caminhava em direção a seu Audi, tinha a chave remota em sua mão e o coração em sua garganta. Tinha visto aquele homem antes; havia algum tipo de vibração atrás de sua mente, alguma memória dele. Ele não tinha o tapa-olho e a bengala — ela teria se lembrado deles. Mas ela definitivamente o viu.

Aproximando-se do carro, ela permaneceu ao lado dele, cada músculo em seu corpo se apertou como se, a qualquer momento, a coisa iria virar como nos “*Sopranos*” e mandar tudo pelos ares. E assim que ela finalmente levantou sua chave para destrancá-lo, um sedan preto com janelas escurecidas passou por ela na Tremont. Examinando o vidro... não viu nada. Era todo impenetrável, e a luz solar refletiu no para-brisa, assim ela não podia ver quem estava dirigindo.

Contudo, sabia malditamente bem quem estava do lado de dentro. E apostava que ele tinha erguido a mão em um pequeno aceno.

O sedan nem mesmo tinha uma placa.

Quando a coisa partiu, todos os tipos de ideias espertas passaram por sua cabeça, inclusive o sempre presente telefonema 911, ou fazer uma ligação para seus amigos no Departamento de Polícia de Boston, ou fazer com que seu pai aparecesse. Mas ela não achava que, o que quer que estivesse no porta-malas, iria matá-la. Aquele homem já tinha tido sua chance, por assim dizer: Ele podia ter facilmente a drogado e a arrastado para a parte de trás, ou matá-la diretamente com um silenciador.

Deixar seus dedos fazerem a ligação só levaria a complicações e embora, a primeira coisa que iria fazer quando chegasse em casa era entrar em contato com seu pai sobre este cartão, não estava certa se precisava dele vir gritando em pânico.

Merda, seu telefone celular poderia estar grampeado, também.

Apertando a chave remota, ela abriu o porta-malas e lentamente o ergueu...

Franzindo o cenho, ela se curvou e se perguntou se estava vendo as coisas direito. Sobre o feltro cinza escuro do interior do porta-malas estava... bem, parecia ser uma daqueles botões de Alerta de Vida que as pessoas idosas usam, nada além de um transmissor de plástico de cor creme na forma de um triângulo com um logotipo através da parte da frente em vermelho. A corrente em que estava era de prata, e longa o suficiente de forma que, se você a colocasse ao redor de seu pescoço, oscilaria abaixo de seu coração.

Ela tirou um lenço de sua bolsa e levantou a coisa para uma inspeção mais próxima; então entrou, foi para trás do volante, e o colocou no assento ao lado dela. Quando ligou a ignição, vacilou no caso do Audi explodir em chamas, exceto que o ritmo de seu coração se restabeleceu rápido. Mas vamos lá, era uma espectadora inocente em relação a seja lá o que estava acontecendo com Isaac, e ela tinha que imaginar que um civil Americano em solo Americano não era o tipo de dano colateral com o qual o governo dos Estados Unidos quisesse lidar.

Enquanto ela dirigia para Beacon Hill, fez uma ligação para seu pai, e quando caiu no correio

de voz, tentou deixar uma mensagem, mas o que podia dizer dado a que não sabia quem estava escutando? Então acabou apagando apressadamente e imaginou que ele veria o alerta de ligação perdida em seu telefone e retornaria o contato com ela.

Em casa, em Louisburg Square, estacionou na vaga contra a cerca e olhou ao redor pelas janelas do carro. Quem a estava observando? E de onde?

Não admira que Isaac tenha estado inquieto. A ideia de ir de seu Audi até sua porta da frente a fez desejar que estivesse vestindo um colete Kevlar. Agarrando sua bolsa e segurando o Alerta de Vida com o lenço, ela saiu e se apressou, exceto que, quando ficou mais próxima de sua casa, diminuiu a velocidade. Na lanterna, embrulhada firmemente em torno da base, estava outra tira de pano branco.

Virando rápido, ela olhou para cima, para todos os edifícios de tijolos e desejou que pudesse ver dentro deles.

Não estava sozinha em qualquer lugar em que estivesse, estava?

Enquanto seu coração voltava-se apressado outra vez e seu sangue se acelerava por suas veias e seu cérebro, ela se inclinou em sua porta da frente, desativou o grande alarme, e colocou o Alerta de Vida em um móvel. Soltando sua bolsa, rapidamente desligou o bip do ADT, e então saiu de casa apenas tempo suficiente para soltar o tecido.

Um, dois, três: Ela se trancou dentro, bloqueou a porta e religou o sistema monstro, algo que ela nunca fazia de dia, quando estava em casa.

Com um objetivo certo, ela entrou na cozinha com sua bolsa e pôs tudo no balcão: o cartão, os pedaços de pano, e o transistor. Tudo, sendo cuidadosa em manusear com um tecido. Os dois cortes de tecido eram idênticos e tinham claramente sido arrancados da mesma fonte e ela tinha uma sensação de saber de onde eles vieram. A camiseta regata de Isaac.

O que faz que você querer apostar que era um sinal de que ele está...

Quando o celular disparou, ela gritou e quase pulou de seus sapatos. Quando verificou quem era, atendeu e não desperdiçou tempo.

—Papai... nós precisamos conversar.

A casa estava em silêncio e então a voz patricia de Alistair Childe veio pela conexão.

—Você está bem? Eu devo ir aí?

Segurando o telefone na curva de seu ombro, ela levantou o Alerta de Vida pela corrente e o observou oscilar. Claramente, estava sob vigilância, assim, não era como se houvesse qualquer forma de esconder quem ela viu ou onde ela foi. E, além disso, ter seu pai aparecendo era provavelmente uma boa ideia. Ela sempre sentiu que ele tinha sério poder em altas esferas, porque políticos e militares igualmente, o trataram com algo mais que apenas respeito: Eles tinham, vagamente, medo dele, apesar de que ele fosse um cavalheiro educado na Ivy League.

Não poderia machucar lançá-lo na mistura, e, além disso, não havia ninguém mais para quem ela teria recorrido nesta situação.

—Sim, — ela disse. —Venha agora.



Na casa na Rua Pinckney, Isaac olhava por detrás de sua folha de compensando com um desejo de matar. E esta compulsão ardente não estava no senso civil de que ele estava frustrado e queria soltar aquela merda no hipotético.

Ele queria abrir Matthias, da garganta até o escroto e destripá-lo como um porco.

O filho da puta *não iria* atrás de sua mulher.

Não importava o que Isaac tivesse que fazer ou sacrificar: Grier Childe, com seu bom coração e seus olhos espertos, não iria se tornar uma marca no cinto de Matthias.

Claramente, porém, ela estava na mira do sujeito. Ela tinha saído há mais de duas horas atrás, e tinha o dinheiro com ela. Que devia ter sido a dica para Isaac partir também... exceto que, o sedan preto que tinha passado lá ao amanhecer, tinha se rematerializado de uma ruela fora da rua Willow e chegou direto no para-choque dela.

Sem suas próprias rodas, ele teve que deixar ambos irem embora, seu maldito coração batendo com uma ira impotente. Seu primeiro instinto foi ligar para Jim Heron, mas ele ainda não estava certo se podia confiar no sujeito.

A única coisa que pôde fazer foi substituir o sinal que tinha amarrado na lanterna. Pegando um chapéu de pintor que tinha sido deixado para trás, ele o colocou para cobrir seu rosto e brevemente escapou para amarrar outro pedaço daquela camisa regata em torno da instalação de ferro só para o caso de, quem quer que fosse que estivesse naquele carro, não tivesse visto o primeiro antes dela tirá-lo. Embora isso fosse improvável. A pergunta era, se o método *Ops* de marcar uma situação como clara, importaria: No campo, quando uma tarefa estava acabada e o membro da equipe partia, ele sempre deixava uma marca branca em algum lugar nas premissas, no veículo ou na cena.

Isaac estava esperando que isto deixasse seu passado e seu presente redirecionados para longe de Grier. Mas, sim, tanto faz. Quando ela voltou para casa, sustentava um cenho franzido tão profundo que era como se fosse estrábica, e tinha algo em sua mão que estava levando com um lenço.

Como se não quisesse deixar digitais ou manchar aquelas que estavam lá.

Então ela removeu a segunda marca que ele deixou em sua lanterna.

E... agora o sedan preto retornou, passando lentamente por sua casa, subindo a rua. Voltando. Estacionando.

—Porra. *Porra...*

Ele queria romper o silêncio, marchar através da rua, e bater na janela daquele carro desmarcado com o cano de sua arma. Então queria olhar fixamente nos olhos de seja quem fosse enquanto puxava o gatilho e transformava o lóbulo frontal do bastardo em um Milk Shake.

Ele tinha a sensação de saber quem era, também.

E esperava que o braço do bastardo estivesse melhor.

Cara, para inferno em deixar Boston agora; ele não iria para lugar nenhum até que estivesse

certo que Grier estava fora da linha de fogo... e ainda, merda, ele era a pessoa que tinha colocado a mira em seu corpo.

Estava remoendo aquela pequena fatia de infelicidade, quando um Mercedes do tamanho de uma pequena casa, dirigiu-se até a porta da frente. Sem vasculhar e procurar por uma vaga de estacionamento para aquele menino mau; a coisa parou no meio-fio e ficou lá, a única concessão para a ilegalidade foi ligar seu pisca alerta.

O homem que saiu tinha mais de um metro e oitenta e postura de soldado. Seu cabelo cinza era cheio, penteado para trás e repartido de lado, e até bagunçado e vestido com roupas de exercício, ele esbanjava dinheiro. E sabe como é, ele subiu a passos largos e usou o batedor de porta de cabeça de leão como se possuísse o lugar.

O pai de Grier. Tinha que ser.

No momento que ela abriu, ele entrou, e então simples assim, eles estavam trancados juntos e ele não podia mais ver coisa alguma.

Falando de modo geral, em uma situação de tocaia, você quer achar um único poleiro e se manter quieto. Mover-se por aí aumenta a probabilidade de ser avistado, especialmente em plena luz do dia em uma área com a qual você não esteja familiarizado, quando as pessoas já estão procurando por você. E no caso dele, não era apenas uma forma ruim de ser visto, era suicídio. Assim, por mais que seu corpo estivesse gritando para ele se mover, se aproximar, mudar de lugar, ele tinha que se manter em posição.

Anoitecer. Ele tinha que esperar até anoitecer, e mesmo então, ele precisava ser cuidadoso. Aquele sistema de segurança dela era uma situação sem invasão: sua especialidade era matar pessoas, não desarmar sistema de alarmes de última geração, então as suas chances de entrar sem ativá-lo eram nulas.

Assumindo que ele realmente queria estar dentro de onde ela vivia. A questão era como melhor protegê-la, e era difícil saber o que era pior, ela ali sozinha com ele no perímetro. Ou ele dentro com ela. Vagamente, ouviu seu estômago grunhir e o som o fez sentir sutilmente o número de horas que passaram desde a última vez que ele comeu. Mas ele encolheu os ombros para isto, da mesma maneira que fez incontáveis vezes em serviço.

Mente acima da situação, mente acima corpo... mente acima de tudo.

Ele apenas desejou como inferno saber sobre o que Grier e seu pai estavam conversando.



De pé em sua cozinha e encarando seu pai enquanto ele olhava sua pequena programação de “que-inferno”, Grier tinha tantas perguntas que não sabia por onde começar.

Uma coisa estava certa: quando seu pai a alcançou para pegar o cartão, sua mão estava tremendo muito ligeiramente. O que, em qualquer outra pessoa, seria o equivalente a uma convulsão epilética completa.

Alistair Childe era um homem caloroso com uma boa alma, mas ele raramente mostrava

emoção de qualquer tipo. Especialmente se fosse um tipo perturbador de coisa. A única vez que ela já o tinha visto chorar foi no enterro de seu irmão o que tinha sido bizarro, não só pela raridade de suas lágrimas, mas porque as duas não progrediram realmente.

—Quem deu isto para você?— Ele perguntou com uma voz tão fina que não soou como ele mesmo.

Grier se sentou em um dos tamboretos na ilha e se perguntou por onde começar.

—Eu fui designada para um caso de defensoria pública ontem...

A história foi uma conversa rápida, mas conseguiu uma grande reação: — Você deixou aquele homem vir *aqui*?

Ela cruzou seus braços sobre seu peito.

—Sim, eu deixei.

—Dentro de casa?

—Ele é humano, Papai. Não um animal.

Seu pai quase caiu sobre o outro tamborete e então lutou para abrir o zíper do pescoço.

—Querido Deus...

—Eu renunciei ao caso, mas fui ao apartamento de Isaac agora pouco.

—O que no *mundo* fez você ir até lá?

Certo, ela iria ignorar aquele tom indignado.

—E foi quando eu recebi o cartão e me disseram para ligar se visse Isaac novamente. E eu também consegui aquela coisa de Alerta de Vida. — Ela agitou a cabeça. —Eu vi o homem antes. Eu juro... muito tempo atrás.

Se seu pai esteve pálido antes, agora ele tinha se transformado na cor da névoa, não apenas branco, mas ficando cinza opaco.

—Como ele se parecia?

—Ele tinha um tapa-olho e ele...

Ela não terminou a descrição. Seu pai se arremessou para fora do tamborete e então abruptamente teve que manter seu equilíbrio no balcão.

—Pai?— Ela agarrou seu braço em alarme. —Está tudo...

Não ficou surpresa quando ele apenas agitou sua cabeça.

—Converse comigo, por favor, — ela disse. —O que está acontecendo aqui?

—Eu não posso... discutir isto com você.

Grier soltou o braço de seu pai e deu um passo atrás.

—Resposta errada, — ela proferiu. —Resposta totalmente errada.

Quando ela olhou para ele em todo seu resolutivo silêncio, percebeu porque se sentiu tão estranhamente confortável ao redor de Isaac: seu pai era um fantasma também. Sempre tinha sido. Ela literalmente cresceu e agora vivia sob o medo de que, a qualquer momento, ele podia desaparecer para sempre.

E seu cliente tinha emitido exatamente aquela mesma vibração.

—Você precisa conversar comigo, — ela disse severamente.

—Eu não posso. — Os olhos que olhavam para ela eram aqueles de um estranho de aspecto

familiar, como se alguém tivesse usando uma máscara das feições de seu pai e entrou por trás da vestimenta superficial para encarar o mundo exterior. —Mesmo se eu pudesse... eu não poderia aguentar contaminar você...

Ele caiu como se curvando sob uma grande montanha de peso.

Estranho, ela pensou. Definitivamente havia vezes, conforme você fica mais velho, quando começa a ver seus pais como pessoas em lugar de Pai ou Mãe. E esta era uma delas. O homem em sua cozinha não era o todo-poderoso senhor da casa e do escritório... mas alguém que foi pego em algum tipo de armadilha de urso, as mandíbulas da qual eram vistas apenas por ele.

—Eu preciso ir, — ele disse bruscamente. —Fique aqui e não deixe ninguém entrar. Ligue o sistema de segurança e não atenda ao telefone.

Quando ele tentou sair, ela bloqueou seu caminho para o corredor dianteiro.

—A menos que você me diga o que diabo está acontecendo, eu vou sair por aquela porta no momento em que você partir e desfilar pela Rua Charles até eu ser ceifada no tráfego ou encontrada por seja quem for que você esteja com tanto medo. Não me empurre nisto. Porque eu farei.

Houve um momento de “carranca-para-carranca”. E então ele riu severamente.

—Você é minha filha, não é?

—Totalmente.

Ele começou a caminhar, dando voltas em torno do balcão de granito.

Estava na hora, ela pensou. Hora para conseguir as respostas para todas aquelas perguntas que ela quis fazer sobre ele e o que ele fazia. Hora para preencher o vácuo de mistério e sombra com respostas tangíveis que eram longas e atrasadas.

Deus, por mais que Isaac fosse uma complicação, ele era quase como uma bênção dos céus.

—Apenas fale Papai. Não seja um advogado, não pense em tudo.

Ele parou no lado distante do cooktop¹⁴⁷ e a encarou.

—Minha mente é a única coisa que eu tenho minha querida.

Depois de um momento, ele retornou ao tamborete em que se largou mais cedo, e enquanto ele se sentava, fechou o zíper do pescoço, que foi como ela soube que iria conseguir a verdade, ou alguma medida dela: Ele estava se recompondo, recuperando quem ele era.

—Quando eu estava no exército como um oficial, eu servi no Vietnã, como você sabe, — ele disse no tom direto e verdadeiro que ela ouviu toda sua vida. —Então eu fui para a faculdade de direito, e deveria voltar para vida de civil. Mas realmente não saí do exército. Eu nunca realmente fiquei fora.

—As pessoas que sempre vinham procurá-lo à nossa porta?— ela disse, percebendo que era a primeira vez falava sobre eles.

—É o tipo de coisa que você nunca realmente parte. Você não pode sair. — Ele apontou para o cartão. —Eu conheço este número. Eu disquei este número. Leva você direito no coração... da besta.

¹⁴⁷ É aquele fogão que é embutido numa base de madeira ou granito, por exemplo, e tem só aquela tampa de cima com os queimadores.

Ele continuou a falar em termos gerais, oferecendo descrições soltas em vez de definições claras, mas ela preencheu os espaços: era estilo ninja governamental, o tipo de coisa que justificava a paranoia de teorias de conspiração, o tipo de organização que você provavelmente via em cinemas e histórias em quadrinhos, mas que civis são não acreditavam que realmente existia.

—Eu não quero isto — ele bateu seu dedo no cartão novamente — em qualquer lugar próximo de você. A ideia daquele... homem...

Quando ele não terminou, ela se sentiu compelida a assinalar.

— Você realmente não me disse qualquer coisa.

Ele agitou sua cabeça.

—Mas isto é tudo que eu tenho. Eu estou na margem, Grier. Então eu sei só o suficiente para ser claro sobre o perigo.

—O que exatamente você fez para... seja quem quer que “eles” sejam?

—Coleta de informações, eu estava estritamente em inteligência. Eu nunca matei ninguém. — Como se existisse todo um departamento de assassinatos. —Uma grande parte do que impulsiona a máquina é informações, e eu saio, as consigo, e as trago de volta. Eu também sou chamado de vez em quando por minha opinião sobre certas figuras internacionais, corporações e governos. Mas novamente, eu nunca matei.

Ela estava incrivelmente aliviada que não houvesse sangue algum em suas mãos.

—Você ainda está envolvido?

—Como eu disse você nunca verdadeiramente está fora. Mas eu não tive uma tarefa em... — Pausa longa. —Dois anos. — Grier franziu o cenho, mas antes dela poder perguntar qualquer coisa além, ele levantou e disse: — Seu antigo cliente está dentro, com a cabeça a prêmio se ele ficou AWOL deles. Ele não pode salvar a si mesmo e você não pode ajudá-lo ou salvá-lo também. Se este tal Isaac aparecer aqui novamente, me ligue imediatamente. — Ele recolheu o cartão, as tiras de pano, e o transmissor e os colocou no bolso de seu casaco. —Eu não deixarei você entrar nesta bagunça, Grier.

—O que você vai fazer com tudo isto?

—Eu vou garantir que esteja claro que você não representa mais Isaac Rothe, que não vai ter nada a ver com ele, e que se o vir novamente estará me contatando diretamente. Eu explicarei que você não escolheu nada disso e que está ansiosa para seguir em frente. E mais importante, eu declararei enfaticamente que você não foi absolutamente informada de nada por ele. O que é a verdade, não é?

O olhar duro em seus olhos dizia que, ainda que esse não fosse o caso, seria melhor ela malditamente ter certeza em manter que era.

—Ele nunca me disse uma palavra sobre que ele fez ou por que estava fugindo. Nem uma palavra. — Enquanto Grier observava seu pai cair em alívio, a frustração dela se aliviou. —Papai...

Ela foi para ele, deslizando seus braços ao redor de sua cintura e o abraçando por um momento longo.

—Eu ligarei para você em uma hora, — ele disse. —Ligue o sistema.

—As linhas telefônicas estão grampeadas.

—Eu sei.

Grier endureceu.

—Quanto tempo têm estado?

—Desde o início. Uns quarenta anos atrás.

Deus, por que ela ainda estava surpresa? E ainda assim a violação deixou um gosto ruim em sua boca. Como tanto disto fazia.

Depois que ela mostrou-lhe à porta, se trancou dentro e bateu no alarme, então entrou no escritório e espiou para fora da janela para observar o Mercedes se afastar do meio-fio e partir abaixo da Rua Pinckney em direção à Charles.

Quando ela não podia mais ver seus faróis traseiros, colocou sua mão no bolso e retirou as coisas que tirou dele quando eles se abraçaram: O Alerta de Vida, o cartão e as tiras de pano não tinham de fato, partido com ele.

Alistair Childe esteve absolutamente correto sobre uma coisa: Ela não era nada, se não sua filha. O que significava que ela não ficaria à margem nisto.

Você é louca, você sabe disto, seu irmão fantasmagórico disse ao lado.

—Não é nenhuma novidade. — Ela olhou para ele. —Eu tenho conversado com um cara morto pelos últimos dois anos.

Isto é sério, Grier.

Ela olhou para baixo, para as coisas em suas mãos.

—Sim. Eu sei.

Capítulo 22

Quando a noite caiu finalmente, Isaac estava pronto para gritar, sobre o fodido tempo, com toda a força dos seus pulmões. Mas em vez de dar uma de Tarzan, ele desceu para a parte de trás do sobrado, enquanto deslizava pela janela que tinha aberto aquela manhã, fechando-a atrás dele sem nenhum som, sobre o terraço de tijolo traseiro.

Ele tinha sorte de que fosse uma noite nublada, porque isso escoou até mais rapidamente a luz do céu. E ele ainda assim estava ferrado, porque o bairro era iluminado como uma porra de uma joalheria: Das iluminações de rua para as instalações ao redor, todas as portas pretas brilhantes eram como os faróis de carros, ele ia ter sua própria quantia de inferno de dificuldade em se esconder.

Ele fez a viagem até Grier a uma velocidade de tartaruga, achando todas as sombras que havia e tirando vantagem delas.

Quarenta e cinco minutos.

Esse foi o tempo que ele tinha gastado indo por, não mais que dezoito metros pela rua e pelo quintal dela. Então, novamente, subiu a colina, os dois blocos e dobrou a esquina antes de descer abaixo outra rua além da dela e chegando a uma ruela para o jardim cercado.

Um salto para cima... um aperto duro e rápido no topo do tijolo... um balanço encorpado... e ele estava dentro entre os rododendros.

Ele gelou quando caiu agachado.

Não havia ninguém que pudesse ver ou sentir. O que significava que podia ver a extensão do lugar pelas vidraças.

Quando Grier entrou na cozinha, ele inspirou profundamente, do tipo que lhe deu um tiro poderoso de energia e focalizou, apesar de que ele não houvesse comido ou tivesse tomado uma bebida em quase vinte e quatro horas.

Sempre se sentia assim, e ele odiava como ela parecia exausta e seu rosto pálido enquanto ela olhava ao redor, como um pássaro no vento que procurava um lugar para se empoleirar. Ela estava ao telefone, falando com animação, gesticulando com as mãos... Então terminou a chamada e lançou o receptor no aparador.

Ele esperou para ver se qualquer um vinha inspecionar o que tinha sido indubitavelmente algum barulho. Quando ninguém o fez, ele assumiu que ela estava só.

Algo se moveu. Por cima à esquerda.

Os olhos dele se moveram através do jardim, mas a cabeça não mudou e o seu peso não girou. Era difícil definir o que tinha mudado as posições exatamente, porque havia muito.

Jim Heron saiu da escuridão. E não era uma surpresa, devido a tudo o que tinha ocorrido. Então novamente, talvez ele tivesse estado lá antes que Isaac tivesse chegado. E era mais perturbador porque o Isaac deveria ter sentido a presença dele.

Embora o sujeito sempre tivesse sido muito, muito bom em se fazer de paisagem.

—O que está fazendo aqui?— Isaac exigiu, sua mão alcançando a arma enquanto ele se endireitava.

—Procurando você.

Isaac olhou ao redor e não viu ninguém mais.

—Bem, você me achou. — E merda, talvez Heron pudesse ajudar em alguma escala. —Sua sincronia é boa, a propósito.

—E você ainda não me ligou. Eu lhe dei meu número.

Isaac acenou com a cabeça até Grier.

—Complicações.

Jim amaldiçoou enquanto inspirava.

—Sem saber os detalhes, até mesmo eu, posso lhe contar sua solução. Parta. Agora. Você está preocupado com ela? Deixe-me colocá-lo em um avião.

—Eles deram algo a ela.

Fodido inferno.

— O quê?

—Eu não sei — Ele encarou Grier pelo vidro. —É por isso que eu não estou partindo.

—Isaac. Olhe para mim. — Quando ele não o fez, Jim agarrou seus bíceps e apertou. — Agora.

Isaac deslizou o olhar fixo em cima dele.

—Eu não a posso deixar... ferida.

Outra maldição.

—Certo, desabafe, assim me deixe limpar a bagunça. Você é muito valioso para se sacrificar. Nós precisamos colocá-lo em algum lugar seguro, longe de qualquer um ou qualquer pessoa que o conheça ou poderia achá-lo. Eu ficarei cuidando dela.

—Não. — Deus, ele não podia explicar e sabia que não era lógico. Mas quando se tratava de Grier... ele não confiava em ninguém.

—Seja razoável aqui, Isaac. Você tem uma arma apontada à cabeça dela. Você é o gatilho e a bala. Você é o tiro que vai matá-la. E fica vadiando por aqui? Você está colocando a lápide dela em liquidação.

—Eu me colocarei entre ela e Matthias. Farei isso.

—O único modo de salvar a ambos é você fodidamente dar o fora daqui. Além disso, talvez se nós pudermos manter você escondido tempo o suficiente, ele dará o fora. Ele não poderá dispor de recursos para uma procura infinita.

Isaac balançou a cabeça lentamente.

—Você sabe como Matthias tem estado nos últimos dois anos. Ele está liderando a *Ops* com sede, com sua própria agenda. Ele recebia ordens... mas ultimamente? Ele está descontrolado. As tarefas são agora sobre... qualquer outra coisa. Eu não sei o que. E isso significa que ele me caçará até que eu morra. Ele sabe que esse é o único modo de se proteger.

—Então o deixe procurar por toda parte do globo. Nós teremos certeza que você estará dois passos à frente dele para o resto de sua vida.

Isaac focalizou Grier através do vidro. Ela estava se apoiando contra o aparador em que ele tinha se sentado, a cabeça baixa, os ombros curvados como se eles aguentassem todo seu peso. O cabelo dela tinha sido deixado solto e o comprimento longo e ondulado quase tocava o granito.

—Eu estou começando a pensar que cometi um erro. — ele se ouviu dizer. —Eu deveria ter ficado na *Ops*.

—Seu engano está em ficar neste jardim.

Provavelmente. Mas ele não estava partindo.

—Oh, foda-se a causa — Jim latiu. —Pegue isto.

Ao som de um sussurro, Isaac olhou para cima e achou uma bolsa de papel sendo oferecida a ele.

—É um sanduíche de peru — o Jim disse. — Maionese. Alface. Tomate. E um biscoito. É do DeLuca's¹⁴⁸ da esquina. Eu darei uma mordida até mesmo para provar que não envenenei isto.

Jim colocou a mão dentro da sacola, puxou uma embalagem de sanduíche, abriu o celofane com uma das mãos. Então ele acionou a mandíbula ao redor da coisa, mordeu forte e mastigou com a boca fechada.

Que fez com que intestino de Isaac, naturalmente, ficasse “dois-anos-mais-velho” e começasse a uivar.

—Que tipo de biscoito?

Jim falou com a boca cheia.

¹⁴⁸ **De Luca's Market** – É um pequeno mercado em Boston, que foi fundado em 1930 e vende todos os tipos de alimentos, inclusive sanduíches que são considerados os melhores da cidade.

—De chocolate. Sem nozes. Odeio nozes em cookies de chocolate.

—Me dê. — Isaac disse muito suavemente. Oferecendo a palma esquerda, ele pegou o que foi oferecido e comeu com eficiência.

—Biscoito? — Jim murmurou.

Doeu dizer isto, mas ele o fez: —Você dá uma mordida primeiro. Por favor.

Aquela luva grande desapareceu novamente na bolsa e saiu com algo do tamanho de uma roda de carro. Desembrulhou. Mordeu. Mastigou.

—Obrigado. — amavelmente Isaac disse quando a sobremesa mudou de mãos.

—Eu tenho uma garrafa de água em meu bolso na parte de trás. — Jim tirou a coisa, fez um espetáculo ao tirar a tampa e tomou um gole saudável.

Isaac se apoiou adiante e aceitou a garrafa de FIJI¹⁴⁹.

—Você me salvou.

—Esse era o plano— o sujeito murmurou.

Dentro da cozinha, Grier começou a fazer o jantar, ela estava vulnerável como o inferno em cima daquela bancada. Todo o vidro transformou o aposento em um jogo de TELEVISÃO que ficou ligado ao Canal de “*Childe twenty-four/seven*”¹⁵⁰.

—Eu a deixarei indefesa se for.

—Você a está fazendo de objetivo se ficar. Você não deveria estar aqui agora e você não deveria ter ficado esse tempo todo naquela casa do outro lado da rua.

Isaac o examinou detidamente.

—Como você soube?

Jim revirou os olhos.

—Lembra do que eu fiz para viver durante uma década? Olhe, seja realista. Me deixe ficar de uma vez de olho nela e nós o teremos resolvido.

—PSI¹⁵¹, eu o conheço muito bem. Então acabe com esta rotina de Escoteiro que está duro de comprar.

—Você pode sufocar na merda até onde me concerne. Só tenho pena do “objeto” grudado a isto.

Uma brisa fria flutuou de uma direção indiscernível... e Isaac sentiu uma onda de frio correndo pela espinha que não tinha nada que ver com temperatura do ar e tudo a ver com instinto.

Ao lado dele, Jim endureceu e deu uma olhada.

Dois homens enormes saíram das sombras atrás dele.

Isaac foi rápido no gatilho, pegando a outra arma dele e nivelando a cada um deles. Mas se mostrou que era apenas os meninos de Jim, o que era perfurado como uma alfineteira e o outro que era do tamanho de uma montanha.

¹⁴⁹ **Fiji** – Marca de água mineral em garrafinha.

¹⁵⁰ **Twenty-four/seven** – O que Isaac quis dizer com *Childe Twenty-four/Seven* foi que, pela janela, ele assistia a Grier(*Childe*) como se fosse um programa de TV 24 horas durante os 7 dias da semana.

¹⁵¹ **PSI** – Para sua informação.

—Nós teremos companhia, homem — Sr. Fetiche de Agulha assobiou a Jim. —Companhia ruim. ETA por volta de um minuto e meio.

—Entre na casa, — o cara da trança grossa disse. —Ele estará seguro lá.

Certo, tempo de se apresentar, meninos: —Olá, meu nome é Isaac. Esta é Esquerdinha... e Bob.— Ele ergueu as armas adequadamente para fazer as introduções. —E nenhum de nós gosta muito de obedecer ordens.

Os olhos de Jim queimaram quando passaram por cima deles.

—Me escute, Isaac... entre na casa... entre na fodida casa e fique lá. Não importa o que você veja ou ouça. Não saia. Estamos entendidos?

Do nada, o sujeito puxou uma faca que não fazia sentido nenhum. A maldita coisa era feita de vidro... ? Mas que...

Um baixo apito começou a zumbir pelo ar e Isaac olhou sobre o ombro para cima na direção do som. Era o tipo de coisa que tinha que ser do vento... . Não havia nenhuma outra explicação. E ainda assim, ele não sentia nenhuma brisa na pele.

—Entre na casa se você quer viver. — alguém disse.

Jim agarrou o braço dele.

—Você não pode combater este inimigo, mas eu posso. Se você estiver dentro da casa, você estará salvo e poderá proteger aquela mulher. A mantenha contigo e a mantenha segura.

Bem, isso era uma ordem que ele poderia seguir.

De repente, a casa de Grier parecia arder com uma luz etérea, como se tivesse sido atingida com holofotes vermelhos da fundação para cima. Quando os olhos dele lutavam para compreender o que estava vendo, o zumbido na parte de trás do pescoço dele aumentou tanto que ele se preocupou se a cabeça dele ia jogar 7up¹⁵² e se separar da espinha.

Isaac não olhou ao redor.

Ele voou pelo quintal enquanto o vento profano ficava cada vez mais alto, rezando para chegar a tempo dentro da casa e para Grier.



Grier odiava brigar com o pai dela. Menosprezava isto absolutamente.

Sacudindo a omelete na panela, ela centrou a coisa e então encarou o telefone celular que há pouco, tinha lançado no balcão.

A primeira chamada tinha acontecido uma hora depois que ele tinha partido, e ele tinha feito a chamada. Naturalmente, tinha descoberto o pequeno truque dela e isso tinha conduzido a todos os tipos de problema. Nenhum dos quais foi resolvido, porque ela não estava devolvendo o material e ele não estava aceitando não como resposta e tinha tido que encobrir tudo em código porque Deus sabia quem estava escutando.

¹⁵² **7 UP** – É um jogo infantil tradicional , que é jogado nas escolas primárias , e, em menor medida em festas. O objetivo é que cada participante selecionado adivinhe corretamente a pessoa que o pressionou para baixo ou para cima o polegar dele.

Depois de ficarem ao redor um do outro como pugilistas em um ringue, eles tinham dado um intervalo; ela tinha tentado trabalhar enquanto o pai dela tinha entrado naquele seu mundo sombrio. Embora ela não estivesse adivinhando aquela parte. Não era como se ele falasse qualquer coisa de concreto.

Ainda.

Como sempre.

Segunda viagem pelo telefone e os dedos dela tinham feito a chamada. A intenção tinha sido tentar algum tipo de paz e descobrir o que ele estava fazendo, mas isso tinha se transformado depressa em mais acusações em um idioma que parecia ser um latim de porco de um lado e charadas do outro.

O funcionamento anterior só ligeiramente melhor que o posterior pela conexão.

Quando a omelete chiou suavemente e ela tomou um gole do copo de vinho, uma rajada de vento bateu na parte de trás da casa, enquanto assobiava pelas venezianas afagando e repicando pela porta. Fazendo uma careta, ela examinou por sobre seu ombro. Inferno de brisa, ela pensou, a música sutil dos pedaços de barro que não a acalmavam.

O que acontecia quando você estava sendo paranoico. Tudo ficou arrepiante e...

Uma forma enorme saltou até a porta dos fundos e encheu as vidraças da porta. Quando ela deixou sair um grito e saltou para o botão de pânico no sistema de segurança remoto, a face de Isaac foi iluminada na escuridão pela luz de movimento ativada quando ele passou.

Ele começou a bater com o punho, mas não fez por muito tempo. Ele se virou para o quintal, aplainando contra a casa como se algo estivesse vindo atrás dele.

Então ela se apressou e desarmou o sistema e ele entrou na cozinha quando ela abriu. E os trancou juntos, fechando o trinco e colocou seu corpo contra os painéis como se alguém fosse tentar entrar.

Entre respirações, comandou:

—O sistema... religue-o...

Ela fez sem hesitação.

Tudo ficou escuro.

Com exceção do brilho azul da chama debaixo da panela no fogão e o halo amarelo da luz em cima da inclinação, a cozinha ficou escura e levou um segundo, completo, para o cérebro dela alcançar o fato que ele tinha apagado as luzes.

A arma que se expôs no tórax dele não lançava muito reflexo ou sombra, mas ela sabia o que estava na mão dele, exatamente, quando passou e se estabeleceu contra a parede pela porta. Ele não apontou a arma para ela. Nem mesmo olhava para ela. Os seus olhos estavam focados no jardim traseiro.

Quando ela tentou ir olhar, ele tirou o braço pesado e a segurou atrás.

—Fique longe da janela.

—O que aconteceu?

Uma explosão de vento bateu na casa, os carrilhões ficaram se torcendo ao redor nas cordas enlouquecidos, parecendo um grito de dor.

E então uma batida estranha como uma raquete.

Se segurando no balcão, ela admirou o teto e percebeu que era a casa inteira... A casa de tijolos da sua família que tinha estado sem se mover em sua fundação sólida durante duzentos anos, estava gemendo como se fosse ser rasgada para fora de seu eixo no chão.

Os olhos dela foram para a porta de vidro. Ela não podia ver nada, somente as sombras que se moviam por causa do vento... exceto que elas não estavam certas. Não... se moviam direito.

Perfurada pela visão de padrões escuros que mudavam ao redor do chão como um óleo grosso, ela sentia a mente se curvando enquanto tentava formar uma explicação para o que os olhos dela viam.

—O que é... isso? — ela respirou.

—Fique abaixada atrás do balcão. — Isaac olhou para cima para o teto quando a casa exalou outra maldição. —Vamos, baby, aguente firme.

Se ajoelhando, ela olhou para o espelho velho do outro lado. Em sua superfície ondulada, ela podia ver o jardim lá fora pela porta, e assistir essas “coisas-estranhas” que estavam ao redor.

—Isaac, se afaste da porta.

Um grito de repique encheu o ar e Grier deixou sair um grito e cobriu seus ouvidos. Isaac nem mesmo vacilou todavia, e ela tirou forças dele.

—Alarme de incêndio. — ele gritou. —É o alarme de incêndio!

Ele se lançou para o fogão e empurrou a omelete fumegante ao lado, enquanto desligava a chama do queimador com uma torção rápida.

—Faça o que tiver que fazer — ele latiu. —Mas tenha a certeza que o corpo de bombeiros não apareça!

Capítulo 23

Matthias dirigiu na última parte da viagem. Ele teria voado para esta cidade, por esse pequeno desvio em Boston porque, embora ele pudesse pilotar várias aeronaves diferentes, suas asas tinham sido tiradas desde os seus ferimentos.

Mas pelo menos ele ainda podia dirigir, que porra.

O voo de Beantown para Caldwell tinha sido curto e doce, e o Aeroporto Internacional Caldwell era uma beleza. Todavia quando você tinha o nível dele de liberação, os tipos de TSA¹⁵³ nunca chegavam a qualquer lugar perto de você ou suas bagagens.

Não que ele tivesse trazido qualquer bagagem com ele, ele levava mesmo era seu cérebro.

O carro dele era outro “preto-em-preto” com bastante revestimento e vidro blindados contra qualquer bala ou choque. Não era igual ao que ele tinha usado quando fez uma visita a Grier Childe... e nem igual ao que teria em qualquer cidade para onde fosse, em casa ou no estrangeiro.

¹⁵³ **TSA (Transportation Security Administration)** – É uma agência do Departamento de Segurança Interna dos EUA responsável pela segurança e proteção do público que viaja no país.

Ele não tinha contado a ninguém onde estava, além do seu número dois, e nem mesmo ele sabia o porquê atrás disto. Não havia nenhum problema com o segredo, porém: A coisa boa em ser a sombra mais escura entre uma legião deles era que, quando você desaparecia, era parte de seu fodido trabalho e ninguém fazia qualquer pergunta.

E a verdade era que, esta viagem estava abaixo dele, era o tipo de coisa que ele comumente teria nomeado ao outro homem, seu braço direito, contudo tinha que fazer isto ele mesmo.

Sentia como se fosse uma peregrinação.

Embora fosse nisso que ele estivesse metido, era melhor que as coisas alcançassem uma linda inspiração, rapidamente. A estrada seguinte tinha uma extensão genérica de lojas de boutique e Walgreens¹⁵⁴ e postos de gasolina que poderiam ter estado em qualquer cidade, em qualquer lugar. O tráfego estava limpo e passava por toda essa variedade; tudo estava fechado por causa da noite, assim você só estava aqui se fosse para outro lugar.

Para a maioria das pessoas era isso. Ao contrário do resto deles, o destino dele estava... aqui mesmo, de fato.

Aliviando o pé no acelerador, ele virou ao lado e estacionou paralelo ao meio-fio. Por um gramado raso, a Casa Funerária McCready estava escura por dentro, mas havia luzes exteriores por todo lado.

Não era um problema.

Matthias fez uma chamada e foi passando de pessoa a pessoa, enquanto saltava por telefones de outros até que ele achou quem poderia ter o que queria.

E então ele sentou e esperou.

Odiava o silêncio e a escuridão no carro, mas não porque estivesse preocupado que houvesse alguém no assento traseiro ou que alguém estivesse para aparecer nas sombras lá de fora. Ele gostava de se manter em movimento. Contanto que estivesse em movimento, ele poderia ultrapassar a fase que, inevitavelmente, faria suas glândulas suprarrenais¹⁵⁵ pararem quando estivesse descansando.

Quiétude era uma assassina.

E transformava a coroação da vitória em um caixão.

O telefone dele tocou e soube quem era antes de conferir. E não, não era uma das pessoas com que ele tinha falado há pouco. Tinha terminado o negócio com elas.

Matthias respondeu no terceiro toque, logo antes que a mensagem de voz fosse acionada.

—Alistair Childe. Isso é que é uma surpresa.

O silêncio chocado foi totalmente satisfatório.

—Como você sabia que era eu?

—Você não pensa honestamente que eu deixaria qualquer um ter este numero de telefone.

— Quando Matthias encarou pelo para-brisa a casa funerária, achou irônico que eles estivessem

¹⁵⁴ **Walgreens** – Rede de farmácias.

¹⁵⁵ **Glândulas Supra-Renais** – Glândulas que ficam acima dos rins e que têm como função, produzir Adrenalina.

falando em frente ao lugar onde vendia um artigo no qual ele colocou o filho do homem¹⁵⁶. —Nos meus termos agora. Tudo.

—Assim você sabe por que eu gastei o dia todo tentando achá-lo.

Sim, ele sabia. E tinha se feito de difícil de alcançar, deliberadamente, para o sujeito: Ele acreditava firmemente que as pessoas eram como pedaços de carne; quanto mais cozidos, mais macios se tornavam.

E mais gostosos também.

—Oh, Albie, claro que eu estou atento a sua situação. — Uma chuva macia começou a cair, as gotas sarapintavam no vidro. —Você está preocupado sobre o homem que ficou com sua filha na noite passada. — Silêncio. —Você não sabia que ele tinha estado lá em sua casa toda a noite? Bem, crianças nem sempre falam para os pais tudo que fazem.

—Ela não está envolvida. Eu juro, ela não sabe nada.

—Ela não lhe falou que tinha um convidado durante as horas escuras. Como você pode confiar realmente nela?

—Você não pode tê-la. — A voz do homem rachou. —Você levou meu filho... Você não pode tê-la.

—Eu posso ter qualquer um. E eu posso levar qualquer um. Você sabe melhor agora, não é?

Abruptamente, Matthias se deu conta de uma sensação estranha no braço esquerdo dele. Olhando abaixo, ele viu que seu punho estava apertando o volante tão duro que seus bíceps estavam fazendo uma dança.

Ele se libertar... mas não conseguiu.

Entediado com os pequenos espasmos e tiques do corpo, ele ignorou este mais novo.

—Você sabe o que tem que fazer se quiser manter sua filha segura. Me dê Isaac Rothe e eu vou embora. É muito simples. Consiga o que eu quero e eu deixo sua menina em paz.

Naquele momento, o bloco inteiro ficou escuro. Cortesia do pequeno telefonema dele.

—Você sabe que eu quero dizer cada palavra. — Matthias disse, enquanto observava. —Não me faça matar outro Childe.

Ele desligou e repôs o telefone no casaco.

Abriu a porta, e gemeu quando saiu, e escolheu ir pela calçada de concreto ao invés do gramado, embora fosse uma rota menos direta à parte de trás. O corpo dele em cima da grama? Não era uma coisa boa.

Depois soltou o trinco da porta, o que provou que, embora fosse o chefe, não tinha esquecido seu treinamento. Ele entrou na casa funerária e fixou-se sobre achar o corpo do soldado que o tinha salvo.

Confirmar a identidade do “cadáver” de Jim Heron era tão necessário quanto tomar o próximo fôlego.

¹⁵⁶ Matthias quis dizer que o lugar vendia caixões e que tinha colocado o filho do Childe (Que era o irmão de Grier), em um caixão por tê-lo matado.



De volta a Boston, no jardim traseiro daquela advogada de defesa, Jim se segurou para a briga que estava vindo, literalmente, no vento.

—É igual a matar um humano. — Eddie gritou em cima do vento forte. —Procure o centro do peito e cuidado com o sangue, entretanto.

—As cadelas são malfeitas como a merda. — O sorriso de Adrian tinha um toque de loucura e seus olhos brilhavam com uma luz profana. —É por isso que nós usamos couro.

Quando a porta da cozinha da casa de tijolos bateu fechando, e as luzes acenderam, Jim rezou para que Isaac mantivesse aquela mulher lá.

Porque o inimigo tinha chegado.

Do meio das rajadas, sombras pretas ondularam em cima do chão e ferveram para cima, aparecendo formas que ficavam sólidas. Nenhuma face, nenhuma mão, nenhum pé, sem roupas, duh!! Mas elas tinham braços, pernas e uma cabeça, que ele adivinhou, correriam do programa de Deus, e o fedor. Elas cheiraram a lixo podre, uma combinação de ovo sulfuroso e carne suada, deteriorada, e rosnavam como faziam lobos ao caçar um grupo coordenado.

Isto era mau e se movia, era escuridão em forma tangível, um conjunto sórdido, inflamando a infecção que o fazia querer tomar banho em alvejante.

Da mesma maneira que ele ficou em posição de luta, a parte de trás do pescoço deu aquele alarme de som que tinha sentido a noite antes de beliscar na base do seu cérebro. Os olhos dele foram até a casa e fodidamente não... ele tinha certeza que essa não era a fonte.

Claro. Ele precisava da cabeça no jogo, não em nada insignificante.

Enquanto uma das sombras rolava para o espaço dele, Jim não esperou pelo primeiro strike. Não era seu estilo. Ele balançou a faca cristalina e continuou indo enquanto abaixava, quando um sopro estalou mais distante do que ele tinha esperado.

Havia algo elástico nelas evidentemente.

Entretanto, Jim estabeleceu contato, cortando algo que fez com que um spray de líquido fosse atirado na direção dele. Em pleno ar, o mórbido esguicho se transformou em bolas de chumbo grosso que então dissolveram quando baterem nele. A picada era imediata e intensa.

—Foda!— Ele sacudiu a mão, momentaneamente distraído pela fumaça que subia da pele exposta.

O sopro pousou ao lado do rosto dele e fez sua cabeça tocar como um sino. Provando que ele podia ser um anjo e toda aquela merda, mas o sistema nervoso dele ainda era decididamente humano. Ficou imediatamente na ofensiva, passando uma segunda faca e quebrando o bastardo, forçando a coisa nos arbustos enquanto ele descia os golpes.

Enquanto lutavam, a parte de trás do pescoço dele continuava gritando, mas ele não podia se distrair.

Brigue com o que está primeiro em frente a você. Então lide com o que vem depois.

Jim foi o primeiro a entrar na matança. Ele se lançou quando o oponente dele arqueou adiante, o punhal cristalino entrando ao nível do intestino. Enquanto uma explosão de arco-íris de luz chamejante acontecia, ele cobriu a face com o braço para bloquear o spray mortal, o ombro coberto com couro recebeu o ímpeto do impacto. Espirrando merda cozinhada em vapor e fedida como ácida de bateria. Queimou-se, também, quando o sangue do demônio comeu o couro bovino e chegou até a pele dele.

Ele se retirou imediatamente em posição de luta, mas as outras três “latas de óleo” estavam cobertas: Adrian estava controlando um par e Eddie estava por toda parte do sujeito... demônio... qualquer porra que fosse.

Com uma maldição, Jim colocou a mão para cima e esfregou a nuca. A sensação tinha se transformado de um formigamento a um rugido e ele se curvou debaixo da agonia quando a adrenalina diminuiu um pouco. Deus, não podia ficar pior... já que ele estava no ponto onde não podia se controlar e afundou nos joelhos.

Pondo a palma no chão e se segurando, despertou nele o que estava acontecendo. Numa cronometragem perfeitamente ruim, Matthias tinha agido no feitiço que ele tinha colocado no cadáver dele em Caldwell.

—Vá!— Eddie assobiou quando ele cortou e retalhou. —Nós temos isto controlado! Você pega o Matthias.

Naquele momento, Adrian afundou em um deles, o punhal cristalino se aprofundando no tórax da coisa antes que ele saltasse para cima sobre a inclinação para evitar o spray. O chuvisco de chumbo grosso bateu no outro demônio que ele estava combatendo.

Oh, merda. O preto oleoso bastardo absorvia o spray e dobrava de tamanho.

Jim olhou ao Eddie atrás, mas o anjo latiu.

—Vá! Eu estou no controle— Eddie evitou um soco e alcançou um com o próprio punho. — Você não pode lutar assim!

Jim não queria deixá-los, mas ele estava ficando pior que inútil. Seus amigos iam ter que defendê-lo se este *ringy-ding-ding* ficasse mais agudo.

—Vá!— Eddie gritou.

Jim amaldiçoou, mas se levantou, desfraldou as asas e se foi em um vislumbre...

Caldwell, Nova York, ficava a mais de trezentos quilômetros a oeste. Assumindo que trezentos e vinte quilômetros era muito quando você estava a pé, de bicicleta, charrete ou em um carro. A Anjos Airlines cobriu a distância em um piscar de olhos.

Quando ele tocou no gramado dianteiro da McCready, ele viu um carro sem placa estacionado no meio-fio... e o fato de que um quarteirão inteiro estava sem eletricidade... então soube que tinha razão.

Matthias tinha respondido ao chamado.

Não era o estilo do homem.

Jim encabeçou pela grama e sentiu como se estivesse voltando no tempo... para aquela noite no deserto que tinha mudado tudo para ele e Matthias.

Sim, seu feitiço de chamado tinha funcionado.

A pergunta era, o que fazer com sua presa.

Capítulo 24

De pé na cozinha de Grier, Isaac aprovou totalmente o modo como ela cuidou do assunto. No meio do caos, ela estava tranquila enquanto desligava o telefone e o sistema de segurança: Um, dois, três, em rápida sequência e ela tinha desligado o alarme de incêndio, chamado para relatar um alarme falso, e reiniciado o sistema. E fez isso tudo abaixada atrás dos balcões, protegida e escondida.

Definitivamente o seu tipo de mulher.

Com ela no comando da situação, ele estava livre para tentar compreender o que diabos estava acontecendo no quintal dela. Rodando o corpo em volta de forma a permanecer escondido, ele procurou através do vidro... mas tudo que conseguiu ver foi apenas o vento e um monte de sombras.

No entanto, seus instintos estavam gritando.

O que Jimmy estava fazendo lá com seus amigos? Quem apareceu? O pessoal do Matthias geralmente aparecia em carros sem licença e sem aviso. Eles não pulavam em cabos de vassoura e mergulhavam para fora de um céu tempestuoso. Além disso, não existia ninguém mais lá fora que ele pudesse ver.

Enquanto o tempo se arrastava e um monte de “nada-além-de-vento” aconteceu, ele pensou que talvez tivesse perdido completamente a cabeça.

—Você está bem? — Ele sussurrou sem se virar.

Houve um ruído e, em seguida, Grier estava ombro a ombro ao lado dele no chão.

—O que está acontecendo? Você consegue ver alguma coisa?

Ele notou que ela não respondeu a pergunta mas, vamos lá, como ela podia?

—Não é nada que tenhamos de saber.

Nada... ao que parecia. Embora... bem, na verdade, se ele apertasse os olhos, as sombras pareciam formar padrões consistentes como lutadores se envolvendo em combate “mano-a-mano”. Exceto, é claro, que não havia ninguém lá fora, e ele estava dando uma explicação lógica para como as coisas se moviam. Para obter o efeito que ele estava vendo, uma legião de luzes teria que estar brilhando em direções diferentes e não chegava nem perto da óptica.

—Isto não parece certo para mim. — disse Grier

—Eu concordo. — Ele olhou para ela. — Mas eu vou cuidar de você.

—Eu pensei que você estivesse indo embora.

—Eu não. — A parte em que não podia era algo que ele guardava para si. —Eu não vou deixar nada te machucar.

Sua cabeça inclinou para o lado enquanto ela olhava para ele.

—Você sabe... Eu acredito em você.

—Você pode apostar sua vida nisso.

Em um movimento rápido, ele colocou a boca na dela em um duro beijo para selar o negócio. E então enquanto ele se puxava de volta para trás, o vento parou, como um ventilador industrial, fazendo com que todo o vento tivesse sido desligado: Em volta, não havia nada além de silêncio absoluto.

Que diabos estava acontecendo?

—Fique aqui. — disse enquanto se levantava.

Naturalmente, ela não acatou a ordem, mas se levantou, as mãos descansando sobre seu ombro como se ela estivesse disposta a segui-lo. Ele não gostou, mas sabia que argumentar não ia levá-lo a lugar algum, o melhor que podia fazer era manter seu peito e ombros na frente e no centro para bloquear qualquer disparo contra ela.

Ele avançou para frente até que pudesse ver melhor lá fora. As sombras tinham desaparecido e os galhos de árvores e arbustos estavam quietos. Ao longe, os sons do tráfego e o distante lamento de uma ambulância eram, mais uma vez, a música ambiente da cidade como Muzak tocando em todo o bairro.

Ele olhou para ela.

—Eu vou lá fora. Você sabe usar uma arma de fogo? —Quando ela acenou com a cabeça, ele tirou uma de suas duas armas. —Tome isto.

Ela não hesitou, mas homem, ele odiava a visão de suas pálidas e elegantes mãos na sua arma.

Ele acenou com a cabeça para a coisa.

—Aponte e atire com as duas mãos. Destrave a arma. Está claro?

Quando ela acenou com a cabeça, ele a beijou novamente, porque tinha que fazê-lo, em seguida, moveu suas costas em posição no abrigo dos armários de chão. À partir desse ponto de vista, ela podia ver alguém vindo da frente ou de trás, mas também abranger a porta interior que ele achava levar à escada do porão.

Palpando sua outra arma, ele saiu em um rápido movimento.

Sua primeira respiração trouxe um cheiro profano até seu nariz e no fundo de sua garganta. O que o... ? Era como um derrame de produtos químicos.

Vindo do nada, um dos dois que tinha estado com o Jim apareceu. Era o cara com a trança e parecia que tinha sido pintado com spray de WD-40¹⁵⁷ e tinha gelo seco espalhado em todos os bolsos: anéis de fumaça fumegante saíam de sua jaqueta de couro e *merda...* o cheiro. Antes de Isaac que poder dizer WTF¹⁵⁸, o menino do Jim interrompeu suas perguntas.

—Faça-nos um favor e fique parado. A costa está limpa, por agora. Se você entende o que estou dizendo.

Enquanto Isaac olhava nos olhos do homem, não havia dúvida de que, mesmo que eles fossem estranhos um ao outro, falavam a mesma língua: O cara era um soldado.

—Você quer me dizer o que diabos aconteceu aqui?

¹⁵⁷ **WD-40** – É uma marca registrada largamente utilizada em diversas áreas como óleo de penetração (limpador, lubrificante e solução anticorrosiva). É vendido em diversos países, entre os quais, o Brasil.

¹⁵⁸ **WTF** – Significa “mas que merda é esta” como tradução literal. É uma expressão muito usada nos EUA.

—Não. Mas eu não me importaria se você pudesse arranjar um pouco de vinagre branco, se ela tiver.

Isaac fez uma careta. — Sem querer ofender, mas acho que fazer salada é a menor das suas preocupações, amigo. Sua jaqueta precisa de um banho de mangueira.

—Eu tenho queimaduras para cuidar.

Claro o suficiente, ao lado de seu pescoço e nas mãos, manchas vermelhas brutas estavam na pele dele. Como se tivesse sido atingido com algum tipo de ácido.

Difícil argumentar com o sacana esfumaçado, considerando que ele estava ferido. —Me dê um segundo.

Esquivando-se de volta em casa, Isaac pigarreou.

—Ah... você tem algum vinagre branco?

Grier piscou e depois apontou com o canhão para a pia.

—Eu o uso para limpar a madeira. Mas por quê?

—E eu sei lá.— Dirigiu-se para a pia e encontrou uma jarra enorme com uma etiqueta Heinz sobre ele. —Mas eles querem algum.

—Quem são eles?

—Os amigos de um amigo.

—Eles estão bem?

—Sim. — Presumindo que a definição de bem incluísse uma seção de “tostado-torrado”.

Lá fora, ele entregou o material que foi prontamente jogado em volta como água fria sobre um jogador de futebol suado. No entanto, ele matou a fumaça e o cheiro em ambos, no cara “Braid¹⁵⁹” e no almofada de alfinetes.

—E sobre os vizinhos— disse Isaac, olhando ao redor. Aquela arquitetura “tijolo-a-janela” nos fundos dos prédios trabalhava a seu favor, mas o barulho... o cheiro.

—Vamos cuidar deles. — O “Braid” respondeu. Como se não fosse nada demais e algo que tivesse feito antes.

Que tipo de guerra estavam lutando? Isaac pensou. Havia outra organização *Ops*? Ele sempre assumiu que Matthias fosse o mais sombrio dos sombrios. Mas talvez esse fosse um outro nível. Talvez fosse assim que Jim tenha conseguido sair.

—Onde está Heron? — Perguntou-lhes.

—Ele voltará. — Aquele, com os piercings, devolveu o vinagre. —Você fica onde você está e cuide dela. Nós cobrimos você.

Isaac acenou com a arma e para trás.

—Quem diabos é você?

Sr. Braid, que parecia o nivelador do par, disse: —Apenas parte do pequeno grupo de Jim.

Pelo menos isso fazia algum sentido. Mesmo que tivessem estado claramente em um *combate áspero*, nem pareciam se incomodar de forma alguma. Não admira que Jim trabalhasse com eles.

¹⁵⁹ **Braid** — É um joguinho famoso de videogame, aonde um cara (Tim) tenta resgatar uma princesa de um monstro, encontrando pistas e montando um quebra-cabeças.

E Isaac tinha a sensação de que sabiam o que estavam fazendo—Jim poderia estar mesmo atrás do Matthias. O que certamente explicava o desejo do indivíduo para envolver-se e jogar Orbitz¹⁶⁰ com os bilhetes de avião.

—Vocês precisam de outro soldado?— Isaac perguntou, apenas meio que brincando.

Os dois se entreolharam e depois se voltaram para ele.

— Não é nossa função. — disseram em uníssono.

—Jim?

—Principalmente. — o Sr. Braid respondeu. —E você tem que estar morrendo—para entrar.

—Isaac? Com quem você está falando?

Quando Grier saiu da cozinha, ele desejou, como diabos que ela tivesse ficado lá dentro.

—Com ninguém. Vamos voltar para dentro da casa.

Virando-se para se despedir meninos do Jim, ele congelou. Ninguém estava por perto. Os homens do Heron tinham ido embora.

Sim, quem e o que quer que fossem, eles eram definitivamente o seu tipo de soldados.

Isaac foi até Grier e entraram. Quando fechou o trinco e se virou em direção a iluminação no outro lado da sala, ele fez uma careta. *Diabos*, a cozinha não cheirava muito melhor do que aqueles dois tinham: ovos queimados, carbonizados, bacon e manteiga enegrecida não era uma festa para o nariz.

—Você está bem? — Perguntou ele, embora mais uma vez, a resposta fosse evidente.

—E você?

Ele correu os olhos para baixo da cabeça aos pés. Ela estava viva e ele estava com ela e estavam seguros nesta fortaleza de casa.

—Eu estou melhor.

—O que está no quintal?

—Amigos. — Ele tomou a arma de volta. —Que querem que nós estejamos seguros.

Para impedir-se de arrastá-la para seus braços, ele embainhou ambas as armas em sua jaqueta e pegou a panela do fogão. Virando os restos do “quase-jantar” dela na pia, lavou a coisa.

—Antes que você pergunte— ele murmurou:— Eu não sei nada mais do que você.

O que era essencialmente verdade. Claro, ele não tinha contado a ela certas coisas, mas sobre aquela merda no quintal? *Caralho*. Sem pistas.

Ele tirou um pano de prato fora de um gancho e... percebeu que ela não tinha dito nada por um tempo. Olhando ao redor, viu que ela tinha tomado um assento em um dos bancos e colocou os braços ao redor dela. Ela era totalmente autossuficiente, tendo recuado para dentro de si e se transformado em pedra.

—Eu estou tentando... —Ela limpou a garganta. —Eu estou realmente tentando entender tudo isso.

¹⁶⁰ **Orbitz** – Jogo que requer habilidade lógica, pensamento e estratégia. É uma mistura de jogo de nave com Puzzle (Quebra-Cabeça).

Ele levou a panela de volta para o fogão e cruzou seus braços, pensando que aqui estava outra vez, o grande divisor entre os civis e um soldado. Esse perigoso caos confuso e mortal? Para ele, era algo normal. Só que a estava matando.

Como um completo estúpido, ele disse:

—Você quer dar ao jantar outra chance?

Grier abanou a cabeça.

—Estar em um universo paralelo onde tudo se parece com sua vida, mas na verdade é algo completamente diferente é um assassino do apetite.

—Estive lá. — Ele balançou a cabeça. — Fiz isso.

—Fez disso a sua profissão, de fato. Não foi?

Ele franziu a testa e deixou um espaço, onde ele estava no balcão entre eles.

—Ouça, você tem certeza que não posso fazê-lo.

—Voltei no seu apartamento. Esta tarde.

—Por quê? Foda.

—Foi depois de eu ter deixado o seu dinheiro lá no departamento de polícia e prestado depoimento. Adivinha quem estava na sua “casa”.

—Quem?

—Era alguém que meu pai conhecia.

Os ombros de Isaac se retesaram tanto que ele encontrou dificuldades para respirar. Ou talvez seus pulmões tivessem congelado. *Oh, Jesus Cristo, não... não*

Ela empurrou alguma coisa através do granito para ele. Um cartão de visita.

—Eu tenho que ligar para este número se você aparecer aqui.

Enquanto Isaac lia os dígitos, ela riu com uma risada afiada.

—Meu pai tinha a mesma expressão no rosto dele quando leu. E deixe-me adivinhar, você não vai dizer quem atenderia esse telefonema, também.

—O homem no meu apartamento. Descreva-o. —Mesmo que Isaac soubesse.

—Tinha um tapa-olho.

Isaac engoliu em seco, pensando em tudo o que ele presumiu que ela tinha naquele tecido quando saiu do seu carro... ele nunca tinha pensado que teria sido dado a ela pelo próprio Matthias.

—Quem é ele?— Perguntou ela.

A resposta de Isaac era apenas um movimento de oscilação da cabeça. Como as coisas estavam, ela já estava de pé à beira do precipício do buraco de rato que ele e o pai dela tinham sido sugados. Qualquer explicação seria uma grande bota na bunda que a enviaria sobre a borda e em uma queda livre.

Com uma urgência súbita, ela levantou-se do banquinho e pegou o copo de vinho que vinha rodando na mão.

—Eu estou tão cansada de todo esse silêncio!

Ela lançou o chardonnay do outro lado da sala, e quando o copo bateu na parede, quebrou, deixando um rasto de mancha molhada no gesso e cacos por todo o chão. Quando se virou para

ele, estava ofegante e seus olhos estavam em chamas. Houve um instante de silêncio bruto. E então, Isaac deu a volta ao balcão em sua direção.

Ele manteve sua voz baixa, enquanto se aproximava.

—Quando você estava na delegacia de polícia, hoje, eles perguntaram por mim?

Ela pareceu momentaneamente perplexa.

—Claro que sim.

—E o que disse a eles?

—Nada, além de seu nome, não sei de nada.

Ele balançou a cabeça, trazendo seu corpo ainda mais perto dela.

—Aquele homem no meu apartamento. Ele perguntou por mim?

Ela jogou as mãos para cima.

—Todo mundo quer saber sobre você.

—E o que você disse a ele?

—Nada— ela assobiou.

—Se alguém da CIA ou da NSA chegar à sua porta e perguntar sobre mim.

—Eu não posso contar nada!

Ele parou tão perto, que podia ver cada uma das pestanas em torno de seus impressionantes olhos azuis.

—Isso é certo. E é isso que vai mantê-la viva. —Quando ela amaldiçoou e se afastou, ele agarrou seu braço e a puxou de volta. —Aquele homem no meu apartamento é um assassino de sangue frio, e ele te deixou ir só porque ele quer mandar uma mensagem para mim. A razão pela qual eu não estou contando nada a você...

—Eu posso mentir! Porra, por que você acha que sou ingênua? —Ela olhou para ele.—Você não tem ideia de como tem sido assim toda a minha vida, vendo todas essas sombras e nunca tê-las explicado. Eu posso mentir.

—Eles vão torturá-lo. Para fazer com que você fale.

Isso a calou.

E ele continuou.

—Seu pai sabe disso. E eu também—e acredite em mim, durante o treinamento eu passei por uma sessão de interrogatório, por isso sei exatamente o que vão fazer com você. A única maneira que eu posso ter certeza de que isso não vai acontecer com você é se você realmente não tiver nada a dizer. Francamente, você está muito perto disso de qualquer maneira, não por sua culpa.

—Deus... Eu detesto isso. —O tremor em seu corpo não era medo. Era raiva, pura e simples. —Eu só quero bater em alguma coisa.

—Ok— Apertou o punho dela e puxou o braço por cima do ombro. —Bata em mim.

— O quê?

—Me Bata. Arranque meus olhos. Faça qualquer coisa que você precise fazer.

—Você está louco?

—Sim. Louco. —Relaxou seu aperto sobre ela e apoiou o peso, mantendo-se próximo... perto o suficiente para que ela pudesse lhe beijar se quisesse. —Eu serei seu saco de pancadas, o seu colete Kevlar, o seu guarda-costas... Eu vou fazer de tudo para ajudá-la a superar isso.

—Você está louco— ela respirava.

Quando ela olhou para ele toda vermelha e viva, o calor em seu sangue subiu e levou-os para um território ainda mais perigoso. *Pelo amor de Deus*, como se ele precisasse ser ainda mais sensual? Mais uma vez, agora não era o momento nem o lugar.

Então, naturalmente, ele perguntou:

—O que vai ser... Você quer me bater ou me beijar?

Na esteira da demanda, Grier passou a língua nos lábios e Isaac seguiu o movimento como um predador. No entanto, ficou claro que ele ficaria onde estava e que o que acontecesse em seguida era por conta dela.

O que provou que tipo de homem ele era, apesar da profissão que ele tinha escolhido.

Por seu lado, ela não estava pensando em nada remotamente profissional. Estava confusa e fora do figurino, esta noite era mais uma vez com aquele zumbido irresponsável. Mas isso não era o que a compelia agora.

Esta poderia ser a última vez que ela teria com ele. Para sempre. Passou a tarde toda se perguntando onde ele estava, se ele estava bem... se ela iria vê-lo novamente. Se ele ainda estava vivo. Ele era um estranho que, de alguma forma, estava tornando-se muito importante para ela. E, embora a cronometragem tenha sido horrível, você não pode programar as oportunidades que tem.

Soltando o braço, desenrolou o punho que ele tinha fechado para ela, e enquanto vinha, desejou que pudesse mantê-lo para si, porque essa era a escolha mais responsável. Em vez disso, ela o pegou e colocou a palma da mão entre as pernas dele. Com um rosnado baixo saindo de sua garganta, seus quadris impulsionaram.

Ele estava duro e grosso.

E teve de segurar-se quando ele cambaleou.

—Eu não vou parar desta vez — ele rosnou.

Ela apertou ele mais.

—Eu só quero ficar com você. Uma vez.

—Isso pode ser arranjado.

Eles se encontraram no meio de chamas, esmagando os lábios, braços rodeando, os corpos se unindo. Na cozinha escura, ele a pegou e levou-a para o chão entre o balcão e o armário, e depois de um momento, então ele era a cama e ela deitou-se sobre ele. Com as pernas colocadas ao lado dele, o cume de sua ereção dura cavado nela, a língua dele entrou em sua boca, tomando posse. Enquanto se beijaram em desespero, seu corpo ondulava por baixo dela, ondulando e recuando, os contornos poderosos dele muito familiares, apesar do pouco tempo que passara contra ele.

Deus, ela precisava mais dele.

Em uma jogada atrapalhada, ela puxou a blusa e ele estava logo sobre ela, puxando para baixo seu sutiã de lacinhos, liberando seus mamilos, e em seguida, movendo-a de modo que seus lábios se trancaram em um deles, sugando, empurrando, lambendo. Seu cabelo era grosso contra seus dedos enquanto ela o segurava, sua boca úmida e quente, as mãos agarrando os quadris e escavando dentro.

—Isaac...—O gemido foi estrangulado e depois se cortou por completo por um suspiro quando a palma da mão dele varreu entre as pernas dela e cobriu seu sexo.

Ele esfregou em pequenos círculos enquanto provocava com a língua, e só a necessidade furiosa de tê-lo dentro deu-lhe a atenção que ela precisava para tirar as calças dele. Enquanto empurrava o cós para baixo, ela tirou os sapatos, enganchado um dedo do pé e o despiu a toda pressa.

Nenhum boxer. Nenhuma cueca. Nada no caminho.

Embrulhou a palma da mão em torno de seu eixo grosso, acariciou-o e ele se moveu com ela, para aumentar o atrito. E o som que ele fez... *santo céu*, o som que ele fez: era como um rosnado animal, quando ele inalou contra o seu peito.

Grier sentou-se, os lábios deixando seu seio, e com uma maldição, rasgou suas calças de yoga e sua calcinha. Quando ele levantou sua ereção, ela se escarranchou e sentou-se, baixando-se em cima dele, conjugando, tirando a sua jaqueta para que ela pudesse chegar até a pele. A sensação de estar perto dele jogou sua cabeça para trás, mas ela assistiu a reação dele, faminta para ver como ele estava, e ele não a decepcionou. Com um grande silvo e os dentes cerrados, ele sugou o ar, as cordas do seu pescoço se esticaram com o esforço, seus peitorais aparecendo como almofadas apertadas.

Quando ela assumiu o comando e definiu o ritmo, era como se o possuísse, de alguma forma primal, marcando-o com o sexo.

—Deus... você é linda — ele ofegou e seus olhos quentes a assistiam com suas pálpebras abaixadas, seguindo o movimento dos seios dela enquanto espiava por entre a camisa e as taças do sutiã abaixado.

Ele não ficou embaixo por muito tempo, no entanto. Foi rápido e forte e certo quando sentou-se e beijou-a duramente, empurrando ainda mais profundamente e segurando-a contra ele. No início, ela entrou em pânico que ele fosse parar novamente, mas depois ele se enterrou em seu pescoço e falou com ela.

—Sentir você é tão bom.— Seu sotaque sulista era baixo e rouco e ele foi direto para seu sexo, a esquentando ainda mais. —Sentir você...

Ele não terminou a frase, mas deslizou as mãos sob ela para erguê-la para cima e para baixo, seus bíceps enormes manuseando seu peso como se fosse nada mais que um brinquedo.

Ela gozou com tanta força que viu estrelas, uma galáxia brilhante explosão onde se juntaram e enviaram uma chuva de luz brilhante através de todo o seu corpo. E assim como ele havia prometido, não parou naquele momento. Ele ficou rígido e se moveu contra ela, atirando os braços ao redor de sua cintura e apertando até que ela não conseguisse respirar, não que ela se

preocupasse com o oxigênio. Enquanto ele se contorcia dentro dela e estremecia contra ela, afundou as unhas em sua jaqueta preta e segurou-o.

E então tudo acabou.

Enquanto a respiração deles desacelerava, depois o silêncio da mesma forma que foi a partida do grande vento descontrolado: estranhamente traumático.

Silêncio. *Deus...* o silêncio. Mas ela não conseguia pensar em nada para dizer.

—Sinto muito— ele falou. —Eu pensei que isso iria ajudá-la.

—Oh, não...

Ele balançou a cabeça, e com sua força tremenda levantou o corpo dela, separando-os facilmente. Em um movimento rápido, ele sentou-se a seu lado, puxou sua cintura para cima, e estendeu a mão para uma toalha limpa. Depois que ele a limpou com ela, encostou as costas contra o armário com os joelhos para cima, braços equilibrados no topo deles, mãos soltas.

Foi então que ela percebeu a arma no chão ao lado de onde estavam. E ele deve ter visto no mesmo momento em que ela o fez, porque pegou a arma e guardou no blusão.

Fechando os olhos momentaneamente, ela limpou a garganta. Então, se sentou, em uma pose idêntica, ao lado dele. Ao contrário de Isaac, entretanto, ela não olhava para frente, ela olhava para o seu perfil. Ele era tão bonito, dessa forma masculina, com o rosto todo “ângulos e ossos”, mas o cansaço nele incomodava.

Ele tinha vivido no limite por muito tempo.

—Quantos anos você tem mesmo?— Ela perguntou finalmente.

—Vinte e seis.

Ela recuou. Então essa era a verdade?

—Você parece mais velho.

—Eu me sinto mais velho.

—Eu tenho trinta e dois.— Silêncio ainda mais. —Por que você não olha para mim?

—Você nunca tinha tido um encontro de uma noite. Até agora. —Como se amaldiçoasse o fato de alguma forma.

—Bem, tecnicamente, foi duas noites com você.— À medida que a mandíbula dele se apertava, ela sabia que não tinha sido uma ajuda. —Isaac, você não fez nada de errado.

—Não?— Ele limpou a garganta.

—Eu queria você.

Agora, ele olhou para ela.

—E você me teve. Deus... você me teve. —Por um breve segundo, seus olhos queimaram com calor de novo, e então foram reorientados para o balcão na frente dele. —Mas é isso. Acabado e feito.

Certo...ouch. E para um cara que parecia reclamar como se a tivesse pego em um night-club, você poderia pensar que a sua consciência se sentiria melhor se eles fizessem isso mais algumas vezes.

Com o seu sexo aquecido novamente, ela pensou... eles veriam sobre essa história de “acabado e feito”.

—Por que você voltou?— Perguntou ela.

—Nunca te deixei.— Quando ela levantou as sobrancelhas, ele encolheu os ombros. — Passei o dia todo escondido em frente a você—e antes que você pense que sou um perseguidor, eu estava observando as pessoas que estavam —e estão— te observando.

À medida em que ela empalidecia, estava feliz com a escuridão neste vale de balcões e armários. Muito melhor para ele pensar que ela estava se aguentando.

—As faixas brancas foram colocadas lá por você, não por eles. Sua camisa.

—Era para ser um sinal para eles que eu tinha ido embora.

—Eu não sabia. Sinto muito.

—Por que você não casou?— Ele perguntou abruptamente. E então riu em uma explosão rápida. —Desculpe se isso é muito pessoal.

—Não. Não é. —Depois de tanta coisa considerada, nada mais parecia fora dos limites. —Eu nunca me apaixonei. Nunca tive tempo para isso, realmente. Entre perseguindo Daniel e meu trabalho...nenhum momento. Além disso... —Parecia pelo menos uma vez, perfeitamente normal e completamente estranho falar tão abertamente. —Para ser honesta, eu não acho que sempre quis alguém perto de mim. Havia coisas que eu não queria compartilhar.

E não era como se ela estivesse acumulando nome de sua família, posição ou riqueza. Foram coisas ruins que ela mantinha para si, escondido de seu irmão...e sua mãe, também, se ela fosse honesta. Assim como ela e seu pai eram, ambos, advogados muito concentrados, os outros dois na família sofriam de demônios semelhantes. Afinal, só porque o álcool era legal, não significa que não poderia destruir uma vida, tanto quanto a heroína faz.

Sua mãe tinha sido uma bêbada elegante por toda a sua vida e era difícil saber o que a tinha colocado lá: predisposição biológica, um marido que desaparecia com regularidade, ou um filho que muito cedo começou a trilhar o mesmo caminho que ela.

A perda dela tinha sido tão horrível como a morte de Daniel.

—Quem é Daniel?

—Meu irmão.

—De quem eu peguei o pijama?

—Sim.— Ela respiração profundamente. —Ele morreu a cerca de dois anos atrás.

—Deus... Sinto muito.

Grier olhou em volta, imaginando se o homem, hum... fantasma em questão iria escolher agora para aparecer.

—Sinto muito, realmente. Eu realmente pensei que poderia salvá-lo... ou ajudá-lo a salvar-se. Não funcionou dessa maneira, no entanto. Ele, ah, ele tinha um problema com drogas.

Ela odiava o tom apologético que ela sempre assumia ao falar sobre o que matou Daniel e ainda se insinuava em sua voz toda vez.

—Eu realmente sinto muito— Isaac repetiu.

—Obrigada.— De repente, ela balançou a cabeça como se fosse um saleiro que tinha endurecido acima. Talvez fosse por isso que seu irmão se recusou a falar sobre o passado, o que foi um infortúnio terrível.

Mudando de assunto ela disse:

—Esse homem? De volta ao seu apartamento, ele deu-me alguma coisa. —Ela inclinou-se e deu um tapinha em torno do alerta da vida, encontrando-o sob a camisola que ela tinha retirado após a primeira briga com o pai.—Ele deixou isto no meu porta-malas.

Apesar de ter tocado com o tecido, Isaac pegou a coisa com as mãos nuas. Acho que as impressões digitais não interessavam para ele.

—O que é isso?— Perguntou ela.

—Alguma coisa para mim.

—Espere

Enquanto ele enfiava no bolso, explicou.

—Se eu quiser me entregar, tudo o que tenho a fazer é apertar o botão e dizer-lhes onde me encontrar. Não tem nada a ver com você.

—Se entregar a esse homem? O que acontece então?— Ela perguntou com firmeza.—O que acontece se você...

Ela não pôde terminar. E ele não respondeu.

O que disse tudo o que ela precisava saber. Naquele momento, a porta da frente foi destrancada e aberta, os sons de chaves e os passos ecoando pelo corredor quando o alarme de segurança foi desligado por alguém.

—Meu pai!— Ela assobiou.

Pulando para cima, tentou achar o roupão, Deus, seu cabelo estava um caco.

A taça de vinho. Merda!

—Grier?— Veio aquela voz familiar a partir da frente da casa.

Oh, droga, Isaac realmente não precisava conhecer o que restou de sua família agora.

—Rápido, você tem que ir— Quando olhou para trás, ele já tinha ido.

Ok, normalmente, ela estaria frustrada por sua rotina de fantasma. No momento, foi uma dádiva de Deus. Com um movimento rápido, ela acendeu as luzes, pegou um rolo de toalhas de papel, e se dirigiu para a bagunça no chão e parede.

—Estou aqui!— Respondeu ela.

Quando o seu pai entrou, ela percebeu que ele tinha mudado para o seu uniforme casual composto de suéter de cashmere e calças. Seu rosto, porém, não estava nada tranquilo: austero e frio, ele parecia como quando enfrentava um adversário no tribunal.

—Recebi a notificação de que o alarme de incêndio disparou— disse ele.

Sem dúvida que ele tinha, mas provavelmente já estava a caminho daqui de qualquer maneira: Sua casa era em Lincoln—de jeito nenhum ele poderia ter chegado a Beacon Hill tão rápido.

Graças a Deus ele não tinha chegado aqui dez minutos mais cedo, pensou ela.

Para manter as faces coradas fora da vista, ela concentrou-se em catar os cacos afiados.

—Eu queimei uma omelete.

Quando o pai não disse nada, ela o encarou.

—Onde ele está, Grier. Diga-me onde está Isaac Rothe.

Um arrepio de medo correu pela sua espinha e pousou em suas entranhas como uma rocha. Sua expressão era tão cruel, ela estava disposta a apostar sua vida no fato de que os dois estavam em lados opostos da mesa quando se tratava de seu cliente.

Visitante.

Amante.

O que quer que Isaac fosse para ela.

—Ai!— Levantou a mão. Um pedaço de vidro estava saindo direto da ponta de seu dedo, seu sangue vermelho brilhante, como que reunido em uma gota de gordura, a jorrar.

Enquanto ela foi até a pia, sentiu a presença de seu pai em toda a cozinha como uma arma apontada para suas costas. Ele nem perguntou o quanto ela tinha se machucado.

Tudo o que ele fez foi dizer mais uma vez:

—Diga-me onde está Isaac Rothe.

Capítulo 25

De volta a Caldwell, dentro da casa funerária, Jim era um velho profissional na planta da McCready e percorreu o caminho até ao porão rapidamente. Quando chegou na sala de embalsamamento, passou através da porta fechada... e foi derrapando até parar, quando saiu do outro lado.

Ele não tinha percebido, até agora, que nunca esperara ver o seu antigo patrão novamente cara-a-cara.

E lá estava Matthias, do outro lado das unidades refrigeradas, olhando as placas de identificação nas portas fechadas, assim como Jim tinha feito na noite de anteontem. *Porra*, o cara estava frágil, aquele cara alto e robusto como fora antes, agora estava inclinado sobre a bengala, o cabelo, antes negro, era cinza nas têmporas. O tapa-olho ainda estava onde tinha ficado após a rodada inicial de cirurgias, houve esperança de que o dano não fosse permanente, mas é claro que não tinha sido o caso.

Matthias parou, inclinou-se como se verificando, em seguida, destrancou a porta, apoiou-se contra a bengala, e puxou um pedaço da parede.

Jim sabia que era o corpo à direita: Embaixo do lençol fino, a magia de invocação estava funcionando, o pálido brilho fosforescente sangrando e brilhando como se o seu cadáver fosse radioativo.

Enquanto Jim andava até ficar do outro lado dos seus restos mortais, não se deixou enganar pelo fato de que Matthias parecia ter murchado em torno de seu esqueleto e estava dependendo da bengala, mesmo enquanto estava em pé sem se mexer: O homem ainda era formidável, um oponente imprevisível. Afinal, sua mente e sua alma tinham sido as mães de todas as más ações, e até que estivesse em sua sepultura, elas estariam com você onde quer que fosse.

Levantando a mão, Matthias puxou o lençol para trás do rosto de Jim e colocou a bacia, com um curioso cuidado, sobre o peito. Então, com um estremecimento, o tipo agarrou seu braço esquerdo e massageou como se algo doesse.

—Olhe para você, Jim.— Enquanto Jim olhava para o cara, ele se deleitava com a instabilidade que estava prestes a criar. Quem sabia que estar morto seria tão útil?

Com um brilho, ele se revelou.

—Surpresa.

Matthias puxou a cabeça para cima e para lhe dar crédito, nem sequer recuou. Não houve salto para trás, nem tremor nas mãos, nem mesmo uma mudança na respiração. Mas, novamente, ele provavelmente teria ficado mais surpreso se Jim não tivesse feito uma aparição: A moeda do comércio da *Ops* era o impossível e o inexplicável.

—Como você conseguiu isso.— Matthias sorriu um pouco quando acenava a cabeça em direção ao corpo. —A semelhança é incrível.

—É um milagre— Jim respondeu com a voz arrastada.

—Então você estava apenas esperando por mim para mostrar-se? Procurava uma reunião?

—Eu quero falar sobre Isaac.

—Rothe?— A sobranalha de Matthias se levantou. —Você ultrapassou seu prazo. Deveria tê-lo matado ontem—o que significa que hoje nós não temos nada para dizer um ao outro sobre isso. Entretanto, temos negócios.

Portanto, não surpreendeu que Matthias tivesse retirado uma pistola e a tivesse apontado diretamente para o peito de Jim.

Jim sorriu friamente. E não era tão difícil imaginar porque Devina tinha tomado este homem e estava usando-o como arma andante e falante em sua tentativa de obter Isaac. A questão era, como a desarmar o seu fantochezinho desagradável, a resposta era fácil.

A mente...Matthias como sempre disse, a mente é a força mais poderosa a favor e contra alguém. Jim se inclinou sobre seu corpo até que o cano estava quase beijando seu esterno.

—Então, puxe o gatilho.

—Você está vestindo um colete, não é?— Matthias torceu o pulso de modo que a arma se mexeu e fez um pequeno nó na camiseta de Jim. —Um grande inferno de fé que você está colocando nele.

—Por que você ainda está falando.— Jim colocou as palmas das mãos sobre a mesa de aço. —Puxe o gatilho. Faça. Puxe.

Ele estava bem consciente de que estava criando um problema para si mesmo: Se Matthias o estourasse, e ele não fizesse como o padrão “cair-e-fracassar” que os seres humanos faziam, ia ser um inferno de pagamento naquela história de “Santa-merda” . Mas valia a pena só para ver...

A arma disparou, a bala passou...e a parede atrás de Jim foi atingida. Enquanto o som do toque ecoava pela sala de azulejos, confusão apareceu e cintilou sobre a máscara da face cruel de Matthias...e Jim sentiu uma ferroadada de triunfo puro.

—Eu quero que você deixe Isaac em paz — disse Jim. —Ele é meu.

A sensação de que estava negociando com Devina sobre a alma do cara era tão forte, era como se ele tivesse sido destinado a ter este momento com seu ex-chefe... como se a única razão que ele tivesse arrastado o bastardo para fora daquele inferno de areia e arriscado a própria vida para levá-lo para uma clínica, tinha sido para essa conversa, essa negociação, esse intercâmbio.

E o sentimento ficou ainda mais nítido enquanto Matthias se equilibrou sobre sua bengala e se moveu para frente para colocar um fim no negócio e a arma estava de volta contra o peito de Jim.

—A definição de insanidade— Jim murmurou, —é fazer a mesma coisa outra vez esperando um...

O segundo tiro saiu exatamente como o primeiro tinha saído: som alto, bala na parede, Jim ainda de pé.

—Resultado diferente— completou.

Matthias puxou a mão e agarrou Jim pela jaqueta de couro. Enquanto a bengala caía no chão e quicava, Jim sorriu, pensando que esta merda era melhor do que Natal.

—Você quer me matar de novo?— Perguntou ele. —Ou será que vamos falar sobre Isaac?

—O que é você?.

Jim sorriu como um filho da puta louco.

—Eu sou seu pior pesadelo. Alguém que você não pode tocar, não pode controlar e não pode matar.

Matthias sacudiu lentamente a cabeça para trás e para frente.

—Isso não está certo.

—Rothe, Isaac. Você vai deixá-lo ir.

—Isso não...—Matthias usou a jaqueta de Jim como um contrapeso ao mesmo tempo ele mudava para o lado e olhava para a parede que havia sido ferida cosmeticamente.—Não está certo.

Jim agarrou a mão e apertou duro, sentindo a compressão dos ossos.

—Você se lembra do que você sempre diz às pessoas?

O olho de Matthias se virou para o rosto de Jim.

—O que. é. Você?

Jim se aproximou até que seus narizes estivessem a um centímetro.

—Você sempre diz às pessoas que não há ninguém que você não possa levar, nenhum lugar que você não pode encontrá-los, e nada que você não vá fazer com eles. Bem, isso agora vem “direto-atrás-de-você”. Deixe Isaac ir e eu *não* vou fazer de sua vida um inferno.

Matthias olhou fixamente nos olhos dele, investigando, procurando informações. *Deus*, esta era uma viagem a frente de um bom jeito. Pela primeira vez, o homem que tinha todas as respostas estava fora de seu jogo e se debatendo.

Cristo, se Jim ainda estivesse vivo, tiraria uma foto dessa “gatinha” e faria um calendário da maldita coisa.

Matthias esfregou o olho que era visível, como se ele estivesse esperando que a visão que havia sobrado clareasse e mostrasse que ele se encontrava sozinho, ou pelo menos, era a única pessoa em pé na sala de embalsamamento.

—Quem é você?— Ele sussurrou.

—Eu sou um anjo enviado do céu, camarada.— Jim riu baixo e duro. —Ou talvez eu seja a consciência com que você não nasceu. Ou talvez alucinação causada por todos os medicamentos

de que você precisa para controlar sua dor. Ou talvez isso seja apenas um sonho. Mas seja qual for o caso, só há uma verdade que você precisa saber. — Não vou deixar você pegar Isaac. Isso não vai acontecer.

Os dois sustentaram os olhares e permaneceram assim enquanto o cérebro Matthias claramente se agitava. Após um longo momento, o homem aparentemente decidiu acreditar no que estava na frente dele. Afinal, o que foi que Sherlock Holmes¹⁶¹ tinha dito? Quando você elimina o impossível, aquilo que permanece, ainda que improvável, deve ser a verdade.

Portanto, ele concluiu claramente que Jim estava vivo de algum jeito: —Porque é que Isaac Rothe tão importante para você?

Jim afrouxou o aperto em seu antigo patrão.

—Porque ele está comigo.

—Exatamente quantos de “você” existem por aí? Nós temos tudo sobre...

—Isaac quer sair. E você vai deixá-lo ir.

Houve um longo silêncio. E então a voz de Matthias mudou, ficando mais suave e mais sombria.

—Aquele soldado é cheio de segredos de Estado, Jim. O conhecimento que ele acumulou vale uma porrada para nossos inimigos. Então, a manchete, não é realmente um caso de o que você ou ele quer. É o que é melhor para nós e antes de você começar com essa história de “coração-sangrando-indignado” no meu traseiro, o “nós” não é você ou eu, ou a *Ops*. É a merda do país.

Jim revirou os olhos.

—Sim, certo. E eu aposto que toda essa baboseira patriótica deixa o Tio Sam¹⁶² de pau duro. Mas não faz merda nenhuma para mim. A questão é que... se você estivesse na população civil, você seria um assassino em série. Trabalhar para o governo significa que você acena a bandeira americana quando lhe convém, mas a verdade é, você faz o que faz porque gosta de pegar as asas das moscas. E todo mundo é um inseto a seus olhos.

—As minhas inclinações não mudam nada.

—E por causa delas, você não serve a ninguém além de si mesmo.— Jim alisou o par de marcas de queimadura na parte frontal da camisa. —Você conduz a *Ops* como sua própria fábrica de mortes, e se você for esperto, vai cair fora antes de algumas dessas “*missões especiais*” voltem para morder-lhe o rabo.

—Eu pensei que você estivesse aqui para falar sobre Isaac.

Demasiado perto de um nervo, hein?

—Tudo bem. Ele é inteligente, então ele pode se manter fora das mãos do inimigo, e ele não tem incentivo para trair.

—Ele está sozinho. Ele não tem dinheiro. E as pessoas ficam desesperadas rápido.

—Foda-se — ele tem dinheiro e ele vai desaparecer.

O canto da boca de Matthias subiu.

¹⁶¹ **Sherlock Holmes** – Personagem de ficção da literatura britânica. É o melhor investigador do século XIX.

¹⁶² **Tio Sam** – É a personificação nacional dos Estados Unidos da América e um dos símbolos nacionais mais famosos do mundo.

—E como você sabe disso? Ah, espere, você já o encontrou, não foi?

—Você pode deixá-lo ir. Você tem o poder de fazer isso.

—Não, eu não tenho!

A explosão foi uma surpresa, e enquanto as palavras saíam disparadas da mesma forma que os tiros tinham saído, Jim encontrou-se olhando ao redor da sala verificando se ele tinha ouvido direito. Matthias era o todo-poderoso. Sempre tinha sido. E não apenas a seus próprios olhos.

Inferno, o sacana tinha influência suficiente para transformar o Salão Oval em um mausoléu.

Agora Matthias era o único a inclinar-se em cima do cadáver. —Eu não dou a mínima para o que você pensa sobre mim ou sobre como o seu interior Oprah¹⁶³ mudou toda essa situação. Não é sobre o que eu quero... É o que eu sou obrigado a fazer.

—Pessoas inocentes morreram.

—Para que a corrupção pudesse morrer também! Cristo, Jim, esse papo furado vindo de você é ridículo. Boas pessoas morrem todos os dias e você não pode parar isso. Eu sou apenas um tipo diferente de ônibus atropelando-os —e pelo menos eu tenho um propósito maior.

Jim sentiu uma onda de pura raiva, mas depois, enquanto pensava em tudo, a emoção refluíu em outra coisa. Tristeza, talvez.

—Eu deveria ter deixado você morrer naquele deserto.

—Que é o que eu pedi para você fazer.— Matthias agarrou seu braço esquerdo novamente e o apertou, como se ele tivesse sido golpeado em sua cova.—Você deveria ter seguido as ordens que dei para me deixar lá.

Tão vazio, Jim pensou. As palavras eram tão vazias e mortas. Como se fossem de outra pessoa.

—Compelido— na verdade. O cara quis tanto sair que ele esteve disposto a matar-se para fazê-lo. Mas Devina tinha puxado ele de volta, Jim tinha certeza disso. Aquela demônio e suas mil faces e suas incontáveis mentiras estavam trabalhando aqui. Tinha que ser. E não tinha suas manipulações definido o cenário perfeito para a batalha sobre o Isaac? O soldado tinha feito mal, mas estava tentando começar de novo, e este era o seu cruzamento, este cabo de guerra entre Jim e Matthias sobre o que fazer a seguir.

Jim balançou a cabeça.

—Eu não vou deixar você tirar a vida de Isaac Rothe. Eu não posso. Você diz que trabalha com um propósito—eu também o faço. Você mata o homem e a humanidade perde mais do que um inocente.

—Ah, vamos lá. Ele não é inocente. Das mãos dele escorre tanto sangue como da sua e da minha. Eu não sei o que aconteceu com você, mas não pode romantizar o passado. Você sabe exatamente do que ele é culpado.

Fotos de homens mortos passavam na frente dos olhos de Jim: facadas, tiros, rostos radiantes e órgãos amassados. E esses eram apenas os trabalhos mais confusos. Os cadáveres que tinham sido asfixiados ou intoxicados ou envenenados, tinham acabado em cinzas e se foram.

¹⁶³ Oprah — Famosa apresentadora de programa televisivo dos EUA.

—Isaac quer sair. Ele quer parar. Sua alma está desesperada por uma maneira diferente e eu vou ajudá-lo.

Matthias estremeceu e voltou a esfregar seu braço esquerdo.

—O querer de um lado, a merda do outro, vê o que você obtém em mais quantidade.

—Eu vou matar você— Jim disse simplesmente. —Se chegar até isso, eu vou te matar.

—Bem, como você sabe...não é uma notícia nova. Para fazer como você antes digo, faça isso agora.

Jim sacudiu lentamente a cabeça novamente.

—Ao contrário de você, eu não puxo o gatilho a menos que eu precise.

—Às vezes, obter um salto sobre o confronto é o mais inteligente, Jimmy.

O antigo nome momentaneamente tinha o levado de volta para o passado, de volta à formação básica, de volta para compartilhar um beliche com Matthias. O cara tinha sido frio e calculista, então... mas não por completo. Ele tinha sido tão leal como alguém poderia ser para Jim, dada a sua situação. Ao longo dos anos, no entanto, qualquer vestígio da fatia limitada de humanidade tinha sido perdida, até que o corpo do homem estivesse tão maltratado e decrébito como a sua alma.

—Deixe-me perguntar uma coisa— Jim falou lentamente. —Você já conheceu uma mulher chamada Devina?

Aquela sobranalha se arqueou novamente. —Agora por que você iria perguntar isso?

—Só por curiosidade.— Ele ajeitou a jaqueta de couro. —Para sua informação, eu já tive um diabo de um tempo com ela.

—Obrigado pelo conselho de namoro. Isso é realmente a minha prioridade agora.—Matthias cobriu com o lençol o rosto frio e cinza de Jim.—E sinta-se livre para me matar a qualquer momento. Você estaria me fazendo um favor.

Estas últimas palavras foram ditas em voz baixa e provou que a dor física poderia ceder, mesmo a mais feroz de vontades, se fosse suficientemente forte e durasse muito tempo. Então, novamente, Matthias teve uma mudança de prioridades, mesmo antes dessa explosão, não teve?

—Você sabe— Jim disse —você poderia mudar também. Eu fiz. Isaac está tentando. Não há nenhuma razão se você não tem estômago para continuar com isto, que você não possa sair também.

Matthias irrompeu numa risada. —Você deixou a *Ops* só porque eu deixei você ir temporariamente. Eu sempre tive a intenção de levá-lo de volta. E Isaac não vai ficar longe de mim, a única maneira que eu não consideraria eliminá-lo é se ele decidisse continuar a trabalhar para a equipe. Na verdade, por que não diz isso a ele por mim? Uma vez que vocês dois são tão amiguinhos e tudo.

Jim estreitou os olhos.

—Você nunca fez isso antes. Uma vez que alguém quebrou a confiança, você nunca iria deixá-lo voltar.

Matthias exalou em um estremecimento.

—Os tempos mudam.

Nem sempre. E não sobre essa merda.

—Com certeza— disse Jim em uma mentira.—Vamos me colocar de volta lá?

Os dois deslizaram a laje para a unidade do frigorífico e Jim trancou a porta. Então Matthias lentamente abaixou para pegar a bengala, sua coluna rachando um número de vezes, a respiração engatando como se seus pulmões não conseguissem lidar com o seu trabalho, assim como a dor que estava sentindo. Quando ele se endireitou, seu rosto estava tão vermelho que não era normal—a prova do quanto um simples movimento tinha tirado dele.

Um vaso quebrado, Jim pensou. Devina estava trabalhando com ou através de um vaso quebrado aqui.

—Isso tudo realmente aconteceu?— Disse Matthias. —Esta conversa.

—A coisa toda é malditamente real, mas você vai tirar um cochilo agora.— Antes que de o cara poder impedir, Jim levantou a mão e convocou poder para o indicador. Quando a ponta começou a brilhar, a boca Matthias se abriu. — Entretanto, você vai se lembrar do que foi dito.

Com isso, ele tocou Matthias na testa e um brilho de luz atravessou o homem como se um fósforo o tivesse atingido, queimando rápido e brilhante, consumindo tanto o corpo quebrado quanto a malvada mente.

Matthias caiu como uma pedra.

Coisa de anjo, baby, Jim pensou. Nocauteia o melhor deles.

E enquanto se deteve sobre o seu chefe, o “cair-de-costas” era fodidamente metafórico: o homem tinha caído em mais maneiras do que apenas no aqui e agora.

Jim não acreditou por um segundo, que o cara tinha sido sincero sobre a tomada de Isaac de volta ao redil. Isso tinha sido apenas um embuste para conseguir o soldado de volta ao campo de tiro.

Deus sabia que Matthias era um mentiroso excelente.

Jim se abaixou e colocou a arma do homem de volta em seu coldre, em seguida, deslizou os braços por trás dos joelhos do cara e sob os ombros — merda, a bengala. Ele estendeu, pegou, e colocou a coisa certa para baixo no centro do peito do homem.

Levantá-lo foi uma facilidade, e não apenas porque Jim tinha ombros fortes. *Merda...* Matthias estava tão leve, muito magro para o tamanho da sua estrutura. Ele não poderia estar pesado mais do que cinquenta, enquanto que no seu auge ele esteve bem perto de uma centena. Jim andou através das portas fechadas da sala de embalsamamento e subiu as escadas ao nível do solo.

De volta ao deserto, quando ele fez isso pela primeira vez com o filho da puta, tinha sido batido pela adrenalina, em uma corrida para levar o seu chefe de volta ao acampamento antes do patife morrer sangrando, de modo que ele não seria acusado de assassinato. Agora, ele estava calmo. Matthias não estava prestes a morrer, por um lado. Por outro lado, os dois estavam em uma bolha de “ninguém-poder-ver” e segurança.

Passando pela porta da frente trancada, ele imaginou que carregaria Matthias até o carro do cara.

—Olá, Jim.

Jim congelou. Em seguida, virou a cabeça para a esquerda.

E pensando sobre “estar seguro”... , pensou ele.

Do outro lado do gramado da casa funerária, Devina estava de pé na grama em seu salto agulha preto, seus longos e gloriosos cabelos castanhos, ondulados até seus seios, seu vestidinho preto abraçando todas as curvas. Seus traços faciais perfeitos, daqueles olhos negros aos lábios vermelhos, para a pele de alabastro, positivamente brilhava com a saúde.

O mal nunca pareceu tão bem.

Mas, novamente, isso fazia parte do seu recurso de superfície, não era?

—O que você tem aí, Jimmy—, disse ela. —E onde você vai com ele?

Como se a cadela já não soubesse, ele pensou, imaginando como diabos ele ia sair dessa.

Capítulo 26

Do local onde se encontrava na despensa de Grier, Isaac podia ouvir o que estava sendo dito lá na cozinha, mas não podia ver nada.

Não que ele precisasse de um vislumbre.

— Diga-me onde o Isaac Rothe está — o pai de Grier repetiu em uma voz que tinha todo o calor de uma noite de Janeiro¹⁶⁴.

A resposta de Grier foi gelada da mesma maneira.

— Eu estava esperando que você viesse aqui para se desculpar.

— Onde está ele, Grier.

Ouviu o som da água corrente e então o bater de uma toalha de prato.

— Por que você quer saber?

— Isto não é um jogo.

— Eu não pensei que fosse. E eu não sei onde ele está.

— Você está mentindo.

Existiu uma pausa com a duração de uma batida do coração, no tempo que Isaac fechou seus olhos e contou todos os modos em que ele era um idiota. *Putá merda*, ele trouxe um rastro de destruição para a vida da mulher, destruiu tudo que podia de sua vida pessoal e profissional, criou o caos por todo lado...

Passos. Duros e afiados. Do homem.

— Você vai me dizer onde ele está!

— Solte-me...

Antes dele perceber que estava acabando com sua cobertura, Isaac subitamente apareceu, abrindo a porta. Levou três passos para chegar junto aos dois e então agarrou o pai de Grier, girou o homem e empurrou o rosto dele contra a geladeira. Agarrando atrás da cabeça do sujeito, ele empurrou aquela boca aristocrática no aço inoxidável tão forte, que a respiração arquejante do Sr. Childe deixava pequenas nuvens de condensação no painel.

¹⁶⁴ “Uma voz que tinha todo o calor de uma noite de Janeiro” — A autora faz uma referência a estação do ano nessa época vigente nos EUA, que é o inverno. Ou seja, quer dizer que a voz carecia de calor, era gélida.

— Eu estou aqui mesmo — Isaac rosnou. — E estou um pouco nervoso no momento. Então que tal você não agir com sua filha assim novamente, e eu não considerarei abrir a seção de congelador com seu rosto.

Ele esperou Grier sair com aquela história de “deixe-ele-ir”, mas ela não fez tal coisa. Apenas pegou uma caixa de Band-aid debaixo da pia e olhou escolhendo o tamanho certo.

O pai dela respirou profundamente.

— Afaste-se... da minha filha.

— Ele está muito bem onde está — ela respondeu, enquanto embrulhava um curativo ao redor de seu dedo. Então colocou no lugar a caixa e cruzou seus braços acima do tórax. — Você, porém, pode partir.

Isaac revistou a roupa do pai de Grier, e quando ele não achou uma arma, se afastou, mas ficou alerta. Tinha um pressentimento de que o sujeito não esperava essa reação, porque estava morto de medo e perto de ter um colapso — mas ninguém age assim com a mulher do Isaac. Ponto.

Não que Grier fosse sua mulher. Claro que não.

Droga.

— Você sabe que está dando a ela uma sentença morte — Childe disse, seus olhos firmes em Isaac. — Você sabe do que ele é capaz. Ele é seu dono e massacrará todos que precise para chegar a você.

— Ninguém é dono de ninguém— Grier cortou a conversa. — E...

O Sr. Childe não poupou sua filha de um olhar quando a cortou.

—Entregue-se Rothe, é o único modo de ter certeza de que ele não a machucará.

— Aquele homem não vai fazer nada para mim...

Childe se virou para Grier.

— Ele já matou seu irmão!

O resultado daquela bomba dramática, foi como se alguém a tivesse esbofeteado—exceto que não existia ninguém para conter, nenhum sujeito para livrar-se e desarmar e imobilizar. E quando Grier ficou branca, Isaac sentiu uma impotência paralisante. *Você não pode proteger pessoas de eventos que já aconteceram*; Não existe modo de reescrever a história.

Ou... as pessoas, também. O que era a raiz de tantos problemas.

— O que... você disse? — Ela sussurrou.

— Não foi nenhuma overdose accidental. —disse Childe com a voz rachada. — Ele foi morto pelo mesmo homem que vai vir pegar você a menos que ele consiga ter este soldado de volta. Não existe negócio, nenhuma troca, nenhuma condição para negociar. E eu não posso... — O homem começou a desabar, provando que dinheiro e classe não eram nenhuma proteção contra tragédia. — Eu não posso perder você também. Oh, Deus, Grier... eu não posso perder você também. E ele fará isto. Aquele homem tomará sua vida em um piscar de olhos.

Merda.

Merda, merda, merda.



Quando Grier se encostou contra o balcão, ela estava processando com dificuldade o que seu pai disse. As palavras foram pequenas e simples. O significado, porém...

Estava meio ciente que ele ainda estava falando, mas ela estava surda.

— Nenhuma overdose accidental. — Totalmente surda.

— Daniel... — Ela teve que limpar sua garganta à medida que continuou a conversa. — Não, Daniel fez isto ele mesmo. Ele teve overdose pelo menos duas vezes antes. Foi... o vício. Ele...

— A agulha em seu braço foi posta lá por outra pessoa.

— Não. — Ela agitou a cabeça. — Não. Eu fui a pessoa que o achou. Eu chamei o 911 e...

— Você achou o corpo... mas eu vi acontecer. — Seu pai deixou sair um soluço. — Ele me fez... assistir.

Quando seu pai enterrou seu rosto nas mãos e se perdeu completamente, sua visão cintilou como se alguém estivesse brincando de discoteca com as luzes da cozinha. E então seus joelhos se soltaram e...

Algo a pegou. Evitando que ela batesse no chão. Salvando-a.

O mundo girava... e ela percebeu que estava sendo levantada e carregada através da sala para sofá.

— Eu não consigo respirar — ela disse para ninguém em particular. Torcendo o decote de sua camisa, ofegou. — Eu não consigo... respirar...

A próxima coisa que ela soube, foi que Isaac estava pondo uma bolsa de papel em sua boca. Tentou afastá-lo, mas seus braços acabaram caindo inutilmente e ela foi forçada a respirar na coisa.

— Você precisa fechar a merda da boca.— Isaac disse para alguém. — Agora mesmo. Se recomponha, meu amigo, e feche-a bem.

Ele estava conversando com seu pai? Talvez.

Provavelmente.

Oh, Deus... Daniel? E seu pai foi forçado a ver acontecer?

As perguntas que precisaram de respostas importavam mais para ela que a afluência de gás carbônico. Empurrando a bolsa para longe, ela se levantou.

—Como? Por quê? — Ela atirou um olhar fixo e duro.— E escute, eu já estou condenadamente fundo nesta situação, certo? Então algumas explicações não vão me machucar — elas irão, porém, me impedir de ficar louca.

A mandíbula de Isaac rangeu, como se seu pé estivesse sendo mastigado cru por um Doberman, como se ele não quisesse soltar um grito.

Não era problema dela.

— Eu ficarei louca — ela disse antes de virar-se para seu pai. —Você me ouve? Eu não posso viver como isto por um minuto, ou um segundo, nem por um momento a mais. Não depois dessa bomba. Seria melhor você começar falar. Agora.

Seu pai caiu na poltrona ao lado dela, como se ele tivesse noventa anos de idade e estivesse descendo para seu leito de morte. Mas, da mesma maneira que ele não se importou com o corte em sua mão, ela não lhe concedeu qualquer clemência e isso era uma vergonha. Eles sempre tinham sido semelhantes, afinados, unânimes. Tragédias, segredos, e mentiras, porém, desordenam até os mais íntimos vínculos.

— Fale— ela exigiu. — Agora.

Seu pai olhou para Isaac, não para ela. Mas pelo menos quando Isaac encolheu os ombros e amaldiçoou, ela soube que iria conseguir uma história. Embora provavelmente não “a” história.

E que triste era não poder confiar em seu próprio pai.

Sua voz não era forte quando ele finalmente começou a falar.

— Eu fui o primeiro recrutado para juntar-me a *Ops* por volta de 1964. Estava me formando em West Point¹⁶⁵ e fui abordado por um homem que se identificou como Jeremiah. Nenhum sobrenome. A maioria das coisas que eu lembro sobre o encontro era o quanto anônimo ele era, parecia mais um contador do que um espião. Ele disse que existia uma elite militar que eu estava qualificado para integrar e perguntou se eu ficaria interessado em saber mais. Quando quis saber por que eu, afinal, eu fui o terceiro na classe não o primeiro, ele disse que notas não eram tudo.

Seu pai pausou por um tempo, como se estivesse lembrando palavra por palavra a conversa de há quase cinquenta anos.

— Eu estava interessado, mas em última instância disse não. Eu me alistara na marinha como um oficial e pareceu desonroso retirar-me do compromisso. Não o vi novamente... até sete anos mais tarde, quando retornei de volta a vida de civil e estava saindo da escola de direito. Não sei por que eu disse sim exatamente... mas eu estava casando com sua mãe, e estava juntando-me à firma da família... e sentia como minha vida estivesse determinada. Eu almejava excitação, e lá não parecia... — Ele franziu a testa e abruptamente olhou para ela. — Isto não é sugere que eu não amei sua mãe. Eu apenas precisava de... algo mais.

Ah, mas ela sabia como ele se sentiu. Ela viveu com aquela mesma coceira por alguma coisa que a vida normal não parecia oferecer. As consequências de alimentar isto, porém? Estava começando a acreditar que não valiam a pena,.

Seu pai tirou um lenço com monograma e secou seus olhos.

— Eu disse a Jeremiah, o homem que veio me ver, que eu não podia desaparecer completamente, mas que eu estava interessado em algo, qualquer outra coisa. Assim foi como começou. Eventualmente, eu regularmente estava indo em missões de inteligência estrangeira e nossa firma de direito me deu licença por que eu era o neto do fundador. Eu nunca soube o âmbito inteiro das tarefas que eu recebia como operação... mas através de jornais e televisão, eu estava ciente que existiam consequências. Aquelas ações tinham sido tomadas contra certos indivíduos...

— Você quer dizer os homicídios — ela amargamente cortou a conversa.

— Assassinatos.

¹⁶⁵ **West Point (ou Academia Militar dos Estados Unidos - USMA)** — é uma escola militar do exército dos Estados Unidos. Criada em 1802 é a escola de armas mais antiga do país, localizada em West Point, Nova York.

— Existe uma diferença?

— Existe. — Seu pai movimentou a cabeça. — Os homicídios são despropositados.

— O resultado é o mesmo.

Quando ele não disse qualquer outra coisa, ela não estava disposta a dar a história por terminada ainda.

— E sobre Daniel?

Seu pai exalou longa e lentamente.

— Mais ou menos depois de sete ou oito anos nisto, percebi que eu era parte de algo com que não podia conviver. Os telefonemas, as pessoas vindo em casa, as viagens que duravam por dias, semanas... para não falar das consequências de minhas ações. Eu parei de poder dormir ou me concentrar. E Deus, o peso sobre sua mãe tinha sido tremendo e impactado em vocês dois também, vocês eram ambos jovens então, mas você reconhecia as tensões e as ausências. Eu comecei a tentar sair. — Os olhos de seu pai se viraram para Isaac. — Foi quando eu descobri... que você não podia sair. Recordando isto, eu era ingênuo... tão malditamente ingênuo. Devia ter sabido melhor, dado o que eu fui pedido fazer, mas fui pego nisso tudo. Ainda, não tive nenhuma escolha. Isso estava matando sua mãe... ela estava bebendo muito. E então Daniel começou...

A usar drogas, Grier terminou em sua mente. Começou no ensino médio. Primeiro álcool, então maconha... então LSD e alucinógenos. E então o pesado esporte de cocaína, seguido pelo jovial assassino que era heroína.

Seu pai puxou seu lenço com precisão.

— Quando minhas propostas iniciais sobre sair encontraram um ressoante “não” eu fiquei paranoico de que, em uma de minhas tarefas eles iriam me matar e fazer parecer um acidente. Fiquei em silêncio por anos. Entretanto, eu aprendi algo que não devia, algo que era um jogo de mudança para um homem importante do poder. Eu tentei... tentei usar isto como uma chave para destrancar a porta.

— E... — ela inseriu, seu coração estava batendo tão ruidosamente que ela se perguntou se os vizinhos podiam ouvir.

Silêncio.

— Continue — ela solicitou.

Ele apenas balançou a cabeça.

— Diga— ela sufocou, odiando seu pai enquanto lembrava de entrar e ver Daniel pela última vez. Ele tinha uma agulha que saía de uma veia atrás de seu braço e sua cabeça estava voltada para trás, sua boca relaxada, sua pele da cor de nuvens e da neve de inverno.

— Se você não me responder... — Ela não pôde terminar. A ideia de que poderia perder toda a sua família aqui mesmo, agora mesmo, deixou a sua garganta bem apertada.

Aquele lenço era desconectado mais uma vez pelas mãos trêmulas.

— Os homens me abordaram no estacionamento da firma no centro da cidade. Eu tinha trabalhado até tarde e eles... eles me colocaram em um carro e eu percebi sobre o que era isto. Eles iriam me matar. Ao invés, me levaram ao sul de Quincy. Para a casa de Daniel. Ele já estava alto quando todos nós entramos, penso que... eu penso que ele acreditou que fosse uma

brincadeira. Quando viu a seringa que eles trouxeram, ofereceu a eles seu braço, embora eu estivesse gritando para ele não deixá-los— a voz de seu pai se quebrou. — Ele não se importou... Ele não soube... Eu soube o que eles estavam fazendo—mas ele não. Eu devia ter... Eles deviam ter me matado, não ele. Deviam ter...

A ira fez a visão de Grier se turvar brevemente. Quando ela voltou, o centro de seu tórax estava frio como gelo e ela não se importou que ele tinha sofrido. Ou teve remorsos ou...

— Saia desta casa. Agora.

— Grier

— Eu não quero ver você novamente. Não me contacte. Não chegue perto de mim.

— Por favor.

— Saia! — Ela se virou para Isaac. — Tire ele daqui, só o mantenha longe de mim.

Faria isto ela mesma, mas tinha força suficiente apenas para levantar-se.

Isaac não hesitou. Ele subjugou o pai dela, engatou uma mão debaixo do braço do sujeito, e o ergueu da poltrona.

Seu pai estava falando novamente, mas ela estava surda enquanto ele era escoltado para fora da cozinha: A imagem do corpo do seu irmão naquele sofá rasgado a consumiu.

Os pequenos detalhes eram assassinos: Seus olhos tinham estado parcialmente abertos, suas pupilas olhavam fixamente para o vazio à distância, e sua desbotada camiseta azul tinha manchas escuras debaixo das axilas e vômito na frente. Três colheres bolorentas e um acendedor Bic amarelo sujo bagunçavam a mesa de café, e existia uma pizza meia comida que parecia ter uma semana, no chão junto a seus pés. O ar sufocante cheirava a urina e cigarro, como também a algo quimicamente doce.

A coisa que mais a assustou, entretanto, foi que ela notou que o relógio dele tinha parado: Quando chamou 911, eles disseram para que visse se existia pulsação e ela procurou o pulso mais próximo. Quando achou e colocou os dedos para sentir a pulsação, viu que o relógio não era o que seu pai tinha dado a ele em sua graduação na universidade da Pensilvânia, aquele Rolex tinha sido penhorado há muito tempo. O que ele estava usando era um Timex de bateria e seus ponteiros haviam congelado às oito vinte e quatro.

Tinha sido do mesmo modo que o corpo do Daniel havia parado. Após todas as batidas que seu coração tinha dado, finalmente tinha ficado sem vida.

Tão feia. A cena tinha sido tão feia. E ainda assim, seu cabelo adorável tinha sido o mesmo. Ele sempre teria um cabelo de anjo loiro, como sua mãe chamava, e até no deslizamento de “morto-e-acabado”, os cachos em sua cabeça retiveram sua natureza circular perfeita: Entretanto a cor era suja pela falta de lavagem, mas Grier podia ver a beleza que foi no passado.

Ou tinha sido, como ele era.

Estalando para fora do passado, ela esfregou seu rosto e levantou-se do sofá.

Então com toda a graça de um zumbi, foi até os degraus e subiu até seu quarto, onde ela pegou uma mala e começou a encher.

Capítulo 27

No gramado da Casa Funerária McCready, Jim não desperdiçou muito tempo para tentar entender como Devina tinha sabido onde o achar: ela estava aqui e o assunto era como conseguir se libertar dela.

— O gato comeu sua língua, Jim? — A voz dela era como ele se lembrava. Baixa, rouca, profunda. Sexy. Desde que você não soubesse o que estava dentro da pele dela.

— Não. Na verdade não.

— Como você está, a propósito.

— Eu estou “fan-fodidamente-tástico”.

— Sim. Você está. — Ela sorriu, enquanto mostrava os dentes perfeito. — Eu senti sua falta.

— Isso é uma pena.

Devina riu, o som rolou pelo frio ar noturno.

— Não na verdade.

Quando um carro virou a esquina e passou na rua, seus faróis iluminaram a frente da casa funerária, os remendos de marrom no gramado e o cachorro. E não fez nada absolutamente a Devina. Então novamente, ela realmente não existia neste mundo.

Os olhos da demônio correram abaixo dele e então se focalizaram em Matthias.

— Voltando ao assunto à mão.

— Não há nenhum assunto, Devina.

— Eu amo quando você diz meu nome. — Ela deu um passo preguiçoso adiante, mas Jim não foi enganado pela sua casualidade. — O que você vai fazer com ele?

— Eu ia o pô-lo no carro, antes dele acordar. Mas agora estou pensando em voar com ele para Boston.

— Receio que você o achará muito pesado. — Outro passo adiante. — Está preocupado de que eu faça algo ruim a ele?

— Como se você fosse uma pequena menina malcriada que vai amarrar juntos os cadarços do sapato dele? Hã. Está certo.

— De fato, eu tenho outros planos para seu velho chefe. — Um terceiro passo.

— Você tem? — Jim se segurou no chão. Literalmente e figurativamente. — Para sua informação, eu não estou certo de que o “encanamento” dele está trabalhando após todos os danos, afinal de contas. Eu nunca perguntei, mas o Cialis¹⁶⁶ só vai até um certo ponto.

— Eu tenho meus modos.

— Indubitavelmente. — Jim arreganhou seus dentes. — Eu não vou deixar você levá-lo, Devina.

— Isaac Rothe?

— Ambos.

— Ganancioso. E eu pensei que você não gostava de Matthias.

¹⁶⁶ **Cialis** – tipo de medicamento que faz o mesmo efeito que o Viagra, usado em disfunção erétil.

—Só por que eu posso não estar de acordo com o bastardo, não significa que quero que você o tenha. Ou o use como um brinquedo. Ao contrário de você, eu tenho um problema com danos colaterais.

—O que acha de fazermos um trato.— O sorriso dela era muito presunçoso para o gosto dele. —Eu deixarei o Matthias ir hoje à noite, muito alegremente. E você passa um pequeno tempo comigo.

O sangue dele ficou frio. —Não, obrigado. Eu tenho planos.

—Acho outra pessoa? Sendo infiel a mim?

—Nenhuma chance. Isso requereria uma relação.

—A qual nós temos.

—Não. — Ele olhou ao redor só para confirmar que ela não tinha reforços. —Eu estou saindo daqui, Devina. Tenha uma noite agradável.

—Eu temo que o Matthias não vá se recuperar.

—Não, ele logo vai estar bem.

—Observe-o. — Ela estendeu a longa e elegante mão.

De repente o homem começou a gemer nos braços de Jim, a face dele se retorcendo em agonia, o espasmo de seus membros delicados.

—Eu não tenho que o tocar Jim. — Apertando os dedos, como se ela estivesse apertando seu coração na palma, Matthias ficou duro. —Eu posso matá-lo aqui e agora.

Com uma maldição, Jim procurou pelo que ele tinha aprendido com Eddie, enquanto tentava puxar um feitiço ou um encantamento ou... algo... para parar a arremetida.

—Eu tenho brinquedos aos milhares, Jim — ela disse suavemente. — Se este aqui vive ou morre? Não muda nada. Não afeta nada. Mas se você não gosta de danos colaterais... Então você se dará a mim pelo resto da noite.

Merda, posto assim, por que ele estava protegendo o sujeito? Ela acharia logo outra fonte para influenciar o resultado de Isaac.

—Talvez seja melhor você o pôr em uma sepultura.

Pelo menos Matthias estaria fora do seu pé. Então, talvez o próximo da fila fosse pior.

—Se eu o mato agora — Devina inclinou sua bonita cabeça, —você terá que viver com o fato de que poderia tê-lo salvado mas escolheu não fazer. Terá que somar outro entalhe àquela tatuagem em suas costas, não é mesmo? Eu pensei que você tinha renunciado a esse tipo de coisa, Jim.

A raiva ferveu pelo corpo dele, enquanto espumava seu sangue até que sua visão começou a ficar ondulada.

—Vá se ferrar.

—O que vai ser, Jim?

Jim olhou para face arruinada do seu velho chefe. A pele tinha ficado com uma cor cinza alarmante e a boca estava aberta embora a respiração dele fosse rasa.

Foda-se um...

Porra de inferno.

Com uma maldição, Jim se virou, começando a andar... e foi completamente esperado, quando Devina materializou-se no caminho dele.

—Onde você vai, Jim?

Cristo, ele desejou que ela deixasse de dizer a porra do nome dele.

—Eu o estou levando ao seu carro. E então você e eu vamos partir, juntos.

O sorriso que ela lhe deu foi brilhante e fez doer seu estômago. Mas negócios eram negócios e, pelo menos, Matthias viveria para ver o próximo despertar. Sim, certo, havia algum tipo de morte que esperava, nos bastidores, por ele indubitavelmente, se fosse por um colapso físico ou pelas ações sujas dele, voltando para assombrá-lo. Porém, Jim não ia tomar a decisão sobre “quando” se ele pudesse evitar. Isso era com o Nigel e sua laia. Ou com quem, *raios*, que tomava conta dos destinos.

Hoje à noite, ele ia manter o homem vivo e isso era tudo que sabia. Porque, até mesmo um sociopata, merece melhor fim do que algo que seja ao gosto de Devina.

E esperançosamente, Jim passaria por tudo o que ela tinha planejado para ele, com um pouco mais de informação sobre o que a fazia funcionar, e saber como derrotá-la.

Informação, como sempre, permanecia sendo tudo.



Em Boston, Isaac pôs o capuz do blusão para cima para esconder seu rosto e então marchou com o pai de Grier pela porta da frente. Quando eles chegaram lá fora, esteve bem atento ao quão exposto ele estava. Com ou sem capuz, a identidade dele era malditamente óbvia. Mas era uma situação de custo/benefício: ele não confiava em Childe e Grier queria o sujeito fora.

Assim faça as contas.

Enquanto ele empurrava o querido pai para o lado do motorista do Mercedes, o ar frio parecia apertar o homem, as sobras do confronto duro com a filha dele, substituídas por uma determinação que Isaac teve que respeitar.

—Você sabe o que ele é — Childe disse quando tirava o relógio do bolso. —Você sabe o que ele fará a ela.

A imagem dos olhos inteligentes e amáveis de Grier era inevitável. E sim, ele poderia imaginar, um pouco, o tipo de merda com que Matthias iria feri-la. A mataria na realidade.

Poderia fazer o pai até mesmo assistir.

Poderia fazer Isaac ser testemunha, também.

E isso o fazia querer vomitar.

—A solução está dentro de você —, Childe disse. —Você sabe qual é.

Sim, ele sabia. E era uma cadela.

—Eu o imploro...salve minha filha.

De dentro das sombras, o amigo de Jim Heron com os piercings, deu um passo à frente.

—Boa noite, cavalheiros.

Quando Childe recuou, Isaac agarrou o braço do homem e o segurou no lugar.

—Não se preocupe, ele está conosco.— Mais ruidosamente, disse, —O que aconteceu?

Merda, ele precisava voltar para a casa.

—Pensei que você poderia gostar de um pouco de ajuda.

Com isso, o homem encarou Childe como se os olhos dele fossem um plug de telefone e ele estivesse o conectando na parede. Abruptamente, o pai de Grier começou a piscar, as pálpebras dele trabalhando em código Morse, salto-salto, sallllto, salto, salto...

E então Childe disse boa noite calmamente, e entrou no carro... partindo.

Isaac assistiu as luzes traseiras virarem a esquina.

—Você quer me falar sobre o que acabou de fazer àquele homem?

—Não. Mas eu ganhei algum tempo.

—Para quê?

—Isto é com você. Pelo menos o pai dela já não acredita que acabou de vê-lo, agora mesmo, na casa—o que significa que papai não está pegando o telefone celular e chamando seu antigo chefe para dizer onde você está.

Isaac olhou ao redor e imaginou quantos olhos estavam nele.

—Eles já sabem que eu estou aqui. Eu estou, neste momento, tão encoberto quanto um Strip Tease em Las Vegas.

Uma grande mão pousou no ombro dele, pesada e forte, e Isaac gelou quando um calor passou por ele. A sensação de que o sujeito era poderoso não era uma surpresa —Como Jim trabalharia com qualquer pessoa? Mas havia algo estranho sobre ele e não eram os aros de metal cinza escuros no lábio inferior dele e nas sobrancelhas e orelhas.

O sorriso dele era, positivamente, antigo e a voz sugeria que havia segredos por todas as sílabas quando ele falou: —Por que você não entra?

—Por que você não me fala o que infernos está acontecendo?

O sujeito não pareceu emocionado com o golpe, mas Isaac era assim. Não ligava uma merda se o amigo de Jim desse a luz a gatinhos. Ele precisava de algum tempo para processar as coisas e assim fazerem sentido.

Algum sentido.

Qualquer sentido.

Cristo, isto deve ser como Grier deve ter se sentido.

—Eu ganhei uma noite. Isso é tudo o que posso dizer. Sugiro fortemente que você entre lá e permaneça até que Jim volte, mas obviamente, eu não o posso obrigá-lo e inserir essa ideia no seu cérebro.

—Quem diabos você é?

—Nós somos os sujeitos bons.

Com isso, ele sacudiu a sobrancelha, ao estilo Cary Grant¹⁶⁷, com um sorriso.

¹⁶⁷ **Cary Grant** – foi um ator/galã americano de grande sucesso, que protagonizou vários filmes como *"Intriga Internacional"*, por exemplo. Era o ator preferido de Alfred Hitchcock.

E simplesmente, de repente assim, ele se foi. Exatamente como uma luz se apagando. Exceto que, vamos lá, ele não deveria ter caminhado?

Isaac desperdiçou um segundo para dar uma olhada, porque, *alooô*, a maioria dos bastardos, até mesmo os fantasmas de alto nível e assassinos para os quais ele tinha estado de serviço, não podiam desaparecer no ar.

Qualquer que fosse a resposta... Ele estava se mandando rapidinho dessa varanda da frente.

Isaac correu para trás da casa, trancou a porta e entrou na cozinha. Quando ele não achou Grier, olhou para cima na escadaria traseira.

—Grier?

Ele ouviu uma resposta distante e subiu as escadarias dois degraus de cada vez. Quando chegou ao quarto dela, parou na entrada. Ou deslizou até parar, estava mais para isto.

—Não. — Ele balançou a cabeça para sua menina rica com uma Samsonite¹⁶⁸: Aquela bagagem com monograma não ia a lugar algum. —Absolutamente não.

Ela olhou por cima da mala quase cheia.

—Eu não vou ficar aqui.

—Sim, você vai.

Ela apontou seu dedo indicador para ele, como se a coisa fosse uma arma. —Eu não reajo bem com pessoas que tentam me dar ordens.

—Eu estou tentando salvar sua vida. E ficando aqui onde você é conhecida e visível a muitas pessoas, onde você tem um trabalho, onde sentirão sua falta nos compromissos e um sistema de segurança como o desta casa, é o modo para permanecer viva. Ir a qualquer outro lugar só fará isto mais fácil para eles.

Virando-se, ela empurrou as roupas que tinha empacotado, o corpo esbelto dela se curvando quando apoiou-se para empurrar. Então, apanhou um suéter e dobrou pela metade e então mais três vezes.

Ele observou como as mãos dela tremiam, e soube que faria qualquer coisa para salvá-la. Até mesmo se isso significasse ser condenado.

—O que você disse a meu pai?— ela exigiu.

—Não muito. Eu não confio nele. Nenhuma ofensa.

—Eu também não confio nele.

—Você deveria.

—Como você pode dizer isso? Deus... as coisas que ele tem mantido escondidas de mim—As coisas que ele fez... Eu não posso...

Ela começou a gaguejar, mas estava claro que não queria aquela velha rotina de, “porto-seguro-em-seus-fortes-braços”, dele: Ela amaldiçoou e marchou para o banheiro.

Vagamente, ele a ouviu assoar o nariz e abrir a água. Enquanto ela estava lá, a mão dele foi ao bolso do blusão e tocou no Alerta de Vida. Estava mais para Alerta de Morte: Ajude, eu cá e estou levantando—você poderia vir e retificar esse problema?

Grier reapareceu.

¹⁶⁸ **Samsonite** — é uma marca muito famosa de malas, maletas, mochilas, nos Estados Unidos.

—Eu vou embora daqui com ou sem você. É sua escolha.

—Então vai ser sem mim, eu receio. — Ele retirou sua mão.

Ela gelou quando viu o dispositivo.

—O que você está fazendo com isso?

—Eu estou terminando isto. Por você. Agora mesmo.

—Não!

Ele pressionou a convocação, enquanto ela se lançava para ele, selando seu destino—e salvando-a—com apenas um toque.

Uma pequena luz vermelha no dispositivo começou a piscar.

—Oh, Deus... o que você fez?— ela sussurrou. —O que você fez?

—Você vai ficar bem. — Os olhos dele vagaram pelo seu rosto, enquanto ainda memorizavam novamente, o que já tinha sido cauterizado para sempre em sua mente. —Isso é tudo o que importa para mim.

Quando ela levantou os olhos, ele deu um passo à frente e capturou uma lágrima solitária, e cristalina com o polegar.

—Não chore. Eu tenho sido um homem morto desde que desertei. Isto não é nada além do que viria a mim, eventualmente. E, pelo menos, eu posso saber que você estará segura.

—Volte atrás... desfaça... você pode...

Ele balançou a cabeça. Não haveria nenhuma absolvição, nada, e ele estava percebendo isso, completamente, agora.

O destino era uma máquina construída com o passar do tempo, cada escolha que você fez em vida somando outra engrenagem, outra correia, outra peça do quebra-cabeça. Onde você termina é produto do que foi cuspidor no final e — não havia como voltar a trás nem refazer. Você não podia dar uma olhada no que você tinha fabricado e decidir — Oh, espere, eu quis fazer máquinas de costura em vez de metralhadoras, me deixe voltar novamente para o começo.

Uma chance. Isso era tudo que você tinha.

Grier tropeçou e bateu na extremidade da cama dela, afundando enquanto seus joelhos pareciam que tinham ido embora.

—O que acontece agora?

A voz dela era tão baixa, que teve que se esforçar para entender as palavras. Em contraste, ele falou em voz alta e clara.

—Eles entrarão em contato comigo. O dispositivo é um transmissor que envia um sinal e receberá a chamada deles. Quando acontecer, eu escolho um lugar para me entregar.

—Então você pode fugir. Vá agora.

—Tem um GPS nisto, assim eles sabem onde estou a cada segundo.

Assim eles saberiam que ele estava aqui agora.

Mas ele não pensava que o matariam na casa dela — seria muita exposição. E Grier não sabia disto, mas logo que ele se entregasse, ela ia ficar bem porque a morte do irmão dela ia mantê-la viva. Matthias era o jogador final e ele ia querer algum controle sobre o pai dela, dado a que o sujeito sabia. Já tendo acabado com o filho, nem precisaria dizer que a *Ops* poderia fazer o

mesmo com a filha—e enquanto a ameaça permanecesse lá fora, o Childe mais velho seria neutralizado.

O homem faria qualquer coisa que evitar enterrar uma segunda criança.

A vida de Grier era dela própria.

—Meu conselho para você—, ele disse, —é que fique aqui. Conserte as coisas com seu pai.

—Como você pode fazer isso? Como pôde virar as costas para...

—Eu não era membro da equipe que assassinou seu irmão, mas eu fiz coisas assim.— À medida que ela recuou, ele acenou com a cabeça. —Eu entrei em casas e matei pessoas e os deixei onde estavam. Eu tenho perseguido homens por florestas e desertos, cidades e oceanos e acabado com eles. Eu não sou...Eu não sou um inocente, Grier. Eu fiz coisas piores que um humano pode fazer a outro —e eu paguei por isto. Eu estou cansado de carregar todas essas ações comigo em minha cabeça. Estou exausto das recordações e dos pesadelos e de viver no limite. Eu pensei que fugir era a resposta, mas realmente não é, e eu não posso viver mais comigo mesmo. Nem por mais uma noite. Além disso, você é uma advogada. Você conhece a pena por assassinato. Esta — Ele balançou o Alerta de Vida em sua corrente. — é a pena de morte que eu mereço...e desejo.

Os olhos dela permaneceram presos no seu.

—Não... não, eu sei o modo como você me protegeu. Eu não acredito que você seja capaz de—

Isaac arrancou a jaqueta e a camisa de moletom e se virou, enquanto uma tatuagem enorme do Grim Reaper, brilhava e cobria cada centímetro de sua pele nas costas.

Com o suspiro dela, ele abaixou a cabeça. —Olhe para baixo. Você vê essas marcas? Essas são minhas matanças, Grier. Esses são... quantos irmãos, pais e filhos eu coloquei em sepulturas. Eu não... sou um inocente a ser protegido. Eu sou um assassino... que está simplesmente merecendo o que está vindo por ele.

Capítulo 28

Quando Adrian reapareceu na parte de trás da casa da advogada, uma vez mais, estava próximo a Eddie. Que estava fazendo uma imitação excelente de uma árvore de carvalho.

—Você se livrou do pai?— o outro anjo murmurou.

—Sim. Eu nos dei bastante tempo para Jim voltar aqui. Ele já chamou?— Como se tivessem se passado mais do que só os cinco minutos que ele tinha estado fora com Isaac.

—Não.

—Merda.

Frustrado por tudo, Adrian esfregou os braços que ainda estavam cozinhando em vapor. *Homem*, ele odiava cheirar igual a vinagre caro—e gases, que você sabe, a desavença com o “Destacamento Descartável de Devina” ainda tinha arruinado outra fodida jaqueta de couro. Que caralho.

Ele realmente gostava desta aqui.

Desistindo, ele focalizou a parte de trás da casa. O feitiço de superproteção de Jim era todo brilhante, o brilho vermelho que reluzia na noite.

—Onde, inferno, está o Jim — Eddie rosnou quando conferiu o relógio.

—Talvez uma briga virá até nós novamente.— Adrian se forçou a mostrar um sorriso. —Ou eu poderia ir arranjar outra mulher para nós.

Quando Eddie pigarreou e fez como se ele fosse todo o Sr. “Não-faça-isso”, Ad o conhecia melhor. O anjo era um filho da puta feroz quando abandonava sua rotina conservadora—Rachel, dos dentes perfeitos e nenhum sobrenome, tinha estado flutuando quando eles a tinham dispensado ao amanhecer. Por muito que doesse ao Adrian admitir isto, ele tinha uma sensação muito forte que, aquela merda de êxtase pós-coito dela, tinha sido por causa de tudo que Eddie tinha feito.

O bastardo tinha um inferno de uma língua e, evidentemente, fazia um bom trabalho. Adrian tinha tentado entrar no sexo, mas tinha terminado apenas indo a favor da corrente.

Eddie olhou o relógio dele. Olhou para seu telefone. Olhou ao redor.

—O que fez você ao pai?

—Ele pensa que veio aqui e que Isaac já tinha ido embora.

Eddie esfregou seu rosto como se estivesse exausto.

—Eu espero como inferno que Jim volte logo. Aquele Isaac vai dar problemas. Eu posso sentir isto.

—Que é por isso que eu encostei nele com minha mão mágica.— Adrian flexionou a coisa. — Jim gosta de GPS. Não?

—Pelo menos os TomToms¹⁶⁹ não cantam como você faz.

—Por que todo mundo é surdo?

—Eu penso que é ao contrário.

—Tscs.

Uma brisa assobiou pelos membros nus das árvores frutíferas, e ambos se retesaram...mas não era um segundo round com os descartáveis de Devina. Era só vento.

E a espera aumentou.

E ficou cada vez mais longa.

Ao ponto de a tendência natural de Adrian em estar em movimento, coçar através de sua espinha e rachar pelo seu pescoço. Inúmeras vezes.

—Como você está indo?— Eddie disse suavemente.

Oh, grande. Como essa merda de partilhar o ajudasse a relaxar? Até mesmo em uma boa noite, o dava vontade de correr ao redor do quarteirão umas cem vezes.

—Adrian?

—Eu estou bem. Dândi. Você?

—Estou falando sério.

—E nós não vamos continuar com isso.

¹⁶⁹ **TomToms** – uma marca de GPS.

Pequena pausa... pequееeeeeena pausa feliz, que estava encharcada e ensopada em *Eau de Desaprovação*¹⁷⁰.

—Você pode falar sobre isto,—Eddie desafiou. —Só estou dizendo.

Oh, pelo amor de Deus. Ele sabia que o sujeito estava sendo do tipo “amigo-eu-protegerei-suas-costas”, e não era que não apreciasse o esforço. Mas depois do que Devina tinha feito a ele esta última vez, as vísceras dele estavam soltas e malfeitas, e se ele não trancasse a porta, e jogasse fora o tapete de boas-vindas, as coisas iam ficar bem sujas. De modo que não poderiam ser limpas.

—E eu estou dizendo, estou bem. Mas obrigado.

Para cortar a conversa, ele focalizou a casa. Deus, aquele feitiço “de baixo nível” de Jim era tão forte... tão forte quanto qualquer coisa que Adrian e Eddie poderiam fazer com influência total de seus poderes. Que poderia bem significar que, aquele anjo tinha truques que poderiam foder seriamente com Devina.

O repique macio do telefone de Eddie era boa notícia: Havia só uma pessoa que poderia estar chamando e esse era o Jim.

Adrian olhou por cima quando Eddie não aceitou a chamada.

—Você não vai atender?

Eddie balançou a cabeça.

—Ele nos enviou uma foto. A rede é lenta durante a noite. Ainda está chegando.

Você pensaria que, com toda merda que eles podiam fazer, pudessem se comunicar telepaticamente e até certo ponto, eles eram capazes disso. Mas distâncias longas eram como o grito de uma pessoa para o outro lado de um estádio de futebol americano. Também, se alguém estivesse ferido ou agonizante, a habilidade de fazer coisas como feitiços e encantamentos e pensamentos...

—Oh... Deus...

Enquanto a voz de Eddie se quebrava, Adrian sentia uma avalanche de premonição em sua cabeça como sangue frio.

—O quê?

Eddie começou a apertar os botões do telefone.

Adrian agarrou o celular.

—Não apague isso—não se atreva.

Algumas estocadas rápidas e eles estavam em uma briga pelo telefone e Adrian só ganhou porque o desespero o fez ser rápido como um raio.

—Não olhe para isto— Eddie latiu. —Não olhe.

Tarde demais.

A pequena imagem na tela lustrosa era de Jim nu e deitado em uma mesa de madeira enorme, braços e pernas estendidos. Arames de metal prendiam os pulsos e tornozelos dele para

¹⁷⁰ *Eau de Desaprovação* – Aqui a autora faz uma referência a fragrância no ar, metaforicamente. Perfumes com alta concentração de essência e menos álcool são chamados de Eau. Então, ela se refere a que, a desaprovação de Eddie, era tanta que podia ser sentida no ar como um perfume. Daí Ad dizer que era “Eau de desaprovação”.

fixá-lo à mesa e a pele dele estava iluminada pela luz de velas. Seu pênis ereto tinha uma correia de couro enrolada ao redor da base para mantê-lo duro mas, embora estivesse tecnicamente ereto, ele não estava com nenhum desejo sexual; isso sem nenhuma dúvida... e Adrian sabia exatamente o que Devina fez para conseguir que o fluxo de sangue inicial, fosse para exatamente onde ela queria.

Aquele torniquete ia a dar a ela algo com que brincar por horas e horas.

Adrian engoliu em seco, a garganta dele se apertando, como se fosse ele mesmo, que estivesse naquela tábua dura e oleosa. Ele sabia muito bem tudo o que viria à seguir.

E sabia o que essas figuras sombrias, que espreitam no fundo, eram.

A legenda do texto abaixo da fotografia era: *Meu brinquedo novo.*

—Nós temos que tirá-lo de lá.— Adrian quase esmagou o telefone pelo modo como a mão dele o apertou. —Aquela cadela fodida.



Mantido na “mesa de trabalho” de Devina, como ela a chamava, Jim não se incomodou de olhar para ela—nem mesmo quando ela pegou o telefone dele e um flash disparou. Ele estava principalmente preocupado com as figuras escuras que circulavam na periferia, como se fossem cachorros prestes a ser libertados: Ele tinha um pressentimento que eram as mesmas coisas com que, ele e os meninos, tinham lutado fora da casa daquela advogada, porque eles se moviam com aquela furtiva ondulação, semelhante a uma cobra.

O que quer que fossem. As chances de que ele ia saber, de uma forma ou de outra, eram boas.

Graças à cortina de escuridão que o cercava, ele não tinha nenhuma ideia do número deles ou do tamanho do quarto: A luz das velas lançava pouca iluminação e aquele negócio de “cera-e-pavio” estava fixado a intervalos de alguns metros ao redor dele.

Então, era assim que um bolo de aniversário se sentia: meio preocupado, dado a que todo seu delicado glacê estava malditamente perto das chamas.

Mais você também está à beira de ser comido.

Devina caminhou para a luz e sorriu, como o anjo que ela não era, absolutamente.

—Confortável?

—Eu gostaria de um travesseiro. Mas afora isso, eu estou bem.

Inferno, se ela pudesse mentir, então ele poderia. A verdade era que esses arames ao redor dos tornozelos e pulsos tinham farpas neles, então havia faixas de dor em todos os pontos de seu pulso. Ele também tinha um colar de “alta-moda” da mesma merda, assim o ato de engolir era só uma outra modalidade de diversão. E a mesa debaixo dele era revestida com algum tipo de ácido, mais provavelmente, era o sangue das coisas ao redor, na periferia.

Claramente, Devina tinha trabalhado em muitos demônios nesta prancha, também.

Ele estava disposto a apostar que Adrian tinha estado aqui. Eddie também.

Oh, Deus... aquela menina loira tinha estado aqui?

Jim fechou os olhos, e na escuridão, viu aquela inocente adorável amarrada novamente, pendurada em cima daquela banheira. *Merda*, para o inferno com salvar o mundo. Ele desejava que pudesse ter trocado de lugar com ela.

Dedos frios passaram por cima e por dentro da perna dele, e enquanto se aproximavam do seu pênis, unhas afiadas raspavam em sua pele. Um som estranho filtrou-se e, por alguma razão, o fez se lembrar do desossar de um frango, muita gordura solta e barulho como se quebrando ossos. E havia um cheiro estranho... como... o que porra era?

Quando Devina falou, a voz dela estava entrecortada, o tom era mais profundo... baixo e estridente. —Eu gostei de estar com você antes, Jim. Se lembra disso? Em seu carro... mas isto vai ser tão melhor. Olhe para mim, Jim. Veja como em realidade eu sou.

—Eu estou bem assim. Mas obrigado.

Unhas cinzelaram suas bolas e então seu saco foi torcido duramente. Quando a dor motriz bateu na rodovia expressa do neurônio da pelve dele, suas emanções criaram uma náusea em suas entranhas. Que, é claro, não teve nada a ver com agradecer o colar que estava em torno de seu pescoço. *Yup*, suspiros secos era tudo que ele tinha a oferecer, porque nada ia fazer com que ele movimentasse a garganta.

—Olhe para mim. — Apertou mais.

A boca aberta levou seu próprio doce tempo para dar a resposta. Então novamente, estava ocupado tentando conseguir inspirar um pouco de ar.

—...Não...

Algo o montou. Ele não soube quem ou o que era, porque de repente por toda parte, havia mãos sobre ele, os portões haviam se aberto.

Não, não mãos. Bocas.

Com dentes afiados.

Quando o pênis dele penetrou algo que tinha toda a suavidade e habilidade de um dreno de pia enferrujado, o primeiro dos cortes foi feito no tórax. Poderia ter sido uma lâmina. Poderia ter sido uma longa presa.

E então algo contundente estava sendo forçado na boca dele. Tendo gosto salgado e descarnado, ele imaginou que seria algum tipo de pênis e começou a sufocar, o ar se tornando num artigo escasso de repente. Montado na crista da sufocação, ele teve um momento como se pulasse fora. Porém, era um caso de mente sobre o corpo. Conforme o coração dele batia mais rápido, pior era a falta de oxigênio e, era mais luminoso e mais quente, que a agonia que queimava dentro de sua caixa torácica.

Reduza a velocidade, ele falou para si mesmo. Deixe tudo lento. Só diminuuuuuuuuua a velocidade....

Um raciocínio mais claro reinou e adquiriu as rédeas do corpo dele: O sangue, que latejava, esfriou e os pulmões dele aprenderam a esperar pelas retiradas da boca dele para roubar uma respiração. Francamente, ele não estava impressionado. A Merda sexual era tão sem imaginação quando se trata de tortura.

Na realidade, este não ia ser um passeio no parque. Mas Devina não ia quebrá-lo com esta merda de estupro. Ou por tentar fatiá-lo como um peixe com aquela faca. A coisa com dor estava, sim, claro, iluminando seu painel de comando, mas realmente, não era nada além de uma forte sensação, era como se você gostasse de ir a um concerto e acabasse tendo seus tímpanos se acostumando com o passar do tempo, eventualmente.

Além disso, ele tinha vastas reservas de força: Matthias tinha vivido outro dia, seus meninos estavam pendurados em Grier e Isaac e, enquanto ele teria preferido fazer um intervalo indo a Disney World ou ao Clube Med, o poder de fazer a coisa certa e se sacrificar pelo bem-estar de outro, era alimento para todas as células de seu corpo.

Ele ia conseguir passar por tudo isso.

E então ele ia salvar a alma de Isaac e rir na cara de Devina ao término deste round.

A cadela não podia matá-lo e não ia conseguir o melhor dele.

O jogo tinha começado.

Capítulo 29

Enquanto Grier olhava fixamente através de seu quarto para a tatuagem que cobria as costas de Isaac, suas mãos deslizaram para cima e se curvaram ao redor de seu pescoço.

O desenho em sua pele era feito em preto e cinza e tinha sido elaborado de forma tão realista, que o horrendo Ceifador parecia estar olhando fixamente para ela: A grande figura de túnica negra estava em pé sobre um campo de sepulturas que se estendia em todas as direções, crânios e ossos desordenadamente dispostos sobre o chão em seus pés. Sob o capuz, dois pontos brancos ardiam acima do duro contorno de uma mandíbula descarnada. Uma mão esquelética sustentava uma foice, e a outra se estendia adiante, apontando para seu tórax.

E esta ainda não era a parte mais apavorante.

Abaixo da representação, existia uma fila de linhas agrupadas em conjuntos de quatro, com uma linha diagonal juntando-as para formar um maço cada uma. Lá, tinha que haver pelo menos dez daqueles...

— Você matou... — Ela não conseguiu completar o restante da frase.

— Quarenta e nove. E antes que você pense que eu estou me glorificando pelo que fiz, cada um de nós tem isto em nossa pele. Não é voluntário.

Isso era quase dez por ano. Um por mês. Vidas perdidas por suas mãos.

Com um rápido e preciso movimento, Isaac puxou sua jaqueta e o suéter para baixo, e ainda bem. Aquela tatuagem a estava apavorando.

Virando-se para fitá-la, ele encontrou diretamente seus olhos e parecia esperar por uma resposta. Tudo em que ela podia pensar era sobre Daniel... *Deus, Daniel*. Seu irmão era um entalhe nas costas de um ou de alguns daqueles soldados, uma pequena linha desenhada por uma agulha, marcada permanentemente em tinta.

Ela foi tatuada, também, pela morte. Pelo lado de dentro. A visão dele morto e enterrado, e agora a sombra dos detalhes daquela noite, estavam para sempre em sua mente.

E isto era o mesmo para o que descobriu sobre a outra vida de seu pai. E do Isaac.

Grier apoiou as mãos em seus joelhos e sacudiu sua cabeça.

— Eu não tenho nada para dizer.

— Eu não culpo você. Eu vou partir...

— Sobre seu passado.

Conforme ela o cortava, agitava sua cabeça novamente. Ela estivera em um vendaval, desde o momento em que ele entrou naquela sala reservada para o encontro advogado-cliente na parte de trás da prisão. Atormentada por um zumbido, ela girou cada vez mais rápido, do encontro com aquele homem com o tapa olho, para o sexo e daí para o confronto com seu pai... para Isaac batendo no botão de autodestruição, tão seguro como se puxasse o pino de uma granada.

Mas de alguma maneira, assim que ele fez isto, ela sentiu como se a tempestade acima dela se desfizesse, como se o tornado houvesse partido para o campo de milho de outra pessoa.

Na sequência, tudo parecia tão claro e simples.

Ela encolheu os ombros e continuou olhando fixamente para ele.

— Eu realmente não posso dizer qualquer coisa sobre seu passado... mas eu tenho uma opinião sobre o seu futuro. — Ela exalou um longo e lento suspiro e parecia tão exausto como ela se sentia. — Eu não penso que você devia se entregar para morrer. Dois erros não fazem um acerto. De fato, nada pode mudar o que você fez, certo, mas você não precisa que eu fique te dizendo isto. O que você fez vai segui-lo por todos os dias de sua vida... tal qual um fantasma que nunca deixará você.

E as sombras escuras em seus olhos disseram a ela que ele sabia disso melhor que ninguém.

— Para ser honesta, Isaac, eu penso que você está sendo um covarde. — Quando suas pálpebras piscaram, ela anuiu com a cabeça. — É muito mais difícil viver com o que você fez do que sair em um momento pessoal de glória hipócrita. Você já ouviu falar de suicídio por policial? É quando um homem armado e encurralado dispara uma vez para uma barreira policial, e efetivamente, força os policiais a bombearem para ele enchendo-o de balas. Isso é para as pessoas que não têm a força para enfrentar o acerto de contas que merecem. Aquele botão que você apertou? Dá no mesmo. Não é?

Ela soube que acertou seu objetivo no momento em que seu rosto se fechou, suas feições tornando-se uma máscara.

— O caminho para ser corajoso, —ela continuou— é ser uma pessoa que se levanta e expõe a organização. Este é o curso correto de ação. Trazer a luz, onde ninguém mais pode, sobre o mal que você viu, fez e foi. Este é o único caminho para chegar perto de promover alguma reparação. Deus... você poderia parar com toda esta maldita coisa... — Sua voz falhou enquanto ela pensava em seu irmão. — Você podia detê-lo e certificar-se de que ninguém mais seja envolvido nisto. Você podia ajudar a achar as pessoas que estão envolvidas e responsabilizá-las. Isso... isso seria significativo e importante. Diferentemente desta besteira suicida. Que não resolve nada, não melhora nada...

Grier levantou-se, fechou a tampa de sua mala, e acionou o trinco de metal, fechando-a com firmeza.

—Eu não concordo com nenhuma das coisas que você fez. Mas, tem suficiente consciência em você para querer sair. A pergunta é, se este impulso pode levar você para o próximo nível... e isto não tem nada a ver com seu passado. Ou comigo.



Às vezes reflexões sobre você mesmo eram exatamente o que você precisava ver, Isaac pensou. E ele não estava falando sobre o tipo “gatinha-diante-do-espelho”.

Mais como a variante de se ver com os “olhos-de-outros”.

Enquanto Isaac fazia uma careta, ele não tinha certeza do que era mais chocante: O fato que Grier estar totalmente certa ou que ele estava propenso a agir conforme ela disse.

Moral da história? Ela foi direto ao ponto: Ele vinha sendo um perdedor suicida desde que rompera com o jogo, e ele não era o tipo que se enforcar no banheiro... não, não, era muito mais viril ser baleado por um camarada.

Que frouxo ele era.

Mas isso sendo dito assim, ele não tinha certeza de, como vir à tona poderia funcionar. Com quem ele poderia falar? Em quem ele poderia confiar? E enquanto podia ver a si mesmo dando todas as informações sobre Matthias e aquele segundo em comando, não iria entregar as identidades dos outros soldados com quem trabalhou ou que conhecia. A *Ops* ficou fora de controle sob o governo de Matthias e aquele homem precisava ser detido, mas a organização não era completamente do mal e conduzia um serviço necessário e significativo para o país. Além disso, ele tinha a sensação de que, se aquele seu chefe fosse posto para fora, a maior parte dos barra-pesada, como Isaac, se dissolveriam no ar como fumaça em uma noite fria, nunca mais fariam o que eles tinham feito ou falariam sobre isso: Existiam muitos como ele, aqueles que queriam sair mas estavam presos por Matthias de uma forma ou de outra, e ele sabia disto porque foi largamente comentado durante a liberação de Jim Heron.

Falando nisso...

Ele precisava chegar a Heron. Se existia uma maneira de fazer isto, ele precisava discutir isto com o sujeito.

E com o pai do Grier também.

— Chame seu pai. — ele disse para Grier. — Chame e traga-o de volta aqui. Agora mesmo. — Quando ela abriu a boca, ele a cortou. —Eu sei que é muito a pedir, mas se existe outra solução aqui, eu estou condenadamente certo de que ele tem melhores contatos do que eu... porque eu não tenho nenhum. E quanto ao seu irmão... merda, foi uma tremenda traição e eu sinto muito sobre isso. Mas o que aconteceu com ele foi culpa de outra pessoa... que não era seu pai. Esta é a coisa. Quando você está sendo recrutado, eles não dizem tudo a você, e quando você descobre a realidade por você mesmo, é muito tarde. Seu pai é, de longe, mais inocente nisto que eu, e ele teve que perder um filho ainda por cima. Você está com raiva e está arrasada e eu entendo isto. Entretanto, ele também está... você viu isto por você mesma.

Embora seu rosto fosse duro, seus olhos estavam marejados de lágrimas, então soube que ela estava escutando.

Isaac agarrou o telefone na mesa de cabeceira e o segurou estendido para ela.

— Eu não estou pedindo a você para o perdoar. Só, por favor, não o odeie. Se você fizer isso ele terá perdido ambos os filhos.

— Entretanto, ele já perdeu. — Grier passou rapidamente as mãos varrendo suas lágrimas, enxugando os olhos. — Minha família se foi agora. Meu irmão e minha mãe estão mortos. Meu pai... não posso aguentar a mera visão dele. Eu estou totalmente só.

— Não, você não está. — Ele movimentou o receptor na direção dela. — Ele está à distância de apenas uma chamada... e ele é tudo que lhe resta. Se eu posso lidar com isso... então você também pode.

Claro, ele estava aproveitando a chance em dar a ideia de apresentar-se diante de seu pai, mas a realidade era que o interesse de Childe e o seu eram semelhantes: Eles dois o queriam fodidamente longe de Grier.

Olhando fixamente nos olhos dela, ele a estimulou a achar a força para permanecer ligada a seu sangue, e estava muito consciente de por que era tão importante para ele: Como sempre, estava sendo egoísta. Se ele chegasse limpo para algum juiz ou auditor do congresso, iria continuar respirando durante algum tempo, mas estaria essencialmente morto para ela conforme fosse banido para dentro de algum tipo de programa de proteção a testemunha. Então, seu pai era a melhor chance que ela tinha para ser protegida.

A única chance.

Isaac sacudiu a cabeça.

— O vilão nisto tudo é o cara que você viu na cozinha nos fundos do meu apartamento. Ele é o verdadeiro mau. Não seu pai.

— O único modo... — Grier enxugou seus olhos novamente. — O único modo que eu posso estar em qualquer lugar perto dele é se ele ajudar você.

— Então diga isso a ele quando ele chegar aqui.

Um momento mais tarde ela endireitou seus ombros e pegou o telefone.

— Certo. Eu direi.

Enquanto uma onda de emoção o envolvia, teve que impedir a si mesmo de inclinar-se para ela em um beijo rápido. *Deus*, ela era forte. *Tão forte*.

— Bom. — ele disse roucamente. — Isto está bem. E eu vou procurar meu amigo Jim agora.

Virando-se, desceu a escadaria, e desceu à toda velocidade. Ele estava rezando para que, ou Jim tivesse retornado, ou aqueles dois caras durões no quintal pudessem trazê-lo de onde quer que ele estivesse.

Irrompendo pela cozinha, ele abriu a porta saindo para o jardim, escancarando-a...

Em um canto mais afastado, os amigos de Jim estavam segurando um brilhante telefone celular, parecendo como se tivessem levado uma joelhada nas bolas.

— O que está errado? — Isaac perguntou.

A dupla olhou para cima e ele imediatamente soube, por aquelas expressões contidas, que Jim estava na merda: Quando você trabalhava em uma equipe, não havia absolutamente nada mais angustiante do que um de vocês ser capturado pelo inimigo. Era pior que um ferimento mortal em você mesmo ou um em um companheiro do grupo.

Porque o inimigo nem sempre mata primeiro.

— Matthias. — Isaac silvou.

Enquanto aquele com a trança espessa agitava sua cabeça, Isaac correu até eles. O cara dos piercings parecia verde, positivamente verde.

— Quem então? Quem está com o Jim? Como eu posso ajudar?

Grier apareceu através da porta aberta.

— Meu pai estará aqui em cinco minutos. — Ela franziu o cenho. — Está tudo bem?

Isaac apenas ficou encarando fixamente os dois sujeitos.

— Eu posso ajudar.

Aquele com a trança cortou de uma vez:

— Não, receio que você não possa.

— Isaac? Com quem você está conversando?

Ele olhou por cima de seu ombro.

— Amigos do Jim. — Ele olhou de volta...

Os dois homens haviam sumido, como se eles nunca estivessem lá antes.

Novamente.

Mas. Que. Porra.

À medida que a sensação de formigamento sobre o pescoço de Isaac tornava-se incontrolável, Grier passeava ao redor.

— Havia alguém aqui?

— Ah... — Ele olhou ao redor. — Eu não... sei. Venha, vamos para dentro.

Conduzindo-a de volta para a casa, ele pensava que era completamente possível que tivesse perdido sua maldita cabeça.

Depois de fechar a porta e observar Grier religar o alarme, ele se sentou em um tamborete isolado e pegou o rastreador. Nenhuma resposta ainda e esperava que o pai de Grier chegasse aqui antes que Matthias acertasse suas costas.

Melhor ter um plano.

No silêncio da cozinha, ele olhou fixamente para o fogão conforme Grier pegava os resíduos do outro lado, debruçando-se sobre o balcão da pia. Parecia que tinha se passado cem anos desde que ela fez aquela omelete na noite anterior. E ainda, se ele seguisse com o que estava pensando, os próximos dias iriam fazer com que parecesse uma piscada de olhos em comparação.

Examinando seu cérebro, ele tentou pensar no que podia dizer sobre Matthias. Sabia muito sobre seu antigo chefe... e, ainda assim, o homem criou buracos negros de propósito em toda Via Láctea mental da operação: Você era informado só sobre o que você absolutamente, obrigatoriamente, tinha necessidade de saber e nem uma sílaba a mais. Alguma merda você podia deduzir, mas existiam inúmeros pedaços de “hein-o quê?”

— Você está bem? — Ela disse.

Isaac olhou para cima com surpresa, e pensou que era ele quem devia estar perguntando isso a ela. E você sabe, ela tinha os braços ao redor de si mesma, uma postura auto-protetora que ela parecia adotar muitas vezes quando estava com ele.

— Eu realmente espero que você possa consertar as coisas com seu pai. — ele respondeu, odiando a si mesmo.

— Você está bem? — Ela repetiu.

Ah, sim, então ambos estavam brincando de esquivar-se.

— Sabe, você pode me responder. — ela disse. — Com a verdade.

Era engraçado. Por alguma razão, talvez porque quisesse praticar... considerou fazer isto. E então ele realmente decidiu fazer.

—O primeiro sujeito que eu matei... — Isaac olhou fixamente para baixo, para o chão granito, transformando a lisa dimensão de pedra em uma tela de TV e assistindo suas próprias ações desenrolarem-se através da superfície salpicada. — Ele era um extremista político que bombardeou uma embaixada estrangeira. Levei três semanas e meia para o achar. O rastreei através de dois continentes. E o alcancei em Paris, depois de vários lugares. A cidade do amor, certo? Eu o segui até um beco. Movi-me sorrateiramente atrás dele. Rasguei sua garganta. O que foi um sujo engano... eu deveria ter quebrado seu...

Ele parou com uma maldição, bem ciente que, sua maneira de falar de seus negócios, era duramente semelhante ao modo de alguns advogados tributaristas explanarem sobre o código do Imposto de Renda.

— Foi... chocantemente simples para mim. — Ele olhou para suas mãos. — Era como se algo se apoderasse de mim e pusesse um bloqueio em minhas emoções. Depois? Eu simplesmente saí para comer. Havia um bife com pimenta... o comi inteiro. O jantar era... excelente. E era enquanto eu estava tendo aquela refeição que percebi que eles escolheram sabiamente. Escolheram o sujeito certo. Foi neste momento que eu vomitei. Eu saí para a parte de trás do restaurante, em um beco semelhante aquele onde tinha assassinado aquele homem uma hora antes. Você vê, realmente não acreditei que eu era um assassino até que aquilo não me aborreceu mais.

— Exceto que o aborreceu.

— Sim. Caralho... eu quero dizer, *inferno*, sim, aborreceu. — Embora só daquela vez. Depois disto, ele era bom. Frio como uma pedra. Comendo como um rei. Dormindo como um bebê.

Grier pigarreou.

— Como eles recrutaram você?

— Você não acreditará nisto.

— Me de uma chance.

— SKillerz.

— Como?

— É um jogo de vídeo onde você mata pessoas. Mais ou menos sete ou oito anos atrás, as primeiras comunidades de jogos on-line estavam ficando maiores e os jogos integrados realmente ficaram populares. SKillerz foi criado por algum bastardo doente... ninguém nunca encontrou ou

conheceu o sujeito, aparentemente... mas ele é um gênio em gráficos e realismo. Quanto a mim? Eu tinha jeito com computadores, gostava de matar pessoas e gostava de jogar aquele jogo. Muito rapidamente havia centenas de pessoas neste mundo virtual... com todas estas armas e identidades em todas estas cidades e países. Eu estava no topo de todos eles. Eu tinha essa, como vou dizer... habilidade para saber como chegar às pessoas e o que usar e onde pôr os corpos. Entretanto, era só um jogo,. Algo que eu fazia quando não estava trabalhando na fazenda. Então, cerca de..., mais ou menos, dois anos dentro disso... eu comecei a sentir como se eu estivesse sendo observado. Isso continuou, parece que, por uma semana, até que uma noite este sujeito chamado Jeremiah apareceu na fazenda. Eu estava trabalhando nos trilhos novamente, remendando cercas, e ele veio em minha direção sem uma identificação.

— E o que aconteceu? — Ela perguntou quando ele parou.

— Eu nunca disse isso a ninguém antes.

— Não pare. — Ela deu a volta e sentou-se ao lado dele. — Isto me ajuda. Bem... é perturbador, também. Mas... por favor?

Certo, tudo bem. Com ela olhando para ele com aqueles olhos grandes, bonitos, ele estava preparado para dar-lhe qualquer coisa: Palavras, histórias... o coração pulsando fora de seu tórax.

Isaac esfregou seu rosto e perguntou-se quando ele se tornou um fraco *oh, espere*, ele sabia essa: O momento em que foi escoltado para dentro daquela pequena sala nos fundos da prisão e ela estava lá sentada toda empertigada, e respeitável, e esperta como o inferno.

Fraco.

Covarde.

Afrescalhado.

— Isaac?

— Sim? — Bem, sabe que... ele ainda podia responder em seu próprio nome e não só por um grupo de sujeitos com bolas de menos.

— Por favor... continue conversando comigo.

Agora foi ele quem pigarreou.

— O tal sujeito chamado Jeremiah convidou-me para vir para trabalhar para o governo. Ele disse que estava com o exército e eles estavam procurando por sujeitos como eu. Eu era completamente, “um garoto de fazenda?” Todos já tinham visto um garoto da roça? E eu nunca esquecerei disto... Ele parou e olhou fixamente para mim e disse... “Você não é um fazendeiro, Isaac.” E foi isso. Mas foi o modo com que ele disse isto... como se ele soubesse de um segredo sobre mim. Seja como for, no entanto... eu pensei que ele era um idiota e eu disse isso a ele... eu estava vestindo macacão encharcado de lama e um chapéu John Deere¹⁷¹ e botas de trabalho. Não sabia o que diabos mais ele pensava que eu era. — Isaac olhou por cima de Grier. — Ele estava certo, entretanto. Eu era qualquer outra coisa. Descobri que o governo tinha monitorado o jogo skillerz on-line e foi desta forma que eles me acharam.

— O que fez com que você decidisse começar... a trabalhar... para eles?

Bom eufemismo.

¹⁷¹ *John Deere* — é uma marca de fabricante de chapéus.

— Eu quis sair do Mississippi. Sempre quis. Eu deixei minha casa dois dias mais tarde e ainda não tenho nenhum interesse em voltar. E aquele corpo era de um garoto que correu com sua motocicleta para fora da estrada. Pelo menos, foi isso que eles me disseram. Eles trocaram minha identidade e minha Honda pela dele e aí está.

— E sobre sua família?

— Minha mãe... essa, bem — ele teve realmente que limpar sua garganta nesta hora. — Minha mãe nos abandonou antes dela morrer. Meu pai teve cinco filhos, mas só dois com ela. Eu nunca me entendi com nenhum de meus irmãos ou com ele, então partir não era um problema... e eu não me aproximaria deles agora. Passado é passado e eu estou bem com isto.

Naquele momento a porta da frente se abriu e do corredor, seu pai gritou:

— Olá?

— Nós estamos aqui atrás. — Isaac respondeu, porque ele não pensou que Grier iria fazê-lo: Enquanto ela verificava o sistema de segurança, ela, de repente, parecia muito controlada para falar.

Conforme seu pai entrava no quarto, o homem era o oposto de sua filha: Childe estava desalinhado, seu cabelo desordenado como se ele tivesse arrumado com suas mãos, seus olhos vermelhos com os bordos vítreos, seu casaco fora de condição.

— Você está aqui. — ele disse para Isaac em um tom cheio de medo. Que parecia sugerir que qualquer jogo mental que o amigo de Jim jogou não foi apenas para se mostrar.

Bom truque, Isaac pensou.

— Eu não disse a ele por que eu quis que ele viesse. — Grier anunciou. — O telefone sem fio não é seguro.

Esperta. Tão malditamente esperta.

E como ela permanecesse quieta, Isaac decidiu que seria melhor ele dirigir o ônibus. Focando o outro homem, ele disse:

— Você ainda quer uma saída?

Childe examinou sua filha.

— Sim, mas...

— E se existisse um caminho para fazer isto onde... as pessoas — leia-se: Grier — ficassem em segurança?

— Não existe um. Eu gastei uma década tentando achar isto.

— Você alguma vez já pensou sobre explodir os contatos de Matthias?

O pai do Grier estava quieto como uma pedra e, ele olhava fixamente nos olhos do Isaac conforme ele estava tentando ver o futuro.

— Como em...

— Ajudando alguém a se adiantar e derramar cada pequeno detalhe que ele conhecesse sobre aquele filho da puta. — Isaac olhou para Grier. — Desculpe minha boca.

Os olhos de Childe se estreitaram, mas a rotina de McSquinty não estava em infração ou desconfiança.

— Você quer dizer testemunhando?

— Se é o isso o que for preciso. Ou seu desligamento através dos canais alternativos. Se Matthias não estivesse mais no poder, todo mundo — leia-se: Grier — ficaria em segurança. Eu entregarei a mim mesmo para ele, mas eu quero tomar esta atitude em um momento mais distante. E eu penso que está na hora do mundo conseguir um retrato claro do que ele tem sido.

Childe olhou de um lado para outro, para ele e Grier.

— Qualquer coisa. Eu farei qualquer coisa para conseguir pegar este bastardo.

— Resposta correta, Childe. Resposta correta.

— E eu posso atacar, também...

— Não, você não pode. Está é a minha única exigência. Prepare as reuniões, diga-me quem irá, e então desapareça da confusão. A menos que você concorde, eu não vou fazer isto.

Ele deixou o querido e velho Papai levantar uma briga sobre aquilo e gastou o tempo olhando para Grier em sua visão periférica. Ela estava olhando fixamente para seu pai, e entretanto ficou quieta, Isaac estava disposto a achar que a grande geleira estava descongelando um pouco: Difícil não respeitar seu velho, porque ele estava mortalmente sério sobre despejar os segredos — se dessem a chance, ele estava preparado para derramar tudo que sabia também.

Infelizmente para ele, porém, a escolha não era sua. Se este plano fosse adiante, Grier não precisava perder a única família que restava.

— Desculpe. — Isaac disse, cortando a conversa fiada. — Este é o modo como vai ser... porque nós não sabemos como isto vai se passar e, eu preciso que você ainda esteja de pé no final. Eu quero que você deixe tão poucas impressões digitais quanto possível no negócio. Você já está mais envolvido do que eu me sinto confortável. Você dois.

Childe agitou sua cabeça e levantou uma mão.

— Agora, ouça-me...

— Eu sei que você é um advogado, mas agora é hora de parar de argumentar. Agora.

Isso fez o homem se deter, como se ele não estivesse acostumado a ser tratado naquele tipo de tom. Entretanto ele disse:

— Certo, se é nisso que você insiste.

— É. E é meu único não-negociável.

— Certo.

O sujeito andava de um lado para o outro. E de um lado para o outro. E... então parou bem em frente a Isaac.

Levantando uma mão para seu tórax, ele formou um círculo com seu dedo indicador e dedo polegar. Então ele falou, suas palavras cristalinas e tingidas com o grau adequado de ansiedade.

— Oh, Deus, o que é que eu estou pensando... eu não posso fazer isto. Isto não é certo. Eu sinto muito, Isaac... eu não posso fazer isto. Eu não posso ajudar você.

Apenas Grier abriu sua boca, Isaac a alcançou e a pegou pelo pulso apertando-a para fazê-la calar a boca: Seu pai agora apontava clandestinamente na direção do que deveria ser os degraus do porão.

— Você tem certeza? — Isaac perguntou a ele em um tom de advertência. — Eu preciso de você e eu penso que você está cometendo um enorme erro.

— Você é o único que está cometendo um engano, filho. E eu estaria chamando Matthias neste instante se você já não tivesse feito isto você mesmo. Eu não serei parte de qualquer conspiração contra ele... e eu me recuso ajudar você. — Childe soltou uma maldição. — Eu preciso de uma bebida.

Com isto, ele deu a volta e caminhou através do quarto.

Neste momento, Grier agarrou a frente do blusão de Isaac e o puxou até deixá-lo no mesmo nível que ela. Em um murmúrio quase silencioso, ela disse:

— Antes de qualquer um de vocês ao menos pensar em me encher com outra bateria dessa merda de informação classificada, você pode parar.

Isaac elevou suas sobrancelhas claras até quase o limite dos seus cabelos enquanto seu pai abria a porta para o porão.

Merda, ele pensou. Mas ela obviamente não iria mudar de ideia sobre isso. Além disso, talvez, se envolver nisso ajudaria ela e a seu pai a consertar as coisas.

— Damas primeiro. — Isaac sussurrou, indicando o caminho com um gesto elegante.

Capítulo 30

Heaven, South Lawn

Nigel concedeu uma audiência aos seus dois anjos guerreiros favoritos, não pela bondade de seu coração e não com expectativa, e apesar do fato de ele e Colin, Bertie e Byron estarem no meio de uma refeição. Não existiria um modo destas visitas irem embora, porém: Ele sabia por que Edward e Adrian estavam vindo e eles não iriam gostar do que ele tinha para dizer.

Deste modo ele sentia deveria lidar pessoalmente com eles.

E realmente, quando os dois anjos tomaram forma do outro lado da clareira, eles caminharam a passos largos através do arvoredo, como os vingadores que eles eram.

— Eu sinto muito, — Nigel murmurou para seus conselheiros — mas me deem licença um momento.

Ele dobrou seu guardanapo damasco e rosa, pensando que não existia nenhuma razão para arruinar a refeição dos outros e o que estava para acontecer verbalmente iria ser um assassinato gastronômico do tipo mais sangrento.

Colin também se levantou. Nigel teria preferido muito mais fazer isto sozinho, mas não haveria como dissuadir o anjo. Nada e nem ninguém conseguia mudar a mente de Colin sobre o que ter para seu pudim, muito menos em assuntos de importância.

Ele e Colin encontraram as suas visitas a meio do caminho entre onde o par entrou e onde a mesa estava fixada no meio das árvores de olmo.

— Ela o tem. — Edward disse à medida que os quatro se aproximavam. — Nós não sabemos como aconteceu...

Nigel cortou o anjo.

— Ele entregou-se de forma que o outro pudesse ter uma chance de vida.

— Ele não devia ter feito isto. Ele é muito valioso.

Nigel olhou na direção do Adrian e achou que o anjo, por sua vez, estava mudo. O que era um sinal mais certo de dificuldade que qualquer outro.

Nigel puxou suas abotoaduras, alisando as mangas de sua camisa de seda dentro de seu terno de linho.

— Ela não deve matá-lo. Ela não pode.

— Está certo disso isto?

— Existem poucas coisas nas quais você pode confiar sobre ela, mas as regras não eram dadas por ela a nós. Se ela matar Jim, ela perde não apenas a partida, mas o jogo na sua totalidade. Isso a manterá em cheque

A voz de Adrian elevou-se, fina e dura.

— Existem algumas coisas piores que a morte.

— Verdade, você está certo.

— Então, foda-se, faça algo. — O anjo era toda vibração, seu corpo como de fogos de Natal na iminência de ser feito em pedaços.

— Nós podíamos resgatá-lo, entretanto — Edward disse. — Isso não é contra as regras.

— Claro que você pode.

Longo silêncio.

Edward pigarreou e pareceu segurar a língua por contenção de cortesia.

— O retrato que ela mandou para nós sugere que ele está seguro dentro de seu mundo.

— Ele não está na Terra, isso é verdade.

— Então como nós podemos chegar a ele?

— Você não pode.

Enquanto Adrian amaldiçoou, Edward agarrou o braço do anjo, mas isso não fez o macho calar-se.

— Você disse que nós podíamos tira-lo de lá.

— Adrian, eu disse “talvez”. Dessa forma, as regras permitem você fazer isso. Eu não fiz, porém, um comentário à sua habilidade. Neste caso, você é incapaz de alcançá-lo sem sacrificar a vocês mesmos, assim, deixando-o sem apoio e nenhuma direção durante este tempo inicial e crucial...

— Seu merdinha.

Antes de Adrian poder fazer algo maluco, Edward transferiu a mão que o segurava para o tórax pesado do macho e o deteve.

Nigel ergueu uma sobrancelha aos dois.

— Eu não fiz as regras, e eu não tenho mais vontade de ser desqualificado do que o meu adversário.

— Tem... — Adrian sufocou as suas próprias palavras e teve que respirar fundo para terminar. — Tem alguma ideia do que ela está fazendo com ele? Neste instante. Enquanto nós estamos parados no seu maldito gramado e o jantar está esperando por você?

Nigel escolheu suas palavras com cuidado. A última coisa ele precisava era que a dupla agindo como se fossem vigilantes. Novamente. Eles já passaram por esse engano uma vez, não passaram?

— Eu sei justamente o que ela está trazendo para aquela mesa, por assim dizer. E eu também sei que Jim é muito forte... o que é o mais trágico de tudo. Porque ela deve recorrer a torturas que... — não existia nenhuma razão para continuar: Os olhos do Adrian traziam o olhar vidrado de alguém revivendo seu próprio pesadelo. — Eu diria a você, porém, que Devina não pode mantê-lo por muito tempo ou ela se arrisca a sofrer uma penalidade. As coisas estão evoluindo, e se ela impedir Jim de participar completamente do resultado, então não existe nenhuma competição justa.

— E o Jim? — Adrian exigiu, libertando-se do seu melhor amigo. — E o seu sofrimento? E ele?

Nigel olhou para Colin, que estava totalmente mudo. Então novamente, a expressão em seu magnífico rosto familiar, disse o suficiente: Sua fúria era tão profunda e grande, que oceanos empalideceriam em comparação. Ele sempre odiaria Devina e isto não iria ser de ajuda dali para frente.

Existiam suficiente cabeças quentes nisto, porém.

Nigel agitou sua cabeça com sincera decepção.

— Não há nada que eu possa fazer. Eu sinto muito. Minhas mãos estão atadas.

— Você sente muito. Você, maldito, sente muito. — Adrian cuspiu no chão. — Sim, olhe para você, seu bastardo frio. Você realmente parece despedaçado. Imbecil.

Com isto, o anjo se desmaterializou.

— Merda. — Edward murmurou.

— Uma palavra grosseira, mas precisa para isto. — Nigel olhou fixamente para o espaço que Adrian ocupava. — É cedo para ele já estar tão frágil e cansado de lutar. Isto não pressagia nada de bom.

— Você está de brincadeira, certo?

Ele olhou o anjo.

— Certamente você pode ver a loucura nele...

— Para sua informação, espertinho, há não menos que quatro dias atrás, Devina trabalhou o sujeito demasiadamente e bem. E você pensa que ele vai ter cabeça-fria agora que Jim está indo pelo mesmo caminho? Você está falando sério?

— Posso lhe lembrar que você me jurou que ele podia lidar com isto. — Nigel se achou debruçando para frente em confrontação. Afinal, ele poderia ser o capitão deste lado, mas isso não significava que ele estava acima de uma luta de punhos. — Você me disse que ele podia resistir à tensão. Você me prometeu e eu acreditei em você. E se você pensa que deve ficar mais fácil à medida que nós prosseguimos, então é tão louco quanto ele parece ser.

Edward levantou o seu braço e recuou como se ele fosse lançar um soco.

— Foda-se, Nigel...

Colin estava em cima do anjo em um piscar de olhos, atacando de direita, agarrando o macho, contendo ele de cara para baixo, na grama verde clara.

— Você não pode bater nele, companheiro. — Colin rosnou. — Eu sei que você está puto da vida, e você quer conseguir que Jim se classifique, mas eu não posso deixar você estalar o Nigel. Não vai acontecer.

Nigel olhou para a mesa de jantar. Conforme Bertie e Byron olharam para cima, ele viu que estavam ambos sentados, preocupados, seus corpos tensos, seus braços abaixados aos seus lados, seus olhos bem abertos. Tarquin sentou-se no chão e pôs o seu rosto longo debaixo da toalha de mesa assim ele não podia ver qualquer coisa.

A comida estava além de arruinada. E não só porque o show aqui era um desastre dramático para se assistir: Realmente, Nigel não ia conseguir colocar nada no estômago. Esta partida com Devina estava levando a direções tão ruins em tantos níveis...e ele estava paralisado pelas regras.

— Deixe-me. — Edward grunhiu.

Colin poderia ser mais magro que o outro anjo, mas ele tinha resistência e força além da medida.

— Você vai se portar bem, companheiro. Nada mais de punho ou você conseguirá outra marretada.

— Certo.

A única palavra não era uma capitulação de qualquer tipo, mas Colin o soltou de qualquer maneira provavelmente porque sabia que ele podia subjugar o macho novamente se isso fosse necessário.

Edward sacudiu a grama verde presa em seu casaco de couro como uma lanterna.

— Só porque Jim pode sobreviver a isto, não significa que seja justo.

Com isto, ele desapareceu no ar.

Com uma maldição maligna, Nigel observou o desaparecer da marca do corpo pesado de Edward, a grama surgindo, endireitando-se sozinha.

— Eles têm um ponto. — Colin disse rispidamente. — E aquela cadela não está jogando limpo.

— Jim foi voluntariamente para ela.

— Em uma situação que ela criou. Não é certo e você sabe disso.

— Você quer que nós corramos o risco de perder? —Ele olhou para acima. —Você quer perder por causa disto?

Colin sacudiu a grama das suas mãos.

— Inferno sangrento. Maldito inferno sangrento.

Nigel olhou de volta para baixo, para a marca de corpo desaparecendo em seu gramado.

— Exatamente o que eu sinto.

Capítulo 31

A adega não era um lugar que Grier ia com muita frequência. Em primeiro lugar, as garrafas

de vinte dólares de chard¹⁷², que ela despejava no copo à noite, dificilmente valiam a viagem para cima e para baixo nos degraus. Segundo, com sua porta tipo caixa forte, teto baixo e estantes que corriam ao redor das paredes, sempre a fazia sentir como se estivesse em uma prisão.

E você sabe... quando seu pai fechou os três no espaço apertado, o tamanho do Isaac pareceu encolher o lugar até o tamanho de uma caixa de Kleenex, e ela se sentiu como se não pudesse respirar. Havia uma mesa polida no centro do espaço e ela pegou uma de suas quatro cadeiras. Como Isaac se sentou em frente a ela, era difícil não lembrar como o havia conhecido na prisão: Tinha sido justamente assim, o dois virados um de cara para o outro.

Exceto que agora, apesar do fato de não estarem se enfrentando, ela não conseguia parar de sentir que eles estavam presos juntos... e que as malfadadas rolhas de todas as garrafas pareciam um pelotão de fuzilamento à beira de conseguirem o sinal para se soltarem.

Deus, quando ele foi trazido para se encontrar com ela na primeira vez, ela não tinha nenhuma ideia no que estava se metendo. Então alguma vez você sabe? Enquanto as pessoas estavam lidando com suas vidas diárias, havia escolhas desafiantes e eventos fortuitos que podiam, às vezes, acabar em um tipo de força centrífuga espiral que suga você e depois te lança em um lugar completamente diferente.

Ainda que você nunca tivesse deixado sua própria casa.

Seu pai estava sentado mais próximo da porta e juntou suas mãos enquanto colocava seus cotovelos na mesa.

—Nós estamos seguros aqui embaixo, — ele disse, movimentando a cabeça em direção a uma abertura de ventilação em cima, no baixo teto, que tinha duas bandeirinhas vermelhas tremendo com a brisa. — O sistema HVAC¹⁷³ desemboca a quarteirões longe daqui, então não existe preocupação de uma contaminação. Existe também um túnel e um transmissor de ondas de rádio que irá embaralhar nossas vozes se nós estivermos sendo gravados.

O túnel era uma novidade e Grier o procurou. Até onde ela podia dizer, todas as estantes eram pregadas e o chão era de pedra sólida, mas dado a outros pequenos truques na casa, ela não podia dizer que estava surpresa.

Isaac falou mais alto.

— Se eu tivesse que conversar com alguém, quem seria?

—Isso depende.

—Que tal Mamãe. — Quando Grier cortou a conversa, olhou fixamente para rosto do seu pai, procurando por tremores sutis ao redor de seus olhos e boca. —E sobre a morte dela. Foi realmente câncer?

Embora tivessem sido há sete anos, aqueles horríveis dias finais estavam ainda tão vívidos e ela peneirou por eles, procurando rachaduras nas paredes dos eventos, procurando por lugares onde as coisas que pareceram ser de uma maneira poderiam ser realmente de outra.

—Sim, — seu pai disse. —Sim... ela... Sim, foi câncer. Eu juro.

¹⁷² **Chard** — é a abreviatura para chardonnay, um tipo de vinho branco.

¹⁷³ **HVAC (Heating, Ventilation, Air Conditioning)** — é um sistema ventilação moderno que apresenta aquecimento, ventilação ou refrigeração.

Grier exalou e achou difícil imaginar que estava realmente aliviada por aquela doença terrível. Mas muito melhor que a Mãe Natureza acabou tendo sido a culpada. Muito melhor que essa tragédia não precisou ser reescrita. Uma era mais que suficiente.

Ela clareou sua garganta. Balançou a cabeça.

—Certo, então. Certo.

Uma mão morna cobriu e apertou a sua própria. Como as mãos do seu pai estavam ambas em cima da mesa, ela percebeu que era Isaac. Quando ela o examinou, ele quebrou a ligação, seu toque demorando só o suficiente, de forma que ela soubesse que ele estava com ela, mas não tanto para que ela se sentisse contida.

Deus, que contradição. Brutal. Sexual. Protetor.

Com um bofetão mental, ela se focou de novo em seu pai.

—Você estava a ponto de dizer algo?

Ele balançou a cabeça e se recompôs antes de olhar para trás para Isaac.

—Até que ponto você está disposto a ir?

—Não vou comentar sobre outros camaradas, — Isaac disse, — mas quando se tratar das minhas atribuições, eu irei até o fim. As coisas que eu fiz para Matthias. O que sei sobre ele e seu segundo em comando. Onde eles me enviaram. A dificuldade é que, é um trabalho feito de retalhos existe muito e eu só sei parte.

—Deixe-me mostrar algo a você.

Seu pai levantou da mesa, e antes dela poder ver o que ele fez, uma seção de prateleiras avançou e girou para a esquerda, expondo um conjunto de segurança nas paredes de pedra. A porta robusta foi aberta por sua impressão palmar em um painel e lá dentro não era muito grande, um pouco mais que as dimensões de um bloco de notas e não superior do que quinze centímetros de altura.

Ele voltou para a mesa com uma pasta espessa cheia de papéis.

—Isto é tudo que eu posso reconstituir. Nomes. Datas. Pessoas. Lugares. Talvez isto vá ajudar sua memória. — Ele bateu na capa. —E descobrirei a quem recorrer. Não há nenhum modo de saber, com certeza, quem está envolvido no círculo interno do Matthias as conspirações do governo têm raízes espessas, mas também há tentáculos que não se pode ver. A Casa Branca não é uma opção, e é um assunto federal, então contatos do estado não nos ajudarão. Mas aqui está o que eu penso...

A voz do seu pai ficava mais forte com cada palavra, a força do propósito o transformava no pilar que ela sempre acreditou que ele fosse. E enquanto ele explicava seus planos, ela sentiu uma mudança no centro de seu coração. *Embora fosse também muito por causa de algo que Isaac disse. Nós nunca sabemos no que estamos nos metendo até que seja muito tarde...*

Seu irmão tinha sido um amado drogado, um viciado de primeira ordem que, provavelmente, teria morrido por suas próprias mãos em certo ponto, embora isso não fosse uma justificativa para o que tinha sido feito dele, simplesmente era a realidade da situação. E ela ficou surpreendida, na época, com o quão chateado seu pai tinha estado pela perda. Ele e Daniel não tiveram nenhum contato por, pelo menos um ano, antes daquela noite terrível: Depois da mais

recente passagem por uma caríssima clínica de reabilitação, tinha caído no esquecimento, seu pai atingiu um muro como muitos pais e membros de família fizeram. Tinha dado tudo que podia para seu filho, passando por uma década de remendos de recuperação que deram uma esperança traiçoeira, mas inevitavelmente seguidas por meses longos, escuros em que ninguém soube onde o Daniel estava, ou até se ele estava vivo.

Seu pai tinha estado inconsolável pela morte, entretanto. Ao ponto de ter passado uma semana sentado em uma cadeira com nada além de uma garrafa de gim por companhia.

E agora ela sabia o porquê. Ele acreditou que era completamente responsável.

Enquanto o assistia falar, ela notou a idade em seu rosto... o enrugamento em torno dos cantos dos olhos e da boca, a ligeira inclinação do queixo. Ele ainda era um homem bonito e ainda assim não se casara de novo. Seria por causa da bagunça em que ele estava metido? Provavelmente.

Definitivamente. Aqueles sinais de envelhecimento nele não eram só pelo tempo que passava. Era tensão e aflição e...

Mudando seu foco para Isaac, seu olhar estreito e penetrante era intenso, suas íris pálidas positivamente brilhavam como que travando uma guerra contra a luz. Engraçado, ele não era nada parecido com seu pai em termos de bagagem, educação, exposição, experiência. E ainda assim eles eram idênticos em tantos modos.

Especialmente unidos numa missão comum de fazer o que era certo.

—Grier?

Agitando-se, ela observou seu pai. Ele estava segurando algo... um lenço? Mas por que?

Quando ela sentiu algo bater em seu antebraço, olhou para baixo. Uma lágrima prateada estava caindo e se acumulou, em um pequeno círculo em sua pele.

Outra caiu e atrapalhou todos os seus esforços, entretanto, mais algumas juntaram-se aquela que havia se acumulado.

Ela pegou o lenço e enxugou suas lágrimas.

—Eu sinto tanto— seu pai disse.

Ela enxugou seu rosto e abriu o linho, lembrando dele fazendo exatamente o mesmo lá em cima na cozinha.

—Você sabe— ela murmurou. —As desculpas não significam nada. — Ela colocou sua mão no arquivo que ele tinha colocado na mesa. —Isto... o que você dois estão fazendo... é tudo.

A única coisa que poderia ter feito tudo dar certo.

Para cortar a conversa, ela abriu a pasta...

Franziu a testa e se inclinou. A primeira página era uma impressão de quatro assaltantes. Todos os homens. Todos pareciam com versões étnicas diferentes de Isaac. Debaixo dos retratos, na caligrafia do seu pai, existiam nomes, datas de nascimento, números de seguro social, últimos avistamentos embora nem todos completos. E três deles tinham FALECIDO na parte inferior.

Ela virou para a próxima página e a próxima. Tudo a mesma coisa. Tantos rostos.

—Eu quero colocar Jim Heron nisto, — Isaac disse. —Quanto mais pessoas, melhor.

—Jim Heron? — Seu pai disse. —Você quer dizer Zacharias?

—Sim. Eu o vi mais cedo hoje à noite e a noite anterior. Pensei que ele tinha sido enviado

para me matar, mas ele mudou, ele quer me ajuda, pelo menos é o que ele diz.

—Você o viu?

—Ele estava com dois sujeitos. Eu não os reconheci, mas pareciam ser das Operações Especiais.

—Mas...

—Oh, meu Deus — Grier sussurrou, movendo-se para mais perto da folha. —É ele.

Quando ela apontou para um dos retratos, ouviu seu pai dizer, —Jim Heron está morto. Ele levou um tiro em Caldwell, Nova York. Quatro noites atrás.

—É ele. — ela repetiu, apontando para a fotografia.

A voz de Isaac soou confusa.

—Como você soube? Grier... como você soube?

Ela olhou em cima.

—Soube o que?

—Que este é Jim Heron?

Retirando seu dedo, ela viu o nome Zacharias embaixo do retrato.

—Bem, eu não sei quem ele é, mas este é o homem que apareceu no meu quarto ontem à noite. Como um anjo.

Capítulo 32

Isto não estava dando certo.

Profundamente no ânus do Inferno, onde as almas que ela capturava eram mantidas nas paredes como papel mata-moscas¹⁷⁴, e o ar quieto ecoava com os gemidos oleosos de seus servos, Devina estava sofrendo de um caso sério de frenesi pela matança.

Que foi o porquê dela ter mandado todos embora.

Hesitando, ela considerou o pedaço de carne que estava em sua mesa. À luz da vela, Jim Heron parecia um Jackson Pollock¹⁷⁵ com sangue e cera negra e outros líquidos, e ele estava tendo dificuldade de respirar por seu lábios inchados, rachados. Em seu estômago, existia um mapa de esculturas que ela fez com suas próprias garras, e suas coxas eram marcadas também com seu nome e seus símbolos.

Seu pênis tinha sido usado até que estivesse tão destroçado quanto o resto dele.

E ainda assim, ele não clamou ou implorou ou até abriu seus olhos. Nenhuma maldição, nenhuma lágrima. Nada.

Ela não estava certa se era para estar furiosa com ela mesma e seu asseclas por não ter trabalhado duro o suficiente... ou apaixonar-se pelo bastardo.

De qualquer modo, ela estava determinada a conseguir um pedaço dele. A pergunta era como.

¹⁷⁴ **Papel mata-moscas** - é aquele papel grudento que se coloca para pegar as moscas. A palavra foi usada para descrever o modo como as almas ficavam presas, como que grudadas dentro da parede.

¹⁷⁵ **Jackson Pollock** - foi um pintor cujas pinturas eram bem grotescas e ele gostava bastante da cor vermelha, e acredito que seja por causa desse tipo de características, que Devina comparou sua obra no corpo destroçado do Jim com a obra do Pollock.

Ela estava ciente que existiam dois modos de quebrar alguém. O primeiro era de fora para dentro: Você acabava com a pele, ossos e sexo até a dor, o esgotamento e vergonha físicos aniquilarem seu núcleo mental. O segundo era o inverso: Ache a fissura dentro e bata com um martelo proverbial até que tudo esteja desintegrado.

Para ela, normalmente a primeira era suficiente, dadas a todas as ferramentas, a sua disposição e também, era mais diversão e então era por onde ela sempre começava. O segundo era mais enganador, embora não menos satisfatório a seu próprio modo. Todas as pessoas tinham chaves para abrir suas portas interiores; ela apenas precisava procurar e achar aquela que conseguisse colocá-la dentro de um dado indivíduo, cabeça e coração.

No caso de... bem de Jim Heron, era claro que ele iria fazê-la trabalhar bastante para isto. E não competir com Adrian pelo título de Brinquedo Favorito.

O que escolher o que escolher...

Sua mãe. Sua mãe era uma boa, mas Devina poderia não ser capaz de fazer a coisa real, e ele poderia ser esperto suficiente para compreender que era tudo falso. Felizmente, existia outra solução que estava sob seu controle. Fora dos charcos de luz da vela, presas em suas paredes viscosas, as almas daqueles que ela capturou, se contorciam. As mãos, membros, pés e cabeças com aparências ondeantes que nunca quebravam o suficiente a superfície da suspensão, as torturadas sempre procuram por uma saída.

A satisfação de ver sua coleção a distraiu, mas também a fez ficar faminta: ela tinha que ter Jim entre seus troféus. Estava desesperada para tê-lo dentro dela. A princípio ele tinha sido meramente um caso do jogo; agora, depois desta sessão, era mais que isto.

Ela queria possuí-lo.

Retornando o foco para seu rosto, ela achou sua expressão tranquila quase impossível de compreender. Como um homem podia ter passado por tanto... e não existir nem uma distorção em sua face. E nenhum medo do que estava por vir, tampouco.

Ela consertaria isto, contudo.

E ela gostou de pensar que este poder veio daquela porção dele que era sua. Aqueles anjos de coração sangrando com sua moralidade e estrutura “sou-mais-santo-que-você”, eram uns fracos, tão fracos. Ao ponto que ela não queria perder o jogo contra Nigel não só, porque poderia comandar a Terra e os céus e tudo que estivesse entre o sol e lua... mas porque seria um pé no saco ser superada por aquele grupo de maricas.

Jim porém, era melhor que isto. Ele era mais parecido com ela em seu coração.

Que tragédia que ele teria que ser devolvido a Terra logo; mas o jogo, afinal, tinha que ser retomado. Antes dele ir, entretanto, ela estava determinada a causar uma impressão nele, dar a ele um gosto do que seu “Inferno Para Sempre” iria ser. Afinal, os cortes em sua pele eram relativamente superficiais. As marcas na mente, porém, seriam de longe, muito mais profundas.

E os imortais eram especialmente gratificantes porque, como o cérebro persistia, o mesmo fazia a memória e isso significava que ela podia deixar cicatrizes eternas em seu rastro. Olhando para suas paredes, que se estendiam por quilômetros e quilômetros, Devina pensou sobre sua terapeuta e o trabalho elas estavam fazendo juntas. Este era um domínio que estava além dos

limites de recuperação e esta situação com Jim era prova de como seu pequeno problema acumulativo vinha bem a calhar.

Você nunca sabe do que você tem necessidade.

Estendendo sua mão, ela puxou uma das formas mais esbeltas, movendo-a dentro e em torno das outras almas, chamando-a para ela. Quando estava no chão, ela convocou a alma e a disfarçou na forma corpórea que ela tinha usado na Terra.

Devina sorriu. Tanta utilidade em um pacote tão pequeno e esquecível.

Virando-se para sua mesa, ela disse:

— Jim? Eu tenho alguém aqui que você querera ver.



Enquanto Jim jazia deitado na mesa de Devina, ele duvidou isto. Muito sinceramente duvidou. Além disso, neste momento, a visão era provavelmente algo impossível.

Nada machucava mais, o que fazia a merda um tanto mais fácil. A mudança para aquele feliz entorpecimento, porém, era que sua consciência retrocedeu até um canto escuro de sua casa interna. Ainda não tinha tirado um cochilo, mas ele estava chegando lá: a audição tinha atingido o estágio de bolas de algodão onde tudo era amortizado, e as coisas estavam maravilhosamente frias dentro de sua pele.

Os sinais clássicos de choque o fizeram imaginar se ela tinha de fato a habilidade de matá-lo.

Ela não tinha liquidado Adrian, teria sido um capricho de afeto?

—Eu só deixarei você dois se familiarizando.

A satisfação de Devina não era boa notícia, considerando que ela fez tudo desumanamente possível para o quebrar pelos últimos... quanto tempo? Horas? Tinha que ser.

Passadas. Retrocedendo. Uma porta. Fechando.

Silêncio.

Algo estava com ele, entretanto. Ele podia sentir a presença à esquerda dele.

Por detrás de suas pálpebras fechadas, ele soube duas coisas com certeza: Devina não podia ter ido longe, e o que quer que fosse o que ela tinha trancado com ele estava por perto.

A respiração foi à primeira coisa que ele notou. Suave, difícil. O tipo que você tinha quando estava em modo de recuperação. Talvez fosse sua respiração?

Nop¹⁷⁶. O ritmo era diferente.

Ele girou sua cabeça cuidadosamente em direção à coisa babando, ele não conseguia engolir por causa do arame em volta do seu pescoço. O que quer que estivesse com ele exalava outra respiração. E então ele ouviu um sutil clique.

O que o diabo era isto?

A curiosidade venceu e ele abriu uma de suas pálpebras, ou tentou, por assim dizer. Levou duas tentativas até que ele conseguisse empurrar suas sobrancelhas até em cima em sua fronte

¹⁷⁶ Nop — é o mesmo que No (Não).

antes de estarem malditamente abertas.

A princípio, Jim não podia decifrar o que ele estava olhando. Mas o cabelo loiro não podia negar... aquele cabelo loiro longo que caía nos ombros frágeis.

A última vez ele a tinha visto tinha sido dias atrás. No banheiro de Devina.

Ela estava coberta com sangue.

A menina que tinha sido sacrificada para proteger o espelho de Devina estava vestida com uma capa manchada, os braços magros cobrindo seus seios, uma mão pequena protegendo entre suas coxas. Ela parecia estar milagrosamente sem marcas, mas o trauma estava lá: seus olhos estavam arregalados e horrorizados...

Exceto que eles não estavam olhando a sala. Eles estavam olhando para ele, para seu corpo e os restos pegajosos de tudo que tinha sido feito com ele.

—Não...— Sua voz soava condenadamente fraca, então ele forçou mais ar por aquele obstáculo de arame em sua garganta. —Não olhe para mim. Se vire... pelo amor de Deus, se vire.

Merda, ele precisava de mais oxigênio. Ele precisava fazê-la.

Os olhos dela encontraram os seus. O choque e terror em seu rosto disseram a ele mais do que ele precisava saber, não sobre o que tinha sido feito a ela por Devina, mas o que a visão dele estava fazendo com a pobre menina.

—Não olhe para mim!

Enquanto ela se encolhia e se afastava, ele controlou seu temperamento. Não que existisse muito que controlar, ele tinha usado toda a força naquele grito.

—Cubra seu rosto. — ele disse roucamente. —Se vire e cubra seu rosto.

A menina colocou mãos no alto e olhou ao redor, sua espinha delicada distinguia-se contra a capa à medida que ela tremia. Jim tinha puxado involuntariamente os arames durante a pequena sessão de exercício de Devina. Agora ele tentava arrancar.

—Você está machucando a si mesmo, — ela disse enquanto ele grunhia. —Por favor... pare.

A dor cortou sua capacidade de falar e demorou um tempo antes dele poder dizer qualquer coisa.

—Onde... onde ela mantém você? Aqui embaixo?

—Na...— Sua voz era muito, muito débil, e entre as palavras, seus dentes batiam o que explicava o clique que ele ouviu. —Na parede...

Seus olhos dispararam em direção à escuridão, mas a luz da vela formava um bloqueio luminoso que os olhos não conseguiam atravessar.

—Como ela faz isto?— Não com correntes, ele esperava.

E maldita, ele ia pegar Devina por isto.

—Eu não sei. — a menina disse. —Onde eu estou?

No inferno. Mas ele manteve aquilo para ele mesmo.

—Eu vou tirar você daqui.

—Meus pais...— Ela sufocou em lágrimas. —Eles não sabem onde eu estou.

—Eu direi a eles.

—Como — Quando ela olhou acima de seu ombro, seus olhos se travaram no corpo

degradado dele e ela empalideceu.

Ele agitou sua cabeça.

—Não olhe. Prometa que... não vai mais olhar para mim.

As mãos pálidas se voltaram para cima até aquele rosto bonito e ela movimentou a cabeça.

—Meu nome é Cecília. Sissy Barten com um “e”. Eu tenho dezenove anos. Quase vinte.

—Você mora em Caldwell?

—Sim. Estou morta?

—Eu quero que você faça algo para mim.

Então ela soltou seus braços e olhou fixamente para ele.

—Estou morta?

—Sim.

Ela fechou seus olhos com outra onda de tremores agitando seu corpo.

—Isto não é o Céu. Eu acredito em Céu. O que eu fiz errado?

Jim sentiu algo quente nos cantos de ambos os olhos.

—Nada. Você não fez nada errado. E eu vou levar você até lá.

Nem que fosse a última fodida coisa que ele iria fazer.

—Quem você é?

—Eu sou um soldado.

—Como no Iraque?

—Costumava ser. Agora eu luto contra aquela cadela, er... fêmea que fez isso com você.

—Eu pensei que estava ajudando... quando a senhora me pediu para levar uma bolsa para ela. Eu pensei que eu estava ajudando... — Ela inalou nitidamente como se estivesse tentando se recompor. —Você não pode sair daqui. Eu tentei.

—Eu vou salvar você.

Abruptamente, a voz dela ficou mais forte.

—Eles machucaram você.

Merda, ela estava olhando para ele novamente.

—Não se preocupe comigo, preocupe-se com você mesma.

Um som, como algo caindo ou talvez uma porta de metal fechando, ecoou lá em cima, surpreendendo-a e o enfocando. Indubitavelmente, Devina voltaria logo e colocaria Sissy de volta onde quer que ela tinha estado, assim ele tinha que agir rápido. Ele não sabia quando iria retornar ali ou como exatamente conseguiria livrar sua menina.

Sissy.

—Isto é ela?— Sissy perguntou firmemente enquanto as passadas soavam ao longe. —É ela, não é. Eu não quero voltar para a parede, por favor, não deixe ela...

—Sissy, me escute. Eu preciso que você se acalme. — Ela tinha que ter algo para manter o foco, algo para manter sua cabeça sã enquanto ele descobria como voltar para ela. Procurando em sua mente, ele tentou puxar uma imagem para fora de seu traseiro, algo para aliviá-la. —Eu preciso que você escute cuidadosamente.

—Eu não posso voltar para lá!

Maldição, o que ele podia dar a ela para se concentrar?

— Eu tenho um cachorro. — ele revelou.

Houve uma batida, como se ele a tivesse surpreendido.

— Você tem?

Enquanto os passos se aproximavam, ele quis amaldiçoar.

— Sim eu tenho.

— Eu gosto de cachorros — ela disse numa voz fraca, seus olhos presos nele.

— Ele é cinza e loiro e é felpudo. Seu pelo... — Os passos foram ficando cada vez mais altos e Jim falou mais rápido. — Seu pelo é um tanto quanto áspero, como sobancelhas de homem velho, e tem pequenas patas. Ele gosta de se sentar em meu colo. Ele manca se correr muito rápido e gosta de comer minhas meias.

Uma fungada e um puxão de respiração. Como se ela soubesse o que estava se aproximando, iria fazer seu melhor para se agarrar na linha que ele estava tentando dar a ela.

— Qual é seu nome?

— Cão. Eu o chamo Cão. Ele come pizza e sanduíche de peru e dorme em meu peito. — Mais rápido. Mais rápido com as palavras. — Você vai conhecê-lo, ok? Você vai levá-lo para fora e... Você sabe como você pode dobrar uma meia dentro da outra?

— Sim. — Urgente agora. Como ela quisesse tanto quanto ele pudesse dar a ela. — Uma bola de meia.

— As bolas de meia isso mesmo. — Rápido, rápido, rápido. — Você tem uma bola de meia e você vai lançar e ele vai devolver para você. O sol saiu Sissy. Você pode sentir em seu rosto.

— Quando você voltará? — Ela sussurrou.

— Logo que puder. — Ele estava conversando com um borrão agora, os passos estavam tão próximos agora que ele soube que eram de saltos altos afiados, como estiletes. — Se lembre de Cão. Você me ouviu? Quando você sentir como se estivesse perdida, lembre de meu cachorro.

— Não me deixe aqui.

— Eu virei te buscar.

O rosto de Sissy estava cheio de lágrimas enquanto ela tentava alcançá-lo.

— Não me deixe aqui!

Em um momento, ela se transformou na condição em que esteve quando ele a viu acima daquela banheira, aquela capa desaparecendo e deixando-a desnuda, seu corpo profanado, seu cabelo loiro confuso e emaranhado com sangue.

Abruptamente, seus olhos foram para o canto e seus lábios manchados tremeram.

— Não!

Ela colocou as mãos no alto como se para afastar os golpes, curvando-se.

E assim, ela se foi. E Devina, bonita, Devina do mal, caminhava à luz de velas.

Jim fodicamente se descontrolou.

Quebrou.

Quebrado como um filho da puta.

Enquanto ele gritava pelo assassinato sangrento, era tudo pela menina. A menina inocente

que tinha sido tirada de sua família por um demônio, e puxada em um buraco de merda, e encarcerada aqui... e forçada a ver o resultado da tortura de um homem.

A ira era uma explosão nuclear que saía de dentro dele.

Luzes brancas se despejavam adiante de suas órbitas oculares, explodindo no quarto, iluminando as paredes pretas brilhantes que corriam para cima infinitamente. A liberação consumiu sua forma física, o livrando das restrições de Devina, carregando em torno do espaço em uma rajada de moléculas soltas que estouraram as velas e derrubou suas bancas.

Fundindo, ele girou ao redor... e se atirou para Devina.

Agora ela estava se preparando para o impacto, seu cabelo castanho desnudou-se em volta de seu couro cabeludo sob a explosão dele, a pele em seu rosto batendo contra a estrutura óssea embaixo enquanto perdia o equilíbrio e caía sobre o chão de pedra.

Assim que ele a alcançou, Jim se transformou em uma lança e lançou ele mesmo direto para o tórax dela. Ele entrou em seu corpo e explodiu a cadela, suas partes voando, pedaços de sua pele e emaranhados de entranhas escorregadias e pedaços de carne vermelho-escuros se espalhando pelas paredes de seu calabouço.

O que sobrou foi um buraco negro de massa e energia igual a ele. E ele estava pronto para ela. Exceto, evidentemente, que ela não estava pronta para uma briga do mesmo nível: sua sombra disparou em fuga da sala através do corredor.

Foda.

Jim correu atrás dela.

E se chocou contra o equivalente metafísico de uma casa de tijolos.

O chocante impacto com barreira invisível o mandou para trás e ele ficou corpóreo uma vez mais enquanto deslizava o traseiro para o chão de pedra. Ele teve um breve momento de que - inferno, antes que seu corpo em “Fim de Jogo”, relampejasse e caísse em esgotamento absoluto.

Com a raiva gasta, não existia nada remanescente nele, e um cansaço mortal sangrou de seu coração e espalhou-se por ele como uma erva daninha germinando e prosperando. Não era mais capaz de erguer sua cabeça, deixou-se cair no chão de pedra só respirando, vagamente notando que o ar estava saturado com o odor de cobre e de matança fresca e um pouco de pavios de vela ainda fumegantes.

—Sissy. — ele disse na escuridão. —Eu estou aqui mesmo...

Ele não sabia se ela podia ouvi-lo e não houve nenhuma resposta. Só um tímido, som derretido... sem nenhuma dúvida eram as almas tentando ficar livres de sua prisão.

Ele odiou a ideia que sua menina estivesse presa lá.

Odiava que ela tivesse visto como ele estava. Com aquele pensamento, a dor se abateu sobre ele como se estivesse seguramente sendo apunhalado com uma alavanca. *Oh, Deus, pobre criança...*

Uma onda súbita de emoção caiu sobre ele: desnuda e quebrada e imunda, Jim se enrolou sobre seu lado e chorou soluçando, suas lágrimas quentes e salgadas escorrendo pela pele quebrada de seu rosto. Ele nunca se preocupou com qualquer dano em si próprio. Nunca. Mas suas falhas, seus fracassos eram insuportáveis. E agora existiam duas mulheres que ele não podia

salvar, sua amada mãe e Sissy.... Ambas às vezes, ele tinha chegado muito tarde; ambas às vezes o dano tinha sido feito antes dele chegar.

Com acuidade repugnante, ele viu sua mãe no chão da cozinha na casa de fazenda, abatida e Sissy acima da banheira.

Sissy também, tentando repelir o demônio.

Era demais para aguentar, o peso de seus fracassos era muito grande para resistir, muito menos continuar a lutar.

O som de seu nome abriu seus olhos e diminuiu a velocidade dos soluços.

Com enorme esforço, ele girou sua cabeça e olhou para cima.

Longe, longe, lá em cima, uma galáxia longe de onde ele estava deitado, um leve ponto se juntou e aumentou, começando primeiro como um minúsculo chamejo de um pisca-pisca em uma árvore do Natal... e então cresceu para um vinte e cinco-watts, então um sessenta watts, então um cem watts.

A iluminação se movia até ele com toda a velocidade e eficiência de uma pena caindo através do ar, de uma planta dente-de-leão sendo soprada pela de boca de uma criança, de uma erva daninha numa brisa gentil.

O desconectar entre seu desespero épico e o caminho delicado da luz demorou muito tempo para sua mente continuar. Fechando seus olhos, ele parou de assistir e se entregou aos tremores fortuitos de seu corpo maltratado.

—Jim.

Uma voz masculina falou. Acima dele.

Ele abriu suas pálpebras para ver que a luz tinha se transformado em um homem de cabelo escuro com magníficas asas douradas.

Colin.

O arcanjo. Número dois do Nigel.

—Eh, companheiro, — o sujeito disse enquanto se ajoelhava. —Eu vim para tirar você daqui.

De algum lugar, Deus sabe de onde, Jim conseguiu suficiente energia para falar.

—Leve ela. Deixe-me... a leve ao invés. Sissy. A menina...

—Não posso fazer isso. Eu não devia estar aqui agora. — O anjo se debruçou adiante e pegou a quebrada forma do Jim em seus braços. —Mas você vai precisar de um pouco de tempo para se recuperar e conseguir sentar, ainda mais para arrastar seu traseiro para fora daqui. E a guerra está prosseguindo sem você.

Nenhum argumento sobre seu nível de energia, mas Deus, ele preferia ter Sissy um milhão de milhas longe daqui.

—Deixe-me. — ele gemeu.

—Sem chance. Você quer Sissy livre? Você derrota Devina. Assim é como você vai tirar sua menina desse pesadelo.

Quando eles começaram a levitar, a cabeça de Jim caiu para o lado e ele assistiu enquanto subiam, cada vez mais para cima, eles iam, metros e metros de inferno, quilômetros de paredes negras. No caminho, Colin brilhou de uma forma que iluminou a inconstante, agitada superfície, e

rostos empurravam-se contra a barreira opaca, líquida, como se aqueles que estavam presos tentassem vê-los, chegar até eles, juntando-se a eles na fuga. De todas as direções, mãos alcançavam, contornando-se em formas grotescas enquanto a resistência da prisão provava ser muito forte para que ultrapassassem.

Onde estava sua menina? Sua bonita, inocente menina que...

O cérebro de Jim ficou sem combustível, o tecer de seus pensamentos desvaneceu, a consciência desistindo dos fantasmas e indo para o fundo deitar-se no berço cercado pelas paredes duras de seu crânio.

Quando ele desmaiou, sua última missiva mental foi uma oração que Sissy se lembrasse de Cão neste lugar infernal e esperasse até que Jim pudesse voltar.

Capítulo 33

Embaixo, na adega, com o retrato do Jim Heron que olhava fixamente de um dossiê, Isaac estava malditamente certo que ambos os Childes tinham perdido a cabeça.

—Ele não está morto.— Isaac olhou entre pai e filha. —Eu não estou certo do que vocês viram ou ouviram...

—Ele esteve no meu quarto.— Grier agitou sua cabeça. —Foi assim que eu soube que você estava tendo um pesadelo. Ele apontou o caminho de modo que eu pudesse ir encontrar contigo. Eu pensei que estava sonhando, mas por que eu teria visualizado o seu rosto tão claramente?

—Porque você o viu. Ontem à noite, na briga. Ele estava comigo.

—Não, ele não estava.

Certo. O sujeito esteve em pé bem na frente dela.

—Você disse que ele era um anjo.

—Bem, parecia como se ele tivesse asas.

Era teoricamente possível que Heron tivesse feito uma visita mas, com o alarme de segurança, você teria que presumir que se ele tivesse feito, meramente estaria do outro lado da porta francesa. Na sua desorientação ao acordar, sem dúvida, ela apenas pensou que ele estava do lado de dentro. E isso tinha sido só uma coincidência com o pesadelo do Isaac... quanto às asas? Jim Heron não tinha sido nenhum santo, muito menos um anjo. O que quer que ela tenha visto deve ter sido reflexos no vidro. Tinha que ter sido.

O pai do Grier falou mais alto.

—Eu estou dizendo a você, ele está morto. Eu mantenho marcadores de alerta na Internet nos nomes dos membros que eu conheço... e ele foi alvejado em Caldwell, Nova York, quatro dias atrás.

Isaac revirou os olhos.

—Não acredite em tudo que você lê. Eu falei com o sujeito no jardim de trás, aqui, ao anoitecer. Cara-a-cara. Confie em mim, ele está vivo, e nós precisamos dele.— Isaac levantou-se. —Seus amigos estão vigiando esta casa, neste momento, enquanto falamos, e pessoalmente, eu penso que Heron declarou guerra a Matthias — assim eu tenho a maldita certeza que podemos

conseguir que ele trabalhe conosco — assumindo que ainda não o mataram. Eu acredito que ele esteja MIA¹⁷⁷ no momento.

—Eu espero que ele apareça então, porque, quanto mais teremos para avançar, melhor.— Childe bateu nos dossiês. —Devia tentar revisar todos estes hoje à noite, preenchendo os espaços vazios, tentando reconstituir o que você sabe—ainda que não queira entregar os seus companheiros soldados, pode ajudar a sua própria memória. Eu irei lá cima, no banheiro e usarei meu telefone seguro para dar alguns telefonemas e conseguir obter as informações tão rápido quanto eu possa.

—Certo. Mas eu quero que se afaste das janelas e não deixe a casa.

—Eu serei cuidadoso.— Childe olhou a sua filha. —Eu prometo.

À medida que o pai de Grier desaparecia, degraus acima, Isaac verificou o Alerta de Vida. O transistor estava mostrando que o sinal tinha sido enviado, mas ainda não existia nenhuma resposta. O que significava que, ou ele estava muito fundo no subterrâneo na adega para recebê-la... ou Matthias estava levando seu próprio tempo para voltar a entrar em contato.

Ele olhou para Grier.

—Seria melhor eu ficar lá em cima durante algum tempo caso eles tentem entrar em contato comigo.

—O que você vai fazer? Se eles quiserem encontrar com você imediatamente?

—Até que eu me entregue, tenho que ficar à deriva. Mas seu pai precisa fazer uns milagres rápido.— E por favor, Senhor, deixe Jim Heron estar bem... e que apareça logo.

Ela deu um soco nos dossiês com a sua elegante mão.

—Ele é bom em milagres. É realmente sua especialidade. Você devia tê-lo visto em negociações.— Seus olhos desceram até o arquivo. —Eu vou ficar aqui. Quero ver quais destes homens eu reconheço. Existiam um bom número que vinham à porta quando eu estava crescendo e sempre me perguntei quem eles eram.

Como ela ficou em silêncio, ele deu um passo em frente. E então outro. Contornou a mesa, até estar ao lado dela.

Quando ela olhou para ele, ele cuidadosamente afastou uma mecha de cabelo do seu rosto.

—Eu não vou perguntar se você está bem, por que como poderia você estar?

—Você já sentiu... como se não conhecesse sua própria vida?

—Sim. E foi isso que fez com que eu mudasse.

Bem, esse tinha sido o primeiro passo. Ele estava começando a acreditar que ela era o segundo. E entre o pai dela e Jim Heron... três era o número mágico. Se Deus quisesse.

—Sabe?— Ela disse. —Eu estou realmente contente de ter encontrado você.

Isaac recuou.

—Como, em nome de Deus, pode dizer isso?

—Você era a chave para descobrir as mentiras.— Ela voltou a olhar fixamente para retrato de Jim Heron.—Eu sinto como se, sem você, nada nunca teria vindo à luz. Só algo se algo

¹⁷⁷ **MIA (Missing in Action) Desaparecido em Combate** – É uma categoria de baixa militar, para o pessoal das forças armadas, que tenham desaparecido durante uma ação militar. Podendo ter sido mortos, feridos, prisioneiros de guerra ou desertado.

devastador...

Quando ela deixou as palavras flutuando, ele recuou.

—Sim. Este sou eu.

Ela, distante, assentiu com a cabeça, virando a página e se perdendo nos rostos dos homens que eram exatamente como ele... homens que arruinaram a sua família.

Arruinando tudo.

Estariam ali os “operativos” que mataram seu irmão? Com notas?

De alguma maneira ele duvidou que seu pai a faria passar por isto.

—Eu posso trazer um pouco de vinho para você?— Ele perguntou antes de sair.

Grier sorriu um pouco.

—Eu estou cercada de vinho.

—Verdade.— Ele deveria ter oferecido café. Água. Cerveja. Uma troca de óleo. Qualquer coisa que ele pudesse fazer por ela ou dar a ela para aliviá-la.

Bem agora, na verdade, existia algo melhor que ele podia fazer. Ele podia deixá-la.

—Eu estarei lá em cima.— Quando chegou à porta, olhou novamente para ela. Ela estava enterrada nos dossiês, sobancelhas apertadas, braços em seu colo enquanto se debruçava sobre a mesa.

Sim, deixá-la iria melhorar muito as coisas.

Ele se virou e subiu os degraus para a cozinha, dois de cada vez. Parando na base da escadaria na parte de trás, ele escutou. Nenhum som. O que fazia sentido se seu pai tivesse se trancado num banheiro seguro.

Merda, ele não podia acreditar que iria jogar alguma luz em Matthias. Mas às vezes a morte natural era muito boa para alguns. Melhor do que eles apodrecerem atrás das grades ou iluminando o *Times Square*¹⁷⁸ numa cadeira elétrica.

Era quase como se ele tivesse que ter encontrado Grier e seu pai, precisamente nesta encruzilhada de sua vida, ambos pareciam ter sido predestinados para mostrar uma saída que era muito mais honrada que a que ele planejava.

Jim Heron iria ser importante também, contudo.

Segurando uma de suas armas de fogo, ele escapou pela porta de trás até o jardim.

Evitando a luz ativada pelo movimento, esperou nas sombras sem fazer qualquer barulho, e seguramente, um dos camaradas de Jim apareceu um momento mais tarde. No instante que ele viu o sujeito, era clara a vibração de preocupação: Estava com os lábios apertados e o olhar duro e fixo de um homem que ainda não sabia onde um membro de seu time estava.

—Jim ainda não apareceu?— Isaac perguntou. Embora a resposta fosse claramente um maldito não, dada àquela expressão.

—Eu espero que o possa vê-lo de manhã.

Isaac olhou em seu relógio.

¹⁷⁸ **Times Square** — É uma famosa avenida de Nova York, sendo um largo composto por vários cruzamentos e esquinas, localizada na junção da Broadway com a 7ª avenida entre as ruas 42 oeste e 47 oeste, na região central de Manhattan, É uma área comercial onde todos os prédios são obrigados a instalar letreiros luminosos de publicidade.

—Não sei se eu tenho tempo para isso.

—Arranje tempo.

Isso era fácil para ele dizer.

—Se ele aparecer me avise.

À medida que ele assentia com a cabeça, Isaac ficou malditamente preocupado.

—Ele está bem?— Quando o homem assentiu com a cabeça lentamente, Isaac amaldiçoou.

—Você vai me dizer o que está acontecendo? — Silêncio. —Sabe, PSI¹⁷⁹, as pessoas pensam que ele está morto.

—Tudo que eu posso dizer é... nesse momento, ele desejaria estar.



Adrian assistiu enquanto Eddie conversava com Rothe perto da porta de trás, e considerando que Ad era normalmente intrometido como o inferno, não se importou com o que eles estavam dizendo.

Nigel. Nigel chupador de pica.

Sr. “Mais-santo-que-todo-mundo”.

Que estava mais do que disposto a deixar seu melhor recurso ser usado e abusado pelo inimigo, só porque ele era cagão demais para erguer as mangas e esmagar Devina no chão. Enquanto isso Jim era equipamento de ginásio para um grupo de malditos pervertidos.

Homem, ele não entendia este: “fazer-nada”. Se um de seus rapazes fosse capturado e ele pudesse tirá-lo? Não importava o que tivesse que fazer, que sacrifício teria que fazer, onde tivesse de ir: Ele traria o desgraçado filho da puta de volta. E onde estava o chefe deles?

Jantando.

Fazia um sujeito ter vontade de enfiar a sobremesa de Nigel pelo seu traseiro.

Adrian esfregou seu rosto tão forte que ele quase lixou seu nariz fora. O problema era, o lugarzinho de Devina não era acessível para ele e Eddie, a menos que eles saltassem pelo espelho dela, caso contrário, ela tinha que levá-los lá... e os soltaria só quando ela estivesse pronta.

E não antes.

Foi por isso que eles foram até Nigel. Existia um rumor que os arcanjos podiam ir até ao Inferno sob certas circunstâncias, ninguém sabe exatamente o que aqueles dândis¹⁸⁰ tinham que fazer ou como funcionava. Resumindo, entretanto, era que aqueles quatro “bunda-moles” eram a sua única esperança...

Como se ele soubesse que seu nome estava sendo usado em vão, Colin apareceu do nada, o arcanjo de cabelo escuro, poof¹⁸¹ bem na frente do rosto de Adrian.

—Merda!— Ad silvou enquanto ele caiu para trás e ficou preso num arbusto que

¹⁷⁹ **PSI** – para sua informação

¹⁸⁰ **Dândi** – homem de bom gosto e fantástico senso estético.

¹⁸¹ **Poof** – no sentido do som que o anjo fez ao aparecer de repente.

prontamente se quebrou em dois debaixo do seu pesado corpo.

Ele aterrissou como um saco de areia, mas não ficou lá. Erguendo-se, ele era todo “que-merda-é-essa: Estes rapazes normalmente não apareciam de boa vontade na Terra.

—O que estas...

—Eu libertei-o.

Ad piscou, a idioma Inglês de repente tinha escapado dele. Espere um minuto. Ele acabou de ouvir...

—Jim? Você está falando de Jim?

—Está fora.

—Mas Nigel disse...

—Eu não vou discutir sobre isso. Eu tirei o escolhido para fora da toca da Devina e deixei o pobre coitado no seu hotel... ele precisa de cuidados.

Eddie veio depois.

—Você o tirou de lá? Mas eu pensei, Nigel...

—Eu tenho que ir.— Colin andou para trás e começou a desvanecer-se. —Vá ajudá-lo. Ele precisa.

—Obrigado,— Ad respirou, tanto aliviado quanto enjoado: A recuperação de uma das seções de Devina era uma cadela. Principalmente porque as memórias eram malditamente vivas.

Colin agitou sua cabeça à medida que desaparecia, sua voz era hesitante:

—Apenas não era justo.

—Eu estou indo para o hotel— Adrian disse, desfraldando suas asas para sair pelo ar. —Não deixe Isaac fora do teu...

Eddie agarrou forte seu braço.

—Deixe-me lidar com Jim.

—Não.

—Você não é capaz disso, Adrian.— O aperto do Eddie o segurou no chão, aquela grande mão apertando os ossos e músculos. —E você sabe disso.

—O inferno que não sou capaz.

Soltou-se, deu três pulos e bateu asas no ar, entrando na noite e movendo-se para oeste. O voo de volta para o hotel deles foi áspero e turbulento, mas não por causa do vento. Era mais como Eddie provavelmente tivesse razão, o SOB.

Quando Ad chegou ao Comfort Inn & Suites, ele queria apenas transportar-se até seus quartos através das paredes, mas decidiu não continuar com isso: Dado a que seu tico-e-teco não estarem funcionando direito, ele aterrissou sobre o gramado e entrou pelo hall de entrada. Teve o pressentimento que estava muito amalucado e enjoado para ter sucesso em atravessar madeira e concreto.

O problema era que, ele sabia exatamente em que estado Jim iria estar.

Enquanto ele entrava pelo Hall de entrada, uma mulher alegre atrás do balcão disse:

—Boa noite, senhor— mas ele acenou e apressou-se. Não teve que esperar pelo elevador; um casal com filhos estava se registrando e tinham um carro cheio de bagagem. Mas ainda que

fosse rápido, não seria capaz de esperar tanto tempo quanto as portas demorariam a abrir-se para ele. Foi pelas escadas.

Degraus acima. Dois de cada vez. Às vezes três.

Quando ele chegou ao último andar, seu coração estava indo a mais de um quilômetro por minuto, e não só porque ele tinha se esforçado muito. Não tinha a chave para o quarto do Jim, então ele pegou a dele e deslizou-a dentro e depois para fora da fechadura.

Abriu seu caminho como uma explosão.

—Jim? Jim?

O brilho do banheiro iluminava a cama amarrotada que ele e Eddie tinham esgotado aquela menina na noite anterior, assim como as roupas que estavam dispersas pelo chão.

A ligação para o quarto de Jim estava meio aberta, o quarto tomado pela escuridão.

—Jim...?

Ele soube que o anjo estava lá. Ele podia cheirar a fumaça de vela e o sangue fresco e... as outras coisas.

A pressa para chegar a ele evaporou-se, à medida que a realidade da situação que ia encontrar se agarrou ao seu tórax e o sufocou. Mas ele não ia dar a volta e ir embora. Ele era um sacana de primeira ordem, sempre tinha sido. Ele não era, porém, um maricas para ir embora de situações difíceis.

Adrian caminhou para a entrada entre os dois quartos e inclinou-se.

—Jim.

A luz do banheiro atrás dele cortava um caminho em todo aquele negro, a iluminação parava no fundo da cama do anjo... como se fosse muito cortês para mostrar a sua condição.

Depois que Adrian passou o umbral da porta, levou um momento para seus olhos se ajustarem...

Em um silvar, ele jurou,

—Eu vou matar aquela cadela...

Jim estava deitado de lado, enrolado nele mesmo como se para conservar o calor do corpo, e ele estava tremendo dos pés à cabeça. Um cobertor tinha sido puxado sobre o seu corpo grande e danificado — sem dúvida pelo arcanjo — e Cão estava junto do seu rosto, enrolado em uma bola, indo a lugar nenhum.

À medida que Adrian chegava perto, ele ficou um pouco mais tranquilo, mas o animal não saiu do lugar, ficando nariz-com-nariz com Jim.

O anjo parecia estar respirando, seu tórax subindo e descendo, um suave ofego abria uma brecha na sua boca presa. Seu cabelo estava emaranhado e tinha sangue no rosto, as feições não pareciam mais com as suas, graças ao inchaço parecia-se com o gorducho Michelin¹⁸².

Adrian sentou-se devagar.

—Jim?

Nenhuma resposta, então ele tentou o nome algumas vezes por mais um tempo. Eventualmente, a pálpebra de Jim abriu.

¹⁸² *Michelin* – referência aos pneus Michelin devido à imagem de marca, um boneco gorducho com dobras.

—Ei,— Adrian sussurrou.

Ele só conseguiu resmungar e então os olhos fecharam e o corpo debaixo do cobertor estremeceu em um grande ataque.

Se isto fosse, minimamente parecido com o que Adrian passou, e dado o modo como o cara parecia, era certo que, se ele tivesse se visto, o que Jim realmente iria querer era um banho seguido de uma chuva. Mas era muito cedo para essa merda. Tempo para curar-se primeiro, estava demasiado quebrado e ferido para movê-lo, que era o fardo da dupla natureza de um anjo: Sendo ambos real e irreal significava que, pelo menos metade dele, podia ficar fodida mas bem, e a merda não melhorava imediatamente.

Adrian se levantou e examinou cuidadosamente o aquecedor que estava debaixo das janelas. Girando o sintonizador para —sauna,— ele tirou sua jaqueta de couro e fechou a ligação para o outro cômodo, permanecendo com Jim. Então ele deitou-se na cama, esticado em cima do cobertor fino, e colocou o seu tórax nas costas do anjo para aquecê-lo.

Enquanto estava deitado e ouvia o zumbido do aquecedor, ele sentiu a tremedeira no torso e membros do Jim. Parte era o processo curativo, que de alguma forma, era mais doloroso que os danos. E parte era o profundo congelamento do choque.

E parte eram, sem dúvida, as memórias.

Ele quis pôr um braço em torno do sujeito, mas seria muito desconfortável para Jim: Quando ele esteve nesta condição, ele estava nu, sem nem mesmo um lençol na sua pele arranhada.

Depois de algum tempo, o ondulante calor que saía do aquecedor os alcançou, ficando em torno e em cima deles. Jim obviamente sentiu o fluxo porque ele respirou profundamente e exalou em um suspiro irregular.

Deitado próximo do outro anjo, Adrian deveria ter imaginado que esse seria o modo em que Jim iria terminar, e ele tinha imaginado, até certo ponto. Ele sabia que Devina queria o sujeito... desde sua primeira missão, desde aquela primeira noite no clube em Caldwell. E ele tinha entregado Jim para ela de bandeja.

Com tudo exceto, a legenda “como e o onde”.

Difícil não se sentir responsável por isto.

Muiiiiiiiiiito difícil.

—Eu estou com você, Jim,— ele disse roucamente. —Eu estou justamente aqui para você, homem.

Capítulo 34

Descendo pela adega, Grier passou pelos dossiês um a um enquanto... esperava... e esperava... e esperava mais...

Finalmente.

—Porque não me disse,— ela perguntou sem olhar para trás.

Daniel levou algum tempo para responder mas não desapareceu: sempre que ele estava perto, ela conseguia sentir a mais leve brisa e enquanto a sentisse na sua nuca, ela sabia que ele ainda estava com ela.

—Eu pensei que iria odiá-lo. E então vocês não teriam mais ninguém.

—Então você sabia o que tinha acontecido.

Daniel deu a volta na mesa com uma mão na cintura e a outra no cabelo, enterrada nos caracóis louros que formavam um halo.

—Eu estava tão drogado quando tudo aconteceu... Que apenas achei engraçado, papai entrando com aqueles três caras de preto. Imaginei que era a sua versão de intervenção—tipo daquelas histórias em quadrinhos radicais. Mas enquanto eles espetavam a agulha no meu braço ele começou a gritar e foi aí que eu me dei conta... Que não era engraçado...

Os olhos de Daniel encontraram-se com os dela.

—Eu nunca o tinha visto assim antes. Para mim ele era sempre tão distante e sem emoções. Foi... A reação que eu estava esperando toda a minha vida, o amor visceral que eu persegui. Entende? Eu era como mamãe, não como você e ele. Eu queria mais que aquela fria desaprovação e eu acabei tendo, só que já era muito tarde...— Ele encolheu os ombros. —Pensando bem eu era demasiado carente e ele não sabia o que fazer com um filho que não foi talhado para fardas militares. Como água e óleo. Eu devia ter reagido de maneira diferente mas não o fiz.

—E ele também não.

—Não é culpa de ninguém, simplesmente... aconteceu.

Grier recostou-se na cadeira, pensando na maneira como aquela família estava organizada, ela e o pai de um lado, Daniel e a mãe do outro.

—Não foi culpa dele,—seu irmão disse num tom inflexível que ela nunca tinha ouvido dele antes. —A forma como eu terminei... Ele gritou, Grier... e então quando eu estava morrendo, e eu o ouvi dizendo sem parar uma e outra vez, Dannyboy O meu Dannyboy.

A voz de Daniel quebrou-se, ela estava compelida a levantar e ir até ele. E antes de perceber o que fazia ela abraçou...

A si mesma.

—Por favor não o odeie,— ele disse do canto mais distante, movendo-se tão rápido quanto um piscar de olhos.

—Por favor não fuja— replicou ela.

—Desculpe... Eu tenho de ir...

Ele desapareceu da frente dela como se ele já não fosse capaz de segurar as suas próprias emoções, então desapareceu na brisa fria que deixou para trás.

Ela ficou ali por algum tempo só a olhar para o vazio que ele tinha ocupado. Ela e o pai tinham sido dois da mesma espécie, no seu acordo intelectual eles isolaram se dos outros. A mãe e o irmão tinham sido consumidos pelos seus vícios enquanto ela e o pai estiveram sempre ligados com a lei, suas carreiras e paixões externas.

Ela sabia que, de alguma maneira... tinha sido impelida a salvar o irmão. O vício de Daniel e os seus esforços para o arrancar de lá tinham forjado o elo que a infância não tinha. Tinha sempre se culpado e por um momento esta noite ela tinha culpado o pai.

Neste momento... Estava zangada com aquele homem com o tapa-olho. Extremamente zangada. Se Daniel tivesse sobrevivido eles podiam ter-se entendido. Perdoado um ao outro pelo passado. E seguido em frente... Algo que aquela família só tinha em aparência. Apesar de tudo, o privilégio, o dinheiro e a linhagem, podiam encobrir uma multiplicidade de problemas e não garantiam uma proximidade maior do que só nos cartões de Natal, que na verdade, seria mais do que a pose uma vez por ano numa fotografia..

Abanando a cabeça ela voltou à sua cadeira e ficou a olhar para os dossiês.

Isaac ia bater o recorde da família dela, pensou ela. Sendo aquele que apanhou aquele bastado maníaco que matou seu irmão e arruinou seu pai.

Passando pelas fotografias, agora reconhecia cada homem porque passou pelas páginas vezes e vezes sem conta enquanto esperava que Daniel aparecesse. Havia 100 ou mais fotos, mas num total de quarenta homens, com fotos os representando ao longo dos anos. Entre todos havia cinco que ela reconhecia ou, pelo menos, pensava que já os tinha visto antes. Mas era difícil ter certeza e a certa altura todos acabam sendo parecidos. A foto de Isaac estava lá e ela voltou a ela, a foto era cândida, tirada num momento em que ele olhava diretamente para a câmara mas ela tinha a impressão que ele não sabia que estava sendo fotografado.

Duro. *Deus*, ele parecia tão duro. Como se estivesse preparado para matar.

A data de nascimento assinalada abaixo do seu nome dava-lhe a idade que ela sabia como sendo dele e abaixo tinha uma lista de países onde ele tinha estado. E havia uma linha onde ela vivia voltando após ler: *precisa ser fornecido imperativo moral*. Ela tinha lido essa frase debaixo de outros dois perfis.

—Como esta aguentando?

Grier saltou com o som da voz do Isaac e a cadeira roçou o chão. Agarrando seu peito ela disse:

— Cristo... como você faz isso?

Porque, considerando os fatos, ela preferia não ser apanhada olhando para a foto dele.

—Desculpe, pensei que talvez quisesse um café.— Ele aproximou-se e pousou uma xícara e então foi para a porta. —eu devia ter batido.

Ele parou na soleira da porta e se vestia agora com o moletom que usava, os seus ombros oh, tão largos debaixo do tecido cinza e considerando o que as últimas quarenta e oito horas tinham sido, ele parecia extraordinariamente forte e concentrado.

Os olhos dela foram até ao café. Tão atencioso. Muito atencioso mesmo.

—Obrigada... E desculpe eu não estou habituada a... — Um homem como ele.

—Eu vou anunciar a minha presença a partir de agora.

Ela pegou a xícara e bebeu um gole. Perfeito com a quantidade certa de açúcar tal como ela gostava. Ele a tinha observado, pensou. Deve ter visto, em alguma ocasião, ela colocar o açúcar no café e nem se apercebeu. E ele lembrou.

—Estava olhando para mim?— Quando ela o olhou ele fez sinal para os dossiês. —Para a minha foto?

—Ah... Sim.— Grier apontou a frase. —O que isto quer dizer exatamente?

Ele andou até lá e debruçou-se. Enquanto olhava para os detalhes embaixo de sua foto a tensão era palpável, todo o seu grande corpo estava tenso.

—Eles tinham de me dar uma razão.

—Antes de matar alguém.

Ele assentiu e começou a andar em volta, indo até as garrafas de vinho. Retirou uma, olhou o rótulo e devolveu-a ao lugar... e seguiu para outra.

—Que tipo de razões ele te davam?— Ela perguntou, consciente que essas razões seriam demasiada informação para ela.

Ele parou com uma garrafa de Bordeaux nas mãos.

—O tipo que fazia parecer correto.

—Como o quê?

Ele virou os olhos em direção a ela e houve um momento de pausa. Eles estavam tão sinistros e vazios.

—Diga-me,— Ela sussurrou.

Ele colocou a garrafa no lugar. E desceu alguns degraus da escada de madeira.

—Eu só matava homens. Nenhuma mulher. Havia alguns que matavam mulheres, mas eu não. E eu não vou te dar exemplos específicos, mas aqueles motivos absurdos de afiliação política simplesmente não eram suficientes para mim. Você um punhado de gente ou viola algumas mulheres ou explode com algumas, quer dizer, essas coisas... Uma história muito diferente. E eu precisava ver alguma prova com os meus próprios olhos, vídeo, fotografia... corpos que eram marcados.

—Já recusou alguma missão?

—Sim.

—Então nunca mataria o meu irmão.

—Nunca,— disse ele sem hesitar. —E eles sequer me pediram. Matthias sabia disso, eu era uma arma que funcionava sob determinadas circunstâncias, e ele me tirava do coldre em momentos apropriados. E sabe... percebi que tinha que deixar a *Ops* quando entendi que eu não era diferente das pessoas que eu matava. Eles todos sentiram que as atrocidades que cometiam eram, de alguma forma, justificáveis. Bem, eu também fazia isso. E isso nos fez ver a imagem um do outro como em um espelho realmente. Claro, podia ter argumentado o meu ponto de vista, mas isso não era o suficiente.

Grier expirou longamente. Ele era tudo que ela tinha acreditado, pensou ela.

—Como assim?— ele disse.

Num flash ela entendeu que tinha falado em voz alta.

—Eu sempre falei com o Daniel...— ela fez uma pausa, esperando ser forte o suficiente para ir por esse lado. —Eu dizia que nunca era demasiado tarde. Que todas as coisas ele tinha feito no passado não definiam o futuro. Eu acho que, perto do fim, ele tinha desistido dele próprio. Tinha

roubado o meu pai, a mim e aos seus amigos. Foi preso por assaltar uma casa, por roubar um carro e depois por tentativa de invadir uma loja de bebidas. Foi por isso que eu comecei a trabalhar *pro bono*. Eu entrei e saí de muitas prisões nos últimos cinco anos da vida dele. Pensei que se não podia ajudá-lo, pelo menos, ajudava algumas pessoas, entende? E eu ajudei... Ajudei algumas pessoas.

—Grier...

Ela afastou-o enquanto sua voz falhava. Já tinha gasto todas as suas lágrimas. Não ia mais chorar e não havia mais espaço para aquilo que não podia ser mudado.

—Quer ver isto agora?

Enquanto ela indicava os dossiês ele encolheu os ombros e foi até a porta e encostou-se na soleira.

—Eu realmente só vim verificar como você estava.

E naquele ar paralisado, os olhos semicerrados aqueceram-na de dentro para fora. Que grande contradição que ele era... entre o assassino treinado e o coração de bom escoteiro.

Ela olhou de relance para a fotografia.

—Parecia que estava no encalce de alguma coisa.

—Na verdade, eu estava para entrar num avião. E estava com a sensação que alguém estava me observando, mas não conseguia dizer de onde seria. Estava a espera na base aérea para ir para o exterior.— Ele limpou a garganta como se estivesse limpando a memória. —O seu pai se sentiu mal no andar de cima. Esteve cerca de duas horas ao telefone, segundo o que posso dizer.

—Já se passou tanto tempo?— Ela olhou para o relógio e enquanto olhava o pulso, tornou-se mais consciente de todos os recantos do corpo. Esticou os braços em cima da cabeça e a coluna estalou. —Como as coisas estão indo?

—Eu não sei. Antes dele se deitar me disse que, se conseguirmos aguentar até amanhã á noite, nós continuamos no negócio. Ele puxou múltiplos contatos da CIA, NSA e no gabinete presidencial e vamos encontrá-los aqui mesmo, então eu não tenho que ir a lugar nenhum. A única peça que falta é Jim Heron—ainda estamos a espera que ele volte—mas se tivermos que ir, vamos mesmo sem ele.

—Já teve... resposta? Você sabe, deles...

—Não.

Medo passou pelas costelas dela e atingiu o coração como uma carga de bateria.

—Pode esperar até amanhã à noite?

—Se tiver de ser, sim.

Ele parecia tão seguro e ela parecia precisar de acreditar nessa confiança: Seria uma tragédia desmedida se ele fosse traído e impedido de alcançar a liberdade que procurava.

Estranho, que alguém que ela tinha conhecido só a uns dias, de repente, tivesse se tornado tão importante para ela.

—Estou muito orgulhosa de você— Ela disse passando os dedos pela fotografia dele.

—Isso significa muito para mim— Pausou. —E agradeço por ter me mostrado a saída. Eu nunca teria sido capaz sem você.

—Sem o meu pai, você quer dizer,— ela acrescentou lentamente. —Ele é que tem os contatos.

—Não. Foi você.

Ela franziu a testa, pensando que era uma estranha maneira de colocar as coisas. —Eu queria que me respondesse uma coisa.

—Diga.

Seus olhos buscaram os dele.

—Quais são as suas chances? Realisticamente.

—De sair desta vivo?

—Sim.— Quando ele abanou a cabeça ela franziu a testa para ele. —Lembre-se, não quero aquele teatrinho de “proteja a mulher”.

—Cinquenta por cento.

Bem, aquilo não lhe tirou o nó da garganta.

—Hum assim tão mau?

—Quer alguma coisa para comer com o café? Não sou um chef, mas vi alguma comida na geladeira e eu sei fazer o micro-ondas funcionar.— Quando ela declinou com a cabeça, ele disse, —Você tem que comer.

—Eu preferia fazer sexo contigo,— ela disse bruscamente.

Isaac tossiu. Na verdade, tossia, como se alguém tivesse dado um soco no plexo solar.

—Desculpe isso foi muito brusco.— Ela deu de ombros. —Convenções sociais estão muito embaixo na minha lista de coisas a considerar neste momento. E tenho o pressentimento que não vou vê-lo mais depois de amanhã à noite, porque ou estará em custódia federal ou...— Ela respirou fundo. —Eu queria ter uma lembrança decente antes de que vocês se fosse. Não só com o meu cérebro. Mas também com a minha pele. Lá em cima foi tudo tão rápido e furioso... eu quero prestar atenção e lembrar.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

—Acho que você quer esquecer o máximo que puder.

—A você não... Eu não quero me esquecer de você.— O canto da sua boca subiu um bocadinho. —Embora eu ache que não poderia.

Quando ele ficou onde estava, ela empurrou sua cadeira para trás e levantou-se. Levou apenas três passos para atravessar a distância entre eles e enquanto ela ia até ele, ele endireitou-se; puxou o moletom para baixo como se estivesse se ajeitando.

Grier colocou-se quase na ponta do pé e tocou seu rosto, colocando as mãos na sombra da barba.

—Eu nunca vou esquecer de você.

Enquanto ele lambia os lábios como se estivesse desesperado exatamente pelo que ela queria, ela pegou sua mão e o levou mais para dentro da adega, fechando-os lá dentro juntos.

Ao contrário da primeira vez, quando ela estava ferida e procurando apenas mais uma tormenta, esta vez era acerca dele, deste homem e não de sua confusão interna.

Isto era por ele.

Ela inclinou-se para o beijar, ele pôs as grandes mãos nela e afastou-a gentilmente.

— Isto não ajudou lá em cima.

— Sim, ajudou. Você é que não acreditou em mim.

— Grier... — O nome dela era uma mistura de confusão e de desespero: porque soletrar cinco letras em vez das usuais três.

— Eu não quero mais falar — Ela murmurou olhando fixamente para a boca dele.

— Tem certeza?

Quando ela assentiu ele baixou e pressionou os lábios nos dela, afogando-a nele. Estava mais que pronto para ela, no entanto afastou-a.

Antes que ela pudesse protestar, ouviu o click da chave fechando a porta e aqueles braços quentes escorregaram para baixo da camiseta dela e agarraram-na pela caixa torácica, seguindo para as suas costas. Ela sentia a gentil suavidade, os pés dela levantaram do chão quando ele a levou para a mesa.

Pondo os dossiês de lado, Isaac colocou-a na mesa, as mãos moviam-se pelos seios enquanto ele se debruçava sobre ela e colavam as bocas. A calça de yoga estava fora das pernas momentos depois, mas ele não as atirou para o chão, colocou-as na cadeira onde ela tinha estado. Inteligente. Não sabia se ela teria que se vestir rapidamente.

Um puxo sutil e as nádegas dela estavam na beirada da mesa.. e ele interrompeu o beijo e baixou-se até aos tornozelos.

Se ela achava que os olhos dele queimavam antes, nada se comparava com como estavam neste momento. O gelado nunca foi tão quente.

Ela entendeu o que ele queria fazer e sentou-se.

— Mas eu quero que isto seja para os dois.

— Disse que queria recordar. — As mãos deslizaram até as coxas dela e apertaram. — Então deite e deixe-me fazer o meu papel.

Aquela língua dele fez outra aparição. E não a deixou seguir o plano.

— Ande, — ele murmurou com aquele sotaque do Sul. — deite e deixe-me tomar conta de você. Prometo que vou ser lento, muito lento.

As mãos dele foram até os joelhos dela e abriu as pernas... E ela deu-se toda a ele. Seguindo as instruções ao pé da letra, ela sentia a mesa dura debaixo das suas costas, o ar frio nas pernas e um calor louco no sangue.

Quando ele olhou para ela, parecia que ia consumi-la.

E ela estava pronta para se tornar a refeição dele.

Abaixando a cabeça ele foi direitinho onde ela precisava dele, colocou a boca no sexo dela através das calcinhas de seda que ela usava. Um fluxo de delicioso calor soprou e ela agarrou a calça e colocou-a na boca para evitar gritar.

Se a esta altura já era tão bom, ela com certeza ia ficar barulhenta: sim a porta da adega era grossa e supostamente o pai dela estava dormindo, mas ela não queria correr riscos...

Isaac grunhiu contra ela enquanto respirava através da seda e então passou a língua sobre a frágil tira que a cobria. Em resposta ela arqueou-se e as unhas arranharam a madeira abaixo dela,

e as mãos dele exploraram as coxas e os dentes dela cravaram no algodão. E então não havia mais nada que os separasse. Em um momento a boca dele estava na seda e no seguinte ela sentiu um puxão nas nádegas e ouviu o tecido rasgar-se.

Oh, Deus... a língua úmida passou pelo centro dela subindo lentamente, brincando com ela, lambida atrás de lambida.

E realmente ele foi lento.

Quando as grandes mãos agarraram-na pelas nádegas e segurando-a, ele demorou um doce tempo beijando-a e chupando-a, aquela língua era mágica, e apenas foi substituída pelos lábios quentes e sugadores. Num momento ele olhou para ela observando os seios balançando enquanto ela se contorcia embaixo da boca dele.

De repente ele necessitou tocar no que via, as mãos dele foram por baixo da camiseta dela e raspam no que o estava a cativar. Solto o fecho do sutiã e tocou os seios passando os polegares pelos mamilos.

O ar dela saía e entrava enquanto respirava de boca aberta e justo quando estava no limiar do orgasmo, Isaac lambeu os lábios.

—Goza para mim,— ele disse. —Eu quero sentir.

E voltou ao ataque mais uma vez, a língua penetrando, foi tudo o que foi preciso. A liberação atingiu-a deixando seu sexo e tomando todos os outros centímetros do corpo. Enquanto os rodopios de faíscas a consumiam, ela tornou-se consciente do grunhir dele que começou como se ele sentisse o prazer dela nele próprio.

E ele não parou aí. Remexendo, lambendo e chupando... Ele continuou abrindo-lhe as pernas ainda mais, segurando-a no lugar enquanto ele marcava sua memória e seguramente seu sexo. Ela nunca iria esquecer isto.

Um longo dedo ou talvez dois entraram dentro dela e a pressão e o estiramento a levou novamente ao limiar. Enquanto outro orgasmo queimava as mãos agarraram-no pelos ombros e as unhas cravaram-se na carne enquanto ela se contorcia nessa explosão de prazer que a inundava.

E ele mesmo assim não parou.

Estava quente, selvagem e implacável.

Era um amante que ela nunca iria esquecer, nunca.

Nem sequer ultrapassá-lo, ela temia.



Oh doce Jesus...

Isaac olhou através das pernas de Grier e quase alcançou o clímax só por olhar para ela. Ela era toda mulher, com os restos das calcinhas nas nádegas, a camiseta preta erguida até o pescoço, as conchas do sutiã caídas uma de cada lado. Os seios estavam tão tensos e as pontinhas estavam rosa. E o rosto dela corado e a barriga se movendo com o ritmo das contrações impiedosas.

E aquela calça na boca dela era uma das partes mais sexys.

E o sabor dela era o melhor de tudo.

Isaac podia ter ficado como estava por horas mas, cada momento que passava o risco de serem interrompidos era maior e ele queria terminar apropriadamente.

Subindo nela ele dobrou-lhe os joelhos até ao peito. O membro dele saltava na eminência de um orgasmo, apenas por olhar para ela aberta pronta para o engolir. Não tirou as calças, apenas as abaixou para soltar a ereção... que inchou ainda mais na eminência do que estava por fazer. Limpou as mãos na boca molhada, e passou a mão no eixo do membro deslizando nele mesmo antes de se debruçar e juntá-los.

Empurrando para dentro, ele observou enquanto eles se ligavam, vendo-a acomodá-lo, ouvindo-a gemer enquanto ele ia mais fundo e apunhalava-a, reclamando-a.

—Oh, f...— O cavalheiro nele engoliu o praguejar. O homem primitivo nele tinha que continuar a falar. —Olhe para você... Eu quero deixar alguma coisa... em você.

Os olhos dele fecharam-se para os dela assim que ele começou a se mexer e a entrar e a sair... e então ele voltava a olhar para onde estavam unidos, o brilho nele fazendo com que as suas bolas apertassem. Dedicou-se aos seios dela e sugou um mamilo e trabalhou nele com a língua... até que o ritmo fizesse com que fosse impossível manterem-se juntos. Ele realmente tinha querido ir devagar, mas a intenção não durou. Sexo tem um momento próprio e não faltava muito para que a mesa por baixo deles começasse a ranger com a força de suas investidas e ele teve de segurá-la para mantê-la onde ele a queria.

No momento que ela ficou rígida debaixo dele, Isaac endureceu também, cerrando a boca com força para evitar fazer barulho, as pálpebras fechavam-se mesmo quando ele queria ver o rosto dela enquanto ele a levava novamente ao clímax.

Com o corpo dele em cima dela a enchê-la... ele estava saciado como um homem no deserto que bebeu um gole de água.

E ele ainda não tinha acabado. Ela queria memórias? Certo e entendido.

Mantendo-os juntos, ele tirou-lhe as calças da boca, levantou-a e trouxe a boca dela à dele, beijando-a profundamente enquanto ele facilmente a levava da mesa. Colocando-a contra a porta suave, prendeu as pernas e começou a mover-se novamente. Com as mãos dela enredadas no cabelo dele, e com o calor explosivo e a energia urgente o beijo não podia durar— e não durou muito mais que um toque nos lábios. Ele endureceu ainda mais dentro dela, colapsando contra o orgasmo dela que chegava até ele.

Recompor-se era um luxo que ele não podia se permitir, porque ele era consciente do peso dele contra ela e o fato que ela estava presa entre ele e uma superfície dura e também porque o pai dela estava na casa e...

Para o inferno com tantos es...

Isaac baixou-a devagar até ela tocar com os pés no chão e deslizou para fora dela, não gostou do ar frio no seu membro. O sexo dela era muito melhor... muito melhor.

Enquanto a beijava, a maneira como os lábios dela se moviam dizia que, num mundo diferente, em circunstâncias diferentes.... Isto seria definitivamente um começo para eles— a despeito de tudo que havia para mantê-los separados, família, dinheiro e educação.

Mas essa não era a realidade deles, não era?

—Me deixe trazer alguma coisa para te limpar,— Disse suavemente enquanto puxava as calças para o lugar.

Depois de beijá-la outra vez, saiu pela porta e fechou-a lá dentro, ele parou e encostou a cabeça.

Ele tinha mentido.

As chances dele não eram nem de perto de cinquenta por cento: Matthias estava absolutamente, positivamente indo buscá-lo. A questão era apenas, o quanto ele podia falar nos ouvidos certos, antes que o antigo chefe saísse das sombras e o reclamasse. Uma coisa sempre foi verdade em relação a *Ops*: Matthias nunca desistia. Nunca. E mesmo que o mundo estivesse desabando a sua volta, ele ainda assim teria a sua vingança. De alguma forma, num dia qualquer.

Isso não ia parar Isaac de lançar a semente.

Seria muito melhor morrer tendo tentado fazer alguma coisa certa... e deixar sua mulher pensando menos mau dele.

Muito melhor.

Capítulo 35

O sol matutino despertou no céu nublado e seus raios se verteram em cima de Caldwell, Nova York, dois jovens garotos, com doze e nove anos, estavam correndo para a escola.

E nenhum deles estava impressionado com todo o "esplendor da primavera".

O que quer que isso fosse.

A mãe deles também não observava o esplendor primaveril... *blah*.

Joey Mason se preocupava era com a ginástica: nas segundas-feiras ele normalmente fazia ginástica, mas hoje eles iam ter uma assembleia especial. Assim, não importa o esplendor primaveril, fosse o que fosse, ele ainda estava a caminho de um dia de aula com nada mais a ansiar.

Seu irmão mais novo, Tony, por outro lado, gostava mais das assembleias do que de ginástica, então ele estava empolgado. Mas ele era um geek¹⁸³ que dormia com livros, então ele sabia sobre qualquer coisa.

O caminho de casa para a escola era de aproximadamente oito quadras e nada longo... só descer a rua St. Francis pela igreja e andar mais um pouco. Eles deveriam ficar no lado direito, porque havia um posto de gasolina à esquerda que tinha muito tráfego dentro e fora de sua

¹⁸³ **Geek** – Seria o típico aluno CDF, mas que gosta de computadores e jogos de vídeo game.

calçada. E eles deveriam parar em cada esquina antes de atravessar. O que Joey fazia normalmente, agarrando o colarinho de Tony para o impedir de ir direto ao encontro de um carro. Tony sempre caminhava com um livro aberto. Parecia que ele comia lendo e ia ao banheiro lendo e se vestia lendo.

Estúpido. Simplesmente estúpido, porque você perdia tanto se não estivesse dando uma boa olhada ao redor.

Como este carro legal mais adiante. As janelas eram escuras e o carro era todo preto e tinha um número de placa: 010. Só isso, nenhuma letra. Joey olhou para seu irmão mais novo, e com certeza Tony não o tinha percebido.

Perda dele.

A coisa parecia com um desses carros de polícia.

Quando se aproximaram do carro, ele prendeu o colarinho do irmão e o puxou bruscamente. Tony não questionou a parada, só virou outra página. Ele provavelmente pensou que estavam em um meio-fio.

Joey se inclinou um pouco e tentou ver o interior, o tempo todo se preparando para alguém em um uniforme sair e gritar com ele por ser intrometido. Quando nada viu e não aconteceu nada, ele colocou as mãos contra o vidro frio.

Saltou para trás.

—Eu acho que tem alguém aí

—Não tem— Disse Tony sem levantar a cabeça.

—Tem

—Não tem

—Tem. E como você sabe?

—Não tem.

Certo, Tony não sabia sobre o que ele estava falando e esta discussão poderia durar para sempre. E então ele e seu irmão menor estariam atrasados para assembleia e ele seria castigado. Novamente.

Mas...

Como seria leeeeeeeeeeeeeeeeeegal se eles achassem um corpo bem em frente à Casa Funerária McCready!

Tirando sua mochila, Joey pegou seu irmão e o levou para longe do carro.

—Isto é perigoso. Eu não quero que você se machuque.

Finalmente os olhos de Tony saíram do livro.

—Realmente há alguém dentro?

—Você fica aqui atrás.

Era o tipo de coisa que o pai dele teria dito e Joey se sentia como todo “grande-homem” sobre isso. Especialmente quando Tony acenou com a cabeça e segurou o livro dele junto ao tórax. Mas isto era como supostamente deveria ser. Joey ia ter logo treze anos e ele tomava conta dele quando não havia ninguém mais ao redor. E às vezes, até mesmo quando havia outros por perto.

Ele retomou a sua posição contra o vidro, tentando ver através do vidro escuro.

—É um pirata!

—Você esta mentindo.

—Não, eu não estou.

Um carro reduzindo a velocidade parou em frente a eles e uma senhora abriu a janela. Era a Sra. Alonzo. Ela perguntou: —O que vocês estão fazendo, meninos?

Como se tudo o que eles estivessem fazendo fosse normal.

Parte de Joey queria correr e deixar esta situação. Mas a outra parte quis se exhibir.

—Há um sujeito morto aqui.

Sentia-se muito importante, pois ela ficou toda branca e olhando nervosa. *Cara*, se ele soubesse que tudo isso iria acontecer, teria tido mais pressa em sair de casa. Isto era muito melhor do que ginástica.

Exceto, que em seguida, Tony teve que se enfiar no meio.

—É um pirata!

Abruptamente, a Sra. Alonzo não parecia mais um adulto tão assustado.

—Um pirata.

O irmão dele era um saco e Joey não estava a ponto de perder sua audiência. Piratas eram coisa de criança. Sujeito morto em um carro? Isso era de adulto e isso era o que ele queria ser.

—Veja você mesma— ele disse.

A Sra. Alonzo estacionou o Lexus em frente ao carro preto e saiu, o barulho dos saltos dos sapatos fazendo sons na estrada.

—Certo, é o suficiente, meninos. Entre e eu os levarei para escola. Você vão se atrasar. — Ela ofereceu o telefone dela a Joey. —Chame sua mãe e fale que eu os estou levando. Novamente.

Isto acontecia muito, a Sra. Alonzo era uma empresária cujo escritório não era longe da escola e quando eles estavam muito atrasados ela os levava. Mas esta manhã era diferente.

Ele cruzou os braços em cima do tórax.

—Você tem que olhar na janela.

—Joey.

—Por favor.— Outra coisa adulta: o “por-favor-e-agradeço-a-você”.

—Ok. Mas entrem em meu carro.

A Sra. Alonzo olhou por cima enquanto resmungava algo sobre ser um serviço de táxi. E Tony, que sempre seguia as regras, levou o livro dele e foi pro assento dianteiro do SUV. Exceto que ele ainda estava interessado no que estava acontecendo, porque ele não fechou a porta e o “Diário de uns Dias de Cachorro de Crianças Choronas” permaneceu contra seu tórax.

Joey ficou parado.

Normalmente, ele teria brigado por Tony estar no assento melhor: irmãos mais velhos iam na frente; bebês mais jovens entravam na parte de trás. Mas havia coisas mais importantes que isso agora mesmo, assim ele ficou onde estava na calçada, o telefone na mão dele.

Ele estava imaginando o que tinha visto.

A Sra. Alonzo saltou para trás tão longe que quase caiu na rua onde os carros passavam, uma minivan buzinou.

Ela correu até ele e arrebatou o telefone como também o braço dele.

—Entre no carro, Joey.

—O que é? É um sujeito morto?— *Jesus*, o que fosse não era um pirata. *Droga!*

A Sra. Alonzo pôs o telefone à orelha enquanto o arrastava ao Lexus.

—Sim, esta é uma emergência. Há um homem em um carro em frente à Casa Funerária McCready na St. Francis. Eu não sei se há algo errado com ele, mas ele está deitado sobre o volante e não parece estar se movendo... Eu tenho crianças pequenas comigo e não quero abrir a porta. Certo...

Crianças pequenas. *Deus*, ele odiou o crianças pequenas. Ele foi quem achou o sujeito, afinal de contas. Quantos adultos passaram por lá e foram trabalhar sem ver isto? Andando de bicicleta? Correndo?

Era o sujeito morto dele.

—Meu nome é Margarita Alonzo. Sim, eu ficarei aqui até que os paramédicos e a polícia cheguem.

Definitivamente. Esta era oficialmente a melhor manhã na história da vida dele, Joey pensou quando pulou para dentro do carro. Onde teve a melhor visão de tudo. Como a Sra. Alonzo entrou e fechou todas as portas, ele imaginou que eles três ficariam ali até o meio-dia ou uma hora. Talvez ganhassem um McLanche Feliz para o almoço.

Realmente esperava que a polícia não se apressasse.

O pesar de todos os pesares bateu nele quando ele ouviu a Sra. Alonzo dizer:

—Sarah? Eu estou com seus meninos e eles estão bem. Mas há um pequeno problema e eu preciso que você venha e os apanhe.

Joey pôs a cabeça dele debaixo do braço.

Sabendo a sorte dele, a mãe zuniria à cena e chegaria aqui antes que ele descobrisse o pirata morto no banco da frente daquele carro.

Arruinado. Tudo arruinado.

E eles iam chegar a tempo na escola para a assembleia, provavelmente.



Matthias dormiu sobre o volante do seu carro, sonhou com a noite em que Jim Heron tinha salvado a vida dele inúmeras vezes. Os eventos que levaram até a bomba e a caminhada longa e dolorosa de volta à saúde eram transmitidas e retransmitidas em um loop infinito em sua mente, como um disco arranhado em sua vitrola antiga.

Matthias atraía Jim Heron à cabana abandonada e empoeirada como testemunha, pois não havia mais ninguém na comunidade *Ops* cuja palavra tinha mais peso e credibilidade. A ideia tinha sido para o soldado deixar o corpo na areia e ir para casa para contar aos outros que houve um terrível acidente: Se alguém apresentasse um relatório como esse, a suposição seria que eles

tinham feito o abate. Não no caso de Jim, embora, ele fosse um atirador reto em um mundo cheio de curvas, e nunca tinha tido qualquer problema com o que ele fazia, certo ou errado.

Que era a prova de que havia um pouco de bondade em Matthias, depois de tudo, no final, ele não tinha despejado seu suicídio na cabeça de outro sujeito.

E sim, claro que ele poderia ter explodido a sua própria cabeça em um banheiro em algum lugar, mas embora ele fosse suicida, ele tinha seu orgulho. Aplicar-se uma injeção de chumbo era ser muito fraco do caralho - muito para tirar a merda fora de algumas paredes de pedra e lamentando como o lutador forte que ele sempre tinha sido.

Orgulho, no entanto, teve seu custo: em vez de deixá-lo na areia, *o bastardo* Heron o havia salvado e descobriu seu pequeno segredo. O dispositivo explosivo tinha sido o aviso. Como Matthias tinha jazido sangrando lá como um porco preso, Jim tinha achado sobras da bomba e os tinha reconhecido pelo que eles eram. Isto é, um deles.

O soldado tinha pego os fragmentos, tinha os posto no bolso e tinha tirado seu cinto. Então ele fez um torniquete na perna de Matthias, o apanhou e começou a puxar saco. Ele tinha sido regamente chateado, e sua rotina de salvador tinha sido claramente parte da punição - parte da penitência e tudo que consome. O bastardo tinha andado e andado e andado... algum tempo depois, Isaac Rothe tinha aparecido entre as dunas, com um Land Rover. Por esse ponto, a cabeça de Matthias tinha estado nada mais que um balão de ar quente enorme de agonia e ele estava tendo que se acostumar a trabalhar com um só olho. Heron tinha sentado à beira do leito e estabeleceu seus termos: Fora. Livre e claro. Ou ele pegou o que restou da bomba e toda a história para a única pessoa que poderia ter feito algo sobre isso.

Oi, Sr. presidente.

Ironia das ironias, se tivesse sido qualquer outro soldado, qualquer outro ser humano com um coração batendo e um dedo em gatilho, Matthias não teria se preocupado sobre a ameaça.

Mas novamente, Jim Heron – Bom Zacharias – Era um daqueles filhos da puta que o povo acreditava. Fragmentos de bomba poderiam ser fabricados; a credibilidade de um homem digno? Bonita maldição indiscutível.

E não havia nenhuma sobrevivência como chefe, se as pessoas pensassem que você não tinha coragem para o trabalho. Nesse ponto, Matthias sentiu como se não houvesse outra opção, e disse ao homem para ir adiante a sua maneira alegre.

Na sequência, a coisa suicida tinha voltado e ele tinha considerado seriamente.

Mas, em seguida, seu segundo em comando tinha aparecido na hora certa, certo como se o sujeito tivesse visto onde ele estava indo. Homem muito persuasivo, aquele. E como tinha se mostrado, Jim tinha salvado seu corpo, mais do que aquele segundo no comando tinha o devolvido de alguma maneira a vida.

Apesar de ter havido consequências para a renovação: quase imediatamente, Matthias tinha aberto os olhos - ou no caso dele um olho - Para o engano de deixar Heron ir: aquele soldado estava fora no mundo com muita informação e a exposição não era aceitável.

O segundo em comando tinha concordado e eles tinham estado a ponto de pôr as rodas em jogo para um —acidente— quando Jim tinha chamado procurando informação sobre uma Marie-

Terese Boudreau. Perfeito. Cronometrado. O plano tinha sido Jim levar o Isaac em troca da Intel que ele procurava e então assassinar Jim.

Exceto que alguém tinha chegado ao Heron primeiro.

Morto. Jim estava morto. Matthias tinha visto o corpo com os próprios olhos. E ainda... de alguma maneira ele sentia como se ele tivesse falado com o sujeito. Sim, ele tinha sonhado que tinha falado com Jim Heron.

Matthias acordou com a arma na mão, o cano da arma apontado a um sujeito branco num uniforme azul marinho com um pé-de-cabra na mão, forçou a fechadura e abriu a porta do carro.

O paramédico gelou e pôs as mãos para cima.

—Eu só quero ajudar, homem.

Provavelmente fosse verdade. Mas condenado fosse isto ao inferno, o parceiro do sujeito estava chamando, indubitavelmente, agora mesmo, a polícia e fazendo qualquer tipo de denúncia de um civil armado e isso não era bom no livro de Matthias.

Ele abaixou a arma.

—Eu sou um agente federal. — Ele pôs a mão no casaco e decidiu mostrar suas credenciais do FBI que eram legítimas até um ponto.

O paramédico inclinou-se e olhou para a fotografia e o nome no distintivo, muito real.

—Ah... Desculpe, senhor. Recebemos um telefonema...

—Esta tudo bem. Apenas três dias puxados diretamente da fronteira canadense e eu estou a caminho de Manhattan. Desci na Northway para procurar algum lugar para dormir por volta das quatro da manhã, mas não havia nada aberto e eu acabei dormindo aqui. Você sabe como é.

—Oh, entendo.

Tagarelando, tagarelando, tagarelando... *blah, blah, blah...*

Quando a polícia apareceu, eles checaram sua ID no sistema e o aparelho zunindo saiu. E a história dele sobre estar em uma missão confidencial e ter descansado por causa do esgotamento foi consumida como um jantar de Ação de Graças: Ele foi de criminoso para celebridade.

Bobos estúpidos.

Depois de despachá-los, ele afastou-se dirigindo e pegou o seu telefone. Havia uma série de mensagens de voz... e um alerta.

Bem, o que sabemos... parece que Isaac Rothe tinha se virado e o local do seu destino era a casa de sua adorável e talentosa advogada de defesa. Como caralho isso era perfeito: embora eles pudessem ter escolhido ir parar na cozinha de Grier Childe, se eles tivessem que fazer, Rothe estava indo fazer as coisas menos complicadas.

Matthias chamou o seu número dois, e enquanto o telefone tocava, pensou em quantas vezes teve essa conversa: Vá. Pegue o bastardo. Cuide do corpo.

Tinha feito isto tantas vezes.

Como aquela dor no lado esquerdo do tórax dele incendiava novamente, ele ignorou a sensação.

—Sim?— o número dois dele respondeu.

—Isaac Rothe está pronto para você.

Não houve nem mesmo uma pausa.

—No endereço de Beacon Hill?

—Sim. Vá lá agora e o pegue.

—Estou fora do estado.

—Bem, chegue no estado e pegue-o. Assim que possível.

—Entendido. Onde você o quer?

Pergunta boa. Isaac não era conhecido por grandes fugas; a reputação dele era de jejum, matanças limpas em circunstâncias extraordinárias. Mas você não conseguia trabalhos como ele se não fosse altamente diligente.

—O segure naquela casa para mim. — Matthias disse abruptamente.

Como ele considerava a situação, um instinto lhe falou que uma mudança na estratégia era apropriada. Afinal de contas, Grier Childe e o pai dela poderiam usar alguns truques e nada conseguia a atenção de um civil mais do que assistir alguém sendo assassinado. O bom e velho Albie era à prova disso.

Por alguma razão, a voz de Jim Heron estourou no cérebro de Matthias. Nenhuma palavra específica, só um tom que demorou, uma sepultura, um tom que fez Matthias sentir como se tivesse que parar tudo e... fazer o que exatamente?

—Alô?— o número dois dele exigiu, como se o sujeito tivesse dito algo que não tinha sido respondido ou durante algum tempo não houvesse nada mais que silêncio.

—Eu não quero que você o mate. — Matthias se ouviu dizer.

—Oh, eu sei. Você vai fazer isso. — Satisfação. Tal satisfação, como aquele era o plano o tempo todo.

Por nenhuma boa razão, o processador central de Matthias começou a reluzir e fumar, imagens que voavam dentro e fora da mente dele em uma confusão furiosa que o fez pensar em dados que rolavam por uma mesa de feltro. E então do caos, ele viu Alistair Childe que estava em um tapete imundo dois operativos de preto com o filho dele que havia injetado com heroína o suficiente para derrubar um elefante.

Danny... oh, Danny, meu menino... Como aquele sotaque irlandês musical, só que nesse caso, não, quando um pai estava gritando as palavras roucamente.

—Chefe. — o número dois disse. —Fale comigo. O que esta acontecendo?

Tão intenso, mas era um falso pragmatismo. O soldado estava preocupado de que as rodas estivessem caindo de novo da mesma maneira que há dois anos, ele ia ter que arrastar Matthias mais uma vez de suas botas lutando.

—Não o mate, — Matthias se ouviu repetindo. —Isso é uma ordem.

—Eu sei, você pode fazer isto. Ele é seu. Você tem que levá-lo.

Por um momento, Matthias sentiu algo inevitável, enquanto se atormentava...

—Não. — ele revelou, tremendo. —Não, eu não faço.

—Sim, você deve.

—Só siga a porra de ordem sem comentário ou eu acharei outra pessoa que faça.

Com uma maldição, desligou, mandou de volta um sinal a Isaac e então tentou achar algum chão interno sólido para estar de pé. Merda, de súbito, ele sentia como se tivesse duas vozes diferentes na cabeça que não só o puxavam em direções opostas, mas, nenhuma era a dele.

Felizmente, a transmissão de retorno de Rothe cortou sua luta.

—Matthias — veio aquela voz velha, familiar.

—Isaac. Como você está?

—Onde? Quando?

—Sempre assim, direto ao ponto. — Matthias empurrou seu joelho no fundo do volante mantendo o sedan na estrada enquanto massageava a dor no pescoço. —Eu estou enviando alguém para você. Assim você permaneça a postos.

—Inaceitável. Eu não posso ser pego aqui.

— Ditando condições? Eu não penso assim.

—Grier Childe não vai ser envolvida nisto. Vou entregar-me à meia-noite de amanhã em um lugar público.

—E agora você quer me falar quando? Fode-se você, Rothe. Se você quiser que ela fique fora disto, você fará o que eu disser. Ou você pensa que eu não posso passar daquele sistema de segurança de fantasia seu em qualquer noite de minha escolha?

Silêncio.

—Surpreso que eu saiba sobre a maldita coisa? Bem, há outros truques naquela casa, Isaac. Eu imagino quanto deles você sabe.

Veja, isto era bom. Aos poucos estava esvaziando alguma daquela penosa, nebulosa e velha merda e isto o fez lembrar da razão por trás da morte de Daniel Childe: botas de borracha batendo no bom e velho Albie.

Um tiro de adrenalina o acordou até mesmo mais adiante e ele desejou saber que tipo de planos poderiam ter chocado Isaac e o capitão aposentado, enquanto ele estava gelado ao lado da estrada.

Ele clareou a garganta.

—Sim, você fica calmo e no caso de ter qualquer ideia luminosa daquele pai dela, me deixe lembrá-lo. Se você fizer qualquer coisa para me expor ou a minha organização, eu farei coisas àquela mulher que mesmo que ela sobreviva fisicamente nunca se cure. E você sabe disto: Meu alcance se estende além da minha própria sepultura. — Mais silêncio. —Você se encontrou com o pai dela e não negue isto. E eu estou bem atento a que ele tenta descobrir informações da *Ops* durante a última década. Nenhuma ideia esperta, Isaac. Por ela. Ou eu o ignorarei e virei atrás dela. Eu o deixarei viver uma vida longa, enquanto sabe que você é a razão por ela estar arruinada e do avesso.

—Ela não faz parte disto!— Rothe assobiou. —Ela não tem nada a ver comigo ou com o pai dela!

—Talvez. Mas merdas acontecem. E eu a nomeei a você por uma razão e isso funcionou melhor do que eu pensei. Eu nunca esperei que os dois se envolvessem tão pessoalmente ou você pensou que eu não ouvi que você entrou ontem à noite naquele quarto de hóspedes?— Matthias

lutou contra a dor no tórax, enquanto sentia como se estivesse se afogando. —Não me faça feri-la, Isaac. Eu estou me cansando de tudo isso, verdadeiramente estou. Fique onde você está. Estou enviando alguém e você saberá quando ele chegar aí. E se você e o pai dela não estiverem aí quando ele chegar, eu vou te achar. Você segue as ordens e eu terei certeza de que ninguém mais saia ferido.

Matthias bateu no botão de fim e lançou o telefone sobre o assento de passageiros.

Estremecendo, ele lutou para manter o carro direito com a agonia atrás das costelas inchando a nádeas intratáveis. Debaixo da arremetida, pensou brevemente em ir novamente até o Aeroporto Internacional de Caldwell, mas decidiu se manter dirigindo porque precisava ter um momento e isso ia levar tempo. E privacidade.

Apertando o lado esquerdo do seu peito, ele respirou fundo e tentou tomar fôlego pela dor no tórax. Que realmente não ajudou muito... até o ponto onde ele se perguntava se era isso. O Maior. Assim como o que matou seu pai.

Olhando pela janela, percebeu que estava em frente a uma igreja.

Sem nenhuma razão aparente, desligou o motor, pegou sua bengala e saiu. Ele não tinha estado sequer, remotamente, em nada com Deus durante anos e estar mancando em direção a enorme porta dupla de seu templo parecia... errado de muitas formas. Especialmente tendo em conta tudo o que estava esperando por ele em Boston. Mas o número dois precisava de tempo para acertar as coisas e Matthias... precisava deste ataque de coração para, tanto ser levado a chutar o balde ou calar os fodidos pensamentos.

Lá dentro estava morno e cheirava a incenso e polimento de limão no chão. O lugar era enorme, com centenas e centenas de bancos que atravessam em três direções até onde o altar estava. Matthias não fez o caminho de volta.

Ele desmoronou sobre um banco de madeira, abaixo no corredor lateral.

Movendo sua bengala entre os joelhos, olhou para o crucifixo... e começou a chorar.

Capítulo 36

Depois de ter cortado a comunicação com Matthias, Isaac acionou o transmissor de alerta em seu blusão de moletom. O que ele queria fazer era colocá-lo no balcão de granito e esmagá-lo com seu punho. Então, talvez levasse os pedaços ao fogo.

Apoiando as mãos na pia da cozinha, ele inclinou os ombros e olhou para o quintal traseiro. Quase oito horas e o local estava quase totalmente escuro, porque as casas do bairro eram colocadas de uma forma muito próxima. Nenhum indício se os amigos de Jim ainda estavam lá. Nenhuma palavra de Jim.

Mas Isaac tinha outros problemas agora.

Merda. Considerando tudo, o fato de que Matthias estava consciente o suficiente para ser suspeito não era uma notícia brilhante. Mas o componente “prego-na-cabeça” com o que antes era esperançosamente apenas especulação, colocava Isaac em um aperto. Se ele sáísse agora,

corria o risco de Grier e seu pai serem mortos. Se ele ficasse... eles provavelmente iriam ser obrigados a vê-lo morrer.

Porra. Merda.

— Eles entraram em contato com você.

Ele olhou por cima do ombro. Grier estava recém-saída de seu banho, seu cabelo solto e secando naturalmente.

— Isaac. — O rosto dela ficou mais apertado. — Será que eles voltariam por você?

— Não, — ele disse. — Ainda não.

Para tornar a mentira completa, ele puxou o transmissor e deixou-o balançar, apostando no fato de que ela não iria notar que a luz estava desligada.

— Esta coisa está funcionando?

— Sim. — Ele o escondeu enquanto ela se aproximava. — Como está seu pai?

— No telefone novamente, no banheiro. — Ela olhou para o relógio. — Deus, eu pensei que a noite de ontem nunca teria fim.

— Eu só quero que o Jim apareça, — disse ele enquanto ela começava a fazer o café na pia.

— Você acha... que ele realmente está morto?

Até este ponto — talvez.

— Não.

Sentado em um dos bancos, ele a viu abrir uma lata do popular Hills Bros¹⁸⁴ e colocar o filtro na boca da máquina de café. Enquanto ela fazia a tarefa de rotina, a luz do sol em seu rosto o fez querer chorar, ela era tão bonita.

Em algum nível, ele não podia acreditar que tinha estado com ela, e não era digno nem de uma merda. Dãa, isso era evidente. Mas todo o sexo, forte, quente e pesado parecia um sonho. Ela estava toda limpa, cheirando a xampu em vez de seu suor, o cabelo liso, o rosto claro.

Ela tirava o fôlego dele. Para ele, ela era uma prova positiva de que a vida valia à pena, os sacrifícios que se exigiam das pessoas: Bastava olhar para ela e estar na mesma sala, ter as memórias que ele tinha dado, não somente a ela, mas a si mesmo...

A ideia de algo magoá-la, alguma vez, era simplesmente insuportável. E se ele fosse a causa disso? Viver uma longa vida sabendo que você é a razão pela qual ela se arruinou de dentro para fora. Não uma ameaça. Não de um cara como Matthias, que não estabelecia qualquer distinção em relação ao sexo feminino. E ele iria machucá-la de forma que faria aquela coisa especial que Isaac tinha compartilhado com ela na adega, fosse impossível para ela apreciar novamente.

Por mais que lhe doesse, ele tinha que ser realista: Quando ele se fosse, ela encontraria outro amante. Talvez aquele com quem casasse e tivesse filhos e envelhecesse ao lado. E não haveria nada disso para ela a menos que ele ficasse ao redor, esperando até que tudo terminasse... e orasse para que quando o homem de Matthias aparecesse, ele fosse capaz de matar o filho da puta e depois desaparecer rapidamente.

Afinal, ele era um maldito assassino. Era o que ele fazia para viver.

¹⁸⁴ **Hills Bros** — Famosa marca de café nos Estados Unidos.

Uma coisa era clara: não iria surgir mais Intel. De jeito nenhum. A vida de Grier valia à pena mais do que o respeito dela por ele e tudo o que foi posto em movimento por seu pai poderia ser desfeito rapidamente com um telefonema depois que a poeira assentasse, de forma que tudo que eles iriam saber, eram negócios normais até que Isaac partisse.

E quanto a seu pai para sempre? Ele ia se entregar para Matthias e ter sua prestação de contas, mas seria em seus termos. Grier aparecia sobre a algo com os dossiês, e Jim Heron ou um de seus meninos eram justamente o tipo de caras que iriam manter a narração gravada em primeira pessoa, de cada assassinato que Isaac tinha feito, trancada em um cofre seguro — providenciando a Grier e a seu pai morrerem de causas naturais.

Afinal, ele estava tinha a impressão de que as confissões à beira da morte eram admissíveis em um tribunal, por isso, enquanto Isaac afirmasse que Matthias ia matá-lo em breve, ele teria um monte de influência, não teria? ou pelo menos o suficiente para abrir um desgraçado de um inquérito.

Seu seguro de vida seria o testemunho dela e de seu pai.

Do outro lado, Grier apertou o botão, e enquanto a máquina começava a chiar, ela ficou onde estava olhando para o nada.

Compelido por algo que ele não questionou, Isaac se levantou e foi atrás dela, colocando o peito em suas costas. A respiração dela ficou presa quando sentiu o corpo dele e, embora ela se enrijecesse, não se afastou.

Ele estendeu a mão e tocou as ondas loiras que caíam sobre seus ombros, correndo os dedos sobre elas. Em seguida, ele empurrou-as lentamente para o lado, expondo a nuca.

Deus, ele tinha decidido, não tinha?

Ele tinha escolhido seu caminho.

— Posso te beijar, — disse ele roucamente. Porque parecia uma coisa cavalheiresca perguntar primeiro.

A cabeça dela caiu para o lado.

— Por favor!

Ele foi para o pescoço encantador, pressionando os lábios em sua pele. Isso não era suficiente, mas ele não confiava em si mesmo para ir mais longe ou até mesmo colocar as mãos na cintura; se ele fizesse, não a deixaria ir até ela estivesse debaixo dele e ele estivesse dentro dela de novo.

— Grier, — ele sussurrou com voz rouca.

— Sim.

— Eu preciso lhe dizer algo.

— O quê?

Às vezes, as emoções eram como uma locomotiva para as palavras: uma vez que se tem uma revelação rolando, não havia como desacelerar a coisa, sem freios suficientemente fortes para agarrar as trilhas de sua garganta.

— Eu te amo, — disse ele, com mais fôlego do que sílaba.

Ela ouviu isso, porém. *Meu Deus*, ela o ouviu, porque ela inalou em um assobio.

Grier girou tão rápido, que o cabelo dela formou um halo, e mesmo que seu coração batesse forte, ele não desviou o olhar.

Quando ela abriu a boca, ele colocou seu dedo sobre os lábios dela e balançou a cabeça.

— Eu só precisava que você soubesse. Só precisava dizer isso... uma vez. Eu percebo que não te conheço tanto ou suficientemente bem, e estou muito ciente de que não sou o homem para você... mas algumas coisas precisam ser ditas.

O que não exigia tempo era o terror dentro de sua pele.

Por mais que ele quisesse fazer a coisa certa, seu antigo patrão o tinha pelos cabelos curtos: Não havia sacrifício muito grande para garantir a segurança de Grier. Até mesmo a salvação do próprio Isaac. Mesmo a queda de Matthias.

Uma garganta pigarreando discretamente o fez olhar para cima. No vidro sobre a pia, viu o pai dela parado dentro da cozinha e por respeito à filha do homem, Isaac se afastou.

— Café, pai? — Grier disse uniformemente enquanto se inclinava para o lado e pegava duas canecas do armário.

— Sim, obrigado.

Isaac podia sentir os olhos do cara indo e voltando, mas ele com certeza não estava respondendo a qualquer destas questões.

E nem Grier, evidentemente.

— Estamos todos prontos? — ela perguntou.

Em vez de responder, o homem pigarreou novamente. Sem dúvida, porque ele estava engasgado com todos os fique-longe-dele e os não-toque-minha-filha.

Mas ele não precisa se preocupar. Era muito tarde então, mas primeiro... precisava tomar cuidado.

— Pai! Será que estamos todos prontos?

— Todo mundo vai chegar amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã?

— Esta é uma situação delicada. Desculpas têm que ser dadas, esses homens e mulheres não podem simplesmente sair do serviço sem uma boa razão, sem questionamentos feitos.

Isaac podia sentir Grier olhando para ele como se estivesse à procura de algum apoio na parte “inferno não”, mas como tudo estava certo, não concordou com ela. Amanhã de manhã estava perfeito.

Ele teria ido embora até lá.



Na Framingham Comfort Inn & Suites¹⁸⁵, Jim acordou em seu quarto mal iluminado e sentiu como se tivesse estado em um acidente de carro. Com um veículo grande. E ele não tivesse usado o seu cinto de segurança.

Estava na cama, na qual estava dormindo e enrolado ao seu lado, seu corpo preso, por ter esculpido em uma seção do colchão e se estabelecido como um cão à espera de morrer na mata. Mas ele era imortal agora... o que queria dizer que, aparentemente, não importava quanto dano foi feito, ele se curaria.

Sim, exceto que esse trabalho não era do tipo de “torcer-o-nariz-de-bruxa” de Samantha¹⁸⁶, onde tudo era limpo em uma coisa única. Ele se sentia muito humano com as dores, com a inspiração que fazia queimar suas costelas, com os saltos do seu coração que batia mesma maneira que um bêbado andava. Mas a pior parte não era física. Era em sua cabeça.

Ter deixado Sissy para trás no reino de Devina, o matava.

Abrindo os olhos, ele percebeu que era de manhã, por cima da cabeça felpuda de Cão, o alarme brilhava com números vermelhos. 07:52.

Ascensão e brilho, ele pensou, cautelosamente virando de costas. Do outro lado, Adrian estava apagado como uma luz, o anjo respirava profundamente, seus olhos agitados atrás de suas pálpebras fechadas.

Dado ao olhar ameaçador em seu rosto, ele claramente não estava tendo um bom tempo na terra dos sonhos.

Deus, que noite, pensou Jim. Depois que Colin o havia deixado, ele presumiu que seriam apenas ele e Cão. Mas então alguém tinha passado pela outra sala, e ele presumiu que fosse Eddie, a maldita merda de enfermeira de creche era claramente mais da sua alçada.

Mas não. Adrian tinha sido aquele a entrar... e ficar.

No momento, Jim não tinha forças para lidar com o que qualquer simpatia ia fazê-lo sentir, então ele cuidadosamente enrolou um cobertor em torno de si e calmamente colocou-se de pé em suas pernas que estavam tão fortes como um lápis. Foi mancando para o laptop, ele estava tonto, e mal chegou a cadeira em tempo, embora, porra, o assento da cadeira machucava muito.

Apesar do fato de que ele tinha de mijar como um cavalo de corrida, ligou o Dell e esperou impacientemente o navegador da Internet inicializar. Para passar o tempo, ele deu uma olhada nas marcas das amarras ao redor dos seus pulsos. Eram de um padrão de vermelho brilhante, linhas tortas brilhantes e cruas, e o lembrete tangível de onde ele tinha estado e do que tinha sido feito a ele, atormentava sua mente como uma viagem de campo para PTSD¹⁸⁷. Só que era um uma permissão que ele se recusava a assinar.

Arrastando-se em foco, ele começou a teclar, embora, porque seus dedos estavam dormentes, demorasse uma eternidade para chegar ao site do Caldwell Courier Journal e colocar uma busca por Cecilia Barten...

¹⁸⁵ **Framingham Comfort Inn & Suites** – Rede de Hotéis.

¹⁸⁶ Samantha da antiga série muito conhecida aqui no Brasil, *A Feiticeira* (*Bewitched*, estrelada por Elizabeth Montgomery). Para que Samantha fizesse alguma magia, simplesmente precisava torcer seu nariz.

¹⁸⁷ **PTSD (Post Traumatic Stress Disorder)** – Stress pós-traumático.

Até que veio um artigo de cerca de duas semanas atrás, e a foto de Sissy trouxe um brilho aos olhos dele. Ela estava sorrindo para a câmera enquanto estava no centro de um grupo de garotos da sua idade. Não havia como dizer quanto tempo tinha se passado entre, quando a foto foi tirada e quando ela tinha sido tomada por Devina, mas o fato de que ela não tinha ideia do que viria ao virar da esquina, fez seu duvidoso coração ficar ainda mais despedaçado com o trabalho.

Provavelmente era bom que ela não tivesse sabido.

E ele iria pegar Devina por isso.

O outro artigo era um que relatava que ela permanecia desaparecida uma semana depois e os dois artigos juntos o fizeram perceber porque sua primeira pesquisa ao banco de dados falhou. Ele apenas disse ao computador para procurar assassinatos ou mortes de garotas loiras. Não aqueles que eram MIA.

Estúpido engano do caralho.

E os detalhes eram como ela lhe havia dito: Ela era uma caloura no Union College, em Albany, e voltou para casa nas férias de primavera em Caldwell. A última vez que alguém a tinha visto foi quando saiu às nove horas para ir para a Hannaford¹⁸⁸ local para fazer compras.

Não existiam fotos de seus pais. Ele iria encontrá-los, entretanto.

— Você a viu? — Adrian disse em uma voz mais grave.

— Sim. — Jim olhou para a foto da sua garota, sorrindo com os amigos. Então ele piscou e viu o cabelo louro embaraçado com sangue. — Como faço para tirá-la da parede?

O outro anjo suspirou daquele jeito que se faz quando não havia uma boa notícia para dar. Em nenhum lugar. E você estava dolorido disso.

— Você não pode.

— Inaceitável. Tem que haver um jeito.

— Não que eu encontrasse. — Houve uma maldição e, em seguida, um ranger do colchão e uma variedade de estalos, como se Ad estivesse se alongando. — Eu já volto.

Enquanto passos pesados dirigiam-se para o outro quarto, Jim não reconheceu a saída do cara. Mas quando o focinho de Cão cutucou sua perna nua, ele olhou para baixo.

Os grandes olhos castanhos o encaravam de uma cara de pele como palha.

— Você sabe como tirá-la? Ela não pertence àquele lugar. Não deveria ter terminado lá.

Jim tomou o gemido como significando que o animal concordava e também precisava sair para utilizar as instalações.

— Dois segundos, — disse Jim, preparando-se para levantar. — Eu preciso de um banho.

Levantando o seu peso morto da cadeira, ele deixou cair o cobertor e entrou no banheiro de tamanho modesto. Fechando-se dentro, acendeu a luz, se deteve sobre a privada e perguntou-se se seu pênis ainda trabalhava em qualquer nível.

O fluxo rosa que ele mijou respondeu essa pergunta. E também sugeriu que seus rins haviam sido danificados.

¹⁸⁸ **Hannaford** – Rede de supermercados nos EUA.

Depois que ele terminou, grunhiu enquanto se inclinava para acertar a descarga e depois torceu para a esquerda para ligar o chuveiro. Sabão. Ele precisava de mais do que a barra de sabão semi-usado que estava lá...

Jim congelou quando se olhou no espelho.

Ruim. Muito ruim.

Muito pior do que ele pensava.

Sua boca estava roxa e inchada de toda a merda que tinha sido empurrada para ele, e seu peito e barriga era nada mais que carne crua. Quanto ao seu pênis... A porcaria estava pendurada em seus quadris como se tivesse perdido a vontade de viver. E ele não queria saber o que a parte traseira dele parecia.

Usado e abusado era o termo.

E seu único pensamento, o seu único... qualquer... foi que ele odiava que Sissy o tivesse visto assim.

Enquanto seu estômago se dobrava em torno de sua cintura pélvica, ele lembrou a expressão horrorizada no rosto dela enquanto olhava para ele. Essa pobre menina... Ele tinha sido treinado para essa merda. Tinha passado por isso antes, bem, não exatamente o que Devina tinha feito para ele, mas certamente foi trabalhado ao longo de algumas vezes com os punhos e facas. Mesmo uma bala ou duas. Mas Sissy...

Ele quase não conseguiu voltar à privada a tempo.

Enquanto seu corpo se apertava e nada mais que bile saía de sua boca, seus olhos lacrimejaram pelo esforço.

Porra, Sissy o tinha visto assim. Violado sexualmente, sangrando, espancado...

Mais vômitos.

Ele não sabia exatamente quando Adrian tinha entrado, pois no terceiro round de ter pulado a trilha do coelho, ocorreu-lhe que ele não sabia se poderia acontecer com ela o que aconteceu com ele. Afinal, ela foi capturada. Ela estava presa ali naquele inferno. E Devina tinha muitas coisas que eram como os homens gostam.

— Aqui, — disse Adrian, passando um pano frio.

Jim não poderia enxugar o rosto, porque doía muito, então ele deu uns tapinhas nele, sentindo a umidade fresca como um bálsamo contra o seu rosto em chamas e seus lábios ardentes.

Baixando a cabeça, ele percebeu que tinha deixado manchas de sangue fresco na telha cremosa das feridas que tinha reaberto nos joelhos.

Sim, imortal não significa embalsamado, com certeza.

Adrian sentou ao lado dele, com o rosto muito pálido enquanto ele olhava sobre o assento sanitário.

— Você quer que eu te coloque no chuveiro? Isso é o que me ajuda quando ela...

Quando seus olhos se encontravam, era de sobrevivente para sobrevivente.

— Ah, merda... — enquanto Jim falava, sua voz era áspera e sua garganta parecia que tinha sido atingida com uma cobra de encanador¹⁸⁹. — Ela me viu assim. Sissy... viu isso.

Ele não podia acreditar que tinha dito isso, mas manter dentro de si era inútil.

Incapaz de manter contato visual, Jim fechou suas pálpebras e recuou o flanco contra a banheira. Enquanto a água caía como chuva no chuveiro atrás dele, e o chão duro batia em sua bunda, ele sussurrou:

— Ela me viu arruinado.

Foi a última coisa que ele disse antes de perder a consciência.

Capítulo 37

Você não teria pensado que uma casa de 1,8 mil metros quadrados, com três andares, quatro, se contarmos o porão onde a adega estava, poderia ser apertada como uma caixa de sapato.

Mas à medida que a manhã se arrastava e resplandecia o meio-dia, Grier sentia que ela não tinha ar suficiente... ou algum momento a sós com Isaac. Seu pai era um andarilho, uma presença de olhos de águia que parecia preencher todo o espaço, mesmo quando ele não estava nele. E Isaac estava tão mal, constantemente se movimentando, olhando pelas janelas, indo para cima e voltando da frente da casa para a cozinha.

Às duas horas, ela não aguentou mais e foi organizar o seu armário do quarto. O que era ridículo, porque ele já estava arrumado, embora tenha achado uma cura rápida para isso.

Depois de ficar em pé no meio do quarto e fazer uma mudança radical sobre as fileiras de roupas penduradas por categoria, tirou todas e cada blusa, saia, vestido, *tailleur*¹⁹⁰, e par de calças fora das prateleiras e colocou-as em uma pilha no chão. Aparentemente, ela estava reordenando as diversas seções. Na realidade, estava dando a si mesma uma bagunça para limpar para que ela pudesse desfrutar de um pouco de controle.

Gancho de gancho, item por item, ela começou a endireitar seu guarda-roupa.

DEUS... Isaac.

Se ela tinha ouvido direito, na cozinha, ao lado da cafeteira... ele disse que a amava.

Vamos... é claro que ela tinha ouvido direito. E os seus olhos incríveis tinham confirmado o que seus ouvidos se esforçavam para compreender.

Havia um monte de "mas", no entanto, que a advogada dentro dela queria colocar para fora. A coisa era, a mulher debaixo da advogada não se importava com nada disso: ela sentia algo igualmente forte.

Naturalmente, a lógica lhe disse para não confiar na emoção em qualquer dos seus casos, salientando que era tudo uma questão de circunstância, o drama, a tensão, o sexo, Deus, o sexo. Exceto que seu coração tinha uma teoria diferente. Ela sentiu a faísca entre eles no instante em

¹⁸⁹ **Cobra de encanador** – Mangueira para desentupir, usada pelos encanadores.

¹⁹⁰ **Tailleur** – Conjunto de paletó e saia ou paletó e calça.

que colocou os olhos sobre ele, e sua decisão de se oferecer para ajudar e fazer a coisa certa sobre seu chefe, corrupto e perigoso... bem, isso foi ainda melhor do que os orgasmos incríveis.

Isso fez seu respeito por ele aumentar.

Enquanto ela recuperava um de seus conjuntos pretos listrado, brevemente se entreteve em uma fantasia, onde eles acabavam juntos em alguma ilha segura, remota com nada mais do que ter o almoço e jantar a pesar sobre suas mentes. O devaneio da Ilha de Gilligan¹⁹¹ com toda aquela coisa tropical que “nunca-vai-acontecer” era uma diversão agradável, mas ela não estava enganando a si mesma. Isaac iria desaparecer. O governo iria levá-lo e escondê-lo até o que as audiências do Congresso e de processos judiciais fossem desenroladas. E se ele não acabasse na cadeia pelas atrocidades de guerra aqui nos Estados Unidos, ele poderia muito bem ser extraditado para algum inferno estrangeiro.

Razão pela qual ele tinha dito que o disse. Era o seu adeus.

— Uau!

Grier girou sobre os calcanhares, o conjunto na mão espalhando-se em um círculo ao redor de seu corpo antes de recuar, como se tivesse esquecido momentaneamente a sua reserva, apenas para recuperar a sua compostura.

E ela não sabia como sentir a maldita coisa.

Isaac se amaldiçoou.

— Desculpe, eu realmente preciso aprender a bater.

Grier aliviou um pouco.

— Eu também estou nervosa como o inferno.

Franzindo a testa, ele mediu a pilha no meio do tapete cremoso.

— Muitas roupas.

— Provavelmente muitas. Eu preciso dar um pouco para a caridade.

Ele avançou e pegou um de seus vestidos. Era longo e preto, como todos eles, porque ela não era uma garota de brilhos e cor.

— Aonde isso vai?

— Ah! — Havia apenas uma seção com a barra alta o suficiente para os longos. Então ela só podia apenas dependurar. — Lá. No canto, por favor.

Ele levou o vestido de noite longo e o colocou onde ele havia estado. Então ele voltou para o próximo, endireitando os ombros acolchoados em seu assento acolchoado de cetim. Antes que ele o colocasse no lugar, surpreendeu-a ao se dobrar para baixo para colocar o nariz no decote.

— Esse tem o cheiro de seu perfume, — ele murmurou, antes de colocá-lo sobre a haste de bronze.

Não é que bastava isso para enviar um arrepio por ela, de um bom jeito. Infelizmente, o formigamento foi substituído por tudo o que estava pairando sobre eles.

— Você já ouviu algo de... deles?

¹⁹¹ **Gilligan's Island** — É uma série de televisão americana de comédia. O programa contava as aventuras de sete náufragos em uma ilha tropical desconhecida e aparentemente inabitada, as dificuldades para sobreviverem e suas tentativas de voltarem à civilização. Hoje é reconhecido em seu país como um ícone da cultura popular americana.

— Não.

— O que você vai fazer se eles não vierem atrás de você?

— Eles virão.

Ele não disse mais nada, apenas pegou um vestido de tafetá com um corpete de veludo e uma faixa ampla de tartan¹⁹².

— Vestido de Natal?

— Sim.

— É bonito.

— Obrigada! Isaac? — Quando ele olhou para ela, ela disse, — Eu...

Ele a cortou.

— Que som é esse?

— Que som...

O tailleur caiu de suas mãos enquanto ela reconhecia o sutil sinal sonoro e se embaralhou para tirar o dispositivo do sistema de segurança do seu bolso. Com certeza, uma luz vermelha estava piscando.

— Alguém está na casa.

Ela cortou o barulho e correu para o telefone ao lado da cama, mas ele segurou seu braço.

— Não. Nenhum policial. Nós temos o suficiente de vidas inocentes já apanhadas nisto.

Sua arma apareceu e mostrou um cano de quase tão longo quanto o punho dela. Enquanto ele colocava o silenciador na ponta da boca da arma, olhava ao redor e então espreitou até o espaço estreito gradeado onde a mecânica do sistema de segurança ficava.

Mantendo a arma na mão, ele bateu a grade de metal.

— Entre aí. E não saia até que eu...

— Eu posso ajudar...

A expressão no rosto dele a fez dar um passo atrás: Seu olhar era frio e totalmente estranho como se estivesse olhando em vidro fosco... com nenhuma esperança de ver o que estava por trás dele.

— Entra aí, agora.

Os olhos dela se fixaram na arma e depois retornaram para sua face dura e implacável. Era difícil saber o que era mais assustador: a ideia de que alguém estava em sua casa, ou o estranho de pé na frente dela. E então ficou claro para ela...

— Oh, meu Deus, meu pai!

— Eu o pegarei. Mas eu não posso ser eficaz se eu estiver preocupado com você. — A arma apontada para o buraco negro que ele abriu. — Vá agora.

Colocando sua fé nele, Grier abaixou fora de vista, agachando-se e respirando o ar bolorento dos beirais enquanto Isaac recolocava a grade no local. Houve um giro, clique, giro, clique enquanto a coisa foi fechada na parede, e, em seguida, pelas frestas, ela o viu sair numa caminhada, quieto como uma sombra que passa.

Olhou o relógio. Prestando muita atenção.

¹⁹² **Tartan** – Tecido de lã xadrez, padrão quadriculado, muito usado pelos escoceses em suas roupas.

Terror espremia os limites apertados de seu esconderijo, ocupando mais espaço do que ela, destruindo a imagem de Isaac como um estranho, até que foi tudo o que ela podia ver.

Silêncio.

Mais silêncio.

Que foi prontamente preenchido por uma estridente paranoia na cabeça dela.

Oh, Deus... E se tudo isso fosse uma armadilha? E se Isaac tivesse sido enviado com o único propósito de persuadir seu pai para determinar o quão longe ele iria expor à agência?

Só que ela tinha sido quem sugeriu isso.

Ou será que ele apenas queria que ela acreditasse nisso?

Seu perfil tinha dito que ele precisava de moral imperativa, mas, a não ser que fosse uma mentira? E assim fez dele o perfeito agente infiltrado? E se isso fosse apenas um jogo para convencer seu pai a se oferecer com os processos... antes que eles o assassinassem?

E ainda Isaac a tinha colocado aqui para protegê-la.

Exceto que ela não o tinha reconhecido quando ele o fez...

Querido Deus, o Alerta de Vida, — a luz havia sido desligada, não tinha? Quando ele pendia na frente dela na cozinha esta manhã, a luz que ela tinha visto antes havia sido desligada. O que isso significava? E chegou a pensar nisso, o lapso de tempo lhe pareceu estranho, entre o momento em que ele aparentemente se entregou até agora.

Ela tinha que sair daqui. Conseguir ajuda.

Grier arrastou-se e se apertou por trás dos componentes empilhados do centro nervoso do sistema de segurança. A escadaria oculta que corria pelo meio da casa havia sido parte de sua construção original, e construída por causa da suspeita e desconfiança dos britânicos que tinham ainda em 1810, cerca de trinta anos depois da Revolução.

Produzindo os truques da casa que tinham uso no presente.

O brilho do sistema de segurança iluminava o suficiente para ela encontrar a lanterna coberta de poeira que estava pendurada num prego acima da escada secreta. Clicando na trave, ela desceu suavemente pelas escadas antigas, entalhadas à mão, deixando impressões para trás na poeira. Enquanto ela ia, teias de aranha agarravam-se a seu cabelo e os ombros foram raspados pela argamassa áspera entre os tijolos.

Quando chegou ao primeiro andar, fez uma pausa. Naturalmente, não conseguia ouvir nada por causa das fortes paredes grossas, mas o pai dela tinha acrescentado um tubo ventilação que parecia ser apenas outra parte do sistema de climatização. Na verdade, porém, servia como posto de vigilância discreta.

Grier subiu um degrau e se inclinou para o lado para colocar os olhos na linha, apoiando-se sobre um par de tijolos que ficava preso acima dos outros.

Enquanto apertava os olhos, sua visão penetrou as ripas e focou na sala da frente. Se ela arqueasse um pouco mais e esticasse o pescoço, poderia ver para baixo em direção à cozinha...

Grier abandonou a lanterna e apertou as mãos sobre a boca.

Para não gritar.

Capítulo 38

Depois que Isaac teve certeza de que Grier estava seguramente fora do caminho, ele fechou o quarto dela e prestou atenção. Quando a falta de passos subindo ou tiros não deram a ele nenhuma informação, ele continuou indo pelo corredor. Outra pausa. Ele devia usar os degraus de trás? Ou os da frente?

Os da frente. Mais provável que uma infiltração acontecesse pelo jardim de trás. Mais cobertura desse jeito.

Merda, ele esperava que fosse Jim Heron, mas ele não achava que o sujeito iria fracassar. O pai de Grier podia desarmar o sistema — ele já provou isto. Então ele, obviamente, não deixaria quem quer que seja do lado de dentro.

Nossa senhora, se fosse o garoto de Matthias, por que a chegada não tinha sido anunciada pelo Alerta de Vida? Então novamente, Isaac não os teria deixado do lado de dentro, e sem dúvida sabiam disto: Matthias podia ter exigido que Grier e seu pai esperassem, mas Isaac não queria ser morto na frente deles.

Ela nunca se recuperaria disto.

Por favor, Deus, ele pensou. Deixe-a ficar onde ela estava.

De costas contra a parede, ele desceu os degraus, empunhando sua arma. Os sons... onde estavam os sons? Não existia literalmente nenhum movimento na casa, e considerando que o pai de Grier tinha o compasso de um leão enjaulado, o silêncio não estava encorajando.

Assim que a parede e o corrimão terminaram, com seu pé livre quando ele parou, começou a balançar e saltou, deliberadamente aterrissando duro como uma pedra no tapete Oriental no corredor da frente.

Às vezes barulho era um bom diretivo, dando a seu oponente um objetivo para vir correndo.

E você sabe. O estrondo dos pés do Isaac batendo no chão, fez sua visita se mover: Lá embaixo, na cozinha, um homem vestido todo de preto apareceu em uma visão completa.

O Segundo de Matthias em comando.

E ele tinha o papai de Grier como um escudo humano.

— Quer negociar? — O sujeito severamente disse.

A arma de fogo na cabeça de Childe era uma temível semiautomática com um silenciador. Então não era uma surpresa. Era idêntica a que estava na palma da mão de Isaac.

Movendo-se lentamente, Isaac curvou-se para baixo e pôs sua arma no chão. Então, a chutou longe.

— Deixe-o ir. Venha e me leve.

Os olhos de Childe ficaram arregalados, mas ele segurou apertado. Que merda.

Isaac girou para a parede, colocou suas mãos ao alto no gesso, e espalhou seus tornozelos em uma pose clássica de apreensão. Olhando por sobre seu ombro, ele disse:

— Eu estou pronto para ir.

O segundo em comando rachou um sorriso.

— Olhe você, todo complacente e fodido. Trouxe lágrimas aos meus olhos.

Com um golpe, apagou o pai de Grier com a coronha da arma, o mais velho dos Childe, caiu para o chão como um saco de areia. Então era uma calmaria quando o segundo em comando virou em direção a Isaac, aquela arma de fogo treinada sobre ele e sem vacilar.

Como o estranho companheiro, de olhos pretos.

— Vamos fazer isto — Isaac disse.

— Onde está sua outra arma. Eu sei que você tem uma.

— Venha e a pegue.

— Você realmente quer me foder?

Isaac alcançou e ergueu sua outra arma.

— Onde você quer isto?

— Pergunta idiota. No chão e dê um pontapé.

Enquanto Isaac se curvava para baixo, o outro homem também se moveu. E não fez nada até que ambos ficaram eretos e Isaac percebeu que sua primeira arma de fogo, a com o silenciador, tinha sido levantada por uma mão com uma luva preta.

— Então sim — o segundo no comando falou devagar — Matthias apreciou a pequena conversa que você dois tiveram e ele quer que eu mantenha você em segurança até que ele chegue aqui. — O bastardo de olhos afiados preparou. — Mas aqui está a coisa, Isaac. Existem assuntos maiores em jogo e isto é uma situação que seu chefe não está no controle.

Qual era a “a coisa de seu chefe”, Isaac perguntou-se.

E então ele fez franziu a testa quando percebeu que o braço do sujeito, o que tinha estado quebrado só um dia e meio atrás, parecia estar completamente curado.

E aquele sorriso estava errado... existia algo errado sobre aquele sorriso, também.

— As coisas estão tomando um curso diferente — o segundo em comando disse. — Surpresa.

Com isto, ele colocou o bocal da arma de Isaac no próprio queixo e puxou o gatilho, explodindo sua cabeça.

Capítulo 39

Jim saiu do coma com a nuca pegando fogo. Ele não tinha ideia de há quanto tempo ele tinha saído do ar, mas Adrian claramente o tinha levado de volta para a cama: A suavidade debaixo de sua cabeça era definitivamente um travesseiro e não o azulejo frio, duro do chuveiro.

Enquanto ele se sentava na escuridão, ficou chocada: se sentia curiosamente forte, milagrosamente firme. Era como se o estado em que ele tinha estado por... bem, horas, assumindo que ele estava lendo direito o relógio... o tinha reiniciado por dentro e por fora.

O que era uma boa notícia.

A tensão no topo de sua coluna, no entanto, era algo, porém: Isaac.

Isaac estava em apuros.

Balançando as pernas para fora da cama e ficando em pé, não sentia tonturas, náuseas, não, nada de dor ou dores. Exceto pelo formigamento, na base do crânio, ele não estava apenas pronto para ir, mas estava desejoso de ir.

— Adrian, — ele gritou enquanto ia para sua sacola e puxava um par de jeans. *Onde diabos, estava Cão?*

Através do conector aberto, ele podia ver que as luzes estavam acesas no outro quarto, então o anjo tinha que estar lá.

— Adrian! — Ele comandou e puxou as calças, depois, agarrou uma camisa. — Nós temos que ir!

Ele pegou sua arma e um punhal de cristal junto com o casaco.

— Vamos, Ad...

Adrian entrou, mas derrapou no quarto com o Cão debaixo do braço.

— Eddie está em apuros.

Bem, se isso não fez a sua nuca se sentir muito melhor.

— O quê?

Adrian retirou a coleira do cão e deixou que ele pulasse mais para dizer Olá.

— Ele não atende ao telefone. Eu já liguei. E liguei novamente. E liguei uma terceira vez. Nada acontece.

— Droga.

Enquanto Ad se armava, Jim verificou o cão e colocou um pouco de comida na tigela e, em seguida, ele e seu braço direito, literalmente, desapareceram. Cara, ele nunca tinha sido tão grato pelo “pisca-e-você-vai-perder-tudo” em volta desses números batendo em suas costas: Apenas alguns minutos depois, eles estavam em Beacon Hill.

Ele e Adrian desembarcaram no jardim murado em uma chama brilhante, e eles se mantiveram escondidos de olhares indiscretos, pois eram apenas quatro da tarde. A casa parecia bem do lado de fora e o feitiço vermelho reluzente ainda estava no local, mas seu pescoço o estava matando. E aonde diabos foi Eddie...

— Merda, — ele cuspiu enquanto via as solas das botas de combate do anjo saindo de debaixo de um arbusto.

Jim bateu nos pés uma vez e se agachou. O cara estava mole como um pedaço de carne, e parecia que ele tinha enfrentado um trator num jogo de coragem e perdeu.

— Eddie?

O anjo enlameado abriu os olhos.

— Santo Inferno... o quê... Eu não sei o que aconteceu. Um minuto eu estava de pé. Depois...

— Você era um tapete de boas vindas.

Adrian estendeu a mão para ajudar seu melhor amigo a se levantar.

— Que diabos foi isso?

— Nenhum indício. — Eddie lentamente se pôs de pé. Então, ele olhou para Jim e se encolheu. — Jesus Cristo.

Jim franziu o cenho e olhou ao redor.

— O quê?

— Seu rosto...

Ok, talvez ele apenas se sentisse melhor. Esperançosamente a parte da aparência viria mais tarde.

— Você está dizendo que meus dias como modelo de calendário estão terminados?

— Não sabia que você estava preparado para isso. — Eddie balançou a cabeça. — Escute, Isaac quer falar com você. O mais rápido possível.

Jim olhou para Adrian.

— Você fica com o tapete de boas vindas.

— Como eu poderia estar em outro lugar?

Jim correu para a casa. A porta dos fundos estava aberta, o que era apenas um outro pedaço de notícia ruim e a merda só aumentou enquanto ele entrava na cozinha.

Deus, você nunca se acostuma com o cheiro de um fermento mortal à bala: Havia diferentes odores, intestino contra tórax, versus cérebro, mas a variedade era algo metálico entre o chumbo do tiro e o cobre do sangue fresco. O primeiro corpo que ele encontrou foi de um homem que ele conhecia: Capitão Alistair Childe. O pobre sujeito estava deitado no arco que dava para o corredor da frente, todo amassado em um monte no chão.

No entanto não era a origem do sangue. Não havia nada na roupa ou no azulejo, e Childe estava respirando regularmente, apesar da sesta nocauteante que ele estava tendo.

O corpo número dois estava a meio caminho até a porta da frente e era claramente a origem do cheiro... Sim, nossa, o sacana era um candidato para um caixão fechado se Jim alguma vez tivesse visto um: o seu rosto estava distorcido de dentro para fora, a bala tinha percorrido a carne e o osso do queixo e nariz antes de sair em uma “porta-aberta-para-um-show-de-Ethel Merman”¹⁹³ no topo de seu crânio. Indo pela tatuagem de cobra em volta do pescoço do rapaz, ele tinha que ser o segundo no comando de Matthias.

E Isaac estava em pé sobre o cara como um covarde cheio de merdas.

Rothe levantou os olhos e levantou as mãos sem armas.

— Ele fez isso a si mesmo. Porra ele fez isso... a si mesmo. Maldição... Como está o pai...

Jim se ajoelhou ao lado do capitão para uma verificação dupla. Sim, Childe tinha sido atingido na cabeça, provavelmente com a coronha de uma arma, mas ele já estava começando a gemer como se estivesse acordando.

— Vai dar tudo certo. — Jim levantou-se e dirigiu-se para Isaac e o outro cara.

Quando chegou mais perto, o cheiro piorou...

Ele foi vagorosamente e depois parou completamente. E esfregou os olhos.

Uma cintilante sombra cinza cobria o corpo do segundo no comando de Matthias, da cabeça aos pés, passando pelos braços e pernas e a cabeça estourada da mesma maneira que o feitiço de Jim mudou e cobriu a casa em que eles estavam. E o sangue estava errado, estava cinza, e não vermelho brilhante.

¹⁹³ *Ethel Merman* – Cantor, ator e apresentador de programas nos EUA.

Devina, Jim pensou. Ela estava no homem ou o tinha tomado antes.

— Ele só colocou a arma debaixo do queixo e puxou o gatilho. — Isaac afundou as pernas e acenou para a arma que estava na mão direita do cadáver. — Ele usou a minha arma para fazê-lo.

— Afaste-se do corpo, Isaac.

— Foda-se, eu tenho que limpar isso antes...

Jim não estava interessado em discutir e agarrou o rapaz, puxando-o para cima e para trás um par de metros.

— Você não sabe o que é isso.

— O inferno que não. Ele veio para me pegar.

Jim olhou para Isaac.

— Última vez que ouvi algo foi que estava lutando.

— Mudança de prioridades.

Droga, ficou sequestrado por 12 horas e o mundo vai à merda: Isaac se virou, um demônio morto em um hall de entrada de um civil, nada fazendo mais sentido.

— Eu não vou deixá-lo voltar, Isaac. Ou se sacrificar para manter alguém vivo. Porque quanto você quer apostar que era o que estava acontecendo aqui?

— Não é a sua escolha. E sem ofensa, mas eu ainda não consigo imaginar por que você liga uma merda.

O soldado pegou um dos transistores da *Ops*, que desta vez foi disfarçado como um alerta de Vida.

— Além disso, é discutível. Eu já fui ressuscitado.

Ver a luz piscando fez Jim querer gritar. Assim ele disse:

— Que porra você está fazendo? Matthias vai matá-lo...

— Então. — Uma voz refinada interrompeu. — Eu pensei que você ia adiante com informações sobre ele.

Jim olhou sobre seu ombro. Alistair Childe tinha ficado de pé e estava indo ao encontro deles, com a mão na parede, mostrando como precisava de ajuda no equilíbrio.

— Eu pensei que era o plano, Isaac. E, Jim, eu pensei que você tinha morrido definitivamente em Caldwell. Três ou quatro dias atrás.

Jim e Isaac saltaram como que para a linha total de trem e ignoraram a retórica. O que foi fácil de fazer, considerando o quanto precisavam descobrir.

O fato de o número dois de Matthias ter vindo e se matado com arma de Isaac era apenas a camada superficial. A verdade escondida era que Devina estava em toda esta situação. Mas para quê? Se Isaac era o alvo, por que diabos ela não tinha acabado de tomá-lo agora, enquanto Jim não estava por perto?

— Ele tinha um tiro certo para você? — Jim perguntou. — Em algum ponto?

— Você quer dizer matar? Claro que sim, eu estava contra a parede, braços abertos, com minhas armas no chão. Isso é o mais fácil que você consegue.

— Isso não faz sentido. — Olhou para o corpo. — Nenhum sentido.

— Temos de nos livrar do corpo, — diz Isaac. — Antes de eu ir, temos de...

— Eu não vou deixar você se entregar.

— Não é sua decisão.

— Maldição.

— Meus pensamentos exatamente. — Isaac franziu a testa, os olhos dele se estreitaram olhando em volta de Jim. — E o que diabos aconteceu com você na noite passada?

Por uma fração de segundo, Jim considerou fortemente bater a sua cabeça contra a parede, exceto que era redundante, dada a maneira como ele estava. O que diabos ele podia fazer para ter Isaac de fora dessa bagunça?

Não era como se ele pudesse ser claro e explicar o que realmente estava fazendo: Bem, veja, eu realmente não morri, e Matthias não é o problema. Estou tentando mantê-lo longe de um demônio que quer a sua alma. E eu não tenho a menor ideia como ela está jogando aqui.

Sim, isso seria uma falha completa.

Isaac não esperou por uma resposta para a pergunta sobre o rosto de Jim. Claramente, o cara tinha estado em uma briga com oitocentos seguranças ou alguma merda, e que não era assunto seu. O que tinha seu nome escrito por todo ele, era esse agente que tinha, de alguma forma, conseguido magicamente corrigir o seu próprio braço antes que ele se matasse.

A menos que fossem... gêmeos?

Merda... sim. Tinha que ser isso. E que grande ferramenta para Matthias foder com a mente das pessoas. Não é à toa que ele escolheu o FDP para ser o segundo em comando.

Enquanto Jim amaldiçoava novamente e começava a abrir caminho no corredor, Isaac se abaixou e rapidamente desabotoou a manga do segundo no comando. Nenhum vestígio de qualquer remendo no antebraço sob a forma de uma reparação cirúrgica, sem nenhuma evidência da pele ou de osso já haver sido quebrado.

Gêmeos. Tinha que ser.

Com um golpe rápido, ele rasgou a camisa preta, botões saltando e pulando sobre o chão. O colete à prova de balas que se revelou foi uma surpresa. Sim, ele era de edição-padrão, mas por que se preocupar com um, se você estava indo transformar o seu crânio em uma pinhata¹⁹⁴?

Sem certeza do que estava exatamente procurando, ele tirou as tiras de velcro do colete.

— Que merda... — Ele se inclinou para se certificar de que estava vendo direito.

Por todo o estômago do cara que havia profundas cicatrizes que formavam um padrão, e enquanto Jim tinha um vislumbre e começou num outro ciclo de maldição, Isaac continuou com rapidez um caminho para baixo. Telefone celular, que ele colocou de lado. Carteira com uma centena em dinheiro e sem identificação. Munição. Nada nas botas, exceto meias e solas.

Passando por cima do corpo, ele foi para a cozinha para pegar uma lata de lixo. Enquanto estava puxando a lata fora do armário e se perguntando quantos braços e pernas caberiam nela,

¹⁹⁴ **Pinhata** – Trata-se de uma brincadeira, que, normalmente, se dedica às crianças, contudo pode ser jogado por jovens. Consiste em uma panela, recheada de doces, totalmente coberta por papel crepom, suspensa no ar a uma altura média de dois metros, onde o participante, vendado, tenta quebrá-la com um bastão e, consequentemente, liberar os doces.

ele ouviu passos atrás dele. Obviamente, a peanut gallery¹⁹⁵. Chega de conversa, eles precisavam de ação. Grier estava trancada no andar de cima no maldito armário e ele tinha que limpar a aquela merda antes de deixá-la sair.

— Você mentiu.

Isaac congelou e girou em torno de sua cabeça. Grier estava parada do outro lado do balcão, com a porta do porão fechando atrás dela. Como inferno é que ela tinha... *Maldição*, devia haver uma escada oculta que ligava para o porão. Ele deveria ter adivinhado que haveria várias rotas de fuga.

Quando ela olhou para ele, ela estava branca como Kleenex e sacudia seus sapatos.

— Nunca tencionou fazê-lo. Não foi?

Ele balançou a cabeça, sem saber o que dizer e todos sabendo muito bem o que estava em sua frente no hall de entrada. Esta situação estava totalmente fora de controle.

— Grier.

— Seu filho da puta. Estava mentindo — De repente, ela se concentrou sobre o ombro. — Você... — Ela apontou para Jim, que tinha vindo para ficar no arco. — Você esteve no meu quarto na outra noite. Não esteve?

Uma expressão estranha apareceu através da máscara de Jim, uma espécie de espanto, mas ele apenas deu de ombros e olhou para Isaac.

— Eu não vou permitir que você se entregue.

— A tua música está me dando nervos, — Isaac puxou fora o saco de lixo e decidiu ir desestruturando aquele volume pesado.

Tagarelice, uma série de conversas de quase todo mundo e todas dirigiam a ele. Mas o que quer que seja. Surdez seletiva era algo em que ele se tinha destacado em criança, e sem aviso, o conjunto de habilidades voltou para ele sem um pinga de ferrugem.

Isaac se curvou debaixo da pia e rezou para que fosse o lugar mais lógico para mais sacos de lixo, e estava certo. Ele pegou dois deles mais uma vassoura e a pá de lixo que não iriam sobreviver a este trabalho específico.

Deus, ele desejava ter uma serra. Mas talvez com uma corda, poderiam dobrar o bastardo bem apertado e carregá-lo como uma mala malfeita.

— Fique com ela, — disse ao pai dela. — E a mantenha aqui.

— Eu vi acontecer. — enquanto Isaac congelava, ela olhou para ele. — Eu o vi fazer isso.

Houve uma pausa longa, silenciosa, como se ela tivesse agarrado todas as correntes dos homens na sala.

Ela balançou a cabeça.

— Por que você ainda pretende ir junto com ele, Isaac?

Quando ela olhou para ele, a confiança se foi dos olhos dela. E em seu lugar, havia um olhar frio que ele imaginou que as pessoas em laboratórios usavam quando viam os resultados das placas de culturas de células.

¹⁹⁵ Pessoas cujas críticas são consideradas como irrelevantes ou insignificante (assemelhando-se pessoas sem instrução que atiram amendoins no palco para expressar descontentamento com a performance).

Não haveria como falar com ela, nem negar a mudança que ele tinha feito. E talvez isso fosse o melhor. Eles não tinham nada que estar juntos de qualquer maneira, e isso foi antes dele mergulhar no seu exercício profissional de excelência no domínio da morte de pessoas.

Isaac converteu-se em empregada doméstica e se dirigiu para o salão.

— Eu preciso mover o corpo.

— Não fuja de mim, — ela gritou.

Ele ouviu Grier vindo atrás dele como se tivesse a intenção de gritar com ele um pouco mais, então parou e virou-se logo que chegou ao arco. Enquanto ela o prendia para evitar que saísse correndo para o corpo, ele a olhou nos olhos.

— Fique aqui. Você não quer ver...

— Foda-se. Você. — Empurrou por ele, marchando até — Oh... Deus... — Ela sufocou a palavra, a mão chegando à boca.

Bingo, pensou sombriamente.

Felizmente, seu pai estava perto, passando por ela e gentilmente a manobrou para retirar o corpo do seu campo de visão.

Amaldiçoando-se e tudo sobre sua vida, Isaac continuou pelo corredor, mais determinado do que nunca a cuidar do problema... exceto que toda a sua urgência desapareceu quando chegou até o corpo. Um telefone celular estava na mão do cadáver e a coisa estava enviando uma mensagem, a pequena tela do telefone estava brilhando com uma imagem de um envelope entrando em uma caixa de correio uma e outra vez.

Certo. Hora de voltar até o ônibus, aqui: Gente que não tinha lobo frontal geralmente não chega e tecla uma mensagem de texto.

Uma pequena marca brilhante apareceu, indicando sucesso.

— Isaac, você vai precisar mais do que uma pá para lidar com isso.

Ao som da voz de Jim, ele olhou por cima do ombro. E teve que piscar várias vezes. O homem estava de pé na parte escura da sala, bem longe da luz que vinha através dos arcos do escritório e biblioteca... mas ele estava iluminado, um brilho em torno dele, da cabeça aos pés.

O coração de Isaac pulou como um casal de macacos saltando num ramo. Então pareceu tomar um pouco de fôlego.

Houve um número de vezes em que ele estava em campo, no meio de uma atribuição, e as coisas tinham se atirado sobre ele: Você achava que sabia o seu padrão e os recursos do seu alvo, os pontos fracos e as coberturas de proteção, mas assim como você estava prestes a mover-se sobre ele, a paisagem mudava como se alguém jogasse uma bomba no meio da praça do seu plano perfeito. Arma não funcionava. Uma testemunha potencial fodeu o seu tempo.

O alvo pisou fora da faixa.

O que você tinha que fazer era uma recalibração rápida da situação, e Isaac sempre tinha primado por isso. Inferno, esses jogos de vídeo em que ele treinou, o tinham feito inconscientemente ter a sua mente totalmente alerta rapidamente.

Mas esta merda estava fora de sua especialidade. Completamente.

E isso foi antes de Jim tirar um longo punhal... que foi feito de cristal.

— Você vai deixar-me lidar com isso agora. Afaste-se do corpo, Isaac.

Capítulo 40

Matthias passou tempo demais no abraço de pedra daquela igreja. E quando ele finalmente se forçou a sair, presumiu que tinha estado lá uma boa hora ou mais, mas no instante em que ele olhou a posição do sol no céu, ele percebeu que tinha perdido toda a manhã e parte da tarde.

No entanto, ele teria ficado mais tempo se pudesse.

Não era um homem religioso, mas tinha encontrado uma paz chocante e rara debaixo da galeria de vitrais e diante do altar glorioso. Mesmo agora, quando sua mente lhe dizia que era tudo mentira, que o lugar tinha sido apenas um outro edifício, e que ele estava tão cansado que poderia colocá-lo em um passeio a Disney e ele teria caído no sono, seu coração sabia.

A dor tinha parado. Pouco depois que ele se sentou, a dor no braço esquerdo e no peito tinha desaparecido.

— Não importa, — disse ele em voz alta ao mesmo tempo em que entrava em seu carro. — Não importa, não importa...

Voltar ao jogo era algo que ele se sentia compelido a fazer, e havia uma agradável sensação de picada para ele, como se estivesse pegando uma crosta. Em algum nível, ele foi cativado pelo que havia encontrado na igreja, mas o seu trabalho, seus atos, seu modo de vida era um turbilhão que o chupava, e o manteve em baixo e ele simplesmente não tinha energia para combatê-lo.

Ainda assim... talvez houvesse um meio termo, ele pensou, quando chegasse a Isaac Rothe. Talvez pudesse pegar o cara e continuar a trabalhar apenas numa capacidade diferente. O soldado tinha, obviamente, respondido bem às ameaças contra Grier Childe, o que poderia ser o suficiente para mantê-lo na linha.

Ou... ele poderia deixar o cara ir.

No instante em que o pensamento cruzou sua mente, uma parte interna dele bateu contra ele como se fosse uma grande blasfêmia. Irritado consigo mesmo e com a situação, ligou o motor e verificou o telefone. Nada de seu número dois. Onde diabos foi o desgraçado?

Ele enviou uma mensagem que exigia uma atualização e para dar o seu ETA, o que seria bem depois do anoitecer neste momento. Fora do estado uma merda. Que filho da puta era melhor estar lá com Isaac Rothe amarrado a uma cadeira antes de Matthias chegar e que Deus o ajudasse se tivesse matado Rothe.

Com impaciência tateava com seus dedos sobre o volante. Matthias soltou o freio e se dirigiu para a estrada, graças a tela do GPS no painel. Ele tinha dirigido menos de um quilômetro antes da dor por baixo do esterno voltar, mas era como uma roupa familiar depois de ter tentado usar o armário de alguém: fácil e confortável em uma espécie de caminho fodido.

Seu telefone emitiu o sinal. Mensagem de Imagem. De seu número dois.

Enquanto ele aceitava a coisa, ficou aliviado. A pequena confirmação visual de que Isaac estava vivo e sob custódia era uma coisa boa... Não era uma foto de Isaac.

Eram os restos da face de seu segundo em comando. E a tatuagem de cobra que corria em torno da garganta do homem era a única maneira que ele tinha certeza de quem era.

Abaixo da imagem: Venha buscar-me... eu.

O primeiro e único pensamento de Matthias foi... que filho da puta. *Maldito filho da puta*. O que diabos estava pensando Rothe? E merda, se as ameaças contra a querida, doce e encantadora Grier Childe não funcionassem, Isaac era totalmente incontrolável e, portanto, tinha que ser sacrificado.

A fúria abandonou os últimos resquícios remanescentes de seu tempo naquela igreja, uma fonte de vingança deixando solta a rugir. Enquanto isso o atingia, no fundo da sua mente, teve um pensamento que não era ele, que a precisão, fresca de pensamento e ação que sempre foram suas marca teria impedido esse queima luminosa. Ele era, no entanto, incapaz de afastar-se da necessidade de agir, e agir pessoalmente.

Delegação Fodida... Havia inúmeros agentes que ele poderia ter chamado, mas isso ele cuidaria pessoalmente. Da mesma forma, ele tinha que ver o corpo de Jim Heron com seus próprios olhos, ele iria e pegaria Rothe sozinho.

O homem tinha que morrer.

Capítulo 41

Enquanto Grier se sentava no sofá no canto da cozinha, ela repensou a sua escolha para entrar na advocacia em vez de medicina e soube que fez a escolha certa: Ela nunca teria estômago para ser médica.

As suas notas e pontuações de teste podiam ter conseguido que se formasse em qualquer um dos cursos, mas o fator decisivo tinha sido Anatomia Humana Bruta, no primeiro ano de medicina: um olhar para aqueles corpos mortos cobertos de musselina, em cima de todas aquelas mesas durante sua excursão de pré-admissão e ela teve que pôr sua cabeça entre seus joelhos e tentar respirar como se estivesse na aula de ioga.

E quem diria. O fato de existir alguém em uma condição muito pior no corredor à sua frente, tornava tudo muito pior.

Surpresa, surpresa.

Outro choque no momento — não que ela precisasse de um — era a mão de seu pai fazendo círculos, calma e lentamente nas suas costas. As vezes que ele fez algo do gênero tinham sido raras, visto que ele não era o tipo de homem que lidava bem com demonstrações de emoção. E ainda assim, quando ela realmente precisava disso, ele sempre estava lá: A morte da sua mãe. De Daniel. Aquele rompimento horrível com o sujeito com o qual ela quase se casou quando terminou a faculdade de direito.

Esse era o pai que ela conhecia e amava toda a sua vida. Apesar das sombras que o cercaram.

— Obrigada, — ela disse sem olhar para ele.

Ele limpou a garganta.

— Eu não acredito que eu mereça isto. Isto tudo é por minha causa.

Ela não podia discutir esse ponto, mas não teve forças para condená-lo. Especialmente dada àquela dor terrível em sua voz.

Agora que sua ira passou, ela percebeu que a sua consciência iria assombrá-lo até ao dia de sua morte, e esse era o castigo que ele ganhou e iria carregar. Mais, ele já teve que enterrar um filho, um filho imperfeito que ele amou à sua maneira e perdeu de uma maneira horrível. E embora Grier pudesse ter gasto o resto de seus dias hostilizando e odiando-o pela morte do Daniel... este era realmente um fardo que ela queria carregar?

Pensou no corpo no corredor da frente e como vida podia ser arrancada entre uma respiração e outra.

Não, ela decidiu. Ela não permitiria que a mágoa e a raiva que sentia a afastasse do resto de sua família. Levaria tempo, mas ela e seu pai reconstruiriam sua relação.

Pelo menos sobre isso Isaac estava certo e foi verdadeiro.

— Nós não podemos chamar a polícia, podemos? — ela disse. Porque seguramente qualquer um de uniforme que aparecesse também seria caçado.

— Isaac e Jim lidarão com o corpo. É isso que eles fazem.

Grier estremeceu com a ideia.

— Ninguém sentirá a falta dele? Ninguém?

— Ele não existe. Não realmente. Qualquer família que teve pensa que ele está morto — isto é o requisito para homens naquela filial da *Ops*.

Deus, moralmente, ela tinha doze tipos de problemas não dizendo algo ou fazendo algo sobre a morte. Mas ela não iria pôr sua própria vida em risco pelo sujeito que tinha sido enviado para matar Isaac e talvez a ela própria.

Exceto... bem, aparentemente, ele veio para cometer suicídio com testemunhas.

— O que nós vamos fazer? — ela disse, falando alto e não esperando uma resposta.

E o nós eram ela e o seu pai. O “nós” não incluía Isaac.

Ele mentiu. Na sua cara. Ele teve de fato contato com aquelas pessoas do mal — e enquanto isso, ela pensava que eles tinham um plano. Certo, ele não traiu seu pai, mas isso era só uma medida de conforto porque obviamente, ele decidiu entregar-se — ou pelo menos era isso que parecia. Um homem como ele, que lutava como ele e que estava tão confortável quanto ele com armas? Era muito mais provável que decidisse matar quem o levasse em custódia e simplesmente fugisse do país, livre.

Ótimo. Ela estava deixando-o ir.

Ele não era nada além de atração sexual numa caixa com temporizador e aquele som é a contagem decrescente do temporizador da bomba debaixo de todas essas fitas e laços. E quanto à cena de “eu-te-amor”? A coisa com mentirosos era que você acredita em qualquer coisa que eles digam, por sua conta e risco, não apenas as coisas que sabe que são falsas. Ela não estava certa do que ele ganhava com essa “admissão”, mas não era ingênua o suficiente para acreditar que era algo mais que dito no calor do momento.

Com a cabeça feita, ela estava muito cansada para estar algo mais que meio adormecida. Bem, meio adormecida e sentindo-se estúpida. Mas vamos lá, até parece que essa “combinação rara” de rude e gentil realmente existia?

— Espere aqui, — o pai dela disse.

À medida que ele se levantava, percebeu dois homens grandes entrarem na sua cozinha. O par era talhado do mesmo molde que Isaac e o “definitivamente-não-muito-morto” Jim Heron e a visão deles era outra lembrança do que estava acontecendo no corredor da frente.

Como se ela precisasse que lhe lembrassem...

— Nós somos amigos do Jim, — disse o de trança.

— Aqui, — Heron gritou do corredor abaixo.

Enquanto OS DOIS se dirigiam para o corpo junto com seu pai, ela ficou aborrecida com ela mesma, parou e colocou mentalmente as calças de menina grande. Quando se levantou, sua cabeça girava, esses rodopios retrocederam à medida que foi para a máquina de café e iniciou os movimentos para fazer um bule de café fresco.

Filtro. Confere.

Água. Confere.

Pó de café. Confere.

Botão de ligar. Confere.

A normalidade ajudou-a a recompor-se um pouco mais firmemente, e quando ela tinha uma caneca fumegante entre as suas palmas, estava pronta para negociar.

Ainda bem. Estava na hora de pensar sobre o futuro... do que estava além desta horrível noite e estes intestino torcendo nos últimos três dias.

Infelizmente, sua mente era como um espectador em um acidente de carro, vadiando em torno dos destroços retorcidos e os corpos no pavimento, emaranhados com as memórias dela e Isaac juntos. Eventualmente, porém, cortaria esse foco pouco saudável, o seu lado racional agindo como policial e forçando seus pensamentos a se moverem, apenas se moverem agora.

A cena era, Isaac entrou em sua vida por uma boa razão: Graças a ele, finalmente aprendeu a lição que a morte de Daniel falhou em ensinar a ela. Resumindo? Por muito que queria que alguém mude e acredite que eles possam, eles estavam no controle de sua própria vida. Não você. E você podia lançar-se contra a parede, por causas das suas escolhas, até ficar “preto-e-azul” e atordoado como inferno, mas a menos que eles decidissem tomar uma estrada diferente, o resultado não iria ser o que você procurava.

Perceber isso não iria afastá-la de ajudar na prisão ou de aceitar casos *pro bono*. Mas estava na hora de pôr alguns limites no quanto ela tinha que dar... e até onde estava disposta a ir. Em todos seus assistenciais e agitados instintos de Boa Samaritana, ela tinha tentado ressuscitar Daniel — embora conversar com seu fantasma devesse ter sido sua primeira pista que ele não iria voltar. Ao descobrir que a verdade sobre que aconteceu a ele, porém, e ao tentar achar algum equilíbrio para ela mesma, talvez pudesse finalmente deixá-lo partir e seguir em frente.

Ao tomar outro gole da caneca, sentiu uma medida de paz apesar das estranhas circunstâncias...

Que foi quando outro tiro foi disparado na frente da casa.



Fora no corredor, Jim tinha acabado de se aproximar do corpo com sua faca de cristal quando ele sentiu a presença de Eddie e Adrian na cozinha. Deus, eles chegaram na hora exata. Estava se preparando para agir sozinho, mas auxílio nunca era uma ideia ruim.

— Estou aqui, — ele gritou.

Os dois vieram sem parar e nenhum parecia surpreendido com o que estava no chão.

— Oh, cara, Devina está por toda parte nesse, — Ad murmurou enquanto caminhava até o corpo.

— Que diabo você está fazendo com esse punhal? — Isaac exigiu.

Bem, de fato, ele ia fazer um exorcismo rápido. Era o único caminho para ter certeza que Devina estava fora de...

A primeira pista da reanimação do cadáver foi um espasmo nas mãos. E então na pressa, aquele miserável pedaço de carne ergueu-se do chão e conseguiu focar o único globo ocular que parecia estar trabalhando.

E isso o não fez lembrar-se de Matthias?

Isaac soltou um grito e disparou a sua arma, mas isso era como atirar uma faixa de borracha em um touro enfurecido: O touro não notava e você acabou de perder o que segurava seu jornal em um rolo apertado.

Jim empurrou o soldado fora do caminho e atacou em uma estocada, seu corpo agarrando o zumbi na parede. O choque do momento estava feito, a imagem do rosto de Devina revestiu as características dizimadas do homem cujo corpo ela tomou controle, a reconfiguração morfológica sorria com satisfação para ele.

Como se ela já tivesse ganho.

Jim foi para o punhal num rápido, poderoso golpe, a faca de cristal penetrando entre o conjunto de olhos que eram corpóreos como também o par que era metafísico.

Um som de grito explodiu do zumbi e saiu numa seta de fumaça preta com um fedor vil, a névoa escura fundindo, e então fez o caminho mais curto para a porta da frente. No último segundo, passou disparada debaixo dos painéis de madeira, como se estivesse sendo sugada do outro lado — e em sua ausência, o corpo do segundo em comando do Matthias colidiu no chão como o saco de ossos que era, a fonte da sua animação não o segurava mais dentro dos limites da carne.

— Agora, maldito, ele está morto, — Jim disse à medida que respirava fortemente.

No silêncio chocante que se seguiu, olhou sobre o seu ombro para Isaac. Os olhos do sujeito podiam ganhar dos pneus de caminhão no departamento de diâmetro, e água estava gotejando dele, Adrian e Eddie tendo esvaziado os tambores de suas armas de fogo de cristal acima de sua cabeça para protegê-lo.

Bom movimento. Exceto... o mal nem tentou ir até ao soldado. Deslocou-se na direção oposta.

Os circuitos mentais do Jim pareciam Las Vegas nele¹⁹⁶, seus instintos gritando que isto estava errado. Tudo errado. Segunda chance para chegar a Isaac... e Devina passou. Novamente.

Por que tinha...

Como uma cortina de uma janela sendo aberta, a paisagem do jogo de repente ficou clara para ele e o que viu o chocou por inteiro. Santa maldita merda...

Abruptamente instável, ele se segurou na parede com a mão.

— Não é você, — ele disse desoladamente para Rothe. — Oh, Deus nos salve todos, não é você.

Enquanto Grier Childe entrava repentinamente na arcada da cozinha, Isaac falou mais alto.

— Nós estamos bem. Todo mundo está bem.

O que só era preciso até certo ponto. Certo, Devina aparentemente puxou um Elvis¹⁹⁷ e deixou o edifício. E sim, ninguém no grupo brilhava com uma sombra profana e o pescoço de Jim já não estava mais fazendo o OMG¹⁹⁸. Mas eles estavam longe do ótimo.

A pergunta urgente agora se tornava... de quem a demônio estava atrás? Por que alma eles estavam lutando?

O telefone celular, Jim pensou.

À medida que todos os tipos de pessoas começavam a conversarem e o ar se encheu com as vozes, ele afastou o barulho de sua cabeça e afundou-a em suas coxas. Ele pegou o telefone, do corpo agora duas vezes-morto, e entrou na caixa de mensagens de textos enviados.

Ele reconheceu imediatamente o último número que tinha sido digitalizado.

Matthias conseguiu o retrato.

A claridade fria atingiu Jim e trouxe com ele uma espécie de terror: Ele tinha tentado salvar o alvo... quando desde o princípio, ele devia ter se focado no atirador.

Capítulo 42

Reflexo, não reflexão.

Aquele era o lugar onde Isaac esteve quando ficou na sala de Grier com algum tipo de solução escorrendo do nariz e do queixo.

Seu cérebro podia passar uma década ou duas tentando descobrir o que diabos acabou de ver, mas isso exigiria um tempo que ele não tinha. Por mais que não entendesse — e aquele buraco negro estava em uma escala de um estádio de futebol —teria que confiar no que seus olhos mostraram e deixar o resto por isso mesmo: Ele testemunhou um homem morto se levantar; atirou no bastardo; e a única coisa que havia atrapalhado o cadáver foi algum tipo de

¹⁹⁶ A autora faz uma referência. Quer dizer que tinha tantas luzes de alarme em sua cabeça, que parecia Las Vegas.

¹⁹⁷ *Puxou um Elvis* — Uma gíria que significa evacuação.

¹⁹⁸ *OMG (Oh My God)* — abreviatura para Oh Meu Deus!

faca de vidro ou de cristal. Então, alguma coisa deixou o corpo e escapou por baixo da porta da frente.

Era uma espécie de Skillerz¹⁹⁹, quando você entrava na parte do mundo paranormal do jogo. Com um toque do interruptor, as regras normais iam pela descarga abaixo e você pisava em um universo alternativo onde as pessoas podiam desaparecer na sua frente e os vampiros viviam nas sombras, e homens pálidos viriam depois, em vez de seres humanos.

Claro que esta era uma brincadeira de papel que você poderia encerrar — e não havia botão de pausa nessa situação. Era por isso que ele não iria desperdiçar uma grande quantidade de energia resolvendo tudo isso. Sim, com certeza, talvez depois que isso terminasse ele perguntaria a Jim o que diabos aconteceu... mas isso somente se houvesse um “depois”.

Da forma como as coisas estavam caminhando, uma boa parte das pessoas que estavam nessa sala poderiam muito bem estar se encaminhando para uma “outra vida”.

— Onde ela foi? — perguntou Jim. — Não a coisa preta... a foto.

Conforme Jim olhava para cima a partir do telefone celular, as palavras do segundo em comando voltaram: Matthias não está no comando. Então isso significava que algum outro “cabeça” estava manejando um certo resultado, pressionando as alavancas e roldanas de vários bonecos e várias cenas.

— Quem? — ele repetiu.

— Matthias pegou isso. — disse Heron se levantando.

— Matthias é... um desses? — Enquanto Isaac apontava para o cadáver que apareceu repentinamente, pensou que era do caralho estar em uma situação onde não havia termos para descrever qualquer coisa.

— Ele não era quando eu o vi na noite passada.

Bem, talvez isso explicasse porque a cara do sujeito foi usada como um saco de pancadas. E sim, se ambos sobrevivessem a isso, Jim teria muito que explicar.

— Você é um deles? — Isaac perguntou.

Jim cantava mentalmente o tema de Jeopardy enquanto olhava para seus dois companheiros e depois para Grier e seu pai.

— Depois de uma adaptação, sim. Mas nós estamos do outro lado.

Isaac sacudiu a cabeça e deixou tudo isso para mais tarde. O que era mais importante era o caminho que estava sendo construído por uma série de eventos.

— Se Matthias pegar essa foto e ele pensará que eu matei... ele...isso... o que quer que seja. E a etapa dois na extrapolação? Matthias estaria realmente apontando para ele agora.

— Quem você está chamando? — ele perguntou enquanto Jim colocava o telefone na orelha como se estivesse fazendo uma chamada.

O sujeito murmurou, Matthias... e então, a próxima coisa que saiu de sua boca foi uma maldição.

— Fodido correio de voz.

Enquanto os outros continuavam conversando, Isaac puxou Heron de lado.

¹⁹⁹ **Skillerz** – Jogo de computador que Isaac costumava jogar e por isso que foi escolhido para tomar parte na Ops.

— “Não sou eu”. Diga-me o que isso significa.

— Nós não temos esse tipo de tempo...

— Nós temos um minuto e meio. Eu garanto isso.

— E isso não vai adiantar nada. — Jim colocou os olhos entediados sobre Isaac. — Você se lembra do que eu disse a você quando o vi pela primeira vez? Que eu não ia deixar nada acontecer a você? Eu ainda digo isso. Mas eu tenho que ir.

Isaac apertou o braço do sujeito, segurando-o no lugar.

— Onde?

Jim olhou de relance para seus parceiros.

— Eu tenho que pegar Matthias. Eu acho que ela está atrás dele.

Quem era ela, Isaac se perguntou. E, então se deu conta.

— Você não precisa ir a lugar algum, então. Você quer vê-lo? — ele tirou aquele Alerta de Vida e o pendurou na cadeira enquanto apontava para o próprio peito. — Você tem sua isca bem aqui.



No final, descobriu-se que Grier precisaria da mala que empacotara.

Ela estava indo com seu pai passar alguns dias em Lincoln — e Isaac e Jim ficariam para trás ali em sua casa para enfrentar aquele homem, Matthias. Apesar de parecer estranho deixar a casa de sua família sob os cuidados de estranhos, a realidade era que o local oferecia meios de fuga que tornariam as coisas mais seguras para os dois homens.

E, independentemente do que ela pensava sobre eles, não iria dar uma festa por suas mortes se houvesse algo que pudesse fazer a respeito.

Tragicamente, não havia mais o que falar sobre o que vinha pela frente e seu pai havia suspenso seus contatos. Isaac não diria uma palavra sobre alguma coisa e seu pai não sabia o suficiente para causar algum dano real — então os riscos, quando confrontados com os benefícios, simplesmente não poderiam ser justificados.

Tal qual ser abruptamente sugado. Mas esse era o mundo real para você.

Olhando para a sua mala, ela decidiu que sair dali realmente tinha um monte de benefícios. Ela não ia querer estar por perto durante a remoção do corpo — não precisava ver aquilo em um bom dia, muito menos do jeito como as coisas estavam indo. Além disso, simplesmente precisava de uma pausa. Quando aquela coisa com Isaac começou, foi tão familiar, toda a exaustão borbulhando, o sistema de engrenagens dos eventos e crises. Mas ela estava tão cansada... e determinada a manter sua nova convicção: tempo de pular fora, se afastar, deixar para trás.

Então ela estava se dirigindo para Lincoln com o coração pesado, mas os olhos estavam bem abertos. Agarrando a segunda temporada de *Three's Company*²⁰⁰ da sua estante, destravou a mala para colocá-la dentro...

Grier enrijeceu e abraçou a si mesma.

Naquele momento, por um instante, ela soube que Isaac estava em pé na soleira da porta de seu quarto — embora ele não tivesse batido.

Olhando por cima do ombro, viu que seu cabelo estava enrolando a partir do que quer que fora esparramado sobre sua cabeça e seu olhar era mais intenso do que nunca.

— Vim para dizer adeus. — ele murmurou baixinho, com aquele delicioso sotaque sulista se enredando por entre as palavras profundas e suaves. — E, para dizer que sinto muito ter mentido para você.

Enquanto ele dava um passo para dentro do quarto, ela se virou para a mala, deslizou o DVD para dentro, e fechou a tampa.

— Você sente.

— Sim.

Ela encaixou as travas no lugar.

— Sabe, a parte que eu não entendo é porque você se sente incomodado. Se você nunca teve a intenção de passar por isso, por que você falou com meu pai? Ou era para chegar até ele? Descobrir o quanto ele sabe e, em seguida avisar seus amigos? — quando ele não respondeu, ela girou de volta. — Seria isso?

Seus olhos percorriam o rosto dela como se quisesse memorizá-lo.

— Eu tinha outra razão.

— Espero que fosse boa o suficiente para estragar a confiança que eu tinha em você.

Isaac balançou a cabeça lentamente.

— Sim. Era.

Bem, não é que aquilo a fazia sentir-se usada como o inferno?

Grier agarrou a alça da mala e puxou a coisa para fora de sua cama.

— E você fez novamente.

— Fiz o que?

— Ativando esse maldito Alerta de Vida. Chamando aquele pesadelo do Matthias para você. — ela fez uma careta. — Eu acho que você tem um desejo de morrer. Ou algum outro plano do qual eu não estou nem perto de adivinhar. Mas, de qualquer maneira, não é problema meu.

Olhando para o seu rosto belo e forte, ela pensou, “Deus, isso dói”.

— Enfim, boa sorte. — disse ela, querendo saber se no final da noite ele estaria nas mesmas condições que o outro soldado.

— Era verdade o que eu disse, Grier. Lá embaixo, na cozinha.

— Difícil dizer o que é verdade e o que é mentira, não é?

²⁰⁰ *Three's Company* – Seriado de televisão, comédia. Sucesso nos Estados Unidos.

Seu coração estava quebrado, apesar de que não fazer sentido algum, e em face da dor, tudo o que ela queria era fugir do homem que estava tão quieto e poderoso do outro lado do quarto dela.

Do outro lado de sua vida, na verdade.

— Adeus, Isaac Rothe. — ela murmurou, caminhando para a porta.

— Espere.

Por um breve momento, algum tipo estranho e desastroso de esperança, alçou voo em seu peito. O arroubo não durou muito, no entanto. Ela era feita com fantasias e emoções fantásticas.

Ela, no entanto, o deixou aproximar-se enquanto segurava algo para ela.

— Jim pediu que eu desse isso a você.

Grier pegou o que estava na mão dele. Era um anel, não, um piercing, um pequeno aro de prata escura com uma bola na extremidade livre da rosca. Ela franziu a testa enquanto olhava para a inscrição minúscula na parte de dentro. Estava em um idioma com o qual ela não estava familiarizada, mas ela reconheceu o símbolo PT950²⁰¹ estampado. O aro era feito de platina.

— É de Adrian, na verdade. — Isaac murmurou. — Eles estão dando a você e querem que você use.

— Por que?

— Para mantê-la a salvo. Foi o que eles disseram.

Era difícil imaginar o que aquela coisa poderia fazer por ela, mas o aro se encaixava em seu dedo indicador, e quando Isaac respirou profundamente, e aliviado, ela ficou um pouco surpresa.

— É apenas um anel. — ela disse suavemente.

— Eu não tenho certeza de que nada é “somente” agora.

Ela não podia discordar daquilo.

— Como você vai tirar aquele corpo daqui?

— Deslocando-o.

— Bem, lá vai você.

Ela deu uma última olhada para ele. A ideia de que ele poderia estar morto em uma questão de horas era inevitável. Assim como a ideia de que ela, provavelmente, não iria saber o que aconteceria com ele. Ou para onde ele iria depois, se sobrevivesse. Ou se ele jamais iria dormir em uma cama segura novamente.

Sentindo-se escorregar, caminhou até a mala, acenou para ele e saiu, deixando-o para trás. Não havia outra escolha.

Ela tinha que tomar conta de si mesma.

Capítulo 43

A escolha devia ser o resultado do livre arbítrio.

Isso era o problema com esta coisa de competição: As almas em questão tinham que escolher o próprio caminho de livre vontade quando chegassem às encruzilhadas.

²⁰¹ **Símbolo PT950** – Código que indica o grau de pureza da Platina.

Quando Devina saiu do chuveiro de sua suíte no Four Seasons²⁰², pensou em quanto odiava a merda da livre escolha. Era mais eficiente para ela tomar posse e dirigir o ônibus, como diziam. Porém, o Criador tinha limitado o impacto que lhe permitiram ter, debaixo de regras.

Jim Heron era o único que era suposto que configurasse as almas... o único a quem foi permitido tentar influenciar as escolhas feitas em qualquer direção.

Fodido Jim Heron.

Fodido bastardo.

E também fodido o Criador quanto ao assunto.

Ela pegou uma toalha de uma vara de metal e secou o corpo de morena bonita, enquanto pensava o tempo todo que esta era uma casa melhor do que teria qualquer soldado. Mas não tinha tempo para fazer justiça ao luxo. A rodada final com a alma atual em jogo não estava apenas se aproximando. Estava aqui.

Tempo para fechar esta partida e ganhar.

Depois de desocupar a pele familiar do segundo em comando de Matthias, ela tinha se levantado ao ar e se desembaraçado daquela casa de tijolo. O lado rancoroso dela queria fixar-se dentro daquela advogada ou no seu pai, apenas para dar pontapés e risadinhas e fazer drama de tudo. Mas do modo que estavam as coisas, não achou essa uma ideia sábia: tudo estava organizado perfeitamente, as predileções dos jogadores e propensões que asseguram como eles agiriam.

Era o guarda-roupa equivalente de um equipamento perfeito.

E ela precisava ganhar este aqui por razões maiores que o jogo: Ela queria o reembolso para o desempenho de Jim Heron nos aposentos privados dela. E não com um dos favoritos dela, ou quando os dois tinham estado a sós.

Ela tinha estado totalmente desprevenida para o ataque dele. Ou o fato que ele era tão claramente, muito mais que apenas outro anjo. Adrian ou Eddie não poderiam ter manuseado algo assim. Ela não sabia de ninguém que pudesse.

Isto não fazia nenhum sentido. Jim tinha sido escolhido para um papel definido e era suposto que fosse um laçao que não era nem bom nem ruim. De fato, tinha estado de acordo de ambos os lados porque cada time pensou que ele influenciaria as coisas de acordo com os valores deles e levaria sugestões de uma quantia prescrita de "treino."

Que merda absoluta que tinha se mostrado ser.

Aquela primeira alma que eles tinham batalhado? Jim tinha feito todo o possível para empurrar o homem para o bem. Provando que a fé de Devina nele tinha sido perdida. Aquele filho de uma cadela era um salvador nas roupas de um pecador, nenhum do tipo dela. Era por isso que ia ter que obter mais deste ponto em diante; não havia ninguém no campo que representasse os interesses dela e a manipulação da situação era crítica se quisesse prevalecer em quaisquer destes ciclos. Se não trapaceasse, ela ia perder depois de ir "oh-para-quatro".

E isso era por que ela tinha levado Jim para seu reino quando teve a chance. Precisava afastá-lo de Matthias. Qualquer contato entre esses dois era uma ideia ruim.

²⁰² *Four Seasons* – Famosa rede de Hotéis americana.

Mas pelo menos a escolha dela de alma parecia ter sido correta. Tinha andado pela cabeça dos *Ops* durante os últimos dois anos até agora, todos menos ele. Então quando Nigel e ela tinham se reunido sobre o próximo indivíduo em jogo, ela tinha escolhido Martin O'Shay Thomas, vulgo Matthias.

A próxima rodada estava de volta à escolha de Nigel e, indubitavelmente, ele escolheria alguém muito mais difícil para ela.

Matthias... oh, mais querido, corrupto Matthias. Um último ato imoral e ele seria o primeiro dela para a eternidade, caso ela ganhasse.

Tudo que ele tinha que fazer era levar a vida de Isaac Rothe e ding-ding-ding! Ela poderia fazer a dança da vitória no traseiro do imbecil Jim Heron. Embora... dado ao que Heron tinha feito a ela, temia que ele não fosse só zagueiro neste jogo, mas uma entidade de outro tipo. E isso era outra razão pela qual não tinha aderido ao redor em Beacon Hill. A troca entre ela e ele a tinha esgotado e ela não estava bastante forte para enfrentar uma confrontação tão cedo com o macho.

Especialmente dado que subestimar os poderes do castigo merecido por ela era claramente um engano. Se embrulhando, ela olhou para a bancada de mármore que corria ao redor das pias. Parte da tarefa da terapeuta dela, de duas semanas antes, tinha sido limpar a sua coleção de maquiagem e ela tinha concordado, enquanto jogava fora o pó compacto, batons e sombras Chanel²⁰³.

Agora, quando ela encarou o vazio do espaço, se assustou com a falta de bens. Uma bolsa Gucci²⁰⁴ de maquiagem era tudo o que ela tinha. E era isto.

Com mãos desajeitadas, agarrou a pequena carga e derrubou tubos pretos e quadrados e potes que iam por todo lado. Tomando fôlego pela boca, ordenou a dúzia ou mais de recipientes, os organizando através de tamanho e forma, não pela utilidade.

Não era bastante. Ela precisava de mais...

Nos alcances escuros da mente, Devina sabia que estava disparando, mas não podia se ajudar. A descoberta de que Jim era mais formidável do que ela tinha pensado... e que estava em maior perigo de perder do que tinha acreditado... a fez uma escrava da sua fraqueza interna.

Sua terapeuta disse que comprar mais merdas ou levar mais quinquilharias ou arrumar e re-arrumar a colocação de objetos não ia resolver qualquer coisa. Mas com certeza que isto a fazia se sentir bem...

No fim, ela teve que levar todos para fora do banheiro. Tempo estava desperdiçando e ela tinha que ter certeza que todos os pequenos dominós que tinha organizado desabariam direito e na própria ordem.

Para acalmar seu TOC²⁰⁵, ela repetiu o que a terapeuta tinha lhe falado três dias atrás: *“Não é sobre as coisas. É sobre seu lugar neste mundo. É o espaço que você declara emocionalmente e espiritualmente como seu.”*

Tudo. Ela tinha trabalho para fazer.

²⁰³ **Chanel** – Grife famosa de perfumaria, maquiagem e roupas.

²⁰⁴ **Gucci** – Grife famosa de perfumaria, maquiagem e roupas.

²⁰⁵ **TOC** – Transtorno Obsessivo Compulsivo.

E outro terno de pele para ela se envolver.

Capítulo 44

Após a partida dos Childes em seus carros, com Eddie e Adrian secretamente em seus calcanhares, Jim e Isaac ficaram para trás na casa das mil passagens secretas – todas que foram mostradas a Jim graças ao Capitão Childe.

Na sequência das partidas, a casa estava escura, dentro e fora, e ele e Isaac estavam prontos.

Eram os velhos tempos de volta, Jim pensou.

Especialmente enquanto colocava seu telefone no ouvido e esperava Matthias responder a chamada. Contudo... se aquilo estivesse de volta naquele dia, o bastardo fodidamente atenderia.

Naquela altura, ele estava desesperado por uma maneira de alcançar o sujeito antes que ele chegasse com todas as armas em chamas...

A voz de seu ex-chefe invadiu sua orelha.

— Isaac.

— Não. — disse Jim cuidadosamente, porque Deus sabia que havia pontas soltas por toda parte. — Não é Isaac.

Houve um momento de pausa, que foi preenchido por um zumbido sutil no fundo. Carro? Avião? Difícil ter certeza, mas provavelmente um carro.

— Jim? Aí está você. — A voz era robótica, mais morta do que de um morto. Obviamente, nem mesmo um “oi-como-vai-você” vindo do túmulo, não foi suficiente para abalar o sujeito, mas parecia que nessa circunstância, não era o caso de grande mestre sendo imperturbável. Era mais como um homem que estava anestesiado.

Jim escolheu cuidadosamente suas palavras.

— Estou mais interessado em saber como você está. E gostaria de falar sobre a foto que você recebeu.

— Você gostaria. Bem, eu tenho outras coisas na minha mente tal como de que forma você está no meu telefone. Você está morto.

— Não realmente.

— Engraçado, eu tive um sonho sobre você. Eu tentei atirar em você e você não morreu.

Merda, dar conta dos dois mundos era complicado.

— Sim, eu sei.

— Você sabe.

— Eu estou te chamando para falar sobre o seu segundo em comando. Isaac não o matou.

— Oh. Realmente.

— Eu fiz isso. — “Mentiroso, mentiroso, calças no fogo”²⁰⁶. Ainda bem que ele nunca teve um problema com esse tipo de merda.

— E, novamente, eu digo a você, eu pensei que você estivesse morto.

²⁰⁶ *Mentiroso, mentiroso, calças de fogo* – brincadeira de criança para provocar mentirosos.

— Não aquele tipo de morto.

— Claramente. — longa pausa. — Então, se você está vivo e bem, por que você tinha que ir e fazer aquilo ao meu segundo em comando, Jim?

— Eu disse a você que não deixaria ninguém chegar perto do meu garoto Isaac. Naquele sonho. Eu sei que você me escutou.

— Você está dizendo que eu deveria chamar você de Lázaro²⁰⁷ ao invés de Zacharias?

— Você pode me chamar de qualquer coisa que você quiser.

— Bem, seja lá qual for a porra do seu nome, você simplesmente meteu uma bala na cabeça do seu “garoto”. Congratulações. Porque Isaac é quem eu vou liquidar para pagar o débito, e você me conhece. Eu farei isso do meu próprio jeito todo especial.

Merda. Grier Childe. Quanto você quer apostar, Jim pensou.

— Isso não é lógico.

— É muito lógico. Ou, Isaac fez isso e você o está encobrindo e esperando por clemência. Ou você fez isso e, nesse caso eu realmente tenho contas a acertar com você, e o jeito que vou cuidar disso é deixando você com um assassinato em sua consciência. Uma vez que você odeia danos colaterais, isso será um verdadeiro pé na bunda.

— Rothe ajudou a salvá-lo. Naquele desastre no qual você chegou bem perto de se matar.

Agora o sujeito rosnou.

— Não me dê mais uma razão para ir atrás dele.

Bingo, pensou Jim, apertando o telefone com mais força. Este era o seu caminho, e mais importante do que um confronto com “quem-atirou-no-demônio”.

— Amargo, Matthias. Você parece muito amargo. Você sabe, você havia mudado.

— Não, eu não mudei.

— Sim, você mudou, e sabe o que mais? Você não tem mais coragem para isso. Não tenho certeza se isso já está claro para você. Mas o velho Matthias não faria isso pessoalmente. Seria um negócio.

— Quem disse que eu estou no meu estilo?

— Eu disse. Você não sabe disso ainda, mas você está sendo obrigado a vir aqui e matar um homem inocente. — o silêncio disse a ele que estava no fodido caminho certo. — Você não entende porque tem que fazer isso sozinho. Você não entende a maneira como está pensando exatamente agora. E você sabe que está perdendo o controle. Você está fazendo escolhas e fazendo merda que não faz qualquer sentido. Mas eu posso te dar os porquês: isto porque você está sendo emboscado por algo em que você não acreditaria se eu te dissesse que existia. Isso não tomou você completamente ainda, entretanto, então ainda há tempo.

Jim fez uma pausa e deixou que a Intel resolvesse o problema dentro do cérebro de seu ex-chefe. O que Matthias necessitava era de um exorcismo, mas isso precisava de consentimento. O objetivo era levá-lo para a casa e trabalhar nele...

E, a propósito:

²⁰⁷ **Lázaro** – referência ao personagem bíblico que ressuscitou.

— Estava naquela coisa que você chamou de seu segundo em comando. Ele não era o que você pensava, Matthias. — Escavando mais fundo, ele empurrou. — Quando ele falou com você, você sentiu que ele fazia muito sentido, certo? Ele te influenciou de maneira sutil, dirigindo você, sempre presente quando você precisava dele. Mal se notava no começo, e então você confiava nele, delegava coisas para ele, começou a prepará-lo como um sucessor...

— Você não sabe sobre que fodida coisa você está falando.

— Besteira. Eu sei exatamente o que estão fazendo. Vocês, realmente iam deixar Isaac voltar para a Ops, não iam? Vocês estavam tentando encontrar uma forma de não matá-lo, não estavam? Matthias...? Matthias responda a maldita pergunta.

Longa pausa. Em seguida, uma resposta suave.

— Sim, eu estava.

— E você não disse que o seu número dois também estava... porque você sabe que ele teria mudado de ideia.

— Ele estaria certo, entretanto.

— Não, ele teria sido mal. Isso é o que ele era. Pense sobre isso. Embora você tenha tentado sair da Ops, ele puxou você de volta.

— PSI, você está falando com um sociopata. Então, eu estou no meu elemento.

— Uh-huh. Certo. Os sociopatas que estão à beira de “la vida loca”, não plantam bombas na areia e pisam nelas. Admita isso, você queria sair naquela época, no deserto e, você quer sair agora. Admita isso.

Por um momento, não havia nada mais do que um zumbido no fundo. E, então Matthias soltou outra bomba, por assim dizer.

— Foi o filho de Childe.

Jim franziu a testa e recuou um pouco.

— Perdão?

— Filho de Childe... foi o que mudou tudo. Eu assisti aquela fita... de Childe chorando enquanto seu filho morria em sua frente. Meu pai nunca teria feito isso se eu estivesse naquele sofá. É mais provável que ele tivesse aproveitado aquela agulha na minha veia. Eu não conseguia tirar aquilo... da minha cabeça. A maneira como o pobre bastardo olhava e o que ele dizia... ele amava aquele garoto como um pai deveria amar.

Sim, whoa²⁰⁸... de alguma maneira era difícil imaginar que Matthias teve um pai. Geração espontânea era mais a cara dele.

Jim balançou a cabeça, sentindo-se mal pelo sujeito, pela primeira vez desde que o conhecia, há tantos anos.

— Eu estou te dizendo, deixe Isaac ir. Esqueça a vingança. Esqueça a Ops. Esqueça o passado. Eu vou ajudá-lo a desaparecer e ficar seguro. Deixe tudo isso para trás... e confie em mim.

Longa pausa. Loooooonga pausa onde não havia nada além do ruído da vibração do carro em movimento.

²⁰⁸ **Whoa** – pare! Interjeição usada no comando de cavalos.

— Você está em uma encruzilhada, Matthias. O que você fizer a respeito de Isaac essa noite pode salvá-lo... e salvar a você. Você tem mais poder do que imagina. Trabalhe conosco. Venha aqui, sente-se e converse conosco.

Provavelmente a melhor coisa no momento, era abri-lo completamente com a faca de cristal e arrancar a pestilência de Devina fora pela garganta o quanto antes.

Matthias soltou o ar com força.

— Nunca imaginei você como o tipo Kumbaya²⁰⁹.

— As pessoas mudam, Matthias. — Jim disse rousamente. — As pessoas podem mudar. Você pode mudar.



Parado do outro lado da cozinha, Isaac não estava certo se ouviu direito: Matthias havia plantado a bomba que explodiu ele?

Deus, se lembrava de estar dirigindo aquele Land Rover por entre as dunas, de volta ao acampamento. Tão logo Matthias fora arrancado de dentro dele, os rapazes com as bolsas de sangue, agulhas e luvas de látex pularam como um enxame sobre ele e aquilo era tudo o que Isaac sabia.

Resultado final, Heron não disse uma maldita coisa sobre os comos, ondes ou porquês da explosão, e Isaac não perguntou. Era preciso saber a regra de ouro dos Ex-Ops: O chefe e o agente mostram como um dispositivo sopra a carne seca e os outros arrastam suas bundas arrependidas pela areia no meio da noite?

Bem. Não foi nada. O que quer que fosse.

Afinal, às vezes, as informações que você carregava eram mais perigosas do que uma arma carregada em seu templo. Enquanto Jim encerrava abruptamente a chamada para o chefe, Isaac tinha um osso a disputar com o filho da puta.

— Em primeiro lugar, eu não preciso de você dando uma de mártir por mim... então pode enfiar essa merda de “eu atirei nele”. E, que diabos? Matthias tentou se matar?

— Em primeiro lugar — devolveu Jim — Eu não lido com danos colaterais, então você pode chupar isso junto com o que quer que eu faça para salvar sua bunda. Segundo... sim. Ele fez isso. O dispositivo era um dos nossos e ele sabia exatamente onde pisar. Ele buscou meus olhos quando abaixou o pé... e murmurou algo. — O sujeito balançou a cabeça. — Não tenho uma pista do que ele disse. Então booom! A maior parte do detonador foi destruída. Mas não completamente. Não completamente.

Fascinante.

— Quanto tempo até ele chegar aqui?

— Eu não sei. Mas ele está vindo. Ele tem que vir.

²⁰⁹ **Tipo Kumbaya** — espiritualizado. Kumbaya é uma canção de cunho religioso.

Sim, e quanto a coisa sobre o segundo em comando? Não havia nada que ele quisesse saber sobre isso, francamente.. Ele tinha Intel suficiente inchando seu crânio. A única coisa com a qual se importava era conseguir passar por mais essa noite.

— Eu estou com o saco cheio de esperar. — ele murmurou.

— Bem-vindo ao clube.

No mesmo instante, Isaac olhou ao redor. O sistema ADT estava fora do ar assim como o “garotão” atrás do armário do Grier, mas todas as portas estavam trancadas, então eles tinham grandes chances de saber se alguém invadisse.

— Escute, eu estou indo lá para cima. — disse ele. — Fique de olho lá.

— Ok. — Os olhos astutos de Jim retomaram o foco na parte de trás do jardim como se ele esperasse uma invasão a qualquer momento. — Eu cobrirei a área.

Enquanto Isaac subia a escada dos fundos, ele parou e recostou-se na cozinha. Heron estava em pé diante da vidraça, com as mãos no quadril e a testa franzida.

Não, o sujeito não estava morto. E, sinceramente, não parecia incomodado com a possibilidade de que uma bala pudesse entrar arrebatando tudo que encontrasse pelo caminho a qualquer segundo.

— Jim.

— Sim. — o homem olhou de volta.

— O que você é? De verdade.

Enquanto o silêncio se estendia, a palavra “anjo” voava no espaço entre eles. Exceto pelo fato de que aquilo não era possível, certo?

O homem deu de ombros.

— Eu simplesmente sou o que sou.

Entendido, Isaac pensou.

— Bem... obrigado.

Jim balançou a cabeça.

— Nós não estamos fora de combate ainda.

— Independente de qualquer coisa. Obrigado. — Isaac pigarreou. — Posso dizer que alguém jamais colocou seu pescoço em risco por mim dessa maneira.

Bem, isso não era verdade, era? Grier tinha feito a sua maneira. E Deus, o simples fato de pensar nela fazia seus olhos arderem.

Heron inclinou-se um pouco e parecia sinceramente tocado.

— Por nada, cara. Agora pare de fraquejar e guarde o terceiro andar.

Isaac teve que sorrir.

— Talvez eu precise de um emprego depois disso, você sabe.

Um sorriso apareceu, mas despencou rapidamente.

— Eu não estou certo de que você queira passas pelo processo de seleção para o lugar onde estou. É difícil.

— Esteve lá. Fez isso.

— Isso foi o que eu pensei também.

Com isso, Isaac partiu pelas escadas.

Sim, com certeza, aparentemente ele iria olhar para fora do andar de cima, mas havia outra realidade para ser observada, outra direção. Quando ele entrou no quarto de Grier, foi direto para o seu armário e parou sobre a bagunça de roupas que foram esquecidas sobre o tapete macio. Ela havia deixado o projeto de reforma pela metade, porque, *dãã*, algum imbecil havia tampado seu hall de entrada.

Mas ele podia cuidar do problema.

Enquanto esperava para ver o que estava caminhando para ser uma espécie de reunião com Matthias ou um tiroteio que iria deixar alguns deles mortos, ele pegou as blusas, saias e vestidos, um por um, e trouxe ordem a partir do caos. Pelo menos ele poderia limpar alguma coisa para ela, *Deus sabia*, aquele corpo ainda estava lá embaixo, ainda envolto em plástico como algo prestes a ser enviado pelo correio. Haveria tempo para removê-lo mais tarde, entretanto.

E nenhuma outra oportunidade para cuidar das coisas dela.

Além disso, o “pateta” dentro dele queria algum tipo de contato final com ela... e o mais perto que ele podia ficar era cuidando do que alguma vez havia ficado contra sua preciosa pele.

Capítulo 45

Grier seguiu o Mercedes do pai para Lincoln, e quando os postes familiares ao lado do caminho da casa de fazenda apareceram, ela respirou profundamente pela primeira vez desde que deixaram Beacon Hill. Virando completamente na pista, parou em frente à tábua cinza-e-branca e deixou o Audi estacionado. Embora o coração do centro da cidade Boston estivesse só a, mais ou menos trinta quilômetros de distância, poderiam ser trezentos. Tudo estava quieto quando ela saiu do carro, o formigamento de ar limpo, se enrolando pelo nariz dela.

Deus, como ela amava este lugar, pensou.

O suave enfraquecer da luz do crepúsculo amolecia a linha das árvores que corria ao redor dos seis acres de campos e jardins e banhava a tábua em uma iluminação leitosa. Antes da morte da mãe dela, o lugar tinha sido um retiro para os quatro, um modo de sair da cidade quando eles não fossem para Cape e Grier passou muitos finais de semana aqui, enquanto atravessava o prado e contemplava a lagoa.

Depois que o pai dela se tornou viúvo, ele precisou de um novo começo, e assim ela tinha se mudado para a casa da cidade e ele sairia permanentemente daqui.

Enquanto o pai dela se aproximava da garagem onde ele tinha ancorado aquele seu sedan enorme, as botinas dele mastigaram em cima dos pequenos fragmentos de concha. Quando ela era jovem, pensava que passeios assim estavam cobertos com um tipo especial de Arroz Krispies. Em vez de leite vertido em uma tigela, tudo que você precisava era pés para conseguir a ida tão trepidante.

Ele estava cauteloso quando foi até ela.

— Quer que eu pegue suas coisas?

— Sim, obrigada.

— E talvez nós devêssemos jantar?

Embora ela não tivesse fome, acenou com a cabeça.

— Isso seria bom.

Deus, eles pareciam pessoas em algum coquetel. Bem, um coquetel que envolvia corpos mortos, armas e fuga de serial killers. Gafe, neste caso, significava que você estava morto, não só vítima de uma catástrofe de cabelo ou tráfego ruim.

O que a lembrou...

Grier deu uma olhada e sentiu um formigamento na nuca. Eles estavam sendo observados. Ela podia sentir isto. Mas não ficou ansiosa; foi acalmada por tudo o que sentia.

Eram os homens de Jim, estava disposta a apostar. Ela não os tinha visto chegar de carro, mas eles estavam aqui.

Depois que o pai dela pegou a mala e fechou o porta-malas, ela fechou o carro e tentou não pensar no fato de que o homem com o tapa-olho tinha estado dentro da maldita coisa. Francamente desejou vender o Audi, embora só tivesse cinquenta mil quilômetros e corresse bem.

— Vamos? — o pai dela perguntou, indicando o passeio dianteiro com um movimento de mão elegante.

Acenando com a cabeça, ela pisou adiante e subiu o caminho de tijolo para a porta. Antes de abrir, o pai dela desligou o sistema de segurança e então destrancou as travas das fechaduras uma por uma. Um momento depois de ambos passarem pelos umbrais, ele as fechou, religou o sistema e trancou tudo.

Ninguém ia chegar a eles aqui: Este lugar fazia uma casa na cidade parecer uma casinha de filhote de cachorro de papel machê quando o negócio era segurança.

Depois da morte de Daniel, esta casa tinha sido preparada para tudo. Uma coisa que ela não tinha entendido até agora. Todas as tábuas tinham sido tiradas e piso contra fogo foi posto no lugar no interior e exterior; todas janelas tinham sido substituídas por vidraças à prova de balas que tinham uma polegada de grossura; as portas antigas foram trocadas por outras que tinham reforçadas armações dianteiras; tinham sido instalados equipamentos de oxigênio e sistemas de HVAC²¹⁰ industriais; e havia outras melhorias, que indubitavelmente, ela não percebia.

Tinha custado mais do que a casa valia, e na ocasião Grier tinha questionado a saúde mental do pai.

Agora ela agradecia.

Quando deu uma olhada na familiar coleção de antiguidades, o pavimento largo e a atmosfera de graça casual, a noite se esticava infinita. O que quer que tenha acontecido, quando tudo que você teve antes foi um lote inteiro de esperar para ver: Jim e Isaac estariam entrando em contato com o pai dela em algum ponto, mas não disseram quando. Ou que notícias seriam.

Horrível. Quão horrível era tudo disto.

Deus, tipicamente ela pensava em morte em termos de acidentes ou doença. Não esta noite. Hoje à noite, em toda parte foi o violento e o premeditado e ela não gostou deste mundo.

²¹⁰ HVAC (Heating, Ventilating, Air Conditioning) – Sistema de Aquecimento, Ventilação e Ar condicionado, Refrigeração.

Era bastante difícil atravessar o dia quando só a Mãe Natureza e a Lei de Murphy iam atrás de você.

Ela tinha um pressentimento realmente ruim sobre tudo disto.

— Você gostaria de comer algo agora? — o pai dela perguntou. — Ou você preferiria se refrescar?

Tão estranho. Normalmente quando ela entrava nesta casa, se sentia em casa, enquanto ia para o refrigerador ou a cafeteira ou o fogão sem um pensamento. Era estranho e incômodo ser tratada como uma convidada.

Olhando sobre ombro dela, encarou o pai, enquanto localizava as linhas bonitas de sua face. No silêncio desajeitado da casa blindada, ela percebeu que ambos estavam sós. Pelo bem deles, precisaram realmente voltar a ser uma família neste lugar, em vez de estranhos.

— Por que eu não faço o jantar para ambos?

Os olhos do pai dela se umedeceram e ele clareou a garganta.

— Isso seria adorável. Eu levarei isto a seu quarto.

— Obrigada.

Quando ele passou, segurou emocionado o braço dela, apertando fortemente, essa era a versão dele de um abraço. E ela aceitou o gesto colocando a palma dela em cima da mão dele. Da mesma maneira que eles sempre tinham feito.

Depois que ele subiu as escadarias da frente, ela foi à cozinha se sentindo trêmula e fora do seu ambiente... mas moveu os pés e avançou.

O que, ao final do dia, isso era tudo que você conseguia, não era?

Havia só uma coisa faltando... e ela parou para examinar por sobre ombro novamente. Então caminhou pela cozinha e conferiu a mesa... e a extensão longa do balcão onde o fogão estava... e o pé das escadarias da parte de trás...

— Daniel? — ela assobiou. — Onde você está?

Talvez ele não quisesse estar na casa do pai deles. Mas se ele pudesse se mostrar no Four Seasons para a caridade e então num anel de luta no submundo, ele poderia condenadamente arrastar o traseiro dele até aqui.

— Eu preciso de você. — ela disse. — Eu preciso vê-lo...

Ela esperou. Chamando o nome dele quietamente algumas vezes mais. Mas parecia que apenas o forno e o refrigerador estavam escutando.

Pelo amor de Deus, oh ela sabia que o irmão sempre tinha menosprezado o conflito e que o pai deles o tinha feito ficar nervoso. Mas ninguém alguma vez o tinha visto a não ser ela, então claramente que poderia escolher para quem se mostrava.

— Daniel.

Em um momento de pânico, desejou saber se ele nunca mais estaria próximo. Tinha havido um adeus da parte dele que ela não tinha pegado?

Novamente, nenhuma resposta dos eletrodomésticos.

Imaginando que ela teria mais sorte os colocando para trabalhar, foi para a geladeira e abriu a porta, enquanto se perguntava que inferno poderia fazer para ela e o pai.

De uma coisa não restava dúvida: o jantar não ia incluir omeletes.
Ia levar um tempo antes que ela fizesse uma omelete novamente.



Quando a escuridão se instalou, os faróis de Matthias demarcaram o chão à frente da estrada. Havia outros carros que viajam ao longo do mesmo asfalto como o dele, outras pessoas atrás dessas rodas, outros planos em outras cabeças.

Tudo era irrelevante a ele, sem mais significado que um filme que se vê em uma tela.
Nenhum mais profundo.

Ele tinha assuntos. Assuntos ruins. O tipo que amarrava o cérebro em nós e fazia aquela dor que ele tinha com um fogo lateral no lado esquerdo aumentar até o ponto de ele lutar para se manter consciente.

Merda... Jim Heron sabia muito sobre o que devia ser pensamentos privados e conhecimento privado. Era como se o homem tivesse sintonizado à estação de rádio interna de Matthias e tivesse ouvido todas as suas canções, tinidos e relatórios de tráfico.

E o fodido estava certo. O segundo de Matthias em comando só tinha se distinguido verdadeiramente depois do pequeno — acidente — de Matthias no deserto: Nos últimos dois anos, tinha se feito indispensável, examinando as tarefas e situações que Matthias tinha negociado lidado, tinha influenciado suas decisões gradualmente, até que ele soubesse tudo e fizesse tudo ele mesmo.

Tinha sido tão sutil. Como alguém virando a chama lentamente para cima debaixo de uma panela de água. O segundo em comando mudou a mente dele sobre deixar Jim Heron ir. E o homem tinha sido o motor de Matthias para matar Isaac. E tinha havido cem exemplos mais, muitos dos quais ele tinha agido em acordo.

Ele nem mesmo notou isto acontecendo.

Deus, tinha começado com o filho de Alistair Childe. Isso dever ter sido a primeira das ideias luminosas.

Claro que, a lógica tinha sido inexpugnável e Matthias não tinha hesitado em apertar o gatilho. Mas quando ele tinha assistido a fita da morte, o lamento do capitão o tinha tocado. Abriu uma porta que ele nem mesmo sabia que tinha dentro dele.

Matthias tinha desligado o vídeo e ido para cama. E na manhã seguinte, acordou e decidiu que já era o bastante. Tempo para deixar a festa que tinha começado todos esses anos para atrás e deixar que os convidados assumissem a casa dele e a queimassem completamente. Mas ele tinha terminado.

“A Palha quebrou. O Camelo está de volta.”²¹¹

Focalizando as mãos no volante do carro, percebeu que outra pessoa o vinha dirigindo, guiando, ditando as rampas de saída dele e seus sinais de direção. Como tinha acontecido?

²¹¹ É um provérbio árabe que tem o mesmo significado de "foi a última gota", que serviu para transbordar o "copo".

E por que o fodido Jim Heron sabia?

Quando a mente dele era como uma máquina de roupa suja e começou outro ciclo de giro no passado, ele decidiu que toda aquela lavagem mental sem enxague não levava a nada. Não hoje à noite. Não nesta estrada. O que importava não era como ele tinha conseguido ficar atrás do volante e tinha se achado a caminho de Boston. O que importava era o que ele faria quando chegasse lá.

Encruzilhadas eram certas. Ele sentia isto nos ossos do mesmo modo que ele sentiu quando tinha preparado a bomba todos aqueles anos atrás. A pergunta era: O que fazer agora? Acreditava no que Jim Heron tinha dito. Ou levava a cabo o impulso de raiva que o estava dirigindo para o leste.

Qual destino ele teria?

Enquanto ruminava, esteve fodidamente seguro de que ele estava escolhendo entre o Céu e o Inferno.

Capítulo 46

Enquanto Adrian vigiava a grande propriedade cinza de trás de um punhado de carvalhos, ele estava começando a se sentir como se fosse uma maldita árvore. Com exceção daquela confusão na cidade na noite anterior, tinha passado tempo demaaaaaaais esperando nos bastidores ao longo dos últimos dois dias.

Ele nunca foi um grande frequentador de bares para começar, mas em uma noite como a de hoje, quando a ação estava na cidade, ele e Eddie estavam presos servindo de babás para um casal de adultos e ele estava condenadamente enalhado²¹². Especialmente por que o casal que ele e seu amigo estavam encarregados estava trancado numa casa que fazia o Forte Knox²¹³ parecer com um Porta-Potti²¹⁴ no departamento força.

Foda-se. Ele não podia acreditar que eles tinham ido atrás da alma errada.

Todas as conclusões pareciam boas, mas de fato, a merda era como uma equação de álgebra com a resposta incorreta: parecia uma maravilha no papel, mas a resposta estava errada.

E que perturbação isto tinha sido. Suava frio só de pensar que eles tinham estado tão perto e ao mesmo tempo tão longe do fim da partida.

Mas quase perder não era a única coisa que fazia suas bolas encolherem de um modo ruim. A outra era o Jim que estava seguindo sua rotina: apesar do que Devina fez a ele, o sujeito estava parecendo como se estivesse preso numa membrana invisível... e sim, bem, talvez esse fosse o caso mesmo. *Inferno*, o fato de que tudo com Isaac e Matthias estava amadurecendo hoje à noite era provavelmente uma boa coisa, porque dava ao Jim algo em que se focar. A única dificuldade

²¹² A autora usou a palavra *Twitchy* que quer dizer uma pessoa que, por ajudar a mãe bancando a babá e fazendo serviços em casa, acaba não tendo nenhuma vida social. Preferi traduzir como *enalhado* para dar uma ideia de como Adrian estava se sentido.

²¹³ **Fort Knox** – É uma base militar americana de altíssima segurança, localizada na cidade com o mesmo nome, que é responsável por abrigar em seu complexo, a maior reserva de ouro americana, além de abrigar um centro de treinamento do exército americano.

²¹⁴ **Porta Potti** – é um sanitário portátil muito útil, pois pode ser levado em acampamentos, por exemplo, por ocupar pouquíssimo espaço.

era como Adrian sabia de antemão que esta crise iria passar e então o sujeito teria que enfrentar longas horas, calmas e solitárias, com nada além daquelas memórias feias alfinetando ao redor de seu crânio como balas perdidas.

A coisa mais difícil, pelo menos na opinião de Ad, era saber que iria acontecer novamente. Quando a situação exigisse, Adrian voltaria lá para baixo para o Mausoléu Playgirl de Devina... e também Jim voltaria. Porque esse era o tipo de homens que eles eram. E isso era o tipo de cadela que ela era.

Próximo a ele, Eddie sufocou outro espirro.

—Saúde!

—Fodidos Lilases. Eu sou o único imortal com alergias a essas flores. Eu juro.

Enquanto o sujeito olhava para uma área qualquer próxima a sua cabeça aonde as malditas plantas floresciam, Adrian respirou fundo pensando que pelo menos seu melhor amigo não teve que ir ao inferno de novo, até aquela mesa. Então novamente, ele seria marcado por aquela demônio, o que, dificilmente era um passeio na Disneylândia.

Dez minutos, mais três espirros, e um lote inteiro de nada mais tarde, Adrian tirou seu telefone celular e ligou para Jim. O sujeito atendeu no segundo toque.

—Conte, — ele latiu.

—Nada. Nós estamos aqui fora, nos lilases — que eu acho que são chamados assim — olhando fixamente para Grier comendo junto com seu papai. Parece costeletas de porco. — O exalar que veio através da conexão era de pura frustração.

—Nada afinal, entendi.

Homem, uma ação mal feita era melhor que esta pasmaceira, essa merda de ficar esperando de mãos atadas.

Jim amaldiçoou.

—Eu falei com Matthias uma hora atrás, mas não tenho nenhuma ideia de onde ele estava. Definitivamente em trânsito.

—Eu penso que nós devíamos voltar. — Adrian franziu a testa e se debruçou diante de suas botas. Dentro da rústica cozinha, Grier levantou, tirou alguns pratos de um armário e levantou a tampa de vidro de um prato de bolo. Parecia um monte de chocolate. Com uma cobertura branca.

Foda. Talvez deversem ficar um pouco mais. Convidarem-se para a sobremesa.

—Vocês aguentem,— Jim disse. —Mas talvez eu precise ir aí. Eu preferiria manter o confronto bem longe dos Childes, apesar de que eu não estou convencido que Grier seja o alvo. Neste momento, eu não sei o que Matthias está pensando, não pude chegar a esse ponto com ele no telefone antes dele desligar.

—Olhe, tudo que eu sei é que nós queremos estar onde for a festa. — Quando Eddie espirrou novamente, Ad emendou em sua cabeça, incluindo onde os anti-histamínicos estivessem também. —E escute, eu andei ao redor da casa. É seguro como um filho da puta. Matthias é a alma em jogo e onde quer que ele esteja é onde será a ação, e ele está vindo atrás do Isaac.

Só houve silêncio. E então Jim disse:

— Grier é uma alma inocente, entretanto, e um modo excelente para Matthias se vingar, talvez seja ela quem ele vai eliminar. Nós simplesmente não sabemos, porra! E é por isso que eu quero um pouco mais de tempo... e então talvez nós iremos trocar de lugar.

—Ok. Onde queira que fiquemos nós estaremos, — Ad ouviu ele mesmo dizendo antes de desligar.

Quem diria, ele sendo bom-soldadinho e essa merda toda. E não aquele fodão.

—Vamos ficar aqui, — ele lamentou. —Por enquanto.

—Está difícil encontrar uma posição.

—Nós precisamos de mais lutadores.

—Se Isaac viver... nós podíamos transformar ele. Ele tem jeito pra coisa.

Adrian olhou para cima.

—Nigel nunca daria permissão. — Pausou. —Não é?

—Eu acho que ele não gostaria de perder mais, te digo isto.

Adrian retomou assistindo Grier cortar a torta e colocar duas fatias no prato. Ele teve a impressão, pelo modo que seus lábios se moviam, que ela e o pai estavam conversando satisfatoriamente, e ele estava contente. Ele não sabia como era ter um papai, mas tinha estado na Terra tempo suficiente para saber que um bom pai era uma grande coisa.

Ele amaldiçoou quando Grier dirigiu-se ao congelador.

—Oh, homem. Sorvete, também?

—O modo como você pode ter apetite numa hora como esta me surpreende.

Adrian tomou fôlego.

—Eu sou surpreendente.

—Aberração combinaria mais.

Com aquela observação, Ad puxou “Super Freak²¹⁵” para fora de suas cordas vocais, fazendo uma imitação fantástica de Rick James. Nos arbustos de lilases. Em... onde inferno eles estavam? Roosevelt, Massachusetts? Ou era Adams?

Washington?

—Por tudo que é sagrado, — Eddie murmurou enquanto cobria suas orelhas, — pare!

—In the name of loooooove. — Levantando as mãos, Ad trocou para Diana Ross balançando seu traseiro. —Be... fore... you... breaaaaak... my...²¹⁶

A risada suave do Eddie era o que ele queria, e assim que conseguiu, ele se calou.

Enquanto as coisas ficavam quietas novamente, ele pensou sobre o bom e velho Isaac Rothe. Um filho da puta tão teimoso e forte, que poderia ser uma excelente adição para o time.

Claro, ele teria que morrer primeiro.

Ou ser assassinado.

Qualquer um desses, dado a merda que estava vindo, poderia acontecer hoje à noite.

²¹⁵ **Super Freak** — foi uma música do cantor Rick James que fez muito sucesso no ano de 1981.

²¹⁶ **In the name of Love** — foi uma música muito conhecida da cantora Diana Ross, no ano de 1965, que ainda faz bastante sucesso. Seu refrão era: —Stop! In the name of Love, before you break my Heart (Pare!Em nome do amor, antes que você parta meu coração). E era isso que o Ad estava cantando. Vamos combinar, que figura é esse Ad, rsrsrs.



Na cozinha da casa de fazenda, Grier se sentou em frente a seu pai em uma mesa feita de tábuas tiradas de um celeiro velho. Entre eles, existiam dois pratos brancos pequenos com manchas de chocolate e garfos de sobremesa descansando neles.

Ao longo da refeição, não haviam falado sobre nada importante, coisas do dia-a-dia sobre o trabalho e o jardim e como iam seus casos no sistema penal. A conversa era tão normal... talvez decepcionantemente normal, mas ela tomaria o que eles tiveram de acordo com a regra “finja-até-que-você-consiga-fazer-isso.”²¹⁷

—Outro pedaço?— Ela perguntou, movimentando em direção à torta em cima do balcão.

—Não, obrigado. — Seu pai tocou de leve os cantos de sua boca com seu guardanapo. —Eu nem devia ter comido a primeira.

—Parece que você perdeu muito peso. Eu acho que você devia...

—Eu menti sobre Daniel para mantê-la segura,— ele revelou, como se a pressão de reter isso, tivesse chegado a um nível insustentável.

Ela piscou algumas vezes. Então alcançou e brincou com seu garfo, desenhando pequeno Xs e Os pelo glacê que ela não tinha comido, seu estômago se contorcendo em torno do jantar que tinha acabado de comer.

—Eu acredito em você, — ela disse eventualmente. —Mesmo assim dói como o inferno. É como se ele tivesse morrido novamente.

—Eu sinto tanto. Eu não posso dizer quanto o suficiente.

Seus olhos se ergueram até os dele.

—Vai ficar tudo bem. Eu só preciso de algum tempo. Você e eu... nós somos tudo que restou, sabe?

—Eu sei. E isto é minha culpa...

Vinda do nada, uma luz brilhou através das janelas, iluminando a cozinha e os dois em uma explosão de brilho. As cadeiras arranharam o chão quando ela e o pai correram para trás da cobertura atrás da parede sólida da guarida.

Lá fora, no gramado dianteiro, as luzes de segurança ativadas por movimento apareceram e um homem estava andando pela grama em direção à casa. Atrás dele, nas sombras, um carro que ela não reconheceu estava estacionado no caminho de cascalho.

Quem quer que fosse devia ter entrado com os faróis desligados. E se fosse Jim ou Isaac ou aqueles dois homens, alguém teria chamado.

—Pegue isto,— seu pai silvou, colocando algo pesado e metálico em sua mão.

Uma arma de fogo.

²¹⁷ O slogan real era: —**Fake it till you make it**— que quer dizer que a pessoa que finge ter confiança sobre algo, vai acabar conseguindo ter confiança sobre aquilo de verdade.

Ela aceitou a arma sem vacilação e o seguiu até a porta da frente, que era para onde seu convidado não anunciado parecia estar se dirigindo. Onde estava o sentido nisto tudo? Você se esgueira pelo caminho sem as luzes acesas, entretanto marcha direito até a...

—Oh, graças Deus, — seu pai murmurou.

Grier relaxou quando também reconheceu quem era. Nas luzes de segurança, o grande corpo e o rosto duro de Jim Heron eram tão claros quanto o dia, e o fato que ele tivesse entrado como um fantasma fazia sentido.

Seu primeiro pensamento foi sobre Isaac, e ela procurou por ele na iluminação enquanto seu pai desarmava o sistema e abria a porta. Entretanto, ele não estava com Jim.

Oh, Senhor...

—Estão todos bem, — Jim gritou através do gramado, como se ele lesse sua mente. —Tudo feito.

O alívio era tão grande que ela se desculpou brevemente, esquivando-se para a cozinha, largou a arma, e apoiou seus braços sobre a mesa. Do outro cômodo, ouviu as vozes profundas de seu pai e Heron, mas duvidava que teria acompanhado a conversa se estivesse próxima a eles. Isaac estava bem. Ele estava bem. Ele estava bem...

Estava terminado. Feito. E agora, da mesma maneira que Isaac estaria em liberdade relativa, ela podia partir também.

Homem, ela precisava de umas férias.

Em algum lugar frívolo e quente, ela decidiu enquanto recolhia os pratos de sobremesa. Em algum lugar com palmeiras. Mai Tai²¹⁸ e guarda-chuvas. Praia. Piscina.

Barulho de carrapato... Grier franziu a testa e lentamente olhou através de seu ombro.

Acima da geladeira, a tranca da porta se deslocou e a trava levantou.

As vozes na sala ficaram mudas de repente. Muito silencioso.

Isto estava errado. Muito errado...

Ela soltou os pratos e lançou-se para a arma de fogo que tinha colocado no balcão.

Grier não conseguiu. Algo a picou em sua omoplata, e então uma carga elétrica atingiu seu corpo, lançando-a em um arco que a abateu e a levou para baixo duramente sobre o chão.

Capítulo 47

De volta a Bacon Hill, Isaac subiu os degraus da escada, parou no patamar do segundo andar e então continuou indo até o quarto de Grier. Naquele espaço particular que era dela, ele contornou a cama, e sentiu como se estivesse enlouquecendo.

Ele verificou seu relógio. Caminhou para as portas francesas. Olhou sobre o terraço.

Nada se movia lá fora, e não havia ninguém mais na casa exceto ele e Jim.

O tempo estava passando, mas ninguém aparecia, e não importava quantas vezes descia até Jim e então voltava para cima novamente, não conseguia dar início a próxima sequência de

²¹⁸ **Mai Tai** – É um cocktail feito com rum, licor de Curaçao e suco de limão muito popular. Dizem que foi supostamente inventado em 1944 em um restaurante na Califórnia.

eventos. Era como um diretor sem megafone e um elenco, e com pessoas que não davam a mínima merda para o que ele tinha a dizer.

Um medo inevitável de que eles estivessem no lugar errado o atingiu. Que ele e Jim estivessem esfriando os saltos de seus sapatos aqui, enquanto a ação estava acontecendo em outro lugar. Como na casa de fazenda do pai de Grier.

Amaldiçoando, ele voltou para a escadaria e correu para baixo, não esperando encontrar nada mais no caminho ou na parte inferior, diferente de fazer uma pequena pausa na cozinha e subir as escadas novamente.

Exceto...

Quando ele chegou lá embaixo, a porta da frente rangeu como se estivesse sendo aberta. Apalpando suas armas de fogo, estava pronto para se lançar sobre, até que ouviu a voz aborrecida do Jim rebelando-se.

—O que vocês estão fazendo aqui?— Heron exigiu.

—Você nos mandou uma mensagem de texto.

Isaac franziu a testa ao ser perfurado pelo som da voz do homem.

—Não, eu não mandei.

—Sim, você mandou.

Naquele momento, Isaac sentiu uma terrível vibração como se fosse algo remexendo em seu bolso.

Todos os seus instintos dispararam, ele se abaixou quietamente no quarto de hóspedes onde havia dormido. Segurando o transmissor em sua palma, ele ativou o dispositivo, e desta vez não houve nenhuma demora na resposta.

Matthias respondeu imediatamente.

—Eu estou com sua garota na casa do velho e querido pai dela. Venha para cá. Você tem meia hora.

—Se você a machucar...

—Está desperdiçando tempo. E nem preciso dizer para que você venha sozinho. Não me mantenha esperando, ou provavelmente vou ficar chateado e terei que preencher meu tempo. Você não vai gostar disso, eu prometo. Esteja aqui em trinta minutos.

A luz apagou, a transmissão tinha nitidamente terminado.

Quando Isaac se virou para partir, ele pulou para trás. Jim de alguma maneira subiu os degraus e alcançou a porta fechando-a e parando logo atrás dele.

—Ele a tem, — Jim disse. —Não é?

—Tenho que ir sozinho ou ele a matará.

Empurrando o homem para fora do caminho, Isaac correu para o andar de baixo. O corpo no corredor dianteiro tinha sido despojado de todas as armas antes de ter sido embrulhado, mas as chaves de carro eram outra coisa.

Bingo. Bolso dianteiro. Ford.

Agora achar o carro do bastardo.

Quando Isaac levantou-se, percebeu que tudo estava totalmente mudo e ninguém estava no corredor dianteiro. Olhando ao redor, teve a sensação de que ele estava só na casa, embora não tivesse nenhuma pista de como eles tinham saído tão rápido.

O que quer que tenham feito — foda-se. E fodam-se eles.

Isaac caminhou para a porta, mas no último minuto, girou e voltou para o corpo para procurar um pouco mais. Então disparou na escuridão.

O carro sem marca que ele havia observado da casa da Pinckney Street na véspera, estava estacionado um quarteirão adiante, e a chave do sujeito morto funcionou. O motor ligou e o GPS estava funcionando, então ele depressa colocou o endereço que o pai de Grier havia dado a eles.

—O morcego saiu do inferno— descreveu a viagem.

Ele foi a toda pela rua, ultrapassou o limite de velocidade até que o maldito carro quase se partiu em pedaços. Mesmo assim, sentia como se estivesse se movendo em câmara lenta — e ficou pior quando deixou a via expressa e tentou seguir por uma cidade que era cheia de sinais e estradas sinuosas.

Felizmente, o GPS o levou exatamente onde precisava ir, seu destino era liderado por uma dupla de marcos de pedra que ficavam um de cada lado de um pálido, brilhante caminho.

Ele desligou os faróis e virou à direita, reduzindo seu ímpeto, de pressa, muita pressa, para uma diminuição rápida da velocidade, lentamente, lentamente. Abriu sua janela para que pudesse ouvir melhor, e avançou, odiando o som dos pneus que esmagavam mais de um milhão de conchas. As únicas boas notícias eram que o brilho permanente causado pela cidade não existia mais e que a lua estava coberta por nuvens. Mas quanto você apostaria que eles tinham sensores de movimento ativados no exterior da casa e ou nas árvores?

Isaac avançou até outro carro sem marca que devia ser do Matthias. Virou e estacionou de frente. Levando as chaves, correu ao longo do gramado, seus sentidos vivos, sua ira como um inferno em seu sangue.

Matthias morreria se colocasse um só dedo em Grier. Um cabelo fora de lugar na mulher e aquele bastardo iria ser sacrificado. Enquanto abordava a casa, ele procurou pelas portas. A da frente estava aberta e ele não conseguia ver os fundos.

Entretanto isso não importava, ele estava sendo esperado. E naquela altura, ele devia deixar daquela merda DL²¹⁹ ninja e anunciar-se.

Chegando à entrada da fazenda, ele manteve suas armas de fogo escondidas e seus olhos afiados enquanto curvava seu punho e batia na madeira.

—Matthias,— ele gritou.

Enquanto entrava, o silêncio retumbante era mais apavorante do que qualquer grito ou poça de sangue. Porque só Deus sabia para que armadilha ele estava indo.



²¹⁹ DL (DOW-LOW) — que se manter escondido, secreto, disfarçado, discreto, ou seja como os ninjas procuram fazer.

Jim já tinha um plano quando ele e os anjos relampejaram para a casa do pai de Grier. Ele não quis deixar Isaac por sua conta lá na cidade, mas tudo que teriam feito era discutir, e Deus sabia que o rapaz bastardo podia cuidar dele mesmo.

Conclusão, Devina estava jogando jogos mortais, e isso era algo com o qual só Jim podia lidar. E adiar a hora que Isaac chegasse poderia não ser uma coisa ruim: se Matthias fez alguma coisa para aquela mulher, seria impossível controlar o soldado.

Sim, enquanto Jim aterrissava e ia correndo pela porta aberta da fazenda com seus homens em reboque, ele estava preparado para cuidar das coisas.

Nigel, porém, o tirou dos trilhos.

O arcanjo apareceu direito em seu caminho, e desta vez ele não estava com seu fraque ou seu terno branco ou com pequeno traseiro drapeado num terno azul marinho: ele não era nada além de uma forma brilhante, uma silhueta ondulante de luz.

E ele falou só uma palavra:

— Não.

Se Jim não tivesse se contido a tempo, ele teria esmurrado o fodido se existisse qualquer coisa sólida na qual pudesse mirar.

—Que merda de problema você tem! Primeiro a pista falsa sobre o Isaac e agora isto?

—A sorte está lançada. — Nigel ergueu sua mão evanescente. —E se você intervir agora, em última instância você perderá.

Jim apontou a porta aberta.

—Existe a alma de um homem em risco.

De jeito algum: *não mesmo*, seu palhaço arrogante.

A voz de Nigel ficou sombria.

—Como se eu não tivesse conhecimento disto.

—Se eu puder alcançar Matthias...

—Você já teve uma chance...

—Eu não sabia que era ele! Isto é uma merda!

—Não é nada que eu possa mudar. Mas digo a você, deixe o final acontecer...

—Oh, você não pode mudar as coisas, mas pode entrar no caminho agora? Grande, maldita sincronia!— Jim estava malditamente ciente que estava vociferando, mas ele não tinha nenhum problema em anunciar sua presença para Devina ou qualquer outra pessoa.

—Foda-se, eu estou entrando...

Em um rápido brilho, a forma de Nigel cobriu-o da cabeça aos pés, a iluminação agia como uma espécie de cola que o segurava no lugar. E então aquela voz inglesa não estava só em seu ouvido, mas por todo seu cérebro.

—Qual é o curso mais verdadeiro? O apaixonado ou o racional? Pense Jim. Pense. Se alguém quebrar as regras, o castigo vai fluir. Pense. Se alguém quebrar as regras, o castigo vai fluir. Pense maldição!

A ira nublou sua mente e agitou seu corpo até que ele pensou que iria se desfazer... entretanto de repente, um relâmpago o atingiu e ele percebeu o que o arcanjo estava tentando dizer.

Se alguém quebrar as regras o castigo irá fluir.

—Certo Jim. Deixe tudo caminhar para sua conclusão natural, além desta noite. E saiba que você irá mais adiante neste jogo se você usar a cabeça em lugar da raiva. Por favor, eu imploro a você, confie em mim nisto.

Relaxando seus músculos, Jim sentiu uma curiosa calma o envolvendo e girou sua cabeça pela redoma que Nigel havia criado.

Olhando para Adrian e Eddie enquanto corriam para cima, ele viu que eles estavam tão zangados quanto ele estava. O que, dado ao que Nigel estava dizendo, não era uma coisa boa a que se adicionar.

—Confie em mim, Jim, — Nigel disse. —Eu quero ganhar tanto quanto você. Tenho meus próprios fardos de pessoas queridas perdidas. Eu faria o que fosse preciso para garantir a eles uma eternidade pacífica. Não pense que eu iria guiar você por um caminho errado.

Jim agitou a cabeça para seus meninos.

—Deixa para lá, — Jim disse para eles. —Nós vamos ficar nas linhas secundárias. Vamos embora daqui.

Enquanto seus camaradas olhavam para ele como ele estivesse louco, ele não poderia concordar mais. Não entrar lá iria matá-lo, mas havia percebido todo o quadro... e estava, em última instância, contente pelo arcanjo ter intervindo. Graças a Devina não ligar para as regras, a melhor chance de Matthias era Jim ficando fora disto.

Mesmo que isso fosse contra todo o seu instinto.

Depois de um momento, Nigel lentamente desembarçou ele mesmo, e sua iluminação mágica gradualmente se dispersou. Com sua ausência, Jim caiu de joelhos na grama, seus olhos fixos na porta de madeira aberta da casa enquanto Adrian e Eddie iam até ele, exigindo uma explicação para a ordem de parada.

À margem de sua mente e emoções, o desejo de voar no caminho de qualquer coisa que Devina tivesse arquitetado, o atormentava.

Especialmente quando pensou sobre a mulher do Isaac nas mãos de Matthias...

Oh, Deus... Rothe iria ser sacrificado, não iria?

As mãos de Jim buscaram apoio na terra e ele escavou o gramado com seus dedos, segurando seu corpo no lugar.

Curvando sua cabeça, ele rezou para que sua fé estivesse bem colocada e que o bem iria, eventualmente, prevalecer. Mas o triste fato era que, fazer a coisa certa iria causar a morte de um homem que não merecia morrer hoje à noite.

Capítulo 48

Matthias tinha os Childes bem amarrados antes que ele esperasse Isaac vir todo armado pela porta da frente.

Depois que ele usou a arma de choque nela, descobriu que pegar Grier do chão e colocá-la em uma cadeira necessitava de mais força do que ele tinha, então a deixou onde estava deitada, amarrando suas pernas e os pulsos com uma fita adesiva que ele encontrou na despensa de Alistair.

E quanto ao pai dela?

Nenhum indício do que tinha feito o homem abrir o caminho e ficar lá em transe, mas a distração e a rotina de um esquecido tinha sido perfeitamente cronometrada. Matthias foi capaz de subir logo atrás do cara e colocou uma arma na sua cabeça.

Então, sim, o fez se sentar na cozinha e então o fez amarrar as suas próprias mãos e pés.

O que tinha sido útil, dado que o peito de Matthias doía tanto que ele mal podia respirar.

E agora, era apenas um caso de esperar por Isaac, todos os três juntos nesta casa com a porta aberta.

Houve um gemido e, em seguida, um movimento no chão enquanto Grier Childe começava se virar. Ela teve um momento de confusão, como se tentando descobrir por que ela estava deitada na madeira dura e por que ela não podia abrir a boca. E então ela pulou em um espasmo de corpo inteiro com os olhos se arregalando e o olhando.

— Acorde-acorde, — disse ele bruscamente, dando-lhe um aceno de cabeça enquanto o pai dela começava a lutar contra suas ataduras e a fazer um barulho abafado sob a fita adesiva na boca.

Matthias apontou a mira da arma para a cabeça do cara.

— Cale-se.

Não havia ninguém por perto para ouvir, mas o sofrimento e a luta atormentavam os nervos de Matthias. De fato, enquanto ele ficava entre os dois, estava longe de estar calmo, o cara “mestre-em-pesquisar-tudo” que sempre tinha sido no passado: ele estava com muita dor. Estava exausto. E sentiu que o que estava prestes a acontecer estava predestinado, mas não era algo que ele teria escolhido.

Estava completamente fora de controle e totalmente bloqueado, ao mesmo tempo.

Com os olhos de ambos os Childes sobre ele e quietos novamente, se apoiou contra o balcão, seu corpo rangendo para protestar contra a mudança de posição.

— Você sabe o que me irrita em você, — disse para Alistair. — Salvei o bom. — Ele balançou a cabeça em direção a Grier. — Eu poderia ter deixado você com aquele seu filho. Mas não, eu tomei o partido, colocar o seu querido rapaz, Danny, fora de sua miséria e de você.

Se lembrava de ser surpreendido em seu próprio pensamento no momento. Era muito mais característico dele para tomar o que teria sido mais doloroso, mas ele tinha ido por um caminho diferente naquela encruzilhada.

Talvez começasse a mudar, antes que ele pedisse a morte. Quem sabia.

Quem se importava.

Ele estava muito abaixo da salvação, e sua conversa com Jim ao telefone lhe havia mostrado, apesar das possibilidades de sua redenção, a realidade de sua condenação. Era hora de acabar com isso... e sair com um estrondo.

Só que desta vez, fazer direito.

Naquele momento, Isaac Rothe apareceu no arco da cozinha. Seus olhos foram para Grier primeiro, e nem mesmo seu estoico autocontrole podia esconder o seu medo gritante.

Ele amava aquela mulher.

Bem, bom para ele, o pobre coitado.

— Bem-vindo a festa, — disse Matthias entorpecidamente, enquanto ele erguia sua arma e a apontava para ela.

— Não faça isso, — vociferou Isaac. — Leve a mim, não a ela.

Matthias olhou para a expressão da mulher, olhos aterrorizados e o jeito que ela parecia estar murmurando alguma coisa ao longo das fitas, *Oh, Deus, não...*

— Estou muito triste com tudo isso, — disse Matthias para ela. E falava sério. Ele não tinha certeza do que era mais cruel: matá-la na frente de Isaac... ou deixá-la sobreviver à morte do homem, — supondo que o amor dele fosse recíproco.

Pena que um deles iria morrer agora, de modo que Jim Heron seria forçado a entrar e atirar em Matthias, portanto, essa noite aumentaria sua pontuação. O soldado o havia salvo dois anos atrás contra a sua vontade e agora... hoje à noite... ele iria fazer o que deveria ter feito de volta no deserto.

— Matthias, — diz Isaac rispidamente. — Vou baixar minha arma.

— Não se preocupe, — ele murmurou, ainda focado em Grier. — Você sabe, Srta. Childe, ele veio a mim para te salvar. Duas vezes. Era tudo sobre você.

— Matthias, olha para mim.

Mas ele não o fez. Em vez disso, ele olhou para a face de Alistair e foi o que o fez decidir.

Ele moveu a arma.

Isaac estava pronto — e ele não esperava nada menos.

Ambos puxaram seus gatilhos, ao mesmo tempo.

Capítulo 49

Grier gritou contra a fita que cobria sua boca enquanto os tiros explodiam na cozinha, o eco de suas explosões fazendo suas orelhas badalarem e os olhos arderem.

Ela ouviu dois corpos baterem no chão, mas a partir de seu ponto de vista, não sabia quem foi ferido.

Alguém estava gemendo.

Com o seu coração retumbando, levantou a cabeça e esticou o pescoço. Matthias não estava mais à vista, então ele deve ter sido atingido... Ela rezou para que ele tivesse sido atingido.

Isaac...? O pai dela...?

Arrastando-se ao longo do assoalho, avançou ao redor da ilha²²⁰. A primeira coisa que viu foi seu pai ereto na cadeira. E ele gemia enquanto lutava furiosamente contra a fita em suas mãos e pés.

Onde estava Isaac?

Medo congelante substituiu cada pingo de sangue nas veias, e ela sabia a resposta para a pergunta mesmo antes de vê-lo deitado de costas, dentro da sala.

Ele não se movia, sua arma estava sobre a palma da mão relaxada, aberta, seus olhos olhando para o vazio do teto.

Grier gritou novamente, seu corpo contraindo, seu rosto rangendo no chão envernizado, toda a sua alma e tudo em sua mente negando o que era inevitável. Debatendo-se ao redor, ela avançou na direção dele, esperando ajudar, esforçando-se para atravessar a distância.

De repente, suas mãos estavam livres.

Com toda a sua luta, ela tinha se soltado de suas amarras. Explodindo em coordenação inesperada, tirou a fita da boca e arrastou-se com os braços para Isaac.

A bala tinha ido direto para o coração.

Era um pequeno buraco através da camisa, nada mais que um alfinete em relação com uma mancha de fuligem nas bordas. Só que foi mais do que suficiente para matá-lo.

— Isaac, — disse ela, tocando seu rosto frio. — Oh, Deus... não vá...

A boca dele estava ligeiramente aberta, suas pupilas fixas e dilatadas, sua respiração superficial, a ponto de quase parar.

Ele tinha feito tudo para salvá-la, a mudança de planos, se entregar. Afinal, enlouquecido, o homem mau não tinha motivo para mentir.

— Isaac... Eu te amo... Eu sinto muito...

A cabeça dele lentamente se virou para ela, seus olhos lutando para se concentrar. Enquanto ele parecia focar em seu rosto, lágrimas deslizavam daquele olhar gélido, uma escapando do canto e rolando de sua têmpora para cair no chão.

— Eu...

— Vou ligar para 911, — disse ela apressada.

Exceto que enquanto ela se levantava para pegar o telefone, ele pegou seu braço em um aperto surpreendentemente forte.

— Não...

— Você está morrendo...

— Não. — Com a mão livre, ele chegou até o zíper de sua blusa. Mesmo com seus dedos tremendo, ele conseguiu agarrar o fecho e puxá-lo para baixo...

Para revelar o colete à prova de balas que estava usando.

— Respiração... apenas... bateu... fora de mim. — Com isso, ele fez inspiração apropriada, que expandiu seu peito totalmente e foi expulsando de maneira uniforme e limpa. — Não o use... soldado morto...

²²⁰ **Ilha na Cozinha** – Modelo de cozinha onde vários utensílios ficam em uma bancada no meio do ambiente, como uma ilha no mar, cercada por armários.

Grier piscou. Em seguida, afastou as mãos dele para fora do caminho e sondou o buraco... onde a bala tinha sido capturada e mantida na elásticas fibras de Kevlar.

O corpo dela reagiu por conta própria, uma bizarra super força a contagiou enquanto ela o puxava do chão e o segurava junto ao seu coração.

— Você é um... — Ela começou a chorar copiosamente enquanto o horror e o terror davam lugar ao alívio se estendendo. — Você é um homem brilhante. Você é um brilhante... homem estúpido...

E então os braços dele estavam ao seu redor e ele estava, contra todas as probabilidades, segurando-a de volta.

Tudo demasiado, logo ele estava separando-os, então, e pegou sua arma.

— Fique aqui.

Com um grunhido, ele se levantou e se arrastou ao redor para verificar Matthias, e enquanto ele verificava, ela desatou seus pés e correu para o pai.

— Você está bem? — ela perguntou enquanto trabalhava liberando seus braços.

Ele assentiu furiosamente, e seus olhos não estavam sobre ela, mas em Isaac, como se não pudesse acreditar que o cara tivesse sobrevivido também. E no instante em que suas mãos estavam livres, ele assumiu o desatar de seus tornozelos.

Grier olhou ao redor, e em seguida, como medida de precaução no caso de alguém mais aparecer ou se estivesse na casa, foi pegar a arma nove milímetros que havia sido dado a ela quando Jim Heron tinha aparecido.

Supondo que realmente tinha sido o homem.

Algo lhe dizia que talvez o que ela e seu pai tinham visto não tinha estado realmente lá.



Matthias sabia que era um golpe mortal e ele estava feliz. Sim, ele queria a arma de Jim Heron para fazer a ação, mas Isaac tinha trabalhado muito bem e tinha sido parte de todo o problema de sobrevivência, não tinha?

Pelo menos ele tinha conseguido ao menos um deles.

Enquanto o rasgo na artéria em seu coração começava a vazar para a cavidade torácica, a respiração ficava difícil e sua pressão caía, seu corpo ia ficando entorpecido e frio. O que era bom. Não havia mais dor.

Bem, não exatamente. Que agonia, picadas do lado esquerdo furando com ele... e foi enquanto estava deitado lá morrendo, que ele descobriu o que era: Ele estava errado. Não era o seu coração se preparando para um ataque cardíaco. Era o choque de todos os choques, a sua consciência. E a maneira como ele sabia era porque, enquanto ele pensava no fato de que mataria um homem relativamente inocente, na frente de uma mulher que o amava, a dor se tornou exponencialmente pior.

Não era irônico? De alguma forma, nas profundezas do seu pecado, o sociopata havia encontrado sua alma.

Tarde demais.

Ah, *inferno*, estava tudo bem, no entanto. Ele ia morrer logo, e depois disso nada mais importava. A luz branca que tinha vindo para ele antes, quando entrou em parada cardíaca na mesa de operação algumas vezes, ia ficar por perto neste momento. Ele não achou que fosse o céu. A merda era provavelmente uma invenção de algum defeito ocular, apenas uma outra parte da mecânica de morrer...

Isaac apareceu na frente dele, de pé, alto e forte, a sua blusa aberta para mostrar um colete à prova de balas.

Quando ele estava certo de que ele estava vendo corretamente, Matthias começou a rir... e a dor em seu lado esquerdo diminuiu abruptamente.

— Filho da P... — Ele não falou o “puta’ enquanto um acesso de tosse o sacudia.

Depois que esta passou, ele podia sentir o sangue vazando da boca e no rosto enquanto o seu coração começava a bater em torno de sua caixa torácica como um animal se debatendo em uma jaula.

Enquanto Isaac se abaixava sobre os quadris, Matthias pensava na tatuagem nas costas do homem. Grim Reaper²²¹, de fato. Ele se perguntou se o soldado iria colocar outro entalhe tatuado na parte inferior.

Quanto você quer apostar que esse seria o último, também?

Isaac sacudiu a cabeça e sussurrou:

— Eu tenho que deixá-lo morrer. Você sabe disse, certo.

Matthias assentiu.

— Obrigado!

Ele ergueu a mão gelada e, um momento depois a sentiu envolta em algo quente e sólido. Isaac.

Tão estranho como as coisas se resolveram. Ao voltar naquele deserto, Jim tinha a intenção de salvá-lo, mas aqui e agora, nesta cozinha, Isaac estava dando a ele o que ele queria o tempo todo. Antes de Matthias fechar os olhos pela última vez, ele olhou para Alistair Childe. Sua filha o havia libertado e ele estava abraçando-a, segurando-a segura, a cabeça abaixada ao lado dela. Como se o homem sentisse o olhar que estava sobre ele, ele olhou para cima.

O alívio no rosto dele foi épico, como ele sabia que Matthias estava morrendo e nunca mais ia voltar e que, apesar de que não iria ressuscitar o filho que ele tinha perdido, iria proteger o seu futuro e de sua filha para sempre.

Matthias acenou para o cara e depois fechou as pálpebras, em preparação para o grande nada que estava por vir. Deus, ele estava com fome por isso. Sua vida não tinha sido um presente para si mesmo ou para o mundo, e ele estava ansioso para não existir.

²²¹ **Grim Reaper** – É a Morte, com a letra M maiúscula. Ele é talvez a entidade mais reconhecida de todos os tempos, nem fantasma nem deus, o Grim Reaper é um “guia das almas” cujo trabalho é conduzir as almas dos mortos recentemente após a morte. Ele é frequentemente retratado como ceifeiro, uma figura pálida de altura esquelética envolta em um longo e escuro, casaco preto com capuz, empunhando uma foice que ele usa para colher alma.

Enquanto esperava o trecho nem aqui nem lá, quando ele não estava realmente vivo, mas não completamente morto, ele pensou em Alistair na noite em que seu filho tinha morrido.

— ... Dan... ny... rapaz... meu filho Danny...

Matthias franziu a testa e, em seguida, percebeu que não tinha só pensado nas palavras, mas falado em voz alta.

Elas foram as mesmas que ele tinha dito pouco antes de ele por o pé no gatilho da bomba.

Naquele momento, a luz branca se apossou dele, um produto do entorpecimento... ou talvez ele tinha andado através da sensação como se o sentimento fosse de uma porta. Após a sua chegada, uma calma, grande serenidade superou sua mente, corpo e alma certamente como se tivesse sido limpo de todos os pecados que ele tinha imaginado ou feito durante seu tempo na Terra.

A iluminação era muito mais que qualquer coisa que seus olhos estavam vendo. Era tudo o que viu, tudo o que sabia, tudo o que era.

O Céu existia realmente.

E oh, o nada agradável... ah, a bem-aventurada

Nos cantos da sua não visão, uma névoa cinza ferveu, em sua primeira aparição como nada distinta, mas, em seguida, expandiu e uma imensa escuridão começou a cobrir a luz.

Matthias lutou contra a invasão, seus instintos lhe diziam que isto não era o que ele queria, mas não era uma batalha que ele iria ganhar.

A neblina tornou-se o alcatrão, o revestindo e reclamando-o, puxando-o para baixo em uma espiral que apertou, apertou... apertou... até que ele foi lavado em um mar de outros.

Enquanto ele se contorcia contra a maré asfixiante, envolvente, ele esbarrou em corpos debatendo-se.

Preso em uma infinidade de óleo negro, ele gritou... juntamente com o resto deles.

Mas não apareceu ninguém. Ninguém se importava. Nada aconteceu.

Sua eternidade, finalmente, o reivindicou e nunca iria deixá-lo ir.

Capítulo 50

— Ele está morto.

Enquanto Isaac falava as palavras, ele levantou-se e respirou fundo. Do outro lado, Grier e seu pai estavam bem abraçados um em torno do outro e ele deu a si mesmo um momento para apreciar a visão deles vivos, e bem, e juntos.

Obrigado, meu Deus, pensou ele, a despeito do fato de que ele não era um homem religioso.

Obrigado, Deus Todo-Poderoso.

— Fiquem aqui, — disse ele antes de ir ao redor, fechar e trancar a porta de trás.

Demorou dez minutos para pesquisar e se assegurar de que toda a casa estava limpa, a última coisa que ele fez foi ir até a porta da frente e verificar novamente se as trancas estavam devidamente fechadas.

Isaac fez uma careta e olhou por uma janela para o relvado. Havia um pequeno cachorro lá fora... em pé sobre pernas sólidas, com a cabeça inclinada enquanto ele fitava Isaac. Coisinha linda... poderia usar um corte de cabelo melhor, mas isso acontecia com o melhor dos homens, meninos e terriers.

Isaac abriu a porta e gritou:

— Você mora aqui?

Enquanto a cabeça inclinava para o outro lado, Isaac procurou o jardim da frente e rezou para que a qualquer minuto Jim Heron saísse das árvores.

Nada, apenas o cão, no entanto.

— Você quer entrar? — Ele disse ao animal.

A coisa parecia sorrir, como se apreciasse o amável convite. Mas então ele se virou e afastou-se, um pequeno mancar sinalizando para a direita.

Entre um piscar e outro a coisa desapareceu.

“Música-tema” da fodida noite, Isaac pensou enquanto fechava a porta novamente.

Assim que entrou na cozinha, Grier separou-se de seu pai e veio correndo para ele, batendo no seu corpo rígido, os braços envolvendo em torno dele com força vital. E com um suspiro de gratidão, segurou-a contra ele, enfiando a cabeça dela em seu peito, sentindo seu coração bater contra o dele.

— Eu te amo, — disse ela contra o colete à prova de bala. — Sinto muito. Eu te amo.

Maldição, então ele a tinha ouvido direito, quando estava no chão.

— Eu também te amo. — Movendo o rosto dela para cima, ele a beijou. — Mesmo que eu não mereça você.

— Cale a boca!

Agora era ela a beijá-lo e ele estava mais do que disposto a deixá-la, mas não por muito tempo. Cedo demais, ele estava quebrando o contato.

— Ouça, eu quero que você e seu pai façam uma coisa para mim.

— Qualquer coisa.

Ele olhou para o relógio. Nove e cinquenta e nove.

— Voltem para a cidade, para algum lugar público. Um de seus clubes privados ou algo assim. Quero que vocês sejam vistos hoje à noite, juntos. Digam às pessoas que vocês foram jantar ou ver um filme. Uma coisa de pai e filha.

Enquanto mirava os olhos no corpo de Matthias, o pai dela disse:

— Eu posso ajudar.

— Nós podemos ajudar, — Grier emendou.

Isaac recuou e sacudiu a cabeça.

— Eu vou cuidar dos corpos. Melhor que nem vocês saibam onde eles vão parar. Eu vou lidar com isso, mas vocês têm que ir agora.

Os Childes pareciam estar com disposição para argumentar, mas ele não estava.

— Pensem nisso... Está tudo acabado. Matthias está morto. Assim como o seu segundo em comando. Com eles fora, a *Ops* voltará para o que deveria ser e virá executar a pessoa certa. Vocês

estão fora. — Ele acenou para Childe, — eu estou fora. A lista de candidatos está limpa, desde que vocês me deixem lidar com isso aqui. Vamos fazer isso do modo certo — uma última vez.

O pai de Grier amaldiçoou, que era algo que o homem fazia, sem dúvida, muitas vezes. E então ele disse:

— Ele está certo. Deixe eu ir me trocar.

Enquanto seu pai desaparecia, Grier olhou para Isaac, cruzando lentamente os braços em volta de si, com os olhos ficando sombrios.

— É este o adeus para você e para mim? Esta noite? Aqui e agora?

Isaac foi até ela e capturou seu rosto em suas mãos, sentindo muito vivamente a realidade da qual não poderia escapar, e com a qual ela não iria ser capaz de viver.

Com uma dor no peito que nada tinha a ver com a bala, disse uma palavra devastadora:

— Sim.

Enquanto ela vergava, fechando os olhos, ele tinha que falar a verdade:

— É melhor assim. Eu não sou seu tipo de homem, mesmo se eu não tivesse que me preocupar com a *Ops* mais, não sou o que você precisa.

As pálpebras sacudiram abertas e ela olhou para ele.

— Quantos anos eu tenho? — ela exigiu. — Vamos lá, quantos anos. Diga.

— Ah... trinta e dois.

— E você sabe o que isso significa, legalmente? Eu posso beber, posso fumar, posso votar, posso servir o exército, e eu posso tomar minhas próprias malditas decisões. Assim como sobre você, deixe-me escolher o que é bom para mim e o que não é.

Certo. Não era o momento de se ligar. E ele realmente não achava que ela tinha pensado em todas as implicações de estar com um homem que tinha seu passado.

Ele deu um passo para trás.

— Vá com seu pai. Deixe-me limpar aqui e voltar para a cidade.

Seus olhos fitaram os dele.

— Não quebre meu coração, Isaac Rothe. Não se atreva a quebrar o meu coração quando você sabe perfeitamente bem que você não tem que fazê-lo.

Com isso, ela o beijou e saiu da cozinha... e, enquanto a observava ir, sentia-se puxado entre dois resultados: um, onde permaneceria com ela e tentaria fazer funcionar, o outro, onde ele a deixaria remendar sua vida e seguir em frente.

Acima, ele a ouviu e a seu pai se preparando para sair e fingir que não tinham visto dois homens serem mortos em suas casas e não estavam rezando para que um soldado que eles não deveriam ter conhecido desaparecesse com os corpos.

Cristo e ele ainda considerava estar na vida dela?

Isaac estava sozinho 20 minutos depois, enquanto os dois iam numa partida apressada para a cidade no Mercedes de Childe.

Antes de partirem, Isaac apertou a mão do pai dela, mas não ofereceu sua mão para Grier, porque não confiava em si mesmo para não beijá-la uma última vez: Olhando para ela em seu vestido preto, com seu cabelo preso e maquiada, ela estava como ele a encontrou pela primeira

vez, uma mulher bonita, bem-educada, com os olhos mais inteligentes que já teve o privilégio de olhar fixamente.

— Fiquem seguros, — disse-lhe com voz rouca. — Eu vou chamá-los para deixá-lo cientes de que não há problema em voltar aqui.

Sem lágrimas, sem protesto no seu fim. Ela apenas assentiu com a cabeça uma vez, girou nos calcanhares e foi para o carro de seu pai. Enquanto o casal saía, caminhou até a porta da frente e acompanhou as luzes traseiras do sedã.

Ele teve que limpar os olhos. Duas vezes.

E sobre o desaparecimento dessas lanternas vermelho brilhante, sentiu como se tivesse sido deixado para trás. Mas isso era besteira, não era? Você não poderia ser deixado, se você fosse o único a partir.

Certo?

Precisando de algum tipo de contato, algum tipo de esperança, ele olhou ao redor da linha das árvores do outro lado do gramado do jardim arredondado novamente. Nenhum sinal de Jim e seus rapazes... ou daquele cão.

E ele ainda podia jurar que estava sendo observado.

— Jim? Você está aí, Jim?

Ninguém respondeu. Ninguém saiu da folhagem.

— Jim?

Enquanto ele entrava na casa, teve a estranha sensação de que nunca iria ver Heron novamente. O que era estranho, pois Jim tinha sido tão entusiasmado para ser um salvador. Então, novamente o corpo de Matthias foi endurecendo no chão da cozinha, o que significava que Isaac estava seguro, agora, porque o propósito do homem tinha sido servido, não tinha?

Embora... só para ter certeza, ele manteria o colete à prova de balas até o amanhecer.

Não há razão para ficar vivo por garantia.

Capítulo 51

— Jim? Você está aí, Jim?

Enquanto os olhos de Isaac procuravam nas árvores, Jim ficou a mais de três metros de distância do cara e desejou que ele pudesse abraçar o filho da puta. Deus... quando esses dois tiros tinham saído e ele tinha visto através das janelas da cozinha enquanto Rothe e Matthias caíam, anos tinha sido cortados de sua vida eterna.

Mas Isaac tinha sido aprovado. Ele salvou-se com um pensamento muito claro, na defensiva. Assim como tinha sido treinado para fazer.

— Jim?

E agora, enquanto olhava para seu soldado, alegria pura, não adulterada, o inundava. Ele tinha ganhado. Mais uma vez.

Foda-se, Devina, pensou ele. Vai se foder!

Isaac estava vivo e também Grier e seu pai. E, apesar de ter a alma errada no começo, as coisas tinham trabalhado corretamente, embora a coisa do castigo de Nigel acabou por ser um sem importância, não tinha.

Jim olhou por cima do ombro para Adrian e Eddie e ficou surpreso ao descobrir que eles não eram só sorrisos.

— O que está errado...?

Ele não teve a chance de terminar a frase. Uma corrida louca rodopiando subiu de seus pés, girando em torno dele, levantando-se para reivindicar suas pernas e ancas e peito. Ele tentou lutar, mas não podia fugir...

Suas moléculas mexeram e dispersaram, até que havia um enxame de si mesmo que saiu das dimensões de tempo e espaço, viajando para algum destino desconhecido.

Quando elas se uniram, ele sabia exatamente onde estava... e a visão da mesa de trabalho Devina fez o seu intestino azedar.

Ele não tinha ganhado. Tinha.

— Não, você não ganhou, — disse ela por trás dele.

Girando em seu calcanhar, olhou para ela enquanto ela vinha através da arcada. Ela estava em sua forma morena, toda linda e exuberante, e falsa como uma versão Barbie de si mesma.

Ela sorriu, seus lábios vermelhos enrolando sobre seus belos dentes brancos.

— Matthias atirou em Isaac com a intenção de matá-lo. Se houve ou não a morte não é a medida. Houve reação masculina — uma mente culpada.

Acima da cabeça dela, uma bandeira preta pendurada na parede negra, o primeiro Troféu para ela.

— Você perdeu, Jim. — Aquele sorriso ficou ainda maior quando ela levantou os braços e indicou sua prisão, muito viscosa que subia muito acima de ambos. — Ele está aqui agora, meu para sempre.

As mãos de Jim enrolaram em punhos.

— Você trapaceou.

— Eu trapaceei. Sim, o fiz...

— Você fingiu ser eu, não você. Isso deve ter sido como Matthias entrou na fazenda. Você também o fez parecer como se fosse eu, ou você apareceu como se fosse eu?

Sua satisfação presumida era toda a confirmação de que ele precisava.

— Agora, agora, Jim, eu nunca engano. Então eu não sei o que você está falando. — Devina caminhou até ele, aproximando-se em um sensual deslizar. — Diga, você se importaria de ficar mais um pouco? Eu tenho algumas ideias de como podemos passar o tempo.

Quando ela estava bem na frente dele, suas unhas vermelhas se dirigiram até seu peito e ela inclinou-se para perto.

— Eu amo estar com você, Jim.

Com um golpe forte, ele capturou-lhe o pulso e apertou com força suficiente para quebrá-lo.

— Você deve ser um glutão por castigo. No caso de você não se lembrar, eu quebrei você na última viagem através do parque.

A cadela teve o descaramento de fazer beicinho.

— Você está me machucando.

Ele não acreditou nem por um segundo.

— E você não vai dizer ou fazer nada.

Agora ela voltou a sorrir.

— Tudo bem, Jim, meu amor. Tudo certo.

Relaxou seu aperto, como se ela o queimasse, seu estômago apertando-se ao reconhecer a luz nos olhos dela.

— Isso mesmo, Jim, — ela murmurou. — Eu tenho sentimentos por você. E isso te assusta, não é. Medo de que você retribua?

— Nem. Um. Pouco.

— Ah, bem, nós teremos que trabalhar nisso.

Antes que ele pudesse detê-la, ela se levantou e capturou sua boca, beijando-o rapidamente e, em seguida, mordendo o lábio inferior com força suficiente para tirar sangue.

Ela se afastou rápido, como se soubesse que estava empurrando-o.

— Tchau por agora, Jim. Mas nós nos veremos em breve. Eu prometo.

Com nojo, ele limpou a boca com as costas da mão e cuspiu em seu chão. E estava prestes a cortá-la, quando franziu a testa, pensando no que Nigel tinha dito no gramado.

Saiba que você poderia ir mais longe neste jogo, se você usasse a cabeça ao invés de sua raiva.

Agora, era Jim que sorria, embora severamente. Havia coisas piores do que ter a sua inimiga apaixonada por você: Tão forte como ela era, tão imprevisível e perigosa como o seu poder era, aquele olhar nos seus olhos agora, que queimava, olhar fora de controle, era uma arma.

Jogando pra trás suas próprias emoções, ele se viu descendo e masturbando seu pênis com sua mão.

A reação de Devina foi instantânea e elétrica. Seu olhar quente piscou para os quadris dele, sua boca se abrindo como se ela não pudesse pegar ar suficiente, os seios erguendo-se sobre o corpete de seu vestido.

— Você quer isto? — ele perguntou ríspidamente.

Como uma marionete, ela balançou a cabeça.

— Não é o suficiente, — disse a ela, odiando-a, odiando-se. — Diga, puta. Diga.

Com uma voz rouca e faminta, ela sussurrou:

— Eu desejo você...

Jim gozou, sentindo-se sujo por dentro e por fora. Mas a guerra era feia, não era, mesmo se estivesse do lado bom, do lado moral.

Meio para um fim, ele pensou. Seu corpo e a necessidade dela eram um meio para um fim, e ele os usaria se fosse preciso.

— Bom, — ele rosnou. — Que bom!

Com isso, ele quis que seu corpo se elevasse do chão, desta vez a energia convocada por ele e mais ninguém.

Enquanto levitava mais alto e mais alto, Devina o alcançou, o rosto contorcido em uma espécie de desejo doloroso que deu energia a ele.

E então ele não estava olhando mais para ela, estava examinando as paredes de sua masmorra, em busca da garota que ele odiava a deixando para trás outra vez... bem como o patrão, que ele tentou e não conseguiu salvar.

Ele estaria de volta pela primeira. Mas o último... ele temia que Matthias tivesse sido colocado para descansar por uma eternidade, o seu sofrimento interminável de ter sido bem merecido.

Jim lamentou a perda do homem, no entanto.

Ele queria redimi-lo.

Jim voltou à consciência no gramado do Capitão Alistair Childe. E enquanto voltava a pensar na sua primeira missão, pareceu destacar-se no vai e vem na grama.

Adrian e Eddie estavam em cada lado dele, os dois anjos sombrios e sérios.

— Nós perdemos, — disse Jim. Como se já não soubessem.

Adrian estendeu sua mão e, quando chegou até Jim, o cara ajudou a puxá-lo a ficar em pé.

— Nós perdemos, — Jim murmurou novamente.

Olhando por cima do ombro, pensou em ir brevemente para a sede da fazenda e ajudar Isaac a cuidar dos restos de Matthias, mas ele decidiu ficar onde estava. O soldado iria ter um momento bastante difícil para dar sentido em todas as coisas que não poderiam ser explicadas, mais contato com Jim iria dar-lhe outra coisa para foder mais sua cabeça.

— Caldwell, — disse Jim para seus rapazes. — Voltaremos para Caldwell.

— É justo, — Eddie murmurou, como se não se surpreendesse nem um pouco.

E Jim não iria se preocupar com quem estaria no próximo jogo. Como havia aprendido com esta atribuição particular, as almas iam encontrá-lo. Assim, ele poderia muito bem seguir o que o centro de seu peito estava dizendo: ou seja, que já era tempo para a família Barten ter o corpo de sua filha para enterrar corretamente.

Jim era o anjo para fazer isso acontecer.

Desfraldando suas grandes asas luminescentes, deu um último olhar através das janelas da cozinha. Isaac Rothe estava trabalhando com um propósito sombrio, lidar com as coisas com o mesmo tipo de competência e força que ele sempre teve.

Ele iria estar bem desde que fosse inteligente o suficiente para ficar com essa advogada. Deus, se você tiver a sorte de encontrar um amor como aquele? Só um tolo iria recusar essa merda.

Jim tomou o céu da noite, como se tivesse nascido para isso, suas asas transportando-o através do ar frio, o vento batendo em seu rosto e dedilhando por seu cabelo, sua equipe de dois bem atrás dele.

Na batalha seguinte, iria ser mais rápido e preciso. E iria usar sua nova arma contra Devina como sua maior vantagem.

Mesmo que o matasse.

Capítulo 52

Uma semana depois...

Enquanto Grier se despia em seu closet, pendurando seu conjunto preto junto com os outros, achou impossível não lembrar o modo como tudo era organizado antes. Os conjuntos previamente ficavam à esquerda da porta. Agora eles estavam logo em frente.

Vestida apenas com blusa de seda e suas meias-calças, ela olhou em volta, tocando em suas roupas, perguntando-se se tinham sido rearrumadas esta tarde por ela... ou Isaac o fez depois que ela partiu.

Fechando seus olhos, queria chorar, mas não tinha mais forças.

Não sabia nada sobre ele desde aquele “tudo certo” naquela noite — uma semana atrás — que, incidentalmente, enviou via texto em vez de fazer pessoalmente por telefone.

Depois disto? Nenhum telefonema, nenhum e-mail, nenhuma visita.

Era como se ele nunca tivesse existido.

E ele não deixou nada para trás. Quando ela voltou para esta casa, tanto o cartão que Matthias tinha dado a ela, como também as tiras de pano de camisa e o arquivo cheio de dossiês, haviam desaparecido. Junto com ambos os corpos e os dois carros.

Tolamente, ela procurou por um bilhete, da mesma maneira que fez da primeira vez que ele tinha partido, mas não existia nenhum. E às vezes, no meio da noite quando não conseguia dormir, ela procurava novamente, verificando suas mesinhas de cabeceira e os balcões da cozinha e até no closet.

Nada.

A única coisa que ela supôs que ele tinha deixado para trás foi o closet arrumado. Mas isso, dificilmente, era algo que ela pudesse guardar em seu diário e retirar de vez em quando, quando se sentisse melancólica.

Durante esses sete dias, o trabalho a manteve funcionando, forçando-a a levantar de manhã quando tudo o que queria fazer era puxar as coberturas para cima de sua cabeça e ficar na cama até tarde, de preferência o dia todo: toda manhã, ela levantava e se vestia, tomava seu café e ficava presa no trânsito no pequeno trajeto até o Distrito Financeiro, onde seus escritórios estavam.

Seu pai tinha sido ótimo. Jantavam juntos todas as noites, exatamente como se fosse um hábito que tivessem antes...

A única coisa que chegava perto de ser uma luz no fim do túnel escuro em que ela estava — e era apenas uma fraca luzinha, não uma fogueira ou algo parecido — era que ela tinha continuado com a ideia de sair de férias. Semana que vem ela ia embarcar em um avião e iria...

Grier congelou. Uma cócega leve em seu pescoço cortou a rotina de aflição.

— Daniel?

Quando não houve nenhuma resposta, ela amaldiçoou. Além de procurar por um bilhete inexistente de Isaac, esperava ver o fantasma de seu irmão, mas era como se os dois tivessem partido e a deixado numa pior, sem nem sequer um adeus.

Virando-se, ela...

— Daniel! — Ela apertou seu peito. — Cristo! Onde inferno você esteve?

Ao menos uma vez, seu irmão não estava vestido de Ralph Lauren²²². Ele estava com uma longa bata branca, parecendo como se estivesse se formando na universidade ou algo assim.

Seu sorriso era morno, mas triste.

— Oi, mana.

— Eu pensei que você tivesse me deixado. — Ela estava prestes a correr para abraçá-lo quando percebeu que não iria funcionar — como sempre ele era principalmente ar. — Por que você não...

— Eu vim para dizer adeus.

— Oh. — Seus olhos se fecharam por vontade própria e ela respirou fundo. — Eu estava tipo que, esperando por isto, eu acho.

Quando reabriu suas pálpebras, ele estava bem em frente a ela, e tudo que podia pensar era que ele parecia tão saudável. Tão relaxado. Tão... curiosamente sábio.

— Você está pronta para isto agora, — ele disse a ela. — Você está pronta para seguir em frente.

— Estou? — Não estava tão certa. A ideia de não vê-lo novamente a deixou em pânico.

— Sim, você está. Além disso, não será permanentemente. Você me verá novamente... e a mamãe também. Irá demorar um tempo, mas você tem algo para que viver no momento.

— Eu mesma, certo. Sem ofensa, mas eu tenho feito isso por trinta anos e é uma espécie de vazio.

Então ele sorriu e sua mão brilhante pairou sobre a barriga dela.

— Não exatamente.

Enquanto ela olhava para si mesma, perguntou-se sobre que maldita coisa ele estaria falando.

— Eu amo você, — seu irmão disse. — E você vai ficar muito bem. Eu também queria dizer a você que eu estava errado.

— Sobre o quê?

— Eu pensei que eu estava preso nesse meio-termo por que você não me deixava ir. Mas não era isto. Eu era a pessoa que não podia deixar você ir. Você vai ficar em ótimas mãos, entretanto, e tudo vai dar certo.

— Daniel, sobre o que você está falando...

— Eu darei a mamãe seu amor. E não se preocupe. Eu sei que você me ama, também. Diga oi para papai para mim algum dia se você puder. Deixe-o saber que eu estou bem e que eu o perdooi há bastante tempo. — Seu irmão ergueu a mão fantasmagórica. — Adeus, Grier. Oh, e Daniel seria legal. Sabe, se for um menino.

²²² **Ralph Lauren** — É um famoso estilista norte-americano.

Grier recuou enquanto seu irmão desaparecia no ar.

Com a ausência dele, ela continuou lá, agindo estupidamente, perguntando-se o que em nome de Deus...

Seus pés começaram a se mover sem que ela tivesse ordenado, e um segundo mais tarde, viu que tinha ido até o banheiro. Abriu a gaveta onde guardava sua maquiagem e suas...

Pílulas anticoncepcionais.

Com a mão trêmula, ela pegou a embalagem e começou a contar.

Mas não era como se não lembrasse que tinha esquecido... de tomar.

A última pílula que tinha tomado tinha sido na noite antes de Isaac entrar em sua vida. E eles tinham feito sexo duas... talvez duas vezes e meia sem proteção.

Grier saiu tropeçando de seu banheiro e prontamente percebeu que não tinha nenhum lugar para ir. Caindo ao pé de sua cama, ela se sentou lá na escuridão olhando fixamente para o pacote enquanto a chuva começava a cair do lado de fora.

Grávida? Era possível que ela estivesse... grávida? Será que estava...

A batida foi tão silenciosa que a princípio ela pensou que fosse só seu coração batendo forte, mas quando voltou, ela olhou para a porta francesa do terraço.

Do outro lado do vidro, uma forma enorme apareceu, e por uma fração de segundo, quase foi até o sistema de segurança. Entretanto viu que existia algo diferente de uma arma na mão do homem.

Uma rosa.

Certamente parecia com uma única rosa.

— Isaac, — ela praticamente gritou.

Levantando rapidamente, ela correu para a porta e abriu.

Seu soldado MIA²²³ estava de pé na chuva, seu cabelo ficando úmido, sua camiseta preta deixando seus ombros à mostra cheios de gotas.

— Oi, — ele disse baixinho. Como se estivesse inseguro da recepção que iria ter.

Grier escondeu as pílulas anticoncepcionais atrás dela.

— Olá...

Sua mente girava em um frenesi enquanto se perguntava se ele tinha vindo para dizer que houve um problema com a limpeza... ou que estava aqui para adverti-la que outra pessoa estava atrás deles? Entretanto por que iria ele trazer uma...

— Está tudo bem, —disse, como se ela tivesse pensado em voz alta. — Eu só estou aqui para te dar isto. — Ele levantou a rosa branca sem jeito. —É... ah, algo que os homens fazem. Quando eles... ah...

Como sua voz pareceu abandoná-lo, Grier olhou fixamente para as pétalas perfeitas da flor e, quando respirou, sentiu o odor — e então percebeu que ela estava fazendo-o ficar na chuva.

— Deus, onde estão meus modos, entre — ela disse. — Você está ficando todo molhado.

²²³ **MIA (Missing in action)** – Perdido em ação, é usado para soldados que se perdem em alguma missão e seus corpos não são encontrados.

Quando chegou para trás, ele hesitou. E então colocou a rosa entre os dentes e se curvou para desatar os cadarços de suas botas de combate.

Grier começou a rir.

Ela não podia evitar e não fazia nenhum sentido, mas não existia nenhuma propriedade nisto. Ela riu até que se sentou novamente no colchão. Ela ria de alegria, confusão e esperança. Ela ria de tudo, desde a rosa perfeita até o momento perfeito... o *timing perfeito*²²⁴.

Por ele estar sendo um perfeito cavalheiro — porque ele não queria sujar o carpete.

Seu irmão estava certo.

Ela iria ficar bem.

Seu soldado voltou para casa para sempre... e ela iria ficar perfeitamente bem.



Isaac entrou no quarto de Grier descalço e foi cuidadoso fechando a porta atrás de si. Tirando a rosa de entre os dentes, alisou seu cabelo e bateu uma sensação de que ele desejaria poder ter aparecido em um smoking ou algo parecido.

Mas ele não era um cara do tipo smoking.

Ele se aproximou de sua mulher e ficou de joelhos na frente dela, assistindo-a rir, e sorrindo um pouco ele mesmo. Ou ela tinha perdido a maldita cabeça ou estava contente por vê-lo — e ele esperava como o inferno que fosse o último e não se importava se fosse o primeiro desde que ela o deixasse ficar.

Deus, ela parecia bem. Com nada além de uma blusa de seda preta e um par de meias-calças, ela era a coisa mais bonita que ele já tinha visto...

Enquanto ela enxugava os olhos, percebeu que ela tinha algo em suas mãos e não era nenhuma flor. Era uma embalagem... pílulas?

Grier claramente o beliscou para que ele prestasse atenção, porque ela tinha parado de rir e tentou colocar a coisa atrás de si.

— Espere — ele disse, — O que é isto?

Ela respirou fundo.

— Por que você voltou?

— Por que estava com as pílulas?

— Você primeiro. — Seu olhar estava mortalmente sério. — Você... fala primeiro.

Bem, agora ele estava se sentindo como um tolo, mais uma vez, embora tudo fosse permitido no amor e na guerra, não havia lugar para orgulho naquela mistura.

— Eu voltei para ficar, se você me quiser. Eu passei a semana... cuidando das coisas. — Não havia razão para se aprofundar nisso, e ele ficou aliviado quando ela não perguntou. — E eu tive que fazer algumas coisas. Eu quero ficar limpo. Como você disse não se pode mudar o passado, mas você pode fazer algo sobre o futuro. Meu tempo com a Ops... eu vou carregar esse fardo

²²⁴ *Timing* — É uma palavra que se usa para indicar que as coisas aconteceram em perfeita sincronia.

comigo para o resto de minha vida — mas, eu não sei se isso vai soar mal, eu sou um assassino com a consciência limpa. Eu não sei se isso faz sentido...

A coisa era que, apesar de que em seu dossiê não constasse, ele tinha bastante consciência moral — e essa era a única razão que ele podia conviver para não enviar a si mesmo para a prisão ou a cadeira elétrica.

Ele limpou a garganta.

— Eu quero ir para o julgamento por causa da minha tentativa de luta na prisão, talvez se eu concordar em cooperar, eu possa apelar para ser liberado. E então eu quero conseguir um trabalho. Talvez em segurança ou...

Ele gostaria de se juntar a turma de Jim Heron, entretanto, com a morte de Matthias, talvez aqueles três tirassem uma licença — embora nunca fosse saber. Se Jim não o encontrou até agora, ele não iria mais.

— Eu acho que estou grávida.

Isaac congelou. Então piscou.

Huh, ele pensou. Um zumbido ecoou em suas orelhas, como alguém tivesse acabado de atingi-lo atrás da cabeça com uma two-by-for²²⁵.

Que explicaria não só o barulho, mas a vertigem súbita também.

— Eu sinto muito... O que você disse?

Ela levantou as pílulas.

— Eu me esqueci de tomar. Com todo o drama, eu não tomei.

Isaac esperou para ver se a sensação de “ok, estou a bordo” retornasse, e você sabe, um inferno que sim.

O resultado não durou, porém. Uma onda de alegria o deixou cambaleante, e antes dele perceber, saltou sobre Grier, empurrando-a sobre o colchão em um esmagador abraço. E prontamente se horrorizou.

— Oh, Deus, eu machuquei você?

— Não, — ela disse, sorrindo e beijando-o. — Não, eu estou bem.

— Tem certeza?

Ela ficou com um estranho e distante olhar.

— Sim, positivamente. Nós podemos chamá-lo de Daniel se for um menino?

— Nós podemos chamá-lo de qualquer coisa. Daniel. Fred. Susie seria difícil, mas eu negociaria.

Não existia mais necessidade de nenhuma conversa depois disto. Ele estava muito ocupado despindo-a e a ele mesmo, e então os dois estavam nus e...

—Foda-se... — Ele gemeu enquanto a penetrava, sentindo-a ao redor dele revelando a pressão lisa e morna! — Desculpe... Eu não queria... amaldiçoar...

Oh, o movimento, que glorioso movimento.

Oh, o glorioso futuro.

Ele estava livre afinal. E graças a ela, ele estava fora da chuva, literalmente.

²²⁵ **Two-by-for** (*Two by for*) – É um pedaço de madeira maciça de 2 por 4 polegadas. (5 por 10 centímetros).

— Eu amo você, Isaac, — ela respirou contra sua garganta. — Mas mais forte... eu preciso que você vá mais forte...

— Sim, Senhora, — ele rosnou. — Qualquer coisa que a senhora quiser.

E então ele prosseguiu dando a ela tudo que ele tinha... e tudo o que ele foi e o que ele sempre seria.

Fim